FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

O ASPECTO POLÊMICO DA APOLOGIA DE JERÔNIMO CONTRA RUFINO

Luís Carlos Lima Carpinetti

São Paulo
2003

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

O ASPECTO POLÊMICO DA APOLOGIA DE JERÔNIMO CONTRA RUFINO

Luís Carlos Lima Carpinetti

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas

Orientador: Prof. Dr. Antônio da Silveira Mendonça

São Paulo
2003

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

DEDICATÓRIA

À memória de Clarice Martins Lima, minha tia-avó e dedicada madrinha, com quem aprendi as primeiras orações e rudimentos do latim da missa.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador acadêmico do curso de Doutorado em Letras Clássicas, Prof. Dr. Antônio da Silveira Mendonça, pelo incentivo, orientação, apoio, cabedal científico e presença humana.

À minha orientadora do curso de Mestrado, Profª Drª Nancy Campi de Castro, pelo carinho e atenção, desde os tempos de graduação. Às Profªs Drªs M. Lourdes A. de Oliveira, Thereza Domingues e Malu Ribeiro, pelo que contribuíram em meu Mestrado.

Aos professores que conheci em Recreio, Minas Gerais, os quais plantaram a semente da vida intelectual: Professoras Blanoíra Loureiro Torres, Teresa de Lourdes Pimenta, Lia de Paula Albuquerque Monteiro, Maria Eugênia Fonseca Magalhães, Professores Marco Antônio e Aníbal Werneck de Freitas. Às Professoras Maria Eugênia de Almeida Ferreira, Jelza Carneiro Chagas, Nice Damasceno de Almeida agradeço por especial e precioso apoio durante as três séries do segundo grau.

Aos professores com os quais avancei no conhecimento de língua latina: D. Eurico dos Santos Veloso (atual arcebispo de Juiz de Fora), José da Costa Paiva, Beatriz Gomes Guerra, Dr. Pedro Pires Bessa, Dr. Mário Roberto Lobuglio Zágari, e a singular presença da Profª Maria Luíza Kopschitz Bastos. À Profª Neiva Ferreira Pinto, por admirável companheirismo. Aos professores da USP com os quais cursei disciplinas: Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini, Profª Drª Ingeborg Braren. Aos franceses que me ajudaram nas buscas sobre São Jerônimo: Prof. Dr. Benoît Jeanjean, Prof. Dr. Yves-Marie Duval, Prof. Dr. Pierre Lardet. À Profª Drª Mireille Corbier.

Aos psicólogos que me ajudaram em dura travessia: Regina Amélia Gonçalves de Paula, Adelgício José Melo de Paula, Sônia Amélia Mauad Kaheler Sá, Milza Nazareth, Órris Ricardo canedo de Almeida, Bernadete Pitta.

Aos professores do Departamento de Letras da UFJF que apoiaram meu pedido de licença para doutorado e à CAPES, pela bolsa de Doutorado, condições que favoreceram, em grande parte, à realização deste trabalho.

À memória de meus pais, pelos exemplos.

Aos irmãos e irmãs, amigos, colegas e semelhantes, pela solidariedade.

Ao Walter Correa de Souza Neto, pelo auxílio nas questões de Informática.

À Iolanda Cristina dos Santos, pela revisão do texto final da tese, e pela amizade.

RESUMO

Nesta tese, desenvolvemos a partir de categorias literárias o aspecto polêmico da obra *Apologia contra Rufino*, de São Jerônimo, padre latino do século IV da era cristã, importante autor da Antiguidade Tardia e da Literatura Latina Cristã. Descrevemos a variedade dos aspectos de gênero de que se serviu São Jerônimo para construir seu texto da *Apologia contra Rufino,* como o gênero apologético, a diatribe cínico-estóica, os gêneros aristotélicos da Retórica, a sátira e a epístola. Visto que a obra é palco de debates, refutações e invectivas, o texto foi submetido a análises intertextuais, resultando em interessante diálogo entre Jerônimo e seu ex-amigo Rufino, bem como, igualmente interessante, retrato cultural do contexto de época em que o texto foi gerado. O trabalho contém análise estilística com reflexões sobre a língua latina cristã, as figuras de linguagem, os recursos expressivos da língua de Jerônimo, os motivos clássicos, os motivos bíblicos, o bestiário, de modo a reconstituir o processo formal e expressivo do texto da Apologia. Nosso trabalho recupera, pois, em aspectos formais, boa parte do conteúdo e da construção da polêmica da *Apologia contra Rufino*.

Palavras-chave: polêmica, literatura cristã, literatura clássica, gêneros literários, estilo.

ABSTRACT

In this thesis, we develop with literary categories the polemical aspect of Saint *Jerome's Apology against Rufinus,* whose author was an important Latin Father of the Fourth Century of our era, an important author of Late Antiquity and Christian Latin Literature. We describe the variety of gender aspects employed by Saint Jerome in order to construct his *Apology against Rufinus* text, such as the apologetic gender, the cynic-stoical diatribe, the aristotelic rhetorical genders, the satire and the epistle. Because the text is a place where we find debate, refutations and invective, we submitted it to intertextual analysis, and the result was an interesting dialogue between Jerome and his ex-friend Rufinus and also no less interesting cultural background of the epoch in which the text appeared. This work contains stylistic analysis with analyses on the Christian Latin Language, the figures of speech, the expressive ressources of Saint Jerome language, the classical and biblical motifs, the presence

of the beasts, in such a way of reconstituting the formal and expressive process of *Apologia*'s text. Our work rescues in formal aspects a good portion of the contents and the polemical construction of the *Apology against Rufinus*.

Key words: polemics, christian literature, classical literature, literary genres, style.

RÉSUMÉ

Nous développons, à partir de catégories littéraires, dans cette thèse l'aspect polémique de l'oeuvre *Apologie contre Rufin*, de Saint Jérôme, père latin du IVe. siècle de l'ère chrétienne, auteur important de l'Antiquité Tardive et de la Littérature Latine Chrétienne. Nous décrivons la variété des aspects de genre dont s'est servi Saint Jérôme pour construire le texte de son *Apologie contre Rufin*, comme le genre apologétique, la diatribe cynico-stoïcienne, le genre aristotéliciens de la Rhétorique, la satire et l'épître. Puisque l'oeuvre est un espace pour les débats, les réfutations et les invectives, nous avons soumis le texte à des analyses intertextuelles, et nous avons eu comme résultat un intéressant dialogue entre Jérôme et son ex-ami Rufin, aussi bien qu'un non moins intéressant portrait culturel du contexte de l'époque dans lequel le texte de Jérôme a été engendré. Le travail contient aussi une analyse stylistique avec des réflexions sur la langue latine chrétienne, les figures de style, les ressources expressives de la langue de Jérôme, les motifs classiques, les motifs bibliques, le bestiaire, de façon à reconstituer le procès formel et expressif du texte de l'Apologie. Notre travail récupère donc par les aspects formels une bonne partie du contenu et de la construction de la polémique de l'*Apologie contre Rufin.*

Mots-clé: polémique, littérature chrétienne, littérature classique, genres littéraires, style.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO PRIMEIRO: VIDA E OBRA DE SÃO JERÔNIMO

CAPÍTULO SEGUNDO: A OSSATURA POLÊMICA – ASPECTOS GENÉRICOS DA *APOLOGIA DE JERÔNIMO CONTRA RUFINO*
2.1. O valor da Apologia como título da obra
2.2. O modelo da diatribe cínico-estóica
2.3. Os gêneros aristotélicos na *Apologia de Jerônimo contra Rufino*
2.3.1. O *genus iudiciale*
2.3.2. O *genus demonstratiuum*
2.4. Sátira
2.5. Epístola

CAPÍTULO TERCEIRO: O COMBATE REFUTATÓRIO E O ARSENAL CLÁSSICO – ASPECTOS INTERTEXTUAIS DA *APOLOGIA DE JERÔNIMO CONTRA RUFINO*
3.1. A refutação e a citação a partir da intertextualidade
3.2. Os textos controversos da *Apologia*
3.2.1. O comentário da Epístola aos Efésios
3.2.2. A *Apologia ad Anastasium*
3.2.3. O *De adulteratione librorum Origenis*
3.2.4. As traduções bíblicas de Jerônimo
3.3. As questões de tradução do *Perì Archôn*
3.4. As citações de autores clássicos
3.5. O texto patrístico

CAPÍTULO QUARTO: A CONSTRUÇÃO DO ESTILO POLÊMICO NA *APOLOGIA DE JERÔNIMO CONTRA RUFINO*
4.1. O latim cristão em São Jerônimo
4.2. Elementos expressivos na língua de Jerônimo
4.2.1. Elementos fonéticos
4.2.2. Vocabulário
4.2.3. Aspectos morfossintáticos
4.2.4. Aspectos pragmáticos
4.3. As figuras de linguagem
4.4. Uma emoção do polemista
4.5. Motivos clássicos
4.6. Motivos bíblicos
4.7. O bestiário da *Apologia*

5. CONCLUSÃO
6. NOTAS
7. BIBLIOGRAFIA
8. ANEXO : TRADUÇÃO PORTUGUESA DA *APOLOGIA DE JERÔNIMO CONTRA RUFINO*

ÍNDICE

Sumário 6

Índice 8

Epígrafe 9

Introdução 10

Capítulo Pirmeiro 15

Capítulo Segundo 30

Capítulo Terceiro 65

Capítulo Quarto 96

Conclusão 118

Notas 121

Bibliografia 122

Anexo de Tradução 136

EPÍGRAFE

"Hieronymus haud alibi dicit melius quam ubi male
dicit haereticis aut calumniatoribus."

Desiderius Erasmus Roterodamus (1467- 1536)

INTRODUÇÃO

Lembremos, antes de qualquer coisa, que "polêmico" carrega em sua etimologia a noção de guerra e combate, se voltarmos nosso olhar para as origens gregas.

O texto que abordaremos como objeto de análise e tradução é resultante de uma evolução histórica e cultural da civilização cristã, a qual tem início no seio do judaísmo e ganha paulatinamente a civilização greco-romana ocidental e se expande também em domínios semíticos orientais e regiões do norte da África.

Vale a pena lembrar o texto do Evangelho de Lucas, capítulo 2, 41-52, onde encontraremos Jesus falando aos doutores e causando nestes surpresa e admiração pela sabedoria de suas respostas. Esta alusão prenuncia o futuro da vida pública de Jesus entre os hebreus, com cuja cultura estabelecerá uma interlocução, inaugurando um sentido novo a todo o desiderato messiânico presente na cultura multissecular de profetas que anunciavam a vinda do Messias, em especial Isaías, trazendo para a história dos hebreus o coroamento de todas as esperanças depositadas na figura do Messias que Jesus decide então abraçar em sua carreira pública. Educado na cultura judaica, Jesus tem completo domínio de suas tradições. Adulto, porém, Jesus apresentará um projeto que encontrará obstáculos, e sua mensagem irá introduzir uma espécie de mal-estar no ambiente cultural e religioso ou, antes, será o catalizador do mal-estar generalizado, seja este mal-estar o dos homens em relação à sua prática religiosa, seja as doenças que acometem o povo de inúmeras formas, estruturas sociais caducas e sem vitalidade, opressões e escravidões suportadas e lembradas na vida dos judeus... Um mestre-menino dialoga com os doutores da lei e, quando adulto, este mesmo menino agirá com maestria, imprimindo um movimento novo com muitas facetas novas: Deus, em sua mensagem, passa a ser um deus próximo, que dá a vida, saúde, ao despertar no coração a força e o princípio divinos de que muitos corações esfriados se distanciaram, passando a viver vidas mecânicas e pautadas na letra da lei, esquecendo-se do grande conteúdo da lei mosaica. Os Atos dos Apóstolos, em suas inúmeras narrativas em que os apóstolos, já abençoados pela infusão do Espírito Santo, buscam divulgar a mensagem cristã, dão-nos a medida de outra realidade evangélica – a de que Cristo não veio para a paz, mas para a espada. O texto neotestamentário é o espelho da luta, da busca sôfrega de realizar os ideais de vida, o relacionamento com Deus, justo e misericordioso, a vida na graça de Deus. Para tal, a luta traduzia-se em criação discursiva. Falava-se do Cristo, falava-se de Jesus com narrativas da

Velha Aliança, a fim de situar Jesus no ambiente hebreu de onde Jesus era originário. Falava-se aos povos helenizados, e é célebre a passagem de Paulo dirigindo-se aos atenienses para falar do deus desconhecido e atribuir ao vazio da dedicatória a estátua do deus que lá então se encontrava o conteúdo da sua mensagem e dando o nome de Jesus a este deus que os atenienses desconheciam. A luta, a espada que Cristo predissera, está aí presente, nesta tarefa de articular a boa-nova de Jesus com as culturas vigentes na época. Quantas vezes foram martirizadas pessoas que professavam a fé em Jesus Cristo? Quantas vezes perseguidas, quantas vezes ridicularizadas? É sob o signo da luta que o cristão irá conquistar o seu direito de cidadania, sua liberdade de expressão religiosa, bem como poder expandir a sua fé.

Se fazemos estas considerações é que esta vertente é uma face da obra que estamos tratando. A princípio o cristianismo se debate com o judaísmo, e os cristãos têm dificuldade de tornarem-se independentes do judaísmo, do qual se nutrem por algum tempo, convivendo lado a lado. É fato que os cristãos admitem o passado judaico como fonte histórica e religiosa. Mas, passado certo tempo, tornam-se mais independentes e interagem com outras culturas até que encontrarão Roma, palco de grandes perseguições aos cristãos.

À religião oficial romana era custoso tolerar o culto cristão, e aqueles que o praticavam a religião cristã não eram complacentes com a obrigação de prestar culto ao Estado. Por esta razão, ofendidos com esta restrição por parte dos cristãos, os magistrados e a aristocracia romana desencadearam grandes perseguições, levando ao circo os cristãos, oferecendo-os como vítimas aos leões, infligindo-lhes, assim, pesado castigo pela obstinação com que permaneciam confessando a sua fé em Jesus Cristo. Foi pesada a luta dos cristãos para conquistar o seu lugar no mundo ocidental.

Será que haverá um dia em que o homem achará o seu lugar, o exato momento em que poderá viver em liberdade, exercer livremente sua criatividade, vencer o medo e a miséria, saber como transformar a sociedade e a história a partir de seus ideais? Tal indagação nos ocorre sobretudo, se levamos em consideração o destino que teve a mensagem evangélica em ambiente romano à luz das reflexões de Wilhelm Reich em *O assassinato de Cristo*.[1]

Em princípio, as fontes bíblicas a que fizemos menção permitem-nos refletir sobre a natureza do contato entre a religião pagã e a religião cristã, sem mencionar as religiões de povos vizinhos à região da Palestina. A necessidade de estabelecer idéias corretas para

[1] REICH, Wilhelm. *O assassinato de Cristo*. Trad. Carlos R. Lemos Viana. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

crenças corretas, para o reto viver e o reto agir criará a necessidade de combater as inúmeras heresias – o ebionismo, o elcasaísmo, o simonismo, os barbelognósticos, originários do gnosticismo, e o marcionismo, o valentinismo, o montanismo que ameaçavam a fé e a unidade da Igreja naqueles tempos dos primórdios do cristianismo.

No quarto século, época à qual nos reportamos, deparamo-nos com uma grande quantidade de heresias. Os concílios que se reuniram na época para sanar dúvidas a respeito da fé deveram sua existência a estas heresias, dentre as quais podemos citar o origenismo ao qual encontra-se associada a elaboração da Apologia contra Rufino, objeto de nosso estudo.

Orígenes, de cuja doutrina acabamos de fazer menção, nasceu em Alexandria em 185 da era cristã. Tendo sua família perdido todos os seus bens, foi com dificuldades que ele estudou. Viveu em uma época em que a Igreja ainda não se havia pronunciado sobre tantas questões relativas ao dogma, pois seu corpo de doutrina ainda não se havia formado e Orígenes, com suas atividades de exegeta bíblico, sobretudo aplicando nestas atividades seus conhecimentos de filosofia grega, explicava a religião cristã utilizando a maneira grega de explicar a religião e seus mistérios, lendo alegoricamente as escrituras da religião judaico-cristã. Entre os pontos que suscitaram discussões está a preexistência das almas. Orígenes dizia que elas haviam pecado no estado de puros espíritos e que sua entrada em um corpo mortal submetido a necessidades e doenças, sua assimilação a animais, sua vida terrestre em uma palavra era o castigo de seus pecados. Outro ponto: a ressurreição dos mortos no dia do juízo final. Segundo Orígenes, os mortos que ressuscitarão tomarão uma figura mais etérea que os restos mortais, e que estes receberão do soberano juiz sua recompensa ou castigo. Orígenes não acreditava contudo no castigo eterno, sendo, por exemplo, o diabo passível de ser alvo da redenção, a apocatástase.[2] Entre outras coisas, Orígenes dizia que a semelhança do homem com seu criador cessou com o pecado e o paraíso era, em sua visão, carregado de elementos simbólicos: as árvores eram puros espíritos, os rios, as virtudes celestes etc.

Duzentos anos após o nascimento de Orígenes, durante os quais Orígenes era considerado a luz do Evangelho depois dos apóstolos, e a sua imensa obra era referência para o mundo cristão, esta torna-se alvo de violentas discussões, vindo a ser, durante um bom tempo, causa de controvérsias, de divisões entre bispos e clérigos. Tudo começou quando Atárbio, teólogo sutil que havia tomado como tarefa combater Orígenes, resolveu ir à diocese

[2] Ver JEANJEAN, B.(1999), p. 129-271, além de vários outros títulos do item b da bibliografia.

de Jerusalém e lá, assistindo a homilias, lançou um manifesto público pelo qual denunciava a diocese de Jerusalém como foco da funesta lepra do origenismo. Este ato desencadeou a controvérsia origenista. Na cidade de Belém, cidade submetida à jurisdição da diocese de Jerusalém, havia um mosteiro, no qual vivia Jerônimo em companhia das senhoras Paula e Eustóquia. Na diocese de Jerusalém, dirigida por João, teve início um movimento de reação à situação que se criou a partir dos incidentes narrados acima. O monge Jerônimo desculpou-se, por escrito, acerca de sua ligação passada com a obra de Orígenes, enquanto que o bispo montado em seu orgulho não se desculpou. Jerônimo estava na posição de quem havia traduzido, segundo depoimento de Rufino, setenta opúsculos do alexandrino Orígenes, e achou por bem desculpar-se. O bispo João de Jerusalém estava apenas preocupado em reverter a situação de dependência de sua diocese em relação à sede metropolitana de Cesaréia. A este bispo aliou-se Rufino. Em seguida, o bispo de Chipre Epifânio de Salamina, cioso de ortodoxia, resolveu dirigir-se a Jerusalém e tirar a limpo o que então se passava. Em celebrações nos lugares santos de Jerusalém, a intervenção do bispo Epifânio junto aos colegas de episcopado e aos fiéis só fez as coisas piorarem. Por exemplo, em decorrência de desentendimentos entre os monges de Belém e o bispo João de Jerusalém, este ordenou que os monges de Belém ficassem privados do sacrifício diário da missa, fato que deixou os monges profundamente tristes. Ser ortodoxo e ter a garantia de estar a salvo do labéu de heresia era tudo o que se desejava nesse momento. A obra de Jerônimo, objeto de nosso estudo, inclui-se na luta contra o estigma de heresia.

A Apologia contra Rufino faz parte de um prolongado conflito em que se digladiaram Jerônimo e Rufino, motivados pela publicação de uma tradução de uma obra de Orígenes, o Peri Archon, feita por Rufino. Logo em seguida, Jerônimo publica uma resposta à obra, traduzindo a mesma obra de Orígenes. Aconteceu entre os dois uma situação muito constrangedora que consistiu no fato de que Jerônimo causou melindres em Rufino, publicando a tradução do mesmo texto. Segundo o próprio Jerônimo, sua tradução não continha erros lingüísticos nem falseava os verdadeiros pareceres de Orígenes; já a tradução de Rufino ficou muito mal vista depois da publicação da tradução de Jerônimo. Rufino endereçou uma Apologia contra Jerônimo, acusando-o sutil e indiretamente por meio de elogio, dos quais Jerônimo denuncia a falsidade e acusa Rufino de incriminá-lo de forma cruel sob a aparência de elogios. A resposta de Jerônimo é sua auto-defesa e exposição dos elogios falsos de Rufino.

No todo, a obra é instigante, pois apresenta o ser humano buscando a verdade da fé, tentando escapar das ciladas e do estigma da heresia. O estilo da obra traz a marca do calor do debate, o furor da busca da verdade, o tom de total engajamento.

CAPÍTULO PRIMEIRO

VIDA E OBRA DE SÃO JERÔNIMO

Este capítulo tem como finalidade situar a pessoa de Jerônimo, a sua época, seus dados biográficos, sua obra e focalizar, mais detidamente, a cronologia da controvérsia origenista, em cujo quadro, que se compõe de inúmeros textos, encontramos a *Apologia de Jerônimo contra Rufino*, texto de cuja análise nos ocupamos neste trabalho de tese.

1.1. Biografia de São Jerônimo

Sofrônio Eusébio Jerônimo[3] nasceu de abastada família cristã, em Estridão, na Dalmácia, por volta de 347. Ainda muito jovem (provavelmente em 354), Jerônimo foi para Roma a fim de estudar gramática, retórica e filosofia; teve por mestre o célebre gramático Donato; Rufino de Aquiléia foi seu condiscípulo e amigo. Jerônimo adquiriu extraordinária familiaridade com os clássicos latinos, o que jamais perdeu. Há de permanecer, durante a sua vida, um literato clássico, elemento que apreciaremos em nossa análise. Em Roma, Jerônimo sucumbiu às más influências, como confessa, com dor e arrependimento, em alusões posteriores. Pelo fim do período de seus estudos em Roma, recebeu o batismo. Foi, então, às Gálias, onde, provavelmente, sob a influência dos monges de Tréveros, resolveu levar vida ascética. Passou, então, algum tempo em Aquiléia, integrando um círculo de amigos entregues à vida ascética, dos quais fazia parte Rufino.

De repente, Jerônimo decidiu empreender uma peregrinação a Jerusalém (373-374); grave doença reteve-o, porém, bastante tempo em Antioquia. Aí ouviu os discursos exegéticos de Apolinário, bispo de Laodicéia, e aprendeu, a fundo, a língua grega. Em seguida, viveu, por uns três anos (375-378), como eremita no deserto de Cálcis, a leste de Antioquia, e aprendeu o hebraico com um monge de origem judaica. Partiu, então, para Constantinopla, ouviu os sermões de Gregório Nazianzeno, entusiasmou-se por Orígenes, de quem verteu para o latim alguns escritos. Relações de amizade uniram-no, então, a Gregório de Nissa (381).

Em 382, a convite do papa Dâmaso, participou, juntamente com Paulino e Epifânio de Salamina, de um Sínodo Romano, convocado no intuito de pôr termo ao cisma meleciano[4]. Jerônimo se tornou secretário e amigo do papa, permanecendo em Roma de 382 a 385. O papa encarregou-o da revisão dos textos latinos da Bíblia, encaminhando-o assim para seu trabalho principal, nos anos próximos. Em Roma, Jerônimo veio a ser, outrossim, o centro de um círculo de ascetas, do qual faziam parte, em especial, damas da nobreza romana, como as viúvas Marcela e Paula, e a filha desta última, Eustóquia. Por causa de suas acerbas críticas de abusos no clero romano (ep. 22), foi abertamente combatido, depois da morte de seu protetor (384) e tornou-se alvo de suspeitas por causa das monjas de sua amizade. Quando Blesila, filha de Paula, teve morte prematura, a indignação do povo, que atribuía a morte de Paula a seus jejuns, explodiu francamente contra o "*detestabile genus monachorum*" (ep. 39,6). Jerônimo, que havia acariciado por algum tempo a esperança de se tornar sucessor de Dâmaso, deixou Roma e, passando por Antioquia, se pôs a caminho dos lugares santos da Palestina. Depois viajou para Alexandria, onde esteve trinta dias com Dídimo, o Cego; após uma visita aos monges do deserto da Nítria, foi, em 386, para Belém, onde se estabeleceu para sempre.

Com o auxílio de santa Paula, Jerônimo construiu três mosteiros de mulheres e outro de homens, o qual ele mesmo governou; ainda alguns albergues para peregrinos e uma escola para peregrinos e uma escola ligada ao mosteiro, na qual Jerônimo explicava os clássicos. Dispunha de uma notável biblioteca, que o próprio Jerônimo havia organizado. Os trinta e quatro anos de sua permanência em Belém, não foram, em absoluto, tempos tranqüilos. A primeira controvérsia origenista provocou a odiosa contenda com João, bispo de Jerusalém, e a acerba inimizade com Rufino, seu amigo desde a juventude, que esteve até 397 em Jerusalém. Seguiram-se as polêmicas contra Joviniano (393) e Vigilâncio (404) e, finalmente, também a querela pelagiana[5] transplantou-se para a Palestina, pela chegada de Pelágio (415).

---

[3] As informações dadas nesta seção de capítulo foram recolhidas na obra de Altaner e Stuiber, intitulada *Patrologia*, citada na bibliografia.

[4] Melécio, bispo de Licópolis (Egito) foi, em 306, deposto por Pedro, patriarca de Alexandria, depois de ter confessado ser herege. Mas ele se recusou a submeter-se e permaneceu em posse de sua sede episcopal. Quando de sua morte, seus fiéis ou *melecianos* elegeram por si mesmos um outro bispo e o cisma persistiu durante cem anos. Por volta de 330 a. D., certo número dentre eles abraçaram o arianismo. O nome de melecianos foi igualmente dado aos fiéis da Igreja de Antioquia, os quais reconheciam por patriarca legítimo São Melécio.

[5] Dentre os pressupostos principais da doutrina herética de Pelágio, encontramos a da *impeccantia*, segundo a qual o homem pode existir sem o pecado, se assim o desejar, conforme o adágio: "*posse hominem sine peccato esse, si uelit*" (*Ep. 133,1*). A refutação desta heresia mobilizou-lhe muitos esforços.

No decurso desta luta, um grupo de pelagianos incendiou seus mosteiros (416) e o próprio Jerônimo correu perigo de vida. Os horrores da migração dos povos perturbaram, outrossim, a tranqüilidade do eremita de Belém, pois hordas dos hunos, dos montanheses isáuricos e sarracenos saqueadores ameaçaram as circunvizinhanças, obrigando-o à fuga precipitada. Conservou até o fim da vida a penetração de espírito e o ardor combativo. Jerônimo faleceu a 30 de setembro de 419 ou 420.

O caráter de Jerônimo apresenta um lado muito luminoso e outro de não poucas sombras. Era de temperamento facilmente irritável; enfermidades e severo ascetismo aumentaram ainda sua irascibilidade. Para os outros era agressivo e impetuoso, mordaz, irônico e ferino; em relação a si mesmo era suscetível a elogios, sensível a censuras, ciumento e rancoroso. Entretanto, consideram-se muitas coisas como falhas típicas da retórica e polêmica clássicas, que por isso são julgadas com maior indulgência. É mister, porém, concordar que, não raras vezes, Jerônimo faltou à justiça e à caridade para com amigos e inimigos. A posteridade pôde silenciar tais fraquezas ante a importância maior das obras imperecíveis com que a ciência de Jerônimo enriqueceu a Igreja. Sem dúvida alguma, foi o mais erudito dos Padres latinos da Igreja, e legou uma herança insubstituível por muitos séculos ao Ocidente e à Idade Média.

1.2. A obra de São Jerônimo

1. Trabalhos quanto ao próprio texto da Bíblia

Considerando as variantes das diversas traduções latinas da Bíblia, que alteravam o texto, o papa Dâmaso encarregou Jerônimo da tarefa de estabelecer um texto digno de confiança. Não se tratava de fazer uma tradução completamente nova, mas de rever e corrigir, com a ajuda de um texto grego, uma versão em uso em Roma; devia começar com os Evangelhos. Não sabemos com certeza, se a revisão dos restantes escritos neotestamentários se lhe seguiu imediatamente. Em 384, Jerônimo corrigiu também ligeiramente o *Psalterium*, à base dos LXX. Tampouco, não é absolutamente certo que este texto melhorado seja idêntico ao *Psalterium Romanum*, em uso na liturgia da cidade de Roma até 1568-1570.

Pouco depois de sua chegada a Belém, Jerônimo começou a revisão do texto de todo o Antigo Testamento, seguindo a versão dos LXX nas Hexapla de Orígenes, que consultara em Cesaréia; mas levou em consideração também o texto original hebraico. Destes trabalhos subsistem na íntegra apenas o livro de *Jó*, e o dos *Salmos*; o restante foi-lhe roubado (ep. 134,2), antes de ser publicado. Este texto dos salmos foi admitido na liturgia, primeiro nas Gálias (daí o nome de *Psalterium Gallicanum*). Ainda hoje figura em nossas edições da Vulgata, e Pio V o introduziu no Missal (1570) e no Breviário (1568), onde, no entanto, permaneceram alguns trechos (Invitatório, antífonas, responsos) do "*Psalterium Romanum*". O *Psalterium iuxta Hebraeos* foi posto de lado e caiu no esquecimento.

Enquanto ainda ocupado com a revisão do texto latino do Antigo Testamento, Jerônimo decidiu, cerca de 391, traduzir o Antigo Testamento de novo, baseando-se no texto original respectivamente hebraico e aramaico. Este ingente trabalho se prolongou até o ano 406. Dos livros deuterocanônicos, que considerava apócrifos, só verteu o de Tobias e de Judite, do aramaico. As partes deuterocanônicas dos livros de Daniel e de Ester foram traduzidas segundo Teodocião, ou melhor, os LXX.

Em geral, as traduções são fiéis e apuradas, porém não servilmente literais, sendo o critério de Jerônimo a inteligibilidade do texto e o respeito à sensibilidade estilística do leitor. Por consideração ao texto tradicional, seguiu amiúde os LXX. As versões gregas da Bíblia, então amplamente difundidas, serviram a Jerônimo, por assim dizer, de "lexica" hebraico-gregos. Não raras vezes aflora em suas traduções o influxo de traduções rabínicas, bem como seus conhecimentos de história clássica da literatura e da civilização. Suas traduções mais tardias apresentam estilística melhor. Em vista dos pouquíssimos recursos à sua disposição, a obra de Jerônimo é digna de admiração e da mais alta estima. De início, os trabalhos desse Padre da Igreja sofreram violenta oposição; todavia, logo em seguida, muitos recorreram a eles para a revisão de antigos manuscritos latinos da Bíblia. No tempo de Gregório Magno (morto em 640), o texto desfrutou de iguais direitos que os demais; porém apenas nos séculos VIII e IX se impôs inteiramente. A denominação de *Vulgata* (editio) é empregada correntemente desde o século XIII.

2. Outras traduções

Jerônimo, que até a controvérsia origenista foi profundo admirador de Orígenes como sendo o grande mestre da exegese, traduziu as seguintes obras do alexandrino: 14 homilias sobre Jeremias; 14 homilias sobre Ezequiel (em Constantinopla, em 381); para o papa Dâmaso (383), 2 homilias sobre o Cântico dos Cânticos; para Paula e Eustóquia, cerca de 390, em Belém, 39 homilias sobre Lucas; depois de 392, ainda 8 homilias; depois de 392, ainda 8 homilias sobre Isaías. Já adversário de Orígenes, traduziu em 398, os 4 livros "De principiis", para combater seu ex-amigo Rufino, mas não se conservou sua tradução. Desapareceu também sua tradução dos panfletos de Teófilo de Alexandria contra João Crisóstomo.

Além da segunda parte da *Crônica* de Eusébio, continuada por ele até 378, traduziu ainda o Onomasticon, reelaborando-o livremente e completando-o com alguns aditamentos sob o título de *De situ et nominibus locorum hebraicorum*. O *Liber de nominibus hebraicis* é, outrossim, uma livre recomposição de um modelo grego, léxico de nomes veteritestamentários, atribuído erroneamente a Fílon de Alexandria que, por tradição igualmente insustentável, teria sido enriquecido por Orígenes com os nomes neotestamentários.

Graças à sua tradução (392), salvou-se o escrito *De spiritu Sancto*, de Dídimo. Em 404, traduziu as *Regras monásticas* de Pacômio, Teodoro e Orsiésio, e também suas *Cartas*.

3. Trabalhos exegéticos e homilias

Os numerosos comentários da Bíblia, excepcionais para sua época quanto aos conhecimentos de Jerônimo da literatura exegética mais antiga e de sua ciência histórico-arqueológica, foram escritos, quase todos, rápida e superficialmente demais, sendo, por conseguinte, descuidados na forma e amiúde fracos de conteúdo.

Do Antigo Testamento Jerônimo comentou, em escritos pessoais - inspirando-se, porém, em Orígenes - os *Salmos* (*commentarioli*), o *Eclesiastes* e todos os Profetas (Jeremias apenas 1-32). Redigiu também um tratado alegórico *De visione Isaiae* (cap. 6), transmitido como ep. 18, e ainda, cerca de 397, uma interpretação histórica das 10 visões de Isaías 13-23. As *Quaestiones hebraicae in Genesim* se originaram do conflito íntimo a que o levara à perda paulatina de sua crença na inspiração dos LXX.

Do Novo Testamento, Jerônimo explicou, entre 387 e 389, quatro *Epístolas paulinas* (*Filêmon, Gálatas, Efésios, Tito*) e, em 398, de modo bastante superficial, o *Evangelho de Mateus*. Reelaborou o *Comentário do Apocalipse*, de Vitorino de Petau, expurgando-o das interpretações milenaristas.

No período de 1897 a 1903, G. Morin publicou duas coleções de *Homilias sobre os salmos* (59 e 14 homilias); ainda *Homilias sobre o Evangelho de Marcos* e outros *Sermões* sobre diferentes textos bíblicos. Trata-se de homilias pronunciadas por Jerônimo para sua comunidade monástica de Belém e redigidas segundo os apontamentos de seus ouvintes.

4. Escritos dogmático-polêmicos

Nestas obras, Jerônimo se revela como defensor de ideais muito caros ou como intrépido refutador dos erros de Orígenes e Pelágio.

No diálogo *Altercatio Luciferiani et orthodoxi*, Jerônimo sustenta, entre outras, a validez do batismo ariano.

Aduersus Heluidium de perpetua uirginitate beatae Mariae (383) volta-se contra a opinião de que José gerara filhos de Maria depois do nascimento de Jesus. Em dois livros *Aduersus Iouinianum* exalta seus ideais ascéticos contra a declaração de Joviniano de não ser a virgindade superior ao estado matrimonial, de que um batizado já não pode cair em pecado, de ser inútil o jejum e de que o prêmio celeste é igual para todos. O escrito *Contra Vigilantium* (406) toma a defesa do culto dos santos e das relíquias, do ideal monástico e de alguns usos litúrgicos.

As obras polêmicas surgidas durante a controvérsia origenista estão repletas de infelizes invectivas pessoais: *Contra Ioannem Hierosolymitanum* (396) e os três livros da *Apologia aduersus libros Rufini* (401-402). Sua mais volumosa e melhor obra polêmica acha-se nos *Dialogi contra Pelagianos libri III* (415).

5. Obras históricas

Suas obras históricas possuem importância relativa. Além da continuação da *Crônica* de Eusébio e de seu Catálogo dos escritores, escreveu três biografias de monges: *Vida de Paulo de Tebas*, *Vida de Malco,* do deserto de Cálcis, e a *Vida de Hilarião*, da Palestina. O assim chamado *Martyrologium Hieronymianum*, volumoso martirológio,

originou-se nos meados do século V, na Itália setentrional, pela fusão das listas de Cartago, Nicomédia, Roma e mais outras cidades italianas.

6. Cartas

Das numerosas cartas, transmitidas com o nome de Jerônimo, aproximadamente 120 são autênticas; as coleções contêm, outrossim, cartas dirigidas a Jerônimo. As cartas autênticas abrangem o período inteiro de sua atividade literária; o que equivale a dizer, quase meio século. São excelentes quanto à forma, valiosas também em relação ao conteúdo, destinadas já de início à publicidade. Há cartas de caráter pessoal-familiar e outras muitas, que tratam de questões ascéticas, polêmicas, apologéticas, exegéticas e didáticas.

1.3. Cronologia da controvérsia origenista

As referência cronológica dos acontecimentos e textos que marcaram a última década do século IV e a primeira do século V torna-se importante para que tenhamos em mente todos passos que Jerônimo e Rufino percorreram naquele período. Importante se torna, igualmente, situar a *Apologia de Jerônimo contra Rufino* em meio a todos os acontecimentos. Adotamos aqui a cronologia que Pierre Lardet apresenta em sua edição da *Apologia*, pelas Sources Chrétiennes, mencionada diversas vezes neste trabalho e citada na bibliografia.

Por volta de 215-230: Orígenes compõe o *Peri Archôn.*

Por volta de 310: Martírio de Pânfilo, autor de uma *Apologia de Orígenes*.

Por volta de 345-347: Nascimento de Rufino e de Jerônimo

Por volta de 360-368: Jerônimo e Rufino estudam em Roma. Batismo de Jerônimo.

367: Morte de Hilário de Poitiers.

Por volta de 367-373: Estada de Jerônimo em Tréveros, depois na Itália Setentrional.

Por volta de 370: Batismo de Rufino na Aquiléia.

Por volta de 373: Jerônimo parte para o Oriente (Antioquia), depois Rufino parte para o Egito.

373- 374: Perseguições arianas no Egito.

374-376: Obras anti-heréticas de Epifânio de Salamina.

Por volta de 375: *Epístola 3* a Rufino. Tradução das Homilias sobre Jeremias, de Orígenes. Melânia como chefe de um convento em Jerusalém.

Por volta de 378-380: Rufino em Alexandria, como ouvinte de Dídimo e Teófilo; Jerônimo ouvinte de Apolinário em Antioquia (onde Paulino ordena-o padre).

Por volta de 380: Rufino funda um mosteiro em Jerusalém.

380-381: Jerônimo ouvinte de Gregório Nazianzeno em Constantinopla. Tradução da *Crônica* de Eusébio de Cesaréia, das *Homilias de Ezequiel* e *de Isaías*, de Orígenes.

382: Viagem de Jerônimo a Roma com Paulino e Epifânio.

382-385: Jerônimo em Roma, secretário do papa Dâmaso. Trad. das *Homilias sobre o Cântico* de Orígenes.

Dez. 384: Morte de Dâmaso. Sirício lhe sucede.

Agosto 385: Obrigado a deixar Roma, Jerônimo retorna ao Oriente. João se torna bispo de Jerusalém e Teófilo, de Alexandria.

386: Jerônimo e Paula chegam a Jerusalém via Chipre e Antioquia. Viagem ao Egito. Fundações em Belém. *Comentários* sobre as quatro epístolas paulinas.

Por volta de 387: Cromácio se torna bispo de Aquiléia.

Por volta de 386-390: Paládio é monge da comunidade de Rufino.

Por volta de 390: Jerônimo empreende suas traduções a partir do hebraico. Traduções das *Homilias sobreLucas*, de Orígenes.

393: Elogio de Orígenes no *De uiris.* Dedicatória do *In Habacuc* a Cromácio. Visita de Atárbio a Jerusalém, depois de Epifânio que entra em conflito com João.

394: Epifânio ordena ilicitamente Pauliniano, irmão de Jerônimo e se justifica em uma carta a João, o qual excomunga os mosteiros de Belém.

395: Vigilâncio é recebido em Jerusalém por Rufino, depois por Jerônimo. Os hunos ameaçam a Palestina. Tradução da carta de Epifânio a João (*Epístola 51*) é divulgada: ordem de exílio obtida por João contra Jerônimo, depois suspensa (assassinato do prefeito do pretório em 27 de novembro). Trad. do hebraico dos *Paralipômenos,* dedicado a Cromácio. *Epístola 61* contra Vigilâncio.

Fev.-março 396: Carta de Rufino a Isidoro pedindo o apoio de Teófilo de Alexandria.

Abril de 396: Fracasso da mediação do condeArquelaus entre João e Jerônimo.

Junho de 396: Chegada de Isidoro com uma carta de Teófilo à Igreja de Jerusalém.Apologia de João como resposta (transmitida também a Sirício).Cartas de Epifânio a Sirício e de Jerônimo a Pamáquio (com uma cópia da *Epístola 51*).

Outono de 396: Jerônimo compõe o *In Ionam* para Cromácio e o *In Abdiam* para Pamáquio.

Jan-março 397: Jerônimo compõe para Pamáquio o *Contra Iohannem* e, para Teófilo a *Epístola 82*.

Abril de 397: Fim da excomunhão e reconciliação de Jerônimo e Rufino. Morte de Ambrósio de Milão. Partida deVincêncio para Roma com o *Contra Iohannem*, a *Epístola 82*, o *In Ionam* e o *In Abdiam.*

Depois do Pentecostes 397: Partida de Rufino para Roma: aí ele toma conhecimento do *Contra Iohannem Hiersolymitanum.*

Verão de 397: Rufino traduz para Macário a *Apologia de Orígenes* e compõe o *De Adulteratione*.

Outono de 397: *Epístola 62* a Tranqüilino a respeito de Orígenes. Epístola 70 a Magnus sobre as citações de autores profanos.

Quaresma de 398: Rufino traduz para Macário dois livros do *Perì Archôn* e passa a idéia, em um prefácio, de ser o continuador de Jerônimo.

Depois da Páscoa de 398: Pauliniano e Eusébio de Cremona deixam Belém para vir ao Ocidente.

Verão de 398: Rufino traduz os dois últimos livros do *Perì Archôn* e queixa-se, em um prefácio, de procedimentos hostis. Jerônimo dedica a Cromácio e a Heliodoro a tradução a partir do hebraico dos Livros salomônicos.

Outono de 398: Eusébio consegue obter a tradução rufiniana do *Perì Archôn* e a comunica a Pamáquio e a Oceano que denunciam Rufino a Jerônimo e pedem deste uma contra-tradução (*Ep.83*).

398-399: Jerônimo faz uma outra tradução do *Perì Archôn*.

Primavera de 399: Rufino obtém de Sirício cartas de comunhão e, partindo de Roma para Aquiléia, escreve para Jerônimo. Jerônimo envia a Roma a *Epístola 84* com a sua tradução do *Perì Archôn*, acrescentando a esta tradução a *ep. 81* a Rufino (que não será transmitida).

399: Rufino prossegue em suas traduções dos Padres gregos. Vãs manobras de Marcela junto ao papa Sirício contra as doutrinas de Orígenes. A *Ep. 85* remete Paulino de Nola à tradução jeronimiana do *Perì Archôn*.

Novembro de 399: Morte de Sirício. Anastásio lhe sucede.

Fim de 399: Partida de Melânia para o Ocidente. Carta de admoestações de Teófilo a Jerônimo. *Ep. 83*, como resposta.

399/400: Teófilo rompe com Isidoro e os "Longos Irmãos" (Epifânio), convoca um concílio e lança uma expedição contra os origenistas da Nítria, escreve a Anastásio a esse respeito. Em Roma, Marcela relança a campanha antiorigenista.

Primavera de 400: Carta de Anastásio a Simpliciano de Milão contra o origenismo.

Altercação entre Eusébio e Rufino em Milão a respeito do *Perì Archôn*. Cartas de Teófilo a Jerônimo(*Ep.89 e 87*). *Epístola 88*, como resposta.

Verão de 400: Teófilo manda extirpar o origenismo da Palestina. *Ep. 86*, a Teófilo.

Agosto de 400: Morte de Simpliciano de Milão. Venério lhe sucede. Anastásio lhe escreve que ratifique a condenação do origenismo. Rufino compõe sua Apologia a Anastásio. Carta de Teófilo aos bispos da Palestina e de Chipre contra o origenismo (*Ep. 92*), bem como a Epifânio (*Ep. 90*), o qual encarrega Jerônimo (*Ep. 91*) de traduzir a *Ep. 92*.

Setembro de 400: Concílio dos bispos da Palestina: sua resposta a Teófilo (*Ep. 93*) e a de Dionísio, bispo de Lida, cidade da Palestina, (*Ep. 94*). Jerônimo envia a Roma as *epístolas 90-94*.

400-401: Rufino traduz de Orígenes as *Homilias sobre Josué*, *Juízes*, os *Salmos 36-38* (as primeiras dedicadas a Cromácio).

Primavera de 401: Carta pascal de Teófilo contra o origenismo (*Ep. 96*). Pauliniano traz a Belém informações sobre a *Apologia contra São Jerônimo*, ainda inédita. João escreve para Roma, em favor de Rufino. Resposta reservada de Anastásio.

Verão de 401: Jerônimo envia a Pamáquio e a Marcela os dois primeiros livros da *Apologia contra Rufino*, com a *Ep. 81*(carta de Anastásio a João). Rufino responde rápido, mandando

sua Apologia recentemente publicada. Admoestação de Cromácio, apelando a que se ponha um fim no conflito.

Primavera de 402: Carta pascal de Teófilo contra o origenismo (*Ep. 98*, transmitida a Pamáquio e Marcela, pela *ep. 97*). Carta de Anastásio aos bispos do Oriente contra o origenismo. *Epístola contra Rufino* (3º livro da *Apologia contra Rufino*) em resposta ao envio anterior.

Maio de 402: Morte de Epifânio.

402: *Ep. 102* a Agostinho, transmitindo-lhe a *Epístola contra Rufino.*

Dezembro de 402: Morte de Anastásio. Inocêncio lhe sucede.

403-410: Tradução (entre outros) por Rufino de numerosas *Homilias* de Orígenes e de seus *Comentários sobre o Cântico* e *sobre a Ep. aos Romanos.*

Janeiro de 404: Morte de Paula. A *ep. 108* fará seu elogio fúnebre.

404: Trad. da carta pascal de Teófilo (*Ep. 100*). *Ep. 73* de Agostinho acusando recebimento da *Epístola contra Rufino*.

404-405: *Epístola 115* a Agostinho e resposta (Aug. *Ep. 82*) fazendo referência à querela entre Jerônimo e Rufino.

Entre 402 e 408: Correspondência entre Rufino e Paulino de Nola. (elogio de Rufino por Paulino em sua *Ep. 28,5*).

405: Jerônimo dedica o *In Zachariam* a Exupério de Toulouse (não a Cromácio).

Por volta de 407: Morte de Cromácio.

406: Jerônimo dedica o In Danielem a Pamáquio e a Marcela (não a Paulino).

409: *Ep. 124* a Avito: guia de leitura anti-origenista do *Perì Archôn.*

410-411: Morte de Pamáquio. Morte de Marcela. Morte de Rufino na Sicília: Jerônimo triunfa no prefácio do *In Ezechielem.*

411: *Ep. 126* a Marcelino e aAnapsíquia, reenviando-os à *Apologia*.

412: Retrato satírico de Rufino na *Ep. 125, 18.*

413: *Ep. 127*: elogio fúnebre de Marcela.

414-416: Diversas alusões polêmicas de Jerônimo a Rufino.

419 ou 420: Morte de Jerônimo.

CAPÍTULO SEGUNDO

A OSSATURA POLÊMICA:

ASPECTOS GENÉRICOS DA *APOLOGIA DE JERÔNIMO CONTRA RUFINO*

Neste capítulo, faremos uma análise dos aspectos genéricos da obra Apologia de Jerônimo contra Rufino. A complexidade da obra reside na abrangência de uma grande variedade de aspectos genéricos, a começar por sua definição como uma apologia e pela presença de elementos de diatribe cínico-estóica, tendo, também, como elementos estruturais gêneros que, segundo definição clássica de Aristóteles, orientavam ofício daqueles que se dedicavam à arte da eloqüência, sob os auspícios de Calíope: o *genus iudiciale* e o *genus demonstratiuum.* O texto *da Apologia de Jerônimo contra Rufino* contém uma variedade significativa de modelos genéricos que buscamos descrever e classificar para tornar compreensível o aspecto polêmico contido no texto de nosso autor. Além dos gêneros citados, o texto de São Jerônimo abrange aspectos de sátira e de epístola.

Assim sendo, o polemista Jerônimo faz uso de uma multiplicidade de modelos e instrumentos textuais, como veremos a seguir, e os coloca a serviço da defesa da causa anti-origenista, defendendo-se a si mesmo, automaticamente, nessa empresa. A variedade de modelos genéricos tornou o texto por nós escolhido como objeto de estudo detentor de grande riqueza literária (tanto em aspectos de forma e em aspectos de conteúdo como aspectos teológicos, históricos etc que pretendemos tratar neste trabalho), e conferiu à querela pessoal de Jerônimo e Rufino a dimensão imorredoura de clássico da literatura cristã.

Todos os aspectos genéricos que aqui descrevemos são modelos de organização textual que colaboram, cada modelo a seu modo, com a criação do polêmico como uma modalidade literária própria. A multiplicidade de técnicas e procedimentos textuais, cujos aspectos genéricos vemos neste capítulo, permite-nos entrever o grande alcance literário de nosso autor, a complexidade e a riqueza de sua obra, a *Apologia de Jerônimo contra Rufino*; permite-nos, também, avaliar a grande recompensa que o fato de tê-la escolhido nos proporciona e os frutos intelectuais que o estudo da mesma nos ofereceu.

2.1. O valor de Apologia como título da obra

O texto em questão traz, em pelo menos três edições de que dispomos, o título de Apologia. A mais recente edição francesa, publicada sob os cuidados de Pierre Lardet, em 1983, porta o título de *Apologie contre Rufin*, enquanto a edição de Domenico Vallarsi, que data de 1767, e a de J.-P. Migne, que data de 1883, são intituladas como *Apologia adversus libros Rufini*.

O termo equivale a uma peça oral ou escrita, apresentada sob o tom de admiração e expressividade para justificar uma pessoa ou coisa, defendendo destas suas qualidades, caráter, relevância e valor. Podemos relembrar o exemplo de Platão que compôs a apologia de Sócrates, mestre que Platão cita muitas vezes em seus Diálogos, vários anos após a morte de Sócrates. É um discurso por meio do qual Sócrates se defende, em presença dos heliastas, contra as acusações que lhe eram imputadas de haver ele corrompido a juventude e de introduzir divindades estrangeiras e, em geral, contra as desconfianças e o ódio que lhe atraíam suas buscas filosóficas e sua reputação de sabedoria. A ironia que geralmente Platão concede a Sócrates em sua Apologia, ainda que se mantenha sob controle e medida, mostra-se viva e amarga, e, ao mesmo tempo uma alta dignidade sustenta na totalidade da obra uma eloqüência desdenhosa, mas convincente. A apologia de que Sócrates tornou-se objeto no verbo de Xenofonte acrescenta detalhes interessantes, e ressalta a idéia de que, para Sócrates, a morte vale mais que a vida.

Citemos ainda outros exemplos de apologias. A Apologia de Heródoto, de Henri Estienne, de 1566, como seqüência a uma publicação das obras do historiador grego citado, cujas obras foram alvo de críticas severas, sendo consideradas como obras repletas de elementos fabulosos, sobretudo pelo clero católico romano. Aristides, filósofo grego do século II, demonstra, em sua Apologia dos cristãos, a excelência da idéia de Deus na religião cristã, desenvolvendo um estudo sobre o assunto em variadas religiões. Em 197 a.D., também Tertuliano fez uso do gênero para endereçar aos romanos pagãos uma defesa vigorosa e apaixonada dos costumes e crenças cristãs, preferindo a argumentos gerais e filosóficos outros argumentos mais afinados com sua familiaridade com a história e o direito.

O segundo século de nossa era é pródigo em apologistas cristãos, esses literatos que, sendo apurados manipuladores das regras de composição das apologias, esmeram-se em

defender a fé cristã. Em língua grega, podemos citar São Justino, Aristides de Atenas, Aristão, Melitão de Sardes, Apolinário de Hierápolis, Taciano, Atenágoras, Teófilo de Antioquia. Entre os latinos, encontramos Tertuliano e Minúcio Félix.

A apologia como gênero apresenta como propósito a justificação e a defesa de alguém, de alguma coisa, de alguma causa ou idéia, enquanto que se oporia ao ataque, censura, condenação, crítica ou ato de denegrir alguém ou algo. O texto da Apologia de Jerônimo contra Rufino apresenta os dois conjuntos de aspectos apresentados, os positivos que configuram a apologia como gênero e os outros aspectos que contrariam as regras da composição de uma apologia. Optamos por nomear nossa tradução com o título de Apologia de Jerônimo contra Rufino por entendermos que o movimento de defesa parte de Jerônimo em favor de si mesmo e opera com uma série de restrições com relação ao ex-amigo Rufino.

Em sua própria defesa ou apologia, Jerônimo ocupa-se de desfazer todas as sombras que seus estudos e traduções da obra de Orígenes, dois séculos após a sua morte, podem representar de suspeita de heresia, por haver Jerônimo utilizado os métodos de exegese bíblica herdados do mestre Orígenes. A situação que motiva a confecção da Apologia de Jerônimo contra Rufino tem antecedentes remotos que podemos verificar no fato de que era opinião corrente, na Palestina e igrejas das regiões orientais, que Orígenes sustentava teses contrárias ao ensinamento das Escrituras e que, também, isso se devia à utilização dos métodos de interpretação alegórica que multiplicavam as possibilidades de interpretação do texto bíblico. Deste modo, a possibidade de distanciamento do sentido original dos textos assim interpretados e a tomada de uma posição frente ao sentido estilhaçado – esta tomada de posição seria o sentido do termo grego heresia – eram bastante reais. Mas tal situação só passa a ser focalizada oficialmente pelas autoridades eclesiásticas, e aí temos os antecedentes próximos da querela entre Jerônimo e Rufino de que nos ocupamos, depois que Atárbio, teólogo sutil, lançou publicamente em uma cerimônia de Pentecostes do ano de 394, na diocese de Jerusalém, a acusação de heresia para as teses de Orígenes. O bispo chipriota Epifânio de Salamina intervém no debate, provocando a efervescência que tomará dimensões cada vez maiores com o passar dos anos. Mas Epifânio de Salamina, além de seu zelo pela ortodoxia que o faz dirigir-se a Jerusalém para defender a Igreja da disseminação da heresia, será também o causador da dissidência entre o bispo João de Jerusalém, ao qual se alia Rufino de Aquiléia, amigo de juventude de Jerônimo, e a comunidade monástica sediada em Belém,

sob direção de Jerônimo. O fato que causou a dissidência foi a ordenação, em território sob jurisdição do bispo de Jerusalém, do irmão de Jerônimo, Pauliniano, pelo bispo Epifânio de Salamina, fato que constituiu grave usurpação das prerrogativas episcopais do bispado hierosolimitano.

Diante disso, a amizade entre Jerônimo e Rufino fica gravemente afetada, pelo fato de os dois se colocarem cada um em grupos rivais. Em Roma os textos de Orígenes não eram muito conhecidos, o que levou Rufino a trazer para os leitores latinos o texto grego do Tratado dos Princípios, o *Perì Archôn*. O ex-amigo Jerônimo teria julgado boa essa razão se Rufino não tivesse, como alega no prefácio da sua tradução latina, limado e corrigido pontos do texto que pudessem representar dificuldade ao leitor latino, coisa que atribui Rufino às traduções que Jerônimo fez de várias obras de Orígenes.[6] A menção ao nome de Jerônimo não soou agradável aos ouvidos do próprio, uma vez que tende a justificar, no julgamento de Jerônimo, às custas de sua reputação de ortodoxia, uma prática de tradução que ele não aprova nem em termos lingüísticos, nem em termos de conteúdo de fé e de dogma. A reação de Jerônimo é a publicação de uma tradução que apresenta todos os conteúdos considerados heréticos, naquele tempo, da obra *Perì Archôn* de Orígenes. O escândalo causado pela publicação foi o responsável pela destruição dos volumes existentes da tradução feita por Jerônimo do texto grego do *Perì Archôn*. Pelo texto da *Apologia de Jerônimo contra Rufino* podemos perceber, com a imagem de um médico que denuncia venenos,[7] que a tradução do *Perì Archôn* por Jerônimo teve por função ampliar o debate sobre as teses de Orígenes, ofertando ao público o verdadeiro teor do texto grego e conduzindo o debate aos pontos nevrálgicos da questão origenista.

A *Apologia de Jerônimo contra Rufino* que, em tradução portuguesa, é apresentada em três livros, apresenta dois livros que são uma resposta à Apologia contra São Jerônimo, publicada por Rufino. No entanto, São Jerônimo não tem em mãos ainda o texto escrito contra si mesmo, baseando-se apenas em testemunhos que lhe chegam por amigos. O terceiro livro, ou a Carta de Jerônimo contra Rufino, é uma retomada de todas as questões tratadas nos dois primeiros livros e, uma vez com o texto de Rufino em mãos, Jerônimo aprofunda as suas críticas a Rufino, assevera ao leitor a ortodoxia de sua fé, discorre sobre

[6] Orígenes, *Traité des Principes I*, p.70: "...ita elimauit omnia interpretando atque purgauit, ut nihil in illis quod a fide nostra discrepet latinus lector inueniat..." (o sujeito destes comentários de Rufino é Jerônimo).
[7] São Jerônimo, *Apologia*, p. 6: "...accusant medicum quod uenena prodiderit..."

vários incidentes e questões que fazem parte da controvérsia em sentido eclesiástico bem como as questões que tocam diretamente sua pessoa.

Uma vez publicada a tradução da obra *Perì Archôn* por Rufino, a menção aos trabalhos de tradução de Jerônimo da obra de Orígenes no prefácio desta tradução foi o principal motivo da contrariedade ressentida por Jerônimo em relação ao ex-amigo, fato que também reforçou a hostilidade que Jerônimo já vinha sentindo em relação ao ex-amigo. Ser considerado como alguém que altera textos de Orígenes para torná-los aceitáveis pela fé ortodoxa parecia uma falta grave para Jerônimo, e tanto mais inaceitável se a isto se acrescenta um elogio à "elegância das palavras de tão grande homem"[8]. Em sua *Apologia*, Jerônimo declara ter repelido o simulacro de um panegirista e ter recusado elogios de uma boca hipócrita[9], e isto é uma alusão àquele pérfido elogio feito por Rufino, naquele "prefaciozinho"[10]. A defesa de Jerônimo, empreendida por ele próprio, não é tarefa fácil pelo fato de não dispor de alguém que defenda sua causa e também pelo fato de ser a causa em si bastante complicada. É muito pouco crível que alguém que traduza várias obras de determinado autor não considere recomendável e válido o autor traduzido, que não partilhe de certa forma as idéias do autor traduzido. Ora, Jerônimo traduziu e estudou muito Orígenes, o que o coloca numa posição de fragilidade em muitos pontos. Sua saída é alegar que aproveita os métodos de exegese aprendidos com Orígenes, sem contudo partilhar suas posições teológicas.

Jerônimo não economiza argumentos nem razões para construir a sua defesa e denuncia o fato de Rufino ter traduzido para o latim a Apologia de Orígenes atribuindo-a ao mártir Pânfilo, quando o texto era lavra do bispo ariano Eusébio de Cesaréia, tão ariano quanto adepto por afinidade com as teses origenistas. A causa de Jerônimo não se reduz, pela extensão e complexidade do texto, à defesa de sua própria pessoa, mas ataca o origenismo em várias manifestações, considerando a obra e a pessoa de Orígenes como um lugar em que se abrigam muitas posições excusas e heréticas, o que leva Jerônimo ao julgamento de que se deva atribuir a cada pessoa e a cada tendência a definição justa e cabível . No segundo livro de sua Apologia, Jerônimo ataca as teses origenistas sobre a origem da alma do Cristo, sobre a ressurreição da carne, sobre o castigo do diabo, sobre a origem das almas. Ainda neste

[8] Orígenes, *Traité des Principes I*, p. 68: "... sed non aequis eloquentiae uiribus tanti uiri ornare possumus dicta..."
[9] São Jerônimo, *Apologia*, p. 8: "...Quod praeconem reppuli figuratum? Quod nolui me subdolo ore laudari?..."

segundo livro, Jerônimo denuncia a tentativa de Rufino de negar a autoria de Orígenes com relação às teses heréticas contidas em seus tratados, atribuindo os conteúdos heréticos da obra de Orígenes a alterações feitas nesses textos por hereges; tal fato impossibilitaria a atribuição correta de cada idéia a seu verdadeiro autor. Parece-nos clara a posição de Rufino de promover a defesa de Orígenes quando traduz para o latim uma Apologia de Orígenes. Jerônimo também é o defensor de suas traduções diretas do texto bíblico diretamente do hebraico, trabalho que teve valor único e que careceu de iniciativa semelhante que pudesse lhe servir de paralelo, visto que as traduções existentes do texto bíblico eram feitas a partir do grego e não se igualavam à qualidade literária da tradução empreendida por São Jerônimo.

A *Apologia contra São Jerônimo*[11] chega às mãos de Jerônimo, e este então compõe a Carta contra Rufino, sacerdote de Aquiléia. A difusão dos livros de Rufino impõe uma resposta da parte de Jerônimo. Às insinuações de Rufino de que alguns amigos de Jerônimo teriam falsificado a tradução do *Perì Archôn*, feita por ele – essa que nos chega até os dias atuais como único remanescente do texto de Orígenes, objeto de discórdia pessoal e doutrinal – responde Jerônimo que seus amigos não poderiam fazê-lo, a não ser que pagassem o secretário a peso de ouro para alterar, como diz Rufino, os rascunhos do *Perì Archôn* que não estavam ainda corrigidos.[12] Na integralidade de sua resposta Jerônimo luta para fazer-se distinguir de Rufino e daqueles que se assemelham a ele na adesão às teses origenistas. Voltando a tratar das questões de tradução e comentário, Jerônimo denuncia estratégias de que Rufino faz uso, quando este invoca a técnica utilizada por Jerônimo nos *Comentários sobre a Epístola aos Efésios*, com a finalidade de justificar sua tradução do *Perì Archôn*; denuncia também o interesse de Rufino em exaltar em latim a figura e o pensamento de Orígenes com a tradução da *Apologia de Orígenes*, que Rufino atribui a Pânfilo, o qual, sendo mártir, angaria para a obra o olhar benevolente do leitor latino, bem como atribui ao personagem Orígenes reputação bastante positiva, tornando recomendável a leitura de suas obras. Jerônimo afirma que a tradução feita por Rufino do *Perì Archôn* torna-se indefensável pelo seu prefácio, no qual declara Rufino ter procedido da mesma forma que Jerônimo, ao limar e melhorar o texto original, fato que para Jerônimo equivale a uma ocultação do teor

---

[10] *praefatiuncula*, no dizer irônico de Jerônimo, em várias ocorrências na *Apologia contra Rufino*.
[11] É assim que se intitula a apologia que Rufino endereçou a São Jerônimo, segundo a edição de Migne que consultamos: *Rufini Aquileiensis PresbyteriApologiae in Santum Hieronymum libri duo*.

herético do texto. Jerônimo oferece-nos sua visão a respeito de vários eventos que presenciou nesta época, e as personalidades ligadas a esses eventos no Oriente e no Ocidente: Teófilo, Vigilâncio, Anastásio, Epifânio, sendo os dois últimos, respectivamente, bispo de Roma e bispo de Chipre. A tradução perdida do Peri Archon, feita por Jerônimo é, segundo seu autor, legítima, porque ao que nos dá a entender, desnudou o falseamento do teor do texto grego na tradução rufiniana. Finalizando esta Carta contra Rufino, Jerônimo define seu pronunciamento como uma defesa preferencial da ortodoxia e encerra esta parte da Apologia contra Rufino com numerosas citações extraídas do *Livro dos Provérbios*.

2.2. O modelo da diatribe cínico-estóica

A diatribe não constitui um gênero definido tal como podemos chamar de gênero uma apologia, como assim caracterizamos o texto da Apologia de Jerônimo contra Rufino, embora esse texto não se esgote nessa classificação genérica, havendo, ainda, outras instâncias teóricas a serem consideradas para uma completa descrição do corpus em questão. O autor em quem buscamos informações sobre a diatribe é André Oltramare, em sua obra *Les origines de la diatribe romaine*, datada de 1926.

A diatribe constitui, antes de tudo, um conjunto de procedimentos discursivos postos a serviço de algumas escolas filosóficas da antiguidade tais como o Cinismo, que constitui uma exacerbação de tendências do Estoicismo; a diatribe estaria também a serviço do Estoicismo, o qual, *grosso modo*, enfatiza o cumprimento dos deveres e prima por uma concepção de vida baseada na supressão do passional, do sentimental, e encoraja seus discípulos à perseverança e à coragem como atitudes válidas para enfrentar os revezes da sorte e as situações absurdas da existência humana; estaria a serviço também do Epicurismo, que, diferentemente do Estoicismo, aconselha a fruição e o prazer moderado como resposta válida para a necessidade de um sentido para a existência; a diatribe seria utilizada pelo Hedonismo, que representa uma exacerbação da busca do prazer, recomendando-o em níveis exagerados para trazer saciedade e satisfação absoluta. A diatribe, nesses casos, serve como

[12] São Jerônimo, *Apologia*, p. 221: "...Noli multo auro redimere notarium, sicut amici tui de meis Peri Archon schedulis nondum emendatis, nondum ad purum digestis fecerunt, ut facilius falsare possent quod aut nullus haberet, aut admodum pauci..."

linguagem apta a veicular a propaganda de tais escolas filosóficas que, geralmente, têm tendência a refletir sobre a questão humana em seu aspecto moral. A diatribe representa uma vulgarização do diálogo filosófico e vários são os gêneros nos quais encontramos essa prática discursiva: a fábula, por exemplo, é um excelente exemplo da literatura moralizante popular; o tratado de moral, qualquer que seja o tema sobre o qual se debruce o autor; a consolação, gênero que é excelente modelo para o discurso dos estóicos, floresceu sob a égide da filosofia estóica; a sátira, que sendo, igualmente crítica moralizante da sociedade, nutre-se de procedimentos próprios da diatribe.

Assinalemos pois os procedimentos. Primeiramente, o debate com um interlocutor fictício, ao qual dirige sua obra aquele que poderíamos chamar de autor ou diatribista. Este interlocutor não é detentor de uma personalidade suficientemente definida ou precisa, embora a ele sejam dirigidas apóstrofes veementes a todo momento.
O segundo procedimento é a utilização de truques retóricos que confere ao texto um ar de grande vivacidade pelo emprego de expressões justas e sucintas; observa-se a tendência a tornar o texto um lugar de linguagem super-expressiva, com emprego de expressões virulentas, grosseiras e até obscenas. A habilidade oratória do autor tem por função agir sobre o público, influenciando sua opinião, seduzindo-o, ao modo das parêneses, discurso que exorta à virtude. O tom das exortações é sempre premente e sôfrego, o diatribista oprime o adversário com uma série de argumentos sem nexo lógico muito aparente. Observa-se nesse ponto o uso freqüente de diminutivos, citações de locuções populares e provérbios, metáforas, paralelismo das frases, hipérboles e as oposições verbais, em proximidade sintática e nível mais profundo ou pertencente à própria estruturação do discurso, e também a personificação das abstrações.
O terceiro procedimento é a mescla do sério e do jocoso, que em grego seria denominada το σπουδογελοιον Personificando esta tendência, a figura do cão que morde e abana a cauda representaria o diatribista que ataca os vícios, mas gosta de brincar e divertir-se. O diatribista atenua de certa forma o caráter severo de sua crítica com o traço cômico ou satírico de seus jogos de palavras, suas homonímias, etEntre os principais temas diatríbicos podemos citar os temas de limitação e de crítica, que contêm os temas de natureza negativa, isto é, aqueles que se atêm ao fato de que a filosofia limita-se à moral e à crítica da moral vulgar; há também os temas de caráter positivo, os quais determinam a natureza do bem e do mal, e

isto se traduziria em termos concretos em tópicos sobre a virtude, o sábio e a maneira de como livrar-se do mal. Todos estes temas aplicam-se às mais diversas situações concretas.

Podemos detectar na obra *Apologia de Jerônimo contra Rufino* os três procedimentos citados mais acima. Em primeiro lugar, na obra *Apologia de Jerônimo contra Rufino*, o interlocutor é fictício, isto é, simulado e convencional, uma vez que é a outra pessoa que Jerônimo dirige suas invectivas, é outro indivíduo o objeto de seus ressentimentos. Pamáquio e Marcela, estes interlocutores que sabemos haverem vivido junto a Jerônimo, na comunidade monástica de Belém, e também terem sido seus discípulos em suas buscas de uma melhor compreensão das Sagradas Escrituras, deles nada mais sabemos por meio do texto da *Apologia de Jerônimo contra Rufino*, testemunhamos o vigor das apóstrofes dirigidas a esses interlocutores, procedendo da mesma forma Rufino em sua *Apologia contra São Jerônimo* quando elege Aproniano como interlocutor de suas invectivas contra Jerônimo. Por isso, seria proveitoso verificar alguns exemplos de apóstrofes nas quais podemos sentir a intensidade e a virulência com que carregam o vigor moralizante da diatribe.

No princípio do exórdio, Jerônimo justifica sua obra e expõe as razões que o levam a romper o silêncio que o condena a uma posição de desconforto e contrariedade se ele se acomoda ao silêncio. Pamáquio e Marcela são os interlocutores desse longo testemunho de Jerônimo, bem como os companheiros que lhe informam os atos e escritos de Rufino, aqui sendo nomeado com o prenome Tirano, emprego que reduplica em expressividade o caráter do opositor contra o qual tem que lutar e manifesta também o tom de todo seu discurso[13]. Mais adiante, tomado de um furor que nos lembra as apóstrofes ciceronianas dirigidas a acusados famosos como Verres ou Catilina, ou que, na terceira pessoa do plural, evocariam a deprecação do salmista diante de um inimigo coletivo, um exército, uma turba ou um perseguidor que se lança sem trégua contra o servo de Deus. Assim se manifesta Jerônimo: "Que ressentimento é esse? Por que se inflamam? Por que endoidecem? Porque repeli o simulacro de um panegirista? Porque eu não quis ser louvado por uma boca hipócrita? Por que, sob o nome de um amigo, desvendei as armadilhas de um inimigo?[14]

De uso antigo na diatribe cínico-estóica, Jerônimo utiliza em sua *Apologia* o modelo que ele toma em Cícero, em cuja obra podemos citar dois exemplos: o retrato de

[13] São Jerônimo, *Apologia*, p. 6: "...Et uestris et multorum litteris, didici obici mihi in Schola Tyranni, a lingua canum meorum ex inimicis ab ipso, cur libros *Peri Archon* in latinum uerterim..."

Catão no *Pro Murena* e o retrato de Verres no *In Verrem*. É comum que encontremos descrições do adversário no sentido de caracterizá-lo de modo pejorativo, com antonomásias, metáforas, ultrajes, ultrajes irônicos, comparações exageradas, descrições pejorativas, desqualificação irônica, uso de vocabulário vulgar, considerações sobre o estilo do adversário, chiste, palavras caricaturais, expressões proverbiais. Neste item, daremos exemplificações a cada procedimento que compõe o retrato do adversário.

Como exemplos de antonomásia, tropo ou figura de linguagem que consiste em pôr um apelativo ou uma perífrase no lugar do nome próprio, de modo que o apelativo remete imediatamente à pessoa a que o apelativo se refere, podemos citar a ocorrência na passagem apresentada: "*Aristarchus nostri temporis*" (lembra, por ironia, a pessoa de Rufino, que não tem a cultura filológica que teve Aristarco, que dirigiu a biblioteca de Alexandria e foi comentador de Homero) e reminiscências clássicas "*quasi religiosus et sanctulus*" (quando Jerônimo se queixa de ter que se defender com um "escudo" do "punhal" de Rufino o qual se cobria de devoção e santidade), *satellites* (os guardas ou cúmplices, por meio dos quais Rufino dava a ler ao mundo inteiro os livros que ele compunha contra Jerônimo), *cereales et anabasii tui* (a menção rememora a solicitude de Ceres em busca de sua filha Prosérpina e aplica a idéia desta solicitude às pessoas que espalhavam nas diversas províncias os "infames" elogios de Rufino a Jerônimo.

Como metáfora, temos na abertura do texto da Apologia contra Rufino a metáfora de cães aplicada aos inimigos: "*Didici obici in schola Tyranni, a lingua canum meorum ex inimicis ab ipso, cur Perì Archôn libros in latinum uerterim*." (Eu soube que sou acusado na escola de Tirano – no caso Rufino – pela língua de cães de meus inimigos de ter traduzido em latim o *Perì Archôn*).

Há os ultrajes irônicos que têm sabor ciceroniano. Ao chamar Rufino de "*hominem prudentissimum*"[15] , Jerônimo espanta-se que Rufino, em sua "grande perspicácia", não tenha compreendido a técnica da sua explicação. Ironicamente, Jerônimo também o insulta com "*uir sapientissimus, Romanae dialecticae caput*"(o sábio por excelência e o chefe dos dialéticos romanos)[16]; "*sapientiae columen et norma catonianae seueritatis*" (cume de

[14] São Jerônimo, *Apologia*, p. 8: "...Quis est iste dolor? Quid aestuant? Quid insaniunt? Quod praeconem reppuli figuratum? Quod nolui me subdolo ore laudari? Quod sub amici nomine inimici insidias deprehendi?..."
[15] São Jerônimo, *Apologia*, p.72.
[16] São Jerônimo, *Apologia*, p. 286.

sabedoria e norma de severidade catoniana)[17]; "*inclytus syngrapheus*"(ilustre escritor)[18]; "*homo ueracissimus*" (homem de grande veracidade)[19]; "*homo seuerissimus*" (homem de grande severidade)[20]; "*vetustissimus monachorum, bonus presbyter, imitator Christi, dulcissimus amicus*"(o mais velho dos monges, bom presbítero, imitador de Cristo, o mais doce amigo)[21]

As palavras de ultrajes que acusam o inimigo de estupidez e de falta de cultura e eloqüência se enquadram em um contexto de querela mais restrito e são utilizadas aqui para desqualificar as teses do adversário. A censura de estupidez aparece em formas variadas, chegando até mesmo a abranger em si a censura de loucura: "*syngrapheus agrammatos, procacitatem disertitudinem, et maledicere omnibus bonae conscientiae signum arbitraris*" (tu, o letrado sem letras, que tomas a insolência por bem falar e a maledicência generalizada por sinal de boa consciência)[22]. Há, entretanto, partes de proposições relativas que se apóiam na fórmula do adversário, em parte, proposições principais que exageram conteúdos negativos do adversário, com alusões e insinuações, que, na classificação de Ilona Opelt (1973) denomina-se Satzschimpwörter, cujo sentido, em português, podemos reconstituir como fragmentos de frase de ultraje. Eis um exemplo: "*Sed uolui ostendere (condiscipulis tuis, qui tecum non didicerunt litteras) quid per triginta annos in Oriente profeceris*" (eu quis mostrar aos teus condiscípulos, que contigo não aprenderam as letras, por que viajaste por trinta anos no Oriente)[23]. Outro exemplo: "*qui de uno pectoris sterquilinio et odorem rosarum et foetorem profers cadauerum*" (tu cujo coração como um único monte de esterco exalas ao mesmo tempo o odor das rosas e o fedor dos cadáveres)[24].

A menção de traços de caráter negativos do adversário é um outro meio de atacá-lo, e encontramos com muita freqüência a desqualificação moral como traço deste procedimento, lembrando muitas vezes a linguagem jurídica. Vejamos alguns exemplos: "*effrenata audacia*"[25]; "*effrenata temeritas*"[26]; "*foetor*"[27]; "*rabies*"[28]; "*apertissimum mendacium*"[29]; "*mira tergiversatio*"[30] etc.

---

[17] São Jerônimo, *Apologia*, p. 38.
[18] São Jerônimo, *Apologia*, p. 26.
[19] São Jerônimo, *Apologia*, p.238.
[20] São Jerônimo, *Apologia*, p. 82.
[21] São Jerônimo, *Apologia,* p. 216.
[22] São Jerônimo, *Apologia*, p. 228.
[23] São Jerônimo, *Apologia*, p. 228.
[24] São Jerônimo, *Apologia*, p. 324.
[25] São Jerônimo, *Apologia*, p. 282; Cícero, Catilinárias 1, 1.

Como desqualificação irônica podemos citar o modo pelo qual Jerônimo se refere à *Apologia contra São Jerônimo*, à qual nosso autor escreve uma refutação antes de lê-la: "*eruditissimi libri*"[31] e "*libri venustate attica*"[32] ou seja, livros eruditíssimos, livros de delicadeza ática.

Como chiste, podemos exemplificar com o fragmento seguinte, sempre com o intuito de desqualificar o adversário: "*tantam habes graeci latinique sermonis scientiam, ut et Graeci te latinum, et Latini te graecum putent*"[33] - tens tanto conhecimento do grego e do latim que os gregos te consideram um latino e os latinos, um grego.

O terceiro procedimento citado ou a mescla do sério e do jocoso encontra-se também presente no texto. Em vários momentos detectamos a tendência de Jerônimo ao sarcasmo, atitude que excede, em grau de acerbidade, a ironia. O texto da Apologia de Jerônimo contra Rufino nos desvela esses meandros quando Jerônimo aí alude ao elogio que lhe faz Rufino no prefácio de tradução, feita por Rufino, do Peri Archon, que soa muito mal aos ouvidos de Jerônimo, representando uma contrariedade para ver atribuído a si o exemplo de tradução que altere o teor do texto original em função de ocultar concepções heréticas. Assim se expressa com uma sentença, com toda concisão e caráter lapidar, que parece ser resultado de labor próprio e que carrega em si grande acerbidade de um sarcasmo: "O louvor simples e puro não se inquieta quanto à lealdade dos que ouvem."[34] Mais adiante, Jerônimo relembra jogos ou exercícios escolares aos quais ele próprio e seu interlocutor se aplicavam ou se aplicaram em algum tempo passado: "Vós nos vedes compreender sua sagacidade e que brincamos freqüentemente na escola da pregação irônica."[35]

É notável também o jogo que se estabelece no parágrafo 13 do primeiro livro da *Apologia de Jerônimo contra Rufino*, quando o diatribista Jerônimo alude ao fato de ter dito a Rufino em tom de brincadeira, ao estilo de Plauto, que era Barrabás o nome do mestre judeu

---

[26] São Jerônimo, *Apologia*, p. 160.
[27] São Jerônimo, *Apologia*, p. 286.
[28] São Jerônimo, *Apologia*, p. 264.
[29] São Jerônimo, *Apologia*, p. 104: "...Pudet me apertissimi mendacii..."
[30] São Jerônimo, *Apologia*, p. 274.
[31] São Jerônimo, *Apologia*, p. 218: "Sequarque uestigia propositionis tuae, seruans cetera illis eruditissimis libris quos, antequam legerem, confutaui..."
[32] São Jerônimo, *Apologia*, p. 14: "...tres contra me libros uenustate attica texuisse..."
[33] São Jerônimo, *Apologia*, p. 228-230.
[34] São Jerônimo, *Apologia*, p. 8 – "...Non est tam sollicita de audientium fide simplex et pura laudatio..."
[35] São Jerônimo, *Apologia*, p. 8 – "...Videtis nos intellegere prudentiam eius et praedicationis diasyrticae strophis in scholis saepe lusisse..."

de língua hebraica, com quem Jerônimo havia-se formado na língua que lhe permitiria empreender a tradução da Sagrada Escritura do hebraico para o latim. Rufino teria acreditado que o nome do mestre de Jerônimo seria mesmo Barrabás, e não Baranina como, de fato, era. Jerônimo atribui o fato de Rufino acreditar que o nome do mestre que Jerônimo conhecera no deserto era, de fato, Barrabás à carranca que Rufino reveste ao exibir uma seriedade caricatural, talvez apropriada a um "filósofo"[36], termo que soa satiricamente no discurso de Jerônimo, já que, diante de tantos termos desqualificadores para a caracterização de Rufino, o termo não poderia ser tomado denotativamente, uma vez que acompanha uma visão irônica do diatribista em relação ao opositor Rufino.

2.3. Os gêneros aristotélicos na *Apologia de Jerônimo contra Rufino*

O *genus iudiciale*, gênero judiciário, constitui um dos três gêneros da Retórica, segundo a classificação proposta por Aristóteles em sua Arte Retórica, ao lado do *genus demonstratiuum*, gênero demonstrativo, e do *genus deliberatiuum*, gênero deliberativo. Segundo pudemos verificar na obra de Quintiliano, as *Instituições Oratórias*, as classificações para os gêneros da retórica não revelavam acordo entre os teóricos antigos quanto às funções discursivas que cada classificação abrangia.[37] Anaxímenes, segundo Quintiliano, reconhecia apenas dois gêneros, o judiciário e o deliberativo, mas apontava sete espécies diferentes(de funções, ou até mesmo atos de fala, assim poderíamos classificar segundo referencial teórico moderno): aconselhar, dissuadir, elogiar, censurar, acusar, defender e fazer sondagens, funções que se distribuíam entre os gêneros acima citados. Protágoras, por sua vez, reduzia a retórica a quatro partes: interrogar, responder, ordenar e rogar. Platão, no diálogo O sofista, acrescenta à classificação de gênero judiciário e gênero deliberativo o gênero da conversação, apropriado à conversa particular, no qual têm particular importância os elementos da dialética. O relato de Quintiliano tem para nós importância, pois nos apresenta aspectos controversos de uma arte tão antiga quanto o homem e que traz em si a dificuldade de estabelecermos, para essa arte, definições univocamente correspondentes.

[36] São Jerônimo, *Apologia*, p. 36: "...Audio praeterea te quaedam de epistula mea, philosophe, carpere et, hominem rugosae frontis adductique supercilii, plautino in me sale ludere, eo quod Barabban iudaeum dixerim praeceptorem meum..."

Enquanto o gênero demonstrativo ocupa-se do elogio e da censura, e o gênero deliberativo, por sua vez, do aconselhamento acerca do que seja útil ou não, o gênero judiciário tratará as questões em seus aspectos de justo ou injusto, indagando das ações humanas, que são objeto de acusação ou defesa, o devido mérito e as apreciações dos fatos.

2.3.1. O *genus iudiciale*

A cena que se evoca neste gênero é o tribunal, lugar em que estão presentes juízes, advogado e réu, os quais comparecem em sessão marcada para que se proceda a um julgamento de determinada causa, momento no qual se acusa alguém de culpabilidade diante de uma determinada questão ou se defende alguém diante de uma acusação pré-existente em relação também a uma questão. Essa situação constitui a cena exemplar e dá todos os modelos discursivos do gênero. O gênero judiciário, tal como no-lo descreve Aristóteles, não se restringe, porém, apenas ao ambiente e ao contexto forenses, evocados aqui como elementos típicos, geradores da prática deste tipo de discurso, e sendo exemplares deste gênero apenas os discursos forenses como os de Lísias, Demóstenes, Tucídides, Ésquines, Salústio ou Cícero, mas vemos traços deste gênero também em outros gêneros de obras literárias. Tomaremos como exemplo Édipo-Rei, de Sófocles, pelo fato de assistirmos aí a uma busca sistemática, por parte de Édipo, da causa de todas as calamidades que assolam o reino, onde ele exerce seu poder real, e o julgamento que o célebre personagem dispensa, ao final da investigação, à situação geradora das calamidades.[38] Em pleno século XXI, na prática diária da comunicação a mídia, por exemplo, ainda que não se apele para o aparato forense, reserva um espaço a considerações éticas; quando isto não acontece, costuma-se tecer, ainda que minimamente, considerações avaliativas sobre aquilo que se veicula como fato acontecido.

São importantes como elementos de análise do gênero judiciário aqueles apontados por Aristóteles nos capítulos X e capítulos XII a XV do Livro I de sua *Arte Retórica*. O capítulo X traz-nos as sete causas a que se reduzem todas as ações humanas: acaso, natureza, coação, hábito, reflexão, ira, desejo. O capítulo XII trata da pessoa que comete injustiça e quais situações poderiam encobrir os atos considerados injustos perante a

[37] Quintiliano, *Inst. Orat*., livro III, capítulo IV.

lei e a sociedade, o modo pelo qual são executados tais atos e a quem estes atos vêm prejudicar. O capítulo XIII define as leis que os atos injustos vêm infringir, seja o caso das leis naturais, que abrangem um número maior de países e culturas, porque, ainda que não sejam escritas, fazem parte do consenso entre os homens daquilo que seja a condição ética mínima que se espera do ser humano, seja o caso das leis escritas, variáveis para cada sociedade e sujeitas às convenções e valores culturais de cada pólis. O capítulo XIII discute o conceito de eqüidade, conceito que não se conforma sempre às disposições da lei escrita, as quais tendem a generalizar, em suas formulações, uma gama variada de casos ou deixar outros em estado de omissão. O capítulo XIV diz-nos o meio de se conhecer se uma ação é mais justa que outra. O capítulo XV enumera as provas peculiares ao gênero judiciário, em número de cinco: as leis, as testemunhas, os contratos, as confissões obtidas por tortura, o juramento. Em termos de definição genérica, os elementos apontados nesses capítulos da obra citada de Aristóteles dão conta da visão descritiva desse teórico para o *genus iudiciale*, do qual podemos detectar a presença na constituição do texto da Apologia de Jerônimo contra Rufino. Acrescentaremos a esses elementos as classificações das questões e os quatro "*status*" (*status coniecturae, status finitionis, status qualitatis*, *status translationis*), conceitos que tomanos de empréstimo a Heinrich Lausberg.[39]

Esta parte que ora analisamos constitui o ponto nevrálgico do texto da *Apologia*. Jerônimo responde, em sua própria defesa, a uma série de acusações, que podemos identificar com o conluio com as doutrinas origenistas, então condenadas oficialmente como heréticas, a partir do ano 400, pelo papa Anastásio, e que constituem a principal preocupação para ambos os antagonistas de esquivarem-se destas doutrinas e livrarem-se do estigma que as mesmas representam para as concepções teológicas daquele momento; acusa, também, o ex-amigo Rufino a Jerônimo de hipocrisia, perjúrio e blasfêmia, dependendo estas três acusações do problema das doutrinas origenistas, as quais estão na origem de todas as outras acusações.

Podemos recuperar na obra de Jerônimo vários elementos do origenismo que se acham dispersos no *Epistolário*, no *Contra Iohannem Hierosolymitanum* e na *Apologia contra Rufinum*, elementos do origenismo que são apontados como erros de interpretação da

---

[38] Sófocles, *Édipo-Rei*, obra citada na bibliografia, p. 25 – "Como purificá-la(Tebas)? De que mal se trata?
[39] Lausberg, H. *Manual de Retórica Literaria*. Madrid: Gredos, 1990.

Escritura por parte do mestre Orígenes, o qual, segundo S. Jannaccone[40], interpreta platonicamente a Escritura em diversos pontos, que elencaremos a seguir.

O primeiro ponto é o subordinacionismo que consiste na desigualdade de poderes entre as três pessoas da Santíssima Trindade, estando umas subordinadas às outras; tal erro de doutrina acha expressão no fato de que "o Filho não pode ver o Pai e o Espírito Santo não pode ver o Filho"[41], ou que "o Filho e o Espírito Santo são serafins"[42], numa interpretação alegórica de uma visão do profeta Isaías[43], manifestando clara subordinação do Filho ao Pai e do Espírito Santo ao Filho. O subordinacionismo aparece claramente formulado no segundo livro da Apologia[44] quando Jerônimo alude à má doutrina de Orígenes que atribui ao Filho *status* de criatura, ao Espírito Santo o de servo. A Igreja daquele tempo reagia ao subordinacionismo por meio dos vários concílios, entre eles o de Nicéia, tendo sido realizado em 325, o qual estabeleceu que o símbolo apostólico deveria conter a expressão "*homoousios*" ou "*consubstantialis*" como uma reação ao subordinacionismo que se podia detectar na heresia de Ário que, por sua vez, mais tarde Jerônimo atribuirá a Orígenes a paternidade da heresia ariana. Jerônimo alude em sua *Apologia* ao texto da *Apologia de Orígenes*, traduzido para o latim por Rufino, onde se diz que "o Filho é servo do Pai e o Espírito Santo não é da mesma substância do Pai e do Filho"[45]

O segundo ponto é o que atribui a origem das almas humanas à queda dos anjos e que sustenta que as almas são relegadas nesse corpo como se fossem atiradas em um cárcere. Antes mesmo que o homem estivesse no Paraíso, as almas ficavam nos céus entre as criaturas racionais. Ora, entre as acusações anti-arianas de Jerônimo contra o bispo João de Jerusalém estão muitas teses origenistas e, entre essas, a de que as almas se acham encarceradas nos corpos[46] ou em suas invectivas contra Rufino a tese de que as criaturas racionais revestem-se de outros corpos[47], que os anjos transformam-se em almas humanas[48] ou que as almas dos

---

[40] JANNACCONE, S. La genesi del cliché antiorigenista e il platonismo origeniano del Contra Iohannem Hierosolymitanum di San Girolamo. **Giornale Italiano di Filologia** 17, p. 14-28, 1964.
[41] MIGNE, J.-P., *PL XXIII*, *Contra Ioh. Hieros.*, cap. 7: "non possit Filius uidere Patrem, Spiritus sanctus non possit uidere Filium".
[42] São Jerônimo, *Epístola 61*: "Filium et Spiritum sanctum seraphin esse"
[43] Isaías 6, 2.
[44] São Jerônimo, *Apologia*, p. 132: "Dei Filium creaturam; Spiritum sanctum ministrum"
[45] Jerônimo, *Apologia*, p. 140: "...Filium Patris ministrum; Spiritum Sanctum non de eadem Patris Filiique substantia..."
[46] MIGNE, J.-P., *PL XXIII*, *Contra Ioh. Hieros.*, cap. 7: "...in hoc corpore quasi in carcere sint animae religatae..."
[47] São Jerônimo, *Apologia*, p. 56: "...rationabiles creaturas aliis atque aliis uestire corporibus..."

homens caíram do céu[49]. Aqui se verifica uma clara filiação das teses origenistas citadas às concepções platônicas.

O terceiro ponto é a apocatástase ou a redenção do Diabo e dos demônios, os quais farão penitência e reinarão juntamente com os anjos no fim dos tempos, em um completo igualamento dos diferentes estados em questão – os anjos e os demônios. A epístola 51 traz-nos a menção de que o diabo voltará a ser novamente aquilo que foi um dia.[50] No *Contra Iohannem Hierosolymitanum*, alude Jerônimo à tese origenista de que farão penitência o diabo e os demônios e que reinarão no fim dos tempos.[51] Em sua *Apologia*, Jerônimo alude ao igualamento dos demônios e dos anjos[52] que a todos reduz a uma única condição[53].

O quarto ponto da doutrina origeniana é a interpretação alegórica das túnicas de pele como os corpos humanos de que se revestiram Adão e Eva depois da culpa e da expulsão de ambos do Jardim do Éden. Com certeza, por essa interpretação, descarta-se a possibilidade de que Adão e Eva tenham estado providos de carne, nervos e ossos no Paraíso.[54]

O quinto ponto nega abertamente a ressurreição da carne, a reunião dos membros, o sexo pelo qual os homens distinguem-se das mulheres e nega também que isto esteja presente tanto na interpretação do primeiro salmo quanto em muitos outros tratados.[55] Em sua *Apologia* Jerônimo menciona a tese de Orígenes segundo a qual a ressurreição dos corpos humanos aconteceria sem que os corpos tivessem os mesmos membros, pois estes não teriam nenhuma utilidade se as funções vitais humanas cessassem de existir.[56]

O sexto ponto do origenismo é aquele pelo qual se alegoriza a tal ponto o Paraíso que se chega a suprimir a verdade histórica, entendendo-se pelas árvores os anjos, e pelos rios

---

[48] São Jerõnimo, *Apologia*, p. 132: "...angelos uersos in animas hominum..."
[49] São Jerônimo, *Apologia*, p. 140: "...animas hominum lapsas esse de caelo..."
[50] São Jerônimo, *Epístola 51*: "...diabolum id rursum futurum esse quod fuerit..."
[51] MIGNE, J.-P., *PL XXIII*, *Contra Ioh. Hieros.*, cap. 7: "...et diabolum et daemones acturos paenitentiam et regnaturos..."
[52] São Jerônimo, *Apologia*, p. 140: "...in restitutione omnium aequales et angelos et daemones fore..."
[53] São Jerônimo, *Apologia*, p. 132: "...in restitutione omnium angelos, diabolum unius condicionis fore..."
[54] MIGNE, J.-P., *PL XXIII*, *Contra Ioh. Hieros.*,cap. 7: "...quod tunicas pelliceas humana corpora interpretetur, quibus post offensam et eiectionem de paradiso induti sint, haud dubium qui ante in paradiso sine carne, neruis et ossibus fuerint..."
[55] MIGNE, J.-P., *PL XXIII*, *Contra Ioh. Hieros.*, cap. 7: "...quod carnis resurrectionem membrorumque compagem, et sexum quo uiri diuidimur a feminis, apertissime neget: tam in explanatione primi psalmi, quam in aliis multis tractatibus."
[56] São Jerônimo, *Apologia*, p. 132: "...resurrectionem nostrorum corporum sic futuram ut eadem membra non habeant, quia cessantibus membrorum officiis, superfluo membra reddantur..."

as virtudes celestes, subvertendo-se assim, com a interpretação tropológica, ou seja, baseada no sentido figurado de todos os conteúdos do Paraíso.[57]

O sétimo ponto que compõe o rol de erros da doutrina origenista informa-nos que as águas que se encontram acima dos céus são as Virtudes santas e superiores e as que estão sobre e sob a terra são forças adversas e demoníacas.[58]

O oitavo ponto consiste na perda por Adão da imagem e semelhança de Deus, tendo sido essa imagem e semelhança de Deus concedida a Adão quando da criação e tendo sido esta semelhança irremediavelmente perdida no momento da saída do Paraíso.[59]

O nono ponto repousa sobre o encadeamento dos numerosos mundos, mencionados por Jerônimo em sua *Apologia* em três passagens diferentes[60] e que Orígenes toma de empréstimo a Epicuro, ao passo que este, por sua vez, acredita na existência de mundos infinitos, pelo fato de ser infinita a quantidade de átomos a constituir um número infinito de mundos.[61] Benoît Jeanjean observa que "o epicurismo, juntamente com o platonismo e o pitagoricismo, são as correntes filosóficas mais freqüentes na obra de Jerônimo, quando este assimila o que é herético a correntes filosóficas pagãs".[62]

Em menor incidência em sua *Apologia*, Jerônimo lembra a reiteração por parte de Orígenes da paixão de Cristo[63], a afirmação também de Orígenes sobre a preexistência da alma de Cristo[64] e a evanescência dos corpos espirituais.[65]

Deste modo, temos aqui os principais pontos do origenismo presentes não só na *Apologia de Jerônimo contra Rufino*, mas também em outros textos da extensa obra polêmica de São Jerônimo, não sendo o origenismo sempre o alvo direto das invectivas de nosso autor, uma vez que este também investe contra o arianismo, como no caso do *Contra Iohannem Hierosolymitanum*, texto em que o origenismo oculta-se sob uma nova face: a heresia ariana.

---

[57] MIGNE, *PL XXIII*, *Contra Ioh. Hieros.*, cap. 7: "...quod sic paradisum allegorizet, ut historiae auferat veritatem; pro arboribus angelos, pro fluminibus virtutes coelestes intelligens: totamque paradisi continentiam tropologica interpretatione subvertat."

[58] MIGNE, *PL XXIII*, *Contra Ioh. Hieros.*, cap. 7: "...quod aquas, quae super coelos in Scripturis esse dicuntur sanctas supernasque virtutes, quae super terram et infra terram, contrarias et demoniacas esse arbitretur."

[59] MIGNE, J.-P., *PL XXIII*, *Contra Ioh. Hieros.*,cap. 7: "...quod extremum obiicit, imaginem et similitudinem Dei, ad quam homo conditus fuerat, dicit ab eo perditam, et in homine post paradisum non fuisse."

[60] São Jerônimo, *Apologia*, p. 20; p. 56; p. 132: "de mundo uel intermundiis Epicuri", "innumerabiles mundos", "mundos innumerabiles sibi succedentes", respectivamente.

[61] O Epicurismo, obra citada na bibliografia, p. 51.

[62] JEANJEAN, B. , op. cit., p. 372.

[63] São Jerônimo, *Apologia*, p. 56: "...Christumque dicere saepe passum et saepius esse passurum..."

[64] São Jerônimo, *Apologia*, p. 132: "...animam Saluatoris fuisse antequam nasceretur ex Maria..."

Cabe-nos, agora, passar a tratar das acusações de ordem pessoal que Rufino dirige a Jerônimo, às quais este apresenta as suas defesas.

A dupla tradução do *Perì Archôn* (Tratado dos Princípios), de Orígenes, primeiramente por Rufino, na quaresma de 398, depois por Jerônimo, de 398 a 399, está na base dos conflitos entre os dois amigos em questão, Jerônimo e Rufino. A tradução de Rufino omitia passagens atribuídas a acréscimos feitos por hereges, segundo o testemunho da *Apologia* de Jerônimo[66], e segundo testemunho do próprio Rufino, o qual, no próprio prefácio à tradução do *Perì Archôn*, admitia a supressão de tais passagens, pelo bem e pelo proveito dos leitores latinos. Entretanto, parece-nos que Jerônimo não se teria implicado neste caso, não fosse uma menção a seu nome, no prefácio da tradução de Rufino, como excelente tradutor de Orígenes com grande quantidade de obras traduzidas[67], inclusive tendo sido algumas destas traduções feitas a pedido do papa Dâmaso. A menção a seu nome como "*frater et collega noster*" por parte de Rufino, bem como os elogios às excelentes qualidades de tradutor e prefaciador em referência a um trabalho de tradução de duas homilias do Cântico dos Cânticos, de Orígenes, realizada a pedido do papa Dâmaso, sendo essa menção e elogios evocados por Rufino feitos no sentido de justificativa de continuação de um trabalho que Jerônimo havia encetado em 382 e que prometia levar adiante, não são bem acolhidos por Jerônimo, pelo fato de este amigo ver aglutinado de uma só vez os elogios à sua admirável capacidade de tradução e a adaptação do texto traduzido a normas de ortodoxia católica. Este elogio, que a literatura especializada em São Jerônimo qualifica de perfídia[68], lança sobre a pessoa de Jerônimo uma acusação de heresia origenista, porque, por um lado, Rufino se gabava de sua capacidade de tradução e, portanto, admitia que Jerônimo tinha certa predileção por Orígenes. Por outro lado, Jerônimo tentava habilitar Orígenes como autor católico no Ocidente, onde este era pouco conhecido, à custa de alterações no texto para preservar os

---

[65] São Jerônimo, *Apologia*, p. 132: "...ipsaque corpora tenuia et spiritalia paulatim euanescere et in auram tenuem atque in nihilum dissipari..."

[66] O texto da Apologia de Jerônimo contra Rufino pressupõe, em muitas passagens, esta alegação. Jerônimo trata, em especial, desta alegação no primeiro livro da *Apologia*, § 6 da edição de P. Lardet.
Para reforçar sua defesa de que o próprio texto de Orígenes contém elementos heréticos, Jerônimo tratará da *Apologia de Orígenes*, traduzida em latim por Rufino, como uma falsa tese, falsamente atribuída ao mártir Pânfilo (vejam-se §§ 8-11 do I Livro e §§ 15-23 do II Livro). Os §§ 11-14 do III Livro retomam o mesmo assunto.

[67] CROUZEL, H. e SIMONETTI, M., op. cit., p.70: "...Qui cum ultra septuaginta libellos Origenis, quos homileticos appellauit, aliquantos etiam de tomis in apostolum scriptis transtulisset in latinum, in quibus cum aliquanta offendicula inueniantur in graeco, ita elimauit omnia interpretando atque purgauit, ut nihil in illis quod a fide nostra discrepet latinus lector inueniat..."

leitores latinos do contágio da heresia. Como Orígenes era um autor pouco conhecido em Roma, fato que não acontecia no Oriente (Palestina, Alexandria, Chipre, Grécia, etc.), onde se sabia havia décadas do teor herético das teses origenistas, a missão de Jerônimo soa-nos como reparação da própria imagem e restabelecimento de sua posição diante da objetividade dos fatos em relação às teses origenistas contidas no *Perì Archôn*, aos inúmeros fatos ligados às traduções deste texto, outros textos que Rufino tenha traduzido e que Jerônimo julga propício abordar em sua própria defesa e em defesa da objetividade dos fatos que ele alega. Tendo recebido de amigos que tinha em Roma cópia da tradução rufiniana do *Perì Archôn*, Jerônimo reage com uma tradução literal e sem cortes da mesma obra de Orígenes, enviando a sua tradução a Roma, juntamente com a epístola 84 de Jerônimo a Pamáquio e Marcela, na qual Jerônimo ataca a ortodoxia de Rufino e que será amplamente divulgada, e com a epístola 81, dirigida a Rufino, mas que não lhe será entregue. A publicação da obra em Roma causou memorável escândalo pelos conteúdos heréticos que expunha aos leitores, acusando o que teria sido uma fraude por parte de Rufino.

Passemos, então às acusações formuladas por Rufino ao seu ex-amigo Jerônimo e à defesa que este apresenta a cada uma dessas acusações.

A primeira acusação é de hipocrisia. A carta de Jerônimo que acompanhava a tradução do *Perì Archôn* por Jerônimo, dirigida expressamente a Rufino, não chegou às mãos do devido destinatário (epístola 81 do Epistolário de Jerônimo), enquanto que outra, a epístola 84 dirigida a Pamáquio e Marcela, foi a estes subtraída e o conteúdo da epístola chegou até Rufino. Este, por sua vez, interpretou como uma invectiva a epístola 84, devido aos vários pontos que Jerônimo abordava, dentre os quais estão a vinculação de Jerônimo com Orígenes, o origenismo em si, a questão do louvor e da imitação de Orígenes, a corrupção dos escritos origenianos por hereges.

A *Apologia contra São Jerônimo* em dois livros, de lavra de Rufino, lança mão das próprias palavras de Jerônimo para evidenciar a hipocrisia deste. Cita frase de uma epístola dele a Vigilâncio[69]: "Por meu intermédio, todos os latinos conhecem os bons pontos de Orígenes e ignoram os maus"[70]. Descrevendo a sua própria tentativa de dar a conhecer aos romanos apenas o lado católico de Orígenes, Rufino pergunta a si mesmo por qual motivo

---

[68] JEANJEAN, B., *Saint Jérôme et l'hérésie*, pp. 37-55.
[69] Epístola 61, 2.2 do Epistolário de Jerônimo.
[70] MIGNE, J.-P, *PL XXI* , col. 559: "...Per me Latini cognoscunt omnes Origenis bona et ignorant mala..."

haveria de ser censurado por alguém que procede de modo similar[71] e admira-se de que seja condenado por heresia, repentinamente, alguém que Jerônimo tinha por mestre da Igreja, havia tantos anos, além de se perguntar se se poderia declarar alguém herege.[72] Rufino critica duramente a Jerônimo por suas declarações na famosa epístola a Eustóquia sobre a virgindade[73], a qual deu aos pagãos uma oportunidade de citar a difamação que Jerônimo fez da Igreja[74] e mostra que Jerônimo ridiculariza viúvas, monges, diáconos, padres e até donzelas – e não o poupa. Rufino suplanta a alegação de Jerônimo de ter sido aluno de Dídimo de Alexandria, a partir de então rotulado como herege, ao afirmar que fora aluno dele por períodos de seis e dois anos, enquanto Jerônimo fora aluno de Dídimo por um único mês.[75] Segundo Rufino, a cidade de Roma concorda em condenar Orígenes, porque Roma não pôde suportar a glória de sua eloqüência e conhecimento.[76] O capítulo 29 do segundo livro da Apologia contra São Jerônimo traz uma descrição desqualificadora do oponente de Rufino: a língua que deita a paixão adestrada, apenas a contestação humana no coração, apenas a inveja e o ciúme em mente, sendo Jerônimo um sujeito inominável e inatacável.[77]

Em resposta a esta acusação de hipocrisia, Jerônimo defende-se em sua *Apologia* acusando "um novo gênero de malícia" no procedimento de Rufino, quando este fez circular em um grupo restrito obras dirigidas em desfavor de Jerônimo. Assim, Jerônimo questiona: "...Se o que ele escreve é verdade, por que temer o público? Se é falso, por que escrever?"[78] Jerônimo censura o ataque por parte de Rufino depois que se haviam reconciliado. E diz que,

---

[71] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 559: "...Quid, quaeso te, sceleris admisimus, si fecimus quod fecisti? Si tamen nefarium est uti exemplis tuis, de te ipse, quid judicas..."

[72] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 560: "...Et haec est tua tanti magistri gravitas, ut eum quem in aliis laudas, condemnes in aliis, et quem in Praefationibus tuis alterum post Apostolos Ecclesiarum magistrum dixisti, nunc haereticum dicas..."

[73] *Ep. 22* do Epistolário de Jerônimo.

[74] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 587: "...Et posteaquam speciatim non tam vitia quam crimina Sacerdotum, vel ministrorum exprobans, etiam ingressum eorum et salutationes ad matronas, non solum decoloravit, verum etiam exsecrabilem fecit: quomodo posteaquam omne genus Christianum conscidit et infamavit, sibi quoque non parcat ipse, audite.

[75] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 594: "...Et omnis ista jactantia in uno mense quaesita est. Ego qui sex annis Dei caussa commoratus sum, et iterum post intervallum aliquod, aliis duobus, ubi Didymus, de quo tu solo te jactas..."

[76] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 600: "...in damnationem ejus consentit urbs Roma. Ipsa contra hunc cogit Senatum, non propter dogmatum novitatem, non propter haeresim, ut nunc adversum eum rabidi canes simulant, sed quia gloriam eloquentiae et ejus scientiae ferre non poterant, et illo dicente, omnes muti putabantur..."

[77] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 609: "...exercitata libido versatur in lingua, sola in corde humana contentio, sola invidia et livor in mente...Ignosce mihi, quod nesciebam te innominabilem et incompellabilem nominari."

[78] São Jerônimo, *Apologia,* p. 6-8: "...Nouum malitiae genus: accusare quod prodi timeas, scribere quod occultes. Si sunt uera quae scripsit, cur publicum metuit? Si falsa, cur scripsit?"

em atenção a uma carta de Pamáquio[79] resolveu levar a cabo uma tradução correta e sem cortes do *Perì Archôn*, seja para mostrar que Orígenes era um herege e para desacreditar uma tradução que carecia de credibilidade, especificamente a de Rufino.[80] Quanto ao mestre Dídimo, Jerônimo declara-o abertamente defensor de Orígenes.[81] À menção por parte de Rufino de uma expressiva quantidade de obras de Orígenes traduzidas por Jerônimo, alegada como uma espécie de conluio de Jerônimo com o autor traduzido, Jerônimo opõe o seu cuidado de evitar escândalos, ao passo que "a temeridade de Rufino tornou-o célebre com uma obra apenas".[82] Jerônimo também ataca a utilização por parte de Rufino, para sustentar sua defesa, do texto da *Apologia de Orígenes*, atribuindo o mesmo falsamente ao mártir Pânfilo, e não a Eusébio de Cesaréia, líder dos arianos, quando, por testemunho do próprio Eusébio, o mártir Pânfilo nada escrevera.[83]

Quanto à tradução do *Perì Archôn*, já abordamos o problema da tradução com cortes e correções, por um lado, e uma tradução literal e sem cortes, por outro lado, sendo a segunda tradução, aquela realizada por Jerônimo, capaz de restabelecer o real teor do texto grego, seja em aspectos lingüísticos, seja em aspectos dogmáticos, além da capacidade de exercer diretamente um papel disciplinar e crítico sobre o modo da manipulação, da interpretação, da difusão dos textos e, indiretamente, controlar e atacar o "veneno" da heresia. Jerônimo responde à alusão de Rufino a Dídimo, lembrando o fato de que a heresia pode existir parcialmente em cada indivíduo, e que ele próprio havia traduzido de Dídimo, a pedido do papa Dâmaso, uma obra sobre um tema da Trindade, aspecto em que ele não era herético[84]; do mesmo modo, Orígenes exercia grande admiração em Jerônimo; assim este o reconhecia, pelo seu grande conhecimento da Sagrada Escritura, mas Jerônimo sabia apartar suas doutrinas heréticas de sua profunda admiração pelo grande exegeta.

O tom do terceiro livro da *Apologia de Jerônimo contra Rufino* atesta, de certa forma, uma superação da acusação de hipocrisia por parte de Rufino, a começar pela interpelação de "*uetustissime monachorum, bone presbyter, imitator Christi*" dirigida a

---

[79] Epístola 83 do Epistolário de Jerônimo.
[80] São Jerônimo, *Apologia*, p. 22: "...Duplex in opere meo utilitas fuit, dum et haereticus auctor proditur, et non uerus interpres arguitur..."
[81] São Jerônimo, *Apologia,* p. 20: "...qui Origenis apertissimus propugnator est..."
[82] São Jerônimo, *Apologia*, p. 24: "...Tu ad primum et solum opus, ignotus prius, temeritate factus es nobilis..."
[83] São Jerônimo, *Apologia*, p. 28: "...Defensor Origenis et laudator Pamphili dicit Pamphilum nihil omnino scripsisse, nec proprii quicquam condidisse sermonis..."
[84] São Jerônimo, *Apologia*, p. 142: "...Quid respondebis pro Didymo, qui certe in Trinitate catholicus est, cuius etiam nos de Spiritu Sancto librum in latinam linguam uertimus?"

Rufino no sentido de convocá-lo a ouvir de Jerônimo as suas razões. Em atenção aos conselhos do bispo Cromácio de manter-se calado e vencer o mal pelo bem, Jerônimo ter-se-ia mantido tranqüilo, mas alega ter sido forçado a replicar, por ter recebido de Rufino ameaça de morte[85], de modo que seu silêncio não parecesse de sua parte uma confissão de culpabilidade e que Rufino não interpretasse sua docilidade como sinal de má consciência. Apresenta então Jerônimo seu real dilema: se se cala, é criminoso; se responde, é maledicente[86]. Em um parágrafo tomado por um tom patético, Jerônimo propõe que ele e Rufino se perdoem: que Rufino compreenda por que Jerônimo em sua juventude encantou-se pela erudição de Orígenes, antes que estivesse ciente da heresia de que este estava impregnado; Jerônimo então compreenderá por que Rufino escreve uma defesa dos livros de Orígenes, quando Rufino já está de cabelos brancos.[87]

A segunda acusação de Rufino contra Jerônimo é de perjúrio. Rufino refere-se ao trigésimo parágrafo da Epístola 22, de Jerônimo a Eustóquia, datada de 384, sobre a virgindade, na qual Jerônimo narra um sonho que aparentemente teve durante um estado febril, provavelmente no deserto de Cálcis. Diante de um tribunal em que o juiz era o próprio Cristo, Jerônimo jura que não terá nem lerá mais textos profanos como Cícero, Plauto e outros que tanto amava[88]. Como peça literária, este texto representa uma encenação provável de um drama de consciência, não apenas pessoal de Jerônimo, mas extensivo aos homens daquela época, uma vez que reflete uma herança cultural que lhes é legada pela escola e que é pouco compatível com o que lhes exige a militância cristã, após o período escolar, em suas vidas adultas. Neste caso, Rufino acusa Jerônimo de ter quebrado seu juramento solene diante do senhor[89] e de ter voltado não somente a ler como também citar estes autores[90], lembrando que

---

[85] São Jerônimo, *Apologia*, p. 218: "...Sed quia minaris interitum nisi tacuero, respondere compellor, ne uidear tacendo crimen agnoscere, et lenitatem meam malae conscientiae signum interpreteris..."

[86] São Jerônimo, *Apologia*, p. 218: "...Hoc est uerum dilemma tuum, non ex dialectica arte quam nescis, sed ex carnificum officina et meditatione probatum: si tacuero, criminosus ero; si respondero, maledicus..."

[87] São Jerônimo, *Apologia*, p. 238: "...Ignosce mihi quod Origenis eruditionem et studium Scripturarum, antequam eius haeresim plenius nossem, in iuuenili aetate laudaui, et ego tibi dabo ueniam quod apologiam librorum eius cano scripseris capite..."

[88] São Jerônimo, *Ep. 22, 30*, op. cit., p. 244: "...mentiris, ait, ciceronianus es, non Christianus, ubi thesaurus tuus, ibi et cor tuum..."

[89] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 588: "...inter verbera et cruciatus jurat se saeculares libros nec habiturum unquam, nec lecturum. Relegantur nunc, quaeso, quae scribit, si una ejus Operis pagina est, quae non eum iterum Ciceronianum pronuntiet, ubi non dicat: sed Tullius noster, sed Flaccus noster, sed Maro. Jam vero Chrysippum et Aristidem, Empedoclem, et caetera Graecorum auctorum nomina, ut doctus videatur, et plurimae lectionis, tanquam fumos et nebulas lectoribus spargit..."

[90] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 589: "...Et nunc non solum legit et habet, non solum describit et comparat; verumetiam divinis eos verbis et sermonibus ecclesiasticae aedificationis interserit..."

a condenação pelo perjúrio não seria branda[91]. Cita Rufino o caso de Porfírio, o qual Jerônimo se vangloria de ter tido como iniciador e instrutor de Lógica, mas que, tendo tentado destruir a religião cristã tanto quanto lhe foi possível, é um inimigo especial de Cristo e Porfírio seria um autor de que se deveria evitar a menção por muitas razões[92]. Rufino acrescenta o testemunho segundo o qual Jerônimo empregava escribas em seu próprio mosteiro do Monte das Oliveiras para copiar manuscritos pagãos[93], investindo nisso mais dinheiro do que na cópia dos manuscritos sagrados, e ensinava os clássicos aos alunos em Belém em vez de iniciá-los ao temor de Deus.

Como defesa da acusação de perjúrio, Jerônimo retoma o texto de sua epístola e afirma que o compromisso refere-se ao futuro, mas que não suprime a memória do passado[94] e que, dentre outras coisas, as recordações da infância permanecem vivas, inapagáveis na memória[95], de modo que lhe seria necessário beber da correnteza do Letes para que não fosse acusado de saber o que aprendera[96]. Dentre as coisas que aprendera, Jerônimo cita conceitos de Dialética, que não chegou a utilizar, mas que não esqueceu, uma vez tendo aprendido. Jerônimo desafia a Rufino quando põe em dúvida que Cícero não seja sua leitura quotidiana, pois não conhece outro alimento para o cultivo da boa expressão em língua latina.[97] Jerônimo aponta também para o fato de que os sonhos não são consistentes e dignos de fé[98] e que, antes de fazer tal acusação de perjúrio de promessas feitas em sonho, deveria Rufino lembrar-se de cumprir as promessas do batismo e cumprir as exigências do nome de monge[99]. Reforçando sua defesa contra a vã acusação de Rufino, Jerônimo evoca a situação do sexto epodo de

[91] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 590: "...tamen quia de anima hominis res agitur, de perjurii crimine denegationis Christi sacrilegio, non potest facilis haberi condemnatio..."
[92] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 590: "...Si nihil aliud, vel de Porphyrio silere debuerat..."
[93] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 591-592: "...Mihi quoque ipsi aliquando cum de Bethlehem Jerosolymam venisset, et codicem secum detulisset, in quo erat unus Dialogus Ciceronis, et idem ipse Graecus Platonis, quod dederit ipsum codicem, et aliquandiu fuerit apud me, nullo genere negare potest..."
[94] São Jerônimo, *Apologia*, p. 82: "...de futuro sponsio est, non praeteritae memoriae abolitio..."
[95] São Jerônimo, *Apologia*, p. 82: "...memini me puerum cursasse per cellulas seruulorum, diem feriatum duxisse lusibus et ad Orbilium saeuientem de auiae sinu tractum esse captiuum. Et quo magis stupeas, nunc cano et recaluuo capite saepe mihi uideor in somnis, comatulus et sumpta toga, ante rhetorem controuersiolam declamare; cumque experrectus fuero, gratulor me dicendi periculo liberatum.."
[96] São Jerônimo, *Apologia*, p. 84: "...Bibendum igitur mihi erit de lethaeo gurgite, iuxta fabulas poetarum, ne arguar scire quod didici..."
[97] São Jerônimo, *Apologia*, p. 84: "...Aut ego fallor, aut tu Ciceronem occulte lectitas et ideo tam disertus es..."
[98] São Jerônimo, *Apologia*, p. 86: "...Quotiens uidi esse me mortuum et in sepulchro positum!..."
[99] São Jerônimo, *Apologia*, p. 88: "...Fecistine omnia quae in baptismate promisisti? Quicquid monachi uocabulum flagitat, nostrum uterque compleuit?..."

Horácio[100], dizendo a ele que, tão inutilmente quanto fazia o personagem do poema, Rufino estava a enfrentar alguém mais forte, "com chifres".[101]

A terceira acusação de Rufino contra Jerônimo é de blasfêmia. Esta acusação recobre o estilo literário de Jerônimo, muito jocoso segundo Rufino, seguindo as recomendações horacianas de unir o útil ao agradável[102], e também a rejeição, por parte de Rufino, da tradução da *Vulgata*, diretamente dos originais hebraicos para o latim, iniciativa inédita até então, quando todas as outras traduções tomavam a edição grega do Antigo Testamento, os Setenta ou *Septuaginta*, por ponto de partida. Alegando que os corpos que haveriam de ressurgir ressurgiriam em virtude e glória, Rufino admite que o contrário só haveria de acontecer se Jerônimo tivesse buscado entre alguns judeus uma nova lei para a Igreja[103], num claro motejo à iniciativa do trabalho de tradução da Bíblia para o latim empreendido por Jerônimo. Levando mais adiante o motejo, Rufino transforma o nome do mestre do professor de hebraico de Jerônimo, Baranina, assimilando-o ao nome por todos conhecido do ladrão libertado em lugar de Jesus, Barrabás; com essa assimilação, fica clara a rejeição de uma nova tradução e o apego sentimental à edição grega dos Setenta[104]. Rufino demonstra acreditar na lenda segundo a qual a empresa de traduzir o Antigo Testamento para o grego, a qual nos deu como resultado a famosa edição da *Septuaginta*, fez reunir 72 homens em celas diferentes, trabalhando separadamente e chegando a um único texto, resultado idêntico que tem por função atestar o caráter da sacralidade de tal edição, da qual não se deve duvidar, enquanto que o trabalho de um único tradutor não teria semelhante autoridade[105]. Rufino rejeita, pois, o trabalho de tradução empreendido por Jerônimo, dispensável, a seu ver,

---

[100] A princípio, o sexto epodo traça certo apólogo do bom e do mau cão para, em seguida, aquele que se identifica com o 'eu' do poema ameaçar com seus chifres preparados para atacar, os quais seriam um emblema consagrado da força de resolução.

[101] São Jerônimo, *Apologia*, p. 88: "...Hoc unum denuntio, et repetens iterum iterumque monebo: cornutam bestiam petis..."

[102] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 546: "...Verum quoniam in hoc loco cum de resurrectione carnis argueret, ut ei mos est, miscuit seriis ridicula et ludicra, dicens: 'Mulieres quasdam de nostris, mammillas suas tenentes, vel laeves contrectantes genas cum plausi femoris et ventris dicere solere, quid nobis prodest ressurectio, si corpus iterum fragile resurget? Futurae Angelorum similes, Angelorum habebimus et naturam'..." O fragmento de Horácio em questão é o verso 343 da *Ars poetica*: "Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci".

[103] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 546: "...Tu hoc unde nunc profers? Nisi forte a Judaeis aliquibus nova nunc lege promulgatur Ecclesiae, ut etiam ista discamus..."

[104] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 595: "...Ignosce mihi pro hoc quod malui ante imperitus et indoctus videri, quam Barrabae discipulus dici.

[105] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 612: "...De quo ut omittam illud dicere, quod Septuaginta duorum virorum per cellulas interpretantium unam et consonam vocem, dubitandum non est, Spiritus Sancti inspiratione prolatam, et maioris id debere esse auctoritatis, quam id quod ab uno homine, sibi Barraba aspirante, translatum est..."

para a Igreja, tendo esta passado quatro séculos sem uma versão latina para a Sagrada Escritura, pelo menos sem uma versão de boa qualidade literária, como a que Jerônimo apresentou e que representou um marco na literatura ocidental; questionável, para Rufino, em muitos pontos, sobretudo se se der atenção às ironias e imagens depreciativas, empregadas por Rufino para desqualificar seu trabalho[106].

Como réplica à acusação de blasfêmia, Jerônimo reage primeiramente ao motejo a respeito do nome de seu mestre de hebraico, Baranina, dizendo que lhe parece ser habitual em Rufino proceder de tal forma, já que se observou a troca do nome de Eusébio pelo mártir Pânfilo.[107] Jerônimo deplora uma carta, de que tomou conhecimento por intermédio de Eusébio, a qual circulou entre bispos africanos e também lamenta que, sob seu nome, alguém escrevera uma manifestação de pesar por ter sido induzido, em sua juventude, a traduzir para o latim os volumes hebraicos que, de verdadeiro, nada continham.[108] A edição dos Setenta não foi nem será desprezada por Jerônimo: ela esteve presente na recitação dos salmos, na explicação da Escritura na assembléia dos irmãos; por isso, causam espécie para Jerônimo depoimentos como os de Rufino, de apego irracional à edição grega dos Setenta e sua recusa injustificada da nova tradução[109], a qual tem o mérito de trazer uma nova maneira de relatar os fatos bíblicos, que tem algo a acrescentar à edição dos Setenta em termos de aspectos históricos[110] e também, por retornar aos originais hebraicos, pode recuperar muitos elementos que se perdem numa tradução, se não se recupera o texto em sua originalidade[111]. Em suma, propõe Jerônimo que se conheça e se leia primeiramente sua tradução para se ter um juízo equilibrado acerca do que se leu e que se evite conduzir-se por julgamentos apaixonados e esvaziados de critérios racionais.[112] É com razão, certamente, que se pergunta Jerônimo em

---

[106] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 611: "...An ut divinarum Scripturarum libros, quos ad plenissimum fidei instrumentum Ecclesiis Christi Apostoli tradiderunt, nova nunc et a Judaeis mutata interpretatione mutares?..."

[107] São Jerônimo, *Apologia*, p. 36-38: "...Nec mirum si pro 'Baranina', ubi est aliqua uocabulorum similitudo, scripseris 'Barabban', cum tantam habeas licentiam nominum mutandorum, ut de Eusebio Pamphilum, de haeretico martyrem feceris..."

[108] São Jerõnimo, *Apologia*, p. 168: "...in qua agerem paenitentiam et me ab Hebraeis in adulescentia inductum esse testarer ut hebraea uolumina in latinum uerterim, in quibus nulla sit ueritas..."

[109] São Jerônimo, *Apologia*, p. 170: "...O labores hominum semper incerti!..."

[110] São Jerônimo, *Apologia*, p. 176: "...nos, post passionem et resurrectionem eius, non tam prophetiam quam historiam scribimus..."

[111] São Jerônimo, *Apologia*, p. 182: "...Ad Hebraeos reuertendum est, unde et Dominus loquitur, et discipuli exempla praesumunt..."

[112] São Jerônimo, *Apologia*, p. 192: "...Legant prius et postea despiciant, ne uideantur non ex iudicio, sed ex odii praesumptione ignorata damnare..."

que sua tradução prejudicaria à Igreja[113], já que apóstolos e evangelistas usaram e citaram o texto original e nunca, ao que nos parece, como leitores modernos, teria discriminado, como um homem de cultura romana como Rufino, a cultura hebraica em suas expressões mais genuínas, como sua língua, por exemplo.

Terminamos aqui este tópico sobre o *genus iudiciale*. Não esqueçamos, todavia, de salientar a importância do papel do leitor romano, invocado por Jerônimo em sua *Apologia* no lugar de juiz, capaz de discernir pelo juízo crítico os fatos, os textos, as pessoas, as intenções e as idéias, bem como as diferentes versões em que tudo isso é apresentado: "*prudens lector iudicet*"!

2.3.2. O *genus demonstratiuum*

Nos dias de hoje, além de seu emprego na oratória forense, na oratória dos políticos, em discursos fúnebres, o discurso publicitário, nos meios de comunicação de massa, representa um exemplar deste gênero demonstrativo que, sobrevivendo aos séculos e ganhando novas funções na sociedade de consumo em que vivemos, neste século XXI, faz do produto anunciado objeto do elogio e enaltecimento por suas qualidades e propriedades e, para atender a esta finalidade, recorre a inúmeras formas, cores, sons para veicular a imagem positiva do produto que se quer incutir na mente do consumidor-alvo. Outrora, no século XVII, na França, Jacques-Bénigne Bossuet prodigalizou seu talento em numerosos panegíricos, peças por ele redigidas de teor sacro, nas quais enaltecia figuras históricas, na maior parte ligadas à história da Igreja ou à espiritualidade cristã, desenvolvendo o clássico gênero demonstrativo em uma utilização cristã, com a finalidade de edificação cristã, dentre outras finalidades. Em Roma dos tempos antigos, encontramos na obra ciceroniana um exemplar deste gênero, o *Pro Archia*, que nos traça, por meio da exaltação do ofício, a eminência daquele que tão dignamente o exercia, fazendo jus, então, ao que para ele requeria, com extrema maestria, nosso orador maior entre os latinos: que lhe fosse reconhecida sua cidadania romana, contestada por Graco.

[113] São Jerônimo, *Apologia*, p. 194: "...Quid nocet Ecclesiis nostra translatio?..."

O gênero demonstrativo atém-se ao elogio ou ao vitupério. Com este gênero, o discurso passa a ter sistematicamente um caráter exibitório, não requerendo do ouvinte uma decisão ou juízo, já que tal gênero não exige do público nenhuma decisão efetiva. Os assuntos que o discurso exibicionista pode aproveitar são os que mais se prestam para a exibição, quer dizer, os objetos belos. A exibição da oratória acha-se assim orientada para a beleza dos objetos ou assuntos: a beleza destes é o que se descreve e se louva. O elogio da beleza é a função básica da retórica epidíctica.

Ao elogio corresponde o seu contrário, o vitupério. Ao belo dá-se-lhe o elogio, ao feio vitupera-se. Quando se trata de algo verdadeiramente belo, o elogio que se lhe dispensa é um elogio sério. Mas pode-se aplicar elogios a objetos indignos, muitas vezes por zombaria. Há quatro graus de defendibilidade no elogio: em primeiro lugar, objetos inquestionavelmente merecedores de elogio, como Deus, por exemplo; em segundo lugar, outros males graves, como os demônios; em terceiro lugar, elogios que, em parte, são evidentemente dignos do elogio, em parte criticáveis, defendendo-se suas propriedades censuráveis de maneira parcial; em quarto lugar, elogio zombeteiro de objetos indignos do elogio como a morte, a pobreza, cachorro etc. Os principais afetos do *genus demonstratiuum* são o amor admirativo e o ódio ou o desprezo execrador.

O discurso epidíctico ou laudatório não ocorre independentemente, como ocorre na *funebris laudatio*, mas pode apresentar-se como parte de discursos de outros gêneros, como o gênero judiciário, como acontece no caso da obra de nosso interesse e análise, a *Apologia de Jerônimo contra Rufino*.

No gênero demonstrativo não se põe em dúvida a existência do objeto, o qual é certo que exista e, por esta razão, não faz sentido pôr em questão o *status coniecturae*, pelo qual se pergunta se ocorreu ou não ocorreu determinado fato. No gênero judiciário, pelo *status coniecturae*, pergunta-se, por exemplo, se alguém praticou determinada ação. Já o *status finitionis*, que trata da definição daquilo que foi praticado, e o *genus demonstratiuum* mantêm estreita relação e têm na descrição uma forma de definição construída e exornada com os recursos e meios do *genus demonstratiuum*. Quando se trata de elogiar ao homem, o curso de sua vida, definição da essência do indivíduo correspondente e definição pelas ações responsáveis realizadas, ocupa importante lugar. As descrições de uma vida no decorrer dela não podem ter caráter definitivo, a não ser após seu término. Aquele que ama e preza com

conhecimento íntimo o indivíduo que vai definir é o único que pode arriscar uma descrição definidora e formulá-la de modo que aquele de quem se faz a definição encontre expresso na definição seu verdadeiro ser. O *status qualitatis* tem por função fornecer uma demonstração detalhada do que seja o *honestum* e o que seja o *turpe.* O *status translationis* surgiria se o público manifestasse claramente ao orador sua incompetência real ou pusesse em dúvida seu direito de pronunciar um discurso epidíctico, e isto em virtude de sua vida anterior.

Examinando todos os elementos que compõem a questão do conflito entre os dois ex-amigos, ter-se-á uma idéia do modo como o elogio de Rufino a Jerônimo, presente no prefácio à tradução rufiniana do Tratado dos Princípios (*Perì Archôn*) que desencadeou a querela entre Jerônimo e Rufino, que recobre a segunda fase da controvérsia origenista, foi decisivo na deflagração de outros textos, como a tradução de Jerônimo do mesmo tratado de Orígenes, anteriormente traduzido por Rufino, e as apologias de um e de outro antagonista.

Podemos afirmar seguramente que o elogio dirigido a Jerônimo, no prefácio à tradução de Rufino, não poderia se sustentar como um elogio defensável, aquele que tem um objeto inquestionavelmente justo e benevolamente aceitável, de modo que o destinatário sentir-se-ia gratificado pelo reconhecimento justo, por parte de quem lhe tece o elogio, de um mérito objetivo, digno e reconhecido pelos valores da sociedade em que se acham inseridos o elogiador e o elogiado, sendo tal elogio causa do aumento da honra, do prestígio, da fama, além da alegria que o reconhecimento público pode proporcionar a quem recebe o elogio. Vejamos, pois, por qual motivo tal fato não acontece nos textos em questão.

Já expusemos no item deste capítulo sobre o *genus iudiciale* em que grau as doutrinas de Orígenes passaram a representar estigma na Igreja, a partir de 393, quando enumeramos os pontos de que se constituía o clichê antiorigenista, para cuja formação muito contribuiu o próprio Jerônimo em sua invectiva contra o bispo João de Jerusalém, no libelo *Contra Iohannem Hierosolymitanum*. Não é apenas para assegurar a continuidade de um trabalho iniciado por Jerônimo, como alega Rufino no citado prefácio[114], mas é também para invocar a Jerônimo como predecessor e modelo a imitar que Rufino menciona os trabalhos de tradução realizados por Jerônimo, alguns deles levados a cabo sob instância e autoridade do papa Dâmaso, de quem Jerônimo era secretário. Rufino menciona ter não apenas imitado a

---

[114] ORÍGENES, *Traité des Principes I*, p. 68: "...Nos ergo rem ab illo quidem coeptam sequimur et probatam, sed non aequis eloquentiae uiribus tanti uiri ornare possumus dicta..."

Jerônimo, mas declara ter seguido os próprios métodos de tradução deste[115], o qual teria aplainado o sentido do texto grego de modo que o resultado não contrariasse os dogmas de fé e que o leitor latino nada encontre de heterodoxo nos livros de Orígenes[116]. Este procedimento de alteração do sentido do texto original grego, que Rufino alega ter sido praticado por seu predecessor Jerônimo em suas traduções, seria utilizado com a finalidade de restabelecer a homogeneidade de um texto pretensamente interpolado, fato também alegado por Rufino em sua tradução do *De adulteratione*, tratado segundo o qual tudo o que havia de herético em Orígenes era resultado de acréscimos e interpolações de terceiros. Ora, o papel de modelo que Rufino atribui a Jerônimo passa a carregar consigo um quinhão de ambigüidade, pois descrevendo deste modo o trabalho de Jerônimo, a imagem de tradutor deste fica atingida pelo terrível estigma da falsidade, acrescida também de uma cumplicidade condenável com a heresia origenista, pelo fato de ocultar ao leitor o real pensamento de um autor herético, como se acobertasse, dessa maneira, o erro. Por ter sido a menção de Rufino suficientemente clara para tornar evidente a pessoa e a autoridade de Jerônimo, acreditamos que todos os acontecimentos posteriores a esse elogio tenham sido deflagrados por causa da ambigüidade desse elogio e da convicção que faz Jerônimo saber-se crítico e não-cúmplice do origenismo, o que gera, portanto, uma necessidade imperiosa de dissipar essa ambigüidade por parte de Jerônimo, como é nossa tarefa analisar em sua *Apologia,* e que alimentará, em muitos aspectos, sua palavra e as ações que realiza por palavras.

Após a publicação da tradução do *Perì Archôn,* feita por Jerônimo, a reação de Rufino, recobrindo vários tópicos, repousou também sobre o elogio endereçado a Jerônimo no citado prefácio, de que tratamos acima. Lamenta Rufino tê-lo louvado pela eloqüência e pela cultura, uma vez que Jerônimo "volta-lhe sua mordida de dente inesperado, causando-lhe dano, importunando um homem incapacitado de responder, que ele (Jerônimo) sabia que não podia fazê-lo com abundante recurso de eloqüência e refinada arte oratória, de modo que

[115] ORÍGENES, *Traité des Principes I*, p. 70: "...ut quantum fieri potest in interpretando sequar regulam praecessorum et eius praecipue uiri, cuius superius fecimus mentionem..."

[116] ORÍGENES, *Traité des Principes I*, p. 70: "...Qui cum ultra septuaginta libellos Origenis, quos homileticos appellauit, aliquantos etiam de tomis in apostolum scriptis transtulisset in latinum, in quibus cum aliquanta offendicula inueniantur in graeco, ita elimauit omnia interpretando atque purgauit, ut nihil in illis quod a fide nostra discrepet latinus lector inueniat..."

este que o queria lesado e ferido não parecesse ser nem lesado nem ferido"[117]. Além disso, a reação de Jerônimo, segundo Rufino, era a de "culpabilizar e vituperar ao mais leve rumor"[118].

Em sua *Apologia* Jerônimo refere-se àquele elogio do prefácio da tradução de Rufino como um elogio com conotação de acusação, portanto algo de que - admite - teve de repelir o aspecto dúbio e traiçoeiro[119] por meio da interposição de volumoso arrazoado em defesa de si próprio, já que acomodar-se ao silêncio seria aceitar o labéu da heresia. Em ambas as Apologias o tom acerbo se faz sentir logo em seguida àquele elogio, e os textos apologéticos de ambos os antagonistas passam a ser campos de acirrados vitupérios, sempre dirigidos à pessoa e às ideologias do outro, enquanto se pressupõe que o elogio acha-se investido favoravelmente a si próprio, partindo da pessoa que se defende para si mesma, contra as acusações pessoais e ideológicas que lhe faz o antagonista. Aqui poderíamos invocar os mesmos exemplos que apresentamos no segundo item deste capítulo, sobre a diatribe cínico-estóica, os quais poderiam caracterizar o vitupério, em muitos casos, e a simulação do elogio que, muitas vezes, se acha carregado de ironia e de hostilidade.

2.4. A Sátira

Os escritos de Jerônimo (as epístolas, a obra exegética, a obra polêmica, a obra homilética, a obra histórica) a todo momento trazem traços satíricos que importa tratar, seja pela freqüência das ocorrências em toda sua obra, seja pelo fato de tal traço evidenciar uma marca de sua personalidade e caráter. David S. Wiesen dedicou uma obra a esse tema que mencionamos em nossa bibliografia,[120] na qual estuda os diversos alvos da verve satírica de nosso autor, como a sociedade de seu tempo de modo geral, os costumes eclesiásticos e

[117] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 543: "...Neque, ut ait, verberanti dexteram maxillam offert alteram: sed palpanti et leviganti maxillam, morsum improvisi dentis infigit. Cum enim nos in eo et eloquentiam ac studium laudaverimus (interpretando dumtaxat ex Graecis) et fidei ejus numquam derogaverimus; ille utrumque in nobis damnat: et ideo veniam etiam ipse nobis concedat, si forte aliquid, aut asperius, aut incomptius dicimus: quia imperitum hominem ad respondendum lacessivit, quem sciret non posse per multam dicendi artem et eloquentiae copiam id agere, ut is quem laesum vellet ac vulneratum, nec vulneratus videatur esse nec laesus..."

[118] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 543: "...Hoc ergo eloquentiae genus ab ipso requiratur, qui ad culpandum seu vituperandum levi rumusculo commotus, velut quis censor accurrit..."

[119] São Jerônimo, *Apologia*, p. 8: "...Quod praeconem reppuli figuratum? Quod nolui me subdolo ore laudari? quod sub amici nomine inimici insidias deprehendi..."

[120] WIESEN, David S. *St. Jerome as a satirist*. A study in christian latin thought and letters. New York, Cornell University Press, 1964.

clericais, as mulheres e o casamento, os hereges, os judeus e os pagãos, seus inimigos pessoais, entre os quais Rufino; na sua conclusão analisa a visão da sátira pelo próprio Jerônimo. Nossa preocupação nesse tópico é levantar as ocorrências desse traço satírico no *corpus* literário que colocamos como objeto de análise.

Matthew Hodgart[121] assinala em sua obra alguns processos básicos na composição da sátira. Um deles é a técnica da redução de tamanho do alvo ou personagem ou grupo a ser atacado satiricamente, que pode dar-se de forma literal, como acontece na obra *As viagens de Gulliver,* de Swift, ou pelo despojamento da vítima de todos seus apoios de posição e classe social, para a qual a indumentária simboliza posição e classe social, mas que, uma vez desprovida da indumentária, revela-se a vítima ser mero mortal, sujeito a situações vergonhosas, torpes, sujas, a tudo que é próprio de um animal. A sátira, além dos aspectos da animalidade e até da mineralidade, interessa-se também pelo automatismo em que se acha imerso o ser humano, vindo a afigurar-se esse ser humano como homem-máquina, qualquer que seja o mecanismo de época e de sociedade e cultura em que se insira o ser humano em questão. Os satíricos mimetizam o automatismo de suas vítimas na cena teatral, pela imitação dos traços realísticos dos vícios, torpezas e indignidades em que se apresentam as vítimas da sátira. Utiliza-se também a paródia, procedimento pelo qual identificamos distorções com a presença de um "outro canto" (assim se definiria, etimologicamente, o termo grego "para-ode") sob as aparências de um texto ou canto ou um estilo que é tomado por modelo. Ainda também importante é a dessimbolização que consiste na destruição dos símbolos com a finalidade de advertir os homens quanto à má e indevida utilização dos mesmos, muitas vezes por tiranos e demagogos para fins injustos. As religiões são alvos propícios a este tipo de procedimento, devido à riqueza e complexidade de seus simbolismos. Por fim, a ironia que sempre deita abaixo a máscara das grandes pretensões humanas, expondo em sua crueza toda a realidade que se esconde sob intenções e ideais mais nobres. Northrop Frye lembra que "a sátira é a ironia militante"[122]: o satírico utiliza a ironia para fazer com que o leitor se sinta incomodado, para tirá-lo de sua complacência e convertê-lo em um aliado na luta contra a estupidez humana.

O gênero satírico assume, na *Apologia de Jerônimo contra Rufino*, a função de agudizar o retrato do adversário Rufino, desqualificando-o sensivelmente e acentuando seus

[121] HODGART, M., *La sátira*, p. 108-131.

vícios, sua ignorância, suas más qualidades, bem como os resultados a que podem conduzir algumas crenças heréticas que seu adversário Rufino defendia.

Jerônimo concentra no parágrafo 17 do Livro I de sua *Apologia* uma visão satírica de seu ex-amigo Rufino. Descreve Rufino como alguém que, em latim, guarda silêncio, por causa de uma ignorância que se assemelha à daquela serva de Euclião, Estáfila, no primeiro ato da peça *Aululária* de Plauto, momento em que Euclião ameaça espancá-la se ela não cumprir a sua obrigação de vigilância da casa, onde, a partir daquele momento Euclião ocultava seu tesouro. Estáfila, serva lenta no raciocínio e desprovida de inteligência, de quem Jerônimo evoca na citação retirada de Plauto o movimento que se assemelha a passos de tartaruga, carrega, com a imagem deste animal, a idéia de lentidão, de silêncio, de ignorância[123].

Lembrando a Rufino que o ofício das letras não tem nenhuma relação com o poder aquisitivo de quem as cultiva, uma vez que as mesmas exigem trabalho, jejum, continência e, a exemplo de Demóstenes[124], muitas vigílias noturnas, Jerônimo justifica seu aprendizado da língua hebraica como fruto e exercício desse ofício que requer muita atividade e disciplina por parte daqueles que o praticam. Jerônimo contrapõe a seu aprendizado trabalhoso a pompa da antonomásia "Aristarco de nosso tempo"[125], referindo-se a um símbolo da cultura grega, Aristarco de Samotrácia, que morreu por volta de 145 a.C. e que dirigiu a biblioteca de Alexandria e cujas recensões, sobretudo as de Homero, fizeram dele o tipo do crítico exigente. O pedido de desculpas, por parte de Jerônimo, de lembrar exemplos estrangeiros a quem "tanto se gaba de conhecer os gregos"[126], colabora com a antonomásia de "Aristarco de nosso tempo", mas percebe-se, por outro lado, que há aí um discurso irônico pela incompatibilidade entre o que faz Rufino – gabar-se de conhecer os autores gregos, a ponto de esquecer a própria língua – e a comparação de Rufino com a própria deusa Minerva, a quem Jerônimo recusa-se a instruir, na condição de "porco", ou a comparação de Rufino

---

[122] FRYE, N., *Anatomia da crítica*, p. 219

[123] São Jerônimo, *Apologia*, p. 48: "...Tu qui in latinis mussitas et testudineo gradu moueris potius quam incedis, uel graece debes scribere ut, apud homines graeci sermonis ignaros, aliena scire uidearis, uel si latina temptaueris, ante audire grammaticum, ferulae manum subtrahere et inter paruulos αθηνογερων, artem loquendi discere..."

[124] São Jerônimo, *Apologia*, p. 48: "...Demosthenes plus olei quam uini expendisse se dicit, et omnes opifices nocturnis semper uigiliis praeuenisse..."

[125] São Jerônimo, *Apologia*, p. 46: "...Aristarchus nostri temporis..."

[126] São Jerônimo, *Apologia*, p. 46: "...Praetermitto Graecos, quorum tu iactas scientiam..."

com uma grande floresta que, prescindindo que se lhe traga mais madeira, é como que a imagem de um eminente sábio que dispensa novos aprendizados.[127]

Nessa estocada contra Rufino, Jerônimo invoca seu cabedal de cultura satírica clássica. A princípio, as duas expressões proverbiais de que tratamos no parágrafo anterior – *sus Mineruam, ut aiunt, qui inepte Mineruam docet* e *in siluam non ligna feras* – tendo esta última citada por Horácio na décima sátira do Livro I, são retomadas no texto com uma vinculação clara a um propósito irônico da parte de Jerônimo. Este utiliza satiricamente uma passagem da III Écloga de Virgílio, comparando a incompetência do personagem-alvo de sua sátira à imperícia e à falta de talento daquele que, nas encruzilhadas, revelava incapacidade de bem tocar uma charamela.[128] Evoca também Jerônimo uma farça grosseira, o *Testamentum Grunnii Corocottae Porcelli*, que narra a história de um porco que deixa em herança a seus pais e amigos seus próprios membros, história que fornece a Jerônimo o apelido que ele vai impor a Rufino[129]. Evocando cenas de espetáculos públicos com falsos advinhos, em torno dos quais se aglomeravam pessoas, as quais participavam dos pequenos e prosaicos jogos dessa espécie de charlatães, Jerônimo cria a cena a que se poderia comparar os livros de um autor incapaz com sua ignorância, e os "imbecis" que o acompanham e rendem culto a tal espécie de mestre.[130]

Quanto às posições heréticas de Rufino quanto ao mundo que haverá de vir, Jerônimo declara ironicamente: "...isto é o que tememos mais: que pudéssemos chegar ao céu sem narizes ou orelhas, com ou sem nossas partes genitais amputadas e cortadas, e que, então, se construísse uma cidade de eunucos na Jerusalém celeste..."[131] Nessa amputação podemos ler a castração que Orígenes infligiu a si mesmo; ora o seguir a Orígenes traz consigo o prestar culto a um homem castrado, e, pela heresia, reproduzir, por assim dizer, várias cópias humanas do castrado Orígenes.

---

[127] São Jerônimo, *Apologia*, p. 46: "...Praetermitto Graecos, quorum tu iactas scientiam et, dum peregrina sectaris, paene tu sermonis oblitus es -, ne ueteri prouerbio sus Mineruam docere uidear et in siluam ligna portare..."

[128] São Jerônimo, *Apologia*, p. 50: "...Non tu in triuis, indocte, solebas stridenti miserum stipula disperdere carmen?..."

[129] São Jerônimo, *Epístola 125, 18, 2*: "...Testudineo Grunnius incedebat ad loquendum gradu et per interualla quaedam uix pauca uerba capiebat, ut eum putares singultire, non proloqui..."

[130] São Jerônimo, *Apologia*, p. 50: "...Cottidie in plateis fictus hariolus stultorum nates uerberat et obtorto scipione dentes mordentium quatit, et miramur si imperitorum libri lectorem inueniant?..."

[131] São Jerônimo, *Apologia*, p. 108: "...Scilicet hoc timuimus ne sine naso et auribus surgeremus, et amputatis sectisque genitalibus, eunuchorum in caelesti Ierusalem ciuitas conderetur!..."

No item 2 deste capítulo, em que estivemos a tratar da diatribe cínico-estóica, nós analisamos os elementos que compunham um retrato desqualificado do adversário. Ora, neste item sobre a sátira, seria possível evocá-los todos novamente, como exemplos de utilização do discurso satírico do autor, nos quais vemos a atuação do espírito irônico na destruição da carga simbólica de que se revestia talvez Rufino na sociedade romana em que vivia, na passagem do século IV para o século V, recebendo dela o culto que Jerônimo se incumbe de solapar com a desqualificação irônica de sua poderosa veia satírica.

2.5. A epístola

A partir da definição que Deissmann estabeleceu em 1923, com a publicação de sua obra *Licht von Ost*, distinguindo conceitualmente carta e epístola, sendo carta uma comunicação particular, não fictícia, de conteúdo não variado, na qual se transmite uma comunicação sobre a qual se quer manter segredo, enquanto a epístola, sendo fictícia, de conteúdo variado, não demandando segredo de quem a recebe, teríamos que discutir como classificaríamos o terceiro livro da *Apologia de Jerônimo contra Rufino*, o qual traz em seu título a menção de "epístola".

O terceiro livro foi redigido após a leitura da *Apologia contra São Jerônimo,* quando então a obra de Rufino pôde ser concretamente apreciada por Jerônimo. Compôs então Jerônimo sua epístola.

Os diversos assuntos tratados no terceiro livro da *Apologia* são, em sua maioria, de natureza particular, por tudo que apontamos nos itens anteriores, em todos os pontos em que Jerônimo sente-se implicado pelas invectivas de Rufino e por cuja causa sente-se impelido a defender-se. Por esta razão tratar-se-ia de uma carta. Mas sendo Jerônimo personalidade eclesiástica de notória importância, os assuntos que seriam, a princípio, de esfera estritamente privada passam a ser, também, de domínio público; e porque se trata de uma questão em que a sua ortodoxia está sendo colocada em questão, esta carta deixa de conter um segredo, mas passa a abranger um contingente mais amplo também, a quem, no entender do missivista Jerônimo, também interessa saber a verdade a respeito da doutrina de Orígenes e sua visão a respeito da hierarquia eclesiástica daquele tempo.

CAPÍTULO TERCEIRO

O COMBATE REFUTATÓRIO E O ARSENAL CLÁSSICO: ASPECTOS INTERTEXTUAIS DA APOLOGIA CONTRA RUFINO

Nesta parte, ocupar-nos-emos dos aspectos intertextuais da *Apologia de Jerônimo contra Rufino*, precisamente sobre os assuntos sobre os quais se debruça nosso autor e que constituem tema das invectivas e das refutações de ambos os antagonistas, Jerônimo e Rufino. Partindo de recortes teóricos de que nos utilizaremos neste capítulo, trataremos os textos polêmicos da Apologia, dentre os quais podemos identificar focos de discussão de temas cristãos, dando especial ênfase ao texto do *Perì Archôn,* pela relevância que a ele é dada nas obras relativas à querela entre Jerônimo e Rufino. Discorreremos também sobre o lugar que a presença de autores clássicos ocupa na composição da *Apologia*, bem como sobre a caracterização da *Apologia* como um texto patrístico.

3.1. A refutação e a citação a partir da intertextualidade

Gérard Genette, em sua obra *Palimpsestes*, reconhece cinco tipos de relações transtextuais, dentre elas a intertextualidade, a paratextualidade, a metatextualidade, a hipertextualidade e a arquitextualidade. Começando com o termo intertextualidade, criado por Julia Kristeva e lançado em sua obra *Séméiotikè*[132], nomeia as relações de co-presença entre dois ou vários textos, e denominamos intertexto a presença efetiva de um texto no outro. A sua forma mais explícita e literal é a prática tradicional da citação (com aspas, com ou sem referência precisa); sob uma forma menos explícita e menos canônica, a do plágio, que é um empréstimo não declarado, mas ainda literal; sob forma ainda menos explícita e menos literal, a da alusão, um enunciado cuja plena compreensão supõe a percepção da relação entre um texto e outro. Tal estado implícito e algumas vezes hipotético do intertexto foi estudado por Riffaterre que assim define a intertextualidade (mais ou menos como Genette define a transtextualidade): "o intertexto é a percepção, pelo leitor, de relações entre uma obra e outras

[132] Editada em Paris, editora Seuil, 1969.

que a precederam ou seguiram"[133]. Chega a identificar a intertextualidade à literariedade, como Genette o faz com a transtextualidade: "a intertextualidade é o mecanismo próprio à leitura literária. Só ela produz a significância, enquanto a leitura linear, comum aos textos literários e não literários, só produz o sentido"[134]. Mas as relações estudadas por Riffaterre são sempre da ordem de microestruturas semântico-estilísticas, na dimensão da frase, do fragmento ou do texto curto, geralmente poético. O traço intertextual, segundo Riffaterre, é mais (como a alusão) de ordem da figura pontual, do detalhe, do que a obra considerada em sua estrutura de conjunto, campo de pertinência das relações que serão estudadas por Genette.

A paratextualidade é constituída pela relação, geralmente menos explícita e mais distante, que, no conjunto formado por uma obra literária, o texto propriamente dito mantém o que se pode chamar de seu paratexto: títulos, subtítulos, intertítulos; prefácios, posfácios, advertências, notas marginais, infrapaginais, terminais; epígrafes; ilustrações; acréscimos ou sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, dando ao texto um comentário oficial ou oficioso, indispensável ao conhecimento do leitor, seja ele purista ou não. Exemplo: na sua fase de pré-publicação, o *Ulisses*, de Joyce, continha títulos de capítulos, evocando a relação de cada capítulo com um episódio da *Odisséia*: assim, "Sirenes", "Nausicaa", "Penélope", etc. Logo na publicação, Joyce retira esses intertítulos. Pergunta-se: esses subtítulos suprimidos, mas não esquecidos pelos críticos, fazem ou não parte do Ulisses de Joyce? Até que ponto são eles importantes para a leitura da obra?

A metatextualidade é a relação de comentário que une um texto a outro texto de que se fala, sem necessariamente citá-lo, sem nomeá-lo. É a relação crítica. Muito se tem estudado "meta-metatextualmente"[135] certos metatextos críticos e a história da crítica, como gênero. Mas é preciso ainda estabelecer o estatuto da relação metatextual.

A hipertextualidade é toda relação unindo um texto B (chamado por Genette de hipertexto) a um texto anterior A (chamado por Genette de hipotexto), sobre o qual o texto se enxerta de uma maneira que não é a do comentário. É uma noção de texto ao segundo grau, ou texto derivado de um outro texto preexistente. Citamos Genette quando afirma que "esta

---

[133] GENETTE, G. (1982), p.8: "...L'intertexte...est la perception, par le lecteur, de rapports entre une oeuvre et d'autres qui l'ont précédée ou suivie..."

[134] GENETTE, G. (1982), p. 9: "...L'intertextualité est le mécanisme propre à la lecture littéraire. Elle seule, en effet, produit la signifiance, alors que la lecture linéaire, commune aux textes littéraire et non littéraire, ne produit que le sens..."

[135] GENETTE, G. (1982), p. 10: "...On a, naturellement, beaucoup étudié (méta-métatexte) certains métatextes critiques, et l'histoire de la critique comme genre..."

derivação pode ser ora da ordem, descritiva ou intelectual, na qual um metatexto fala de um texto".[136] Pode ser de outra ordem, em que B não fale de A, mas que não poderia existir como é sem A, do qual ele resulta ao término de uma operação a que Genette chama de transformação; o texto A é evocado mais ou menos manifestamente, sem que necessariamente se fale dele ou que seja citado. Exemplo: a *Eneida* e o *Ulisses* são dois hipertextos de um mesmo hipotexto – a *Odisséia*, comentando-a, mas através de uma operação transformadora; além disso, distinguem-se entre eles, por não serem o mesmo tipo de transformação. A transformação que conduz a *Odisséia* ao *Ulisses* pode ser descrita como *transformação simples* ou *direta*: há a transposição da ação da *Odisséia* para a Dublin do século XX. A transformação que conduz a *Odisséia* à *Eneida* é mais complexa e mais indireta, apesar das aparências e da maior proximidade histórica, porque Virgílio não transpõe a ação da *Odisséia*: ele reconta toda uma outra história (as aventuras de Enéias e não de Ulisses), mas inspirando-se para fazê-lo no tipo estabelecido por Homero na *Odisséia*, ou como se disse através dos séculos, "imitando" Homero. A imitação é, sem dúvida, uma transformação, mas por meio de um procedimento mais complexo porque exige a prévia constituição de um modelo de competência genérica (aqui, o modelo épico), extraído da *Odisséia* e capaz de engendrar um número indefinido de atuações miméticas. Este modelo constitui, entre o texto imitado e o texto imitativo, uma etapa e uma mediação indispensáveis, que não são encontradas na transformação simples ou direta. Para transformar um texto, basta um gesto simples e mecânico, por exemplo, arrancar simplesmente algumas páginas; eis uma transformação redutora. Para imitá-lo, é preciso adquirir uma matriz ao menos parcial, a matriz do aspecto que se escolheu imitar. Virgílio, por exemplo, deixa fora de seu gesto mimético tudo aquilo que, em Homero, é inseparável da língua grega.

A arquitextualidade é a relação mais implícita e a mais abstrata. Trata-se de uma relação que só se articula através de uma menção paratextual (titular, como Poesias, Ensaio, O romance da rosa, ou infratitular: a indicação Romance, Narrativa, Poemas, que acompanha o título), puramente taxonômica. O gênero é somente um aspecto do arquitexto; a determinação do estatuto genérico de um texto não é tarefa sua, mas do leitor, do crítico, do público, que podem recusar o estatuto reivindicado através do paratexto: diz-se, portanto, que determinada tragédia de Corneille não é uma verdadeira tragédia. O que não diminui em nada a sua

[136] GENETTE, G.(1982), p. 12.

importância, porque a percepção genérica orienta e determina o horizonte de espera do leitor e, portanto, a recepção da obra. O termo "arquitexto" foi proposto inicialmente por Louis Marin, para designar "o texto de origem de todo discurso possível, sua 'origem' e seu meio de instauração, mais próximo do hipotexto genettiano.[137]

Os textos refutados por São Jerônimo em sua *Apologia contra Rufino*, que aparecem também em títulos antigos como os livros de Rufino (aos quais Jerônimo se opõe ideologicamente aproveitando a ocasião, em que toma a palavra, para refutá-los convenientemente)[138], caracterizam, como é da própria natureza da literatura, relações intertextuais, pois seria inaceitável que não se caracterizassem desse modo. O texto da Apologia, sendo réplica aos textos de Rufino, evidencia a estrutura de um diálogo, seja este cordial ou não, positivo ou negativo, não importando qual seja a significação desse diálogo. Desse modo, a refutação se coloca como uma modo de diálogo entre outras tantas possibilidades de diálogo entre os textos. O que percebemos a partir de nossa análise dos textos que enfocamos em seus aspectos intertextuais é que, a cada intervenção de nossos antagonistas, acrescenta-se aos textos um novo relevo, uma nova superfície de significação; dados novos acrescentam-se a um mesmo campo semântico, reproduzindo, neste sentido, o modelo da hipertextualidade, sendo possível detectar nesses textos camadas que são geradas a cada intervenção dos antagonistas no conflito, de modo que os textos se configuram como espécie de campos de batalha em que Jerônimo e Rufino travam seus combates, configurando-se o procedimento da refutação como o elemento essencial do combate, além de constituir o instrumento literário excelente para a construção do texto polêmico.

A citação é intertextualidade explícita. Nós defendemos o ponto de vista segundo o qual, nesta obra de Jerônimo, a citação tem uma utilização polêmica marcada como instrumento que garante ao polemista Jerônimo exibir cultura clássica e angariar para seu texto o olhar benevolente daqueles que aí encontram a expressão da conivência cultural em que todos foram formados na adolescência, como é o caso de Jerônimo e Rufino, formados na cultura latina, na escola de Donato.

[137] GENETTE, G. (1982), p. 7, nota 2.

3.2. Os textos controversos da *Apologia de Jerônimo conta Rufino*

Neste item discorreremos sobre a discussão dos dois antagonistas, Jerônimo e Rufino, em torno do texto da epístola paulina endereçada aos Efésios, sobre cuja discussão destacaremos quatro momentos. Daremos relevância igualmente especial às posições de Jerônimo em face da *Apologia ad Anastasium* e a *Apologia Origenis*, seguida esta do tratado *De adulteratione librorum Origenis*, sendo o primeiro texto de autoria de Rufino e os dois últimos tradução de textos gregos também por Rufino. Falaremos da justificativa de Jerônimo para suas traduções bíblicas. À exceção das passagens da Epístola aos Efésios, que se encontram no final do primeiro livro da *Apologia de Jerônimo contra Rufino*, as demais refutações ocupam inteiramente o segundo livro da mesma obra. Resolvemos dedicar um item exclusivo para tratar da questão do *Perì Archôn*, em virtude do lugar que esta obra teve no desencadear da querela entre Jerônimo e Rufino, da importância das questões teológicas que contém e das discussões que suscita em diversos momentos da obra de Jerônimo que estamos a analisar.

3.2.1. A *Epístola aos Efésios*

Os quatro momentos que consideramos são o texto da epístola de São Paulo aos Efésios, o comentário de São Jerônimo a esta epístola, as considerações de Rufino ao comentário de Jerônimo, e a refutação de Jerônimo às considerações de Rufino a seu comentário. Trabalharemos a partir do texto da *Apologia de Jerônimo contra Rufino*, considerando as seis passagens que nosso autor seleciona na obra que estamos analisando.

A *Epístola aos Efésios*, de São Paulo, está endereçada a uma grande metrópole voltada para o culto de Ártemis e célebre por seus livros de magia. No templo de Ártemis, uma estátua dessa deusa ostentava os doze signos do zodíaco, significando seu domínio sobre as forças do destino. A questão dos poderes, regendo o curso do mundo – a astrologia – preocupava claramente os homens dessa época.

---

[138] A edição de Migne dá como título da obra que analisamos *Apologia adversus libros Rufini*.

Nesta epístola, encontram-se vestígios de gnosticismo[139], como se pode atestar na distinção entre homem interior e homem exterior[140], mas, a esta distinção, contrapõe São Paulo a salvação que nos traz o Cristo em sua própria carne, visto que a matéria não é má[141]. Também contém vestígios de gnosticismo o tema da descida terrestre de Cristo e sua subida celeste, para reconduzir os eleitos ao Pleroma[142], termo grego que significa totalidade, perfeição, plenitude, contendo em si a multiplicidade e a unidade, que contém em si os seres invisíveis, transcendentes - e é ponto de origem desses seres - e a meta de seu retorno como lugar de repouso no estado de salvação; mas São Paulo põe em evidência, em contrapartida, o sacrifício de Cristo[143]. Em contraposição aos gnósticos que depreciavam o matrimônio humano, São Paulo coloca na categoria de matrimônio a união de Cristo e da Igreja, tecendo a imagem de união visceral e profunda de Cristo a sua Igreja, como aquela existente, na união conjugal humana[144], na concepção genesíaca de duas pessoas vivendo em uma só carne[145].

Em sua *Apologia*, Jerônimo adverte que em seu comentário havia informado ao leitor que ele conhecia os três volumes de Orígenes de comentários sobre a epístola aos Efésios e que, em seu comentário, ele o seguia em parte; Jerônimo também fazia empréstimos, ainda que em menor proporção, a comentários feitos por Dídimo e Apolinário.[146] Rufino, em sua *Apologia contra São Jerônimo*, ataca precisamente este tributo de Jerônimo a Orígenes,

---

[139] Gnosticismo é um sistema de filosofia religiosa, cujos partidários diziam ter conhecimento completo e transcendente da natureza e dos atributos de Deus: o gnosticismo aproxima-se, ao mesmo tempo, do platonismo e do maniqueísmo (Dicionário Lello Universal).

[140] *Ef. 3, 16*: "...ut det vobis secundum divitias gloriae suae, virtute corroborari per Spiritum eius in interiorem hominem..."

[141] *Ef. 2, 14*: "...Ipse enim est pax nostra, qui fecit utraque unum, et medium parietem maceriae solvens, inimicitias in carne sua..."

[142] *Ef. 4, 7-13*: "...Unicuique autem nostrum data est gratia secundum mensuram donationis Christi. Propter quod dicit: Ascendens in altum captivam duxit captivitatem: dedit dona hominibus. Quod autem ascendit, quid est, nisi quia et descendit primum in inferiores partes terrae? Qui descendit, ipse est et qui ascendit super omnes caelos, ut impleret omnia. Et ipse dedit quosdam quidem apostolos, quosdam autem prophetas, alios vero evangelistas, alios autem pastores et doctores, ad consummationem sanctorum in opus ministerii, in aedificationem corporis Christi: donec occurramus omnes in unitatem fidei, et agnitionis Filii Dei, in virum perfectum, in mensuram aetatis plenitudinis Christi..."

[143] *Ef. 5, 2.25*: "...et ambulate in dilectione, sicut et Christus dilexit nos, et tradidit semetipsum pro nobis oblationem, et hostiam Deo in odorem suavitatis. Viri diligite uxores vestras, sicut et Christus dilexit Ecclesiam, et seipsum tradidit pro ea..."

[144] *Ef. 5, 22-32*.

[145] *Gen. 2, 24*: "...Quamobrem relinquet homo patrem suum, et matrem, et adhaerebit uxori suae: et erunt duo in carne una..."

[146] São Jerônimo, *Apologia*, p. 58; MIGNE, J.-P., *PL XXVI*, *Comm. in Epistolam ad Ephesios*, col. 472: "...Illud quoque in Praefatione commoneo, ut sciatis Origenem tria volumina in hanc Epistolam conscripsisse, quem et nos ex parte secuti sumus. Apollinarium etiam et Dydimum quosdam et commentariolos edidisse, e quibus licet pauca decorpsimus et nonnulla, quae nobis videbantur, adjecimus, sive subtraximus, ut studiosus statim in principio lector agnoscat hoc opus, vel alienum esse, vel nostrum."

no momento em que Jerônimo tinha como única preocupação mostrar que Orígenes era um autor herético. A bem da verdade, se o propósito constante de depuração da fé, que podemos constatar no curso da querela entre Jerônimo e Rufino, existe com grau elevado de intensidade, este propósito de depuração não constitui uma irrupção na época em que se deu a querela de que nos ocupamos, como se esse propósito incidisse sobre uma realidade nunca antes experimentada, quando, na verdade, o que se deve dizer é que apenas houve um despertar para um problema em que o cristianismo andava imerso, como religião, desde seu berço: a princípio, a dependência com relação à religião judaica e suas práticas, as correntes filosóficas gregas e o gnosticismo, de cujas concepções demos exemplo no parágrafo anterior. Perguntamo-nos, se esse propósito, comum a ambas as partes, pode conduzir a uma solução satisfatória e convincente, uma vez que a religião cristã representa-se a si mesma como crise permanente, sendo sua crise o alimento da caminhada e busca de Deus, por parte de seus seguidores.

Passemos à explanação das seis passagens da *Epístola aos Efésios* selecionadas por Jerônimo, para refutar as considerações de Rufino, em sua *Apologia contra São Jerônimo*, ao comentário à mesma epístola, de autoria de Jerônimo.

A primeira passagem que Jerônimo trata em sua *Apologia*, nos parágrafos 21 a 29 do primeiro livro[147], encontra-se no primeiro capítulo da Epístola aos Efésios, quarto versículo[148]. Em seu *Comentário à Epístola aos Efésios*[149], quando Jerônimo desenvolve o tema da predestinação e da eleição dos profetas por Deus, até mesmo no seio de suas mães, lá encontramos a menção a Orígenes com o pronome indefinido *alius*, a ele atribuindo a tentativa de mostrar que Deus é justo e a afirmativa da existência anterior, às criaturas visíveis, como o céu, a terra e o mar, de criaturas invisíveis, entre as quais coloca as almas que, por certas razões só por Deus conhecidas, foram precipitadas até este vale de lágrimas, no lugar de nossa aflição e peregrinação.[150] A evocação de Orígenes no texto oferece a Rufino a

[147] páginas 58-81 da edição da *Apologia contra Rufino*, preparada por Pierre Lardet, citada na bibliografia.
[148] Biblia Vulgata, Madrid, BAC, 1946, p. 1499: "...sicut elegit nos in ipso ante mundi constitutionem, ut essemus sancti et immaculati in conspectu eius in charitate..."
[149] MIGNE, J.-P., *PL XXVI*, *Comm. in Epist. ad Ephesios*, col. 467-590.
[150] MIGNE, J.-P., *PL XXVI*, col. 476: "...Alius vero qui Deum justum conatur ostendere, quod non ex praejudicio scientiae suae, sed ex merito electorum unumquemque eligat, dicit, ante visibiles creaturas, coelum, terram, maria et omnia quae intra ea sunt, fuisse alias invisibiles creaturas, in quibus et animas, quae ob quasdam causas, soli Deo notas, dejectae sint deorsum in vallem istam lacrymarum, in locum afflictionis et peregrinationis nostrae, in quo sanctus constitutus orabat ut ad sedem pristinam reverteretur, dicens: *Heu mihi! quia incolatus meus prolongatus est! habitavi cum habitantibus Cedar, multum peregrinata est anima mea...*"

oportunidade de atacar a semelhança do desenvolvimento da *katabolé* (o princípio ou fundação do mundo, em latim *mundi constitutio*)neste versículo de Efésios com aquela desenvolvida no Perì Archôn, bem como a semelhança de tratamento para a eleição e predestinação de Paulo, Jeremias e João Batista.[151] Rufino ataca o adversário nos flancos que o termo *alius* cria em termos de interpretação: Jerônimo desejaria distinguir-se de Orígenes e de sua doutrina e, contraditoriamente, por uma fraqueza, segundo interpretação de Rufino, tendo Jerônimo mostrado a justiça inerente a Deus, ter-se-ia não só distinguido do mestre por desejo próprio, mas também, involuntariamente, negaria a própria justiça de Deus, ferindo-se, desta forma, com a ponta da própria arma.[152] Em resposta às objeções de Rufino[153], Jerônimo reitera ter escolhido uma leitura interpretativa conforme à ortodoxia católica, rejeitando aquilo que Orígenes a ela tivesse apontado de contrário, sustentando, porém, que, ao citar Orígenes, ele assim o fez como faria todo bom comentador que expõe múltiplos pontos de vista. Jerônimo afasta-se, em sua resposta, de uma interpretação que o aproximaria do clichê origeniano, segundo o qual as almas tenham sido relegadas neste corpo como em um cárcere e que, antes que o homem vivesse no Paraíso, viviam nos céus entre as criaturas racionais[154]. Jerônimo sustenta, com efeito, que se deva ler a escolha que Deus opera a nosso respeito sobretudo como uma escolha que tem por finalidade a nossa santificação e conversão a uma vida melhor, enfatizando o papel dos termos latinos *ante* e *ut*, o estado anterior de não-santidade e a escolha operada por Deus que nos conduz à santidade e à conversão para melhor.[155] Na época em que Jerônimo havia escrito seu *Comentário à Epístola aos Efésios* o nome de Orígenes era uma referência teológica respeitada, e sua doutrina, isenta de qualquer suspeita de heresia; sua obra, o *Tratado dos Princípios*, que não havia sido traduzida para o latim, nem por Rufino, nem por Jerônimo, era totalmente desconhecida no mundo latino: com este argumento Jerônimo relativiza a possibilidade de incorrer numa fraqueza, como sustenta

---

[151] Orígenes, *Traité des principes*, SC 268, tome III, p. 224-229. Ver também DUVAL, Y.-M.(1988), p. 148, notas 65 e 66.

[152] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 566: "...Si iste quem dicis Alium, Deum justum assertione hac sua, ut ais, ostendit, et a te alius et diversus est, de te ipso quid sentis? Tu negas justum esse Deum? Magister, dum tu multum vides, et satis arguis captos oculis talpas: puto te incurrisse αδυνατωτατον, et ex utraque parte concludi. Aut enim justum Deum negabis, ut alius sis et contrarius illi qui haec dicit: aut si, ut omnis confitetur Ecclesia, etiam tu Deum justum confitearis, tu es qui haec dicis, et tu es qui primus excipis sententiam, quam in alium fers, et tu qui tuometipsius mucrone confoderis..."

[153] São Jerônimo, *Apologia*, p. 60-65.

[154] JANNACCONE, S. (1964), p.16.

Rufino, tendo, no máximo, deixado escapar uma falha perdoável para a época que havia ditado seu *Comentário à Epístola aos Efésios.*[156]

A segunda passagem da Epístola aos Efésios[157], capítulo 1, versículos 20 e 21, constitui também alvo de discussão dos adversários Jerônimo e Rufino. Em seu *Comentário*, Jerônimo sustenta que, sobre a hierarquia existente entre os anjos, manifestada nos diferentes graus da condição angelical (a saber: anjos, arcanjos, tronos, dominações, potestades, querubins e serafins), assenta-se o Cristo, à direita do Pai, reinando sobre essa hierarquia, depois de haver passado pela morte e ressurreição.[158] No comentário da passagem de Jerônimo, Rufino aí localiza um trecho que se relaciona com as concepções de ascenção, quedas, crescimentos, e enfraquecimentos[159] e, identificando nele influência do mestre Orígenes[160], Rufino se contrapõe, por meio de duros ataques, às vozes que não se podem ouvir junto aos Apóstolos e que não se deveriam levar até os ouvidos carentes de aptidão crítica a detectar heresias, como os dos romanos.[161] A esta crítica de Rufino, Jerônimo reafirma que sua teoria da hierarquia da condição angelical seria aceitável para a Igreja e justificar-se-ia pela mesma razão que, na sociedade humana e, por exemplo, entre os clérigos, na sociedade eclesiástica existe uma diversidade de papéis hierárquicos, em função das tarefas que cabem a cada um, no funcionamento harmônico de todo o conjunto.[162]

---

[155] São Jerônimo, *Apologia*, p. 62: "...Non enim ait Paulus: *Elegit nos ante constitutionem mundi, cum essemus sancti et immaculati*, sed: *Elegit nos ut essemus sancti et immaculati*, hoc est: qui sancti et immaculati ante non fuimus, ut postea essemus. Quod et de peccatoribus ad meliora conuersis dici potest..."

[156] São Jerônimo, *Apologia*, p. 64: "...Ex quo, etiam si in ceteris aliquid hereticum monstrare potuisset inimicus, non tam dogmatum peruersorum, quae et hic et in aliis libris saepe damnaui, quam improuidi tenerer erroris."

[157] Bíblia Vulgata, Madrid, BAC, 1946: "...quam operatus est in Christo, suscitans illum a mortuis, et constituens ad dexteram suam in caelestibus: supra omnem principatum, et potestatem, et virtutem, et dominationem, et omne nomen, quod nominatur non solum in hoc saeculo, sed etiam in futuro."

[158] MIGNE, J.-P., *PL XXVI*, col. 490-492.

[159] MIGNE, J.-P., *PL XXVI*, col. 492: "...Quae distributiones officiorum non solum in praesentiarum, sed etiam in futuro saeculo erunt: ut per singulos profectus, et honores et ascensiones, etiam et descensiones, vel crescat aliquis, vel decrescat, et sub alia atque alia potestate, virtute, principatu, et dominatione fiat..."

[160] MIGNE, J.-P., *PL XXVI*, col. 492: "...Quae distributiones officiorum non solum in praesentiarum, sed etiam in futuro saeculo erunt: ut per singulos profectus, et honores et ascensiones, etiam et descensiones, vel crescat aliquis, vel decrescat, et sub alia atque alia potestate, virtute, principatu, et dominatione fiat..."

[161] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 574: "...Cur novas voces, quas ab Apostolis nemo suscepit, insuetis auribus ingeris? Quaeso te, ut parcas Romanis auribus, parcas fidei, quae Apostoli voce laudata est..."

[162] São Jerônimo, *Apologia*, p. 66: "...quomodo et inter homines ordo dignitatum ex laboris uarietate diuersus est, et, cum episcopus et presbyter et omnis ecclesiasticus gradus habeat ordinem suum, et tamen omnes homines sint, sic et inter angelos merita esse diuersa, et tamen in angelica omnes persistere dignitate, nec de angelis homines fieri, nec rursum homines in angelos reformari."

A terceira passagem sobre a qual se debruçam nossos contendores encontra-se no segundo capítulo da *Epístola aos Efésios*, versículo sétimo.[163] Em seu *Comentário à Epístola aos Efésios*, Jerônimo compõe com a idéia da abundância das riquezas da graça de Cristo um ponto de partida para uma questão que consiste em saber a quem caberia a honra de sentar-se e reinar com Cristo sobre as hierarquias angelicais, uma vez que se faria necessário que aqueles que se sentassem com o Cristo também participassem de sua glória e das riquezas de sua graça e que, portanto, estivessem acima da hierarquia dos anjos. Restaria saber em que ponto seria o homem maior que os anjos e as potestades. Jerônimo reconhece a dificuldade de fornecer uma resposta isenta de ambigüidade, visto que os *anjos apóstatas*, o *príncipe deste mundo* (como fala João 14, 30), a *estrela d'alva* (como fala Isaías 14, 12) podem ocupar o lugar superior às hierarquias angelicais e virem a sentar-se com Cristo, aos quais os anjos haveriam de atribuir os benefícios de tal posição, ainda que, no momento presente procedam sem controle algum e abusem de sua liberdade. A resposta à questão que Jerônimo coloca pode contemplar não a boa parte, mas a parte contrária. Rufino aproveita-se da abertura encontrada no *Comentário* de Jerônimo para acusá-lo de haver-se servido da máscara de Orígenes para veicular a heresia segundo a qual os anjos apóstatas, o príncipe deste mundo e a estrela d'alva haverão de ser companheiros de Cristo, parceiros de seu reino e cumpridores de sua vontade.[164] Jerônimo reconhece, em sua resposta na *Apologia*, a gravidade de seu erro ao se dizer leitor circunspecto de Orígenes[165], penitenciando-se ao substituir circunspecto por blasfemo.[166]

Podemos encontrar a quarta passagem da *Epístola aos Efésios*, de que nos ocuparemos agora, no primeiro versículo do capítulo terceiro.[167] O texto do comentário do versículo em questão apresenta um ponto ao qual Rufino vai se ater em sua crítica a Jerônimo por meio do texto paulino, em sua *Apologia contra São Jerônimo*. Comentando o texto de Efésios 3, 1, nosso autor declara que em várias passagens do texto paulino leu-se que o corpo

---

[163] Bíblia Vulgata, Madrid, BAC, 1946, p. 1500: "...ut ostenderet in saeculis superuenientibus abundantes diuitias gratiae suae, in bonitate super nos in Christo Iesu..."

[164] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 573: "...Ubi evidentissime, nulla illius alii sibi interjecta persona, dicit, angelos refugas, et principem mundi hujus, et Luciferum qui mane oriebatur, in fine Christo supersedente et regnante cum sanctis suis, consortes ac socios, non solum regni ejus, sed et voluntatis futuros..."

[165] São Jerônimo, *Apologia*, p. 68: "...Grande crimen si Origenem diligentem dixi esse lectorem, cuius septuaginta libros interpretatus sum, quem in caelum laudibus tuli, pro quo compulsus sum ante biennium breui libello tuis contra me praeconiis respondere!"

[166] São Jerônimo, *Apologia*, p. 68: "...Fateor errorem. Non debui diligentem dicere, sed blasphemum..."

que ora conhecemos é o liame da alma, encerrando-a fechada como em um cárcere; e dizia-se que por esta causa Paulo estava constrangido pelos liames do corpo, não voltava atrás e estava com Cristo, para que se cumprisse, por meio dele, junto às nações, a perfeita pregação.[168] A visão do encarceramento da alma pelo corpo, que lembra claramente a dicotomia platônica do mundo sensível e mundo inteligível, seria uma visão muito cara ao mestre alexandrino Orígenes e, assim sendo, pode passar a ser um ponto de ataque às ambigüidades do texto de São Paulo e de sua apropriação em favor das doutrinas duvidosas de Orígenes.[169] Jerônimo justifica, em sua *Apologia*, a sua assertiva quanto à idéia de que o corpo é o liame da alma, encerrando-a em si como se a prendesse em um cárcere. Além do mais, declara não compreender onde possa haver erros origenistas, já que a ressurreição de Cristo confere à alma a possibilidade de adquirir, pela passagem de Cristo pela morte, um corpo incorruptível e imortal.[170]

Passemos à quinta passagem, capítulo quarto, versículo 16 da *Epístola aos Efésios*, do apóstolo São Paulo.[171] Em sua obra de comentário, Jerônimo afirma que este versículo encerra a reunificação de todos os membros na caridade, a exemplo dos membros de uma criatura racional, que se unem para compor cada criatura racional. Da mesma forma que nas criaturas racionais, se fossem os membros destas separados por alguém, teriam que ser ajuntados com critério e experiência de quem lhes conhece o perfeito funcionamento. Assim, do mesmo modo, a restituição universal conferirá aos membros dispersos da Igreja sua verdadeira unidade e harmonia, como a recuperação do diabo e a recondução do homem ao paraíso.[172] Rufino acusa a Jerônimo de declarar que um membro do corpo de Cristo, que é a

---

[167] Bíblia Vulgata, Madrid, BAC, 1946, p. 1501: "...Huius rei gratia, ego Paulus vinctus Christi Iesu, pro vobis gentibus..."

[168] MIGNE, J.-P., *PL XXVI*, col. 508-509: "...Vel certe quia in pluribus locis lectum est, vinculum animae corpus hoc dici, quo quasi clausa teneatur in carcere: dicimus propterea Paulum corporis nexibus coerceri, nec reverti et esse cum Christo, ut perfecta in gentes per eum praedicatio compleatur..."

[169] MIGNE, J.-P., *PL XXVI*, col. 578: "...Quod corpus hoc, inquit, carcerem et vincula esse animae dicunt, et ipsam animam non ire asserunt, sed redire quasi ad ea loca, ubi jam ante fuerat..."

[170] São Jerônimo, *Apologia*, p. 70: "...Et tamen uinctam dici animam corpore, donec ad Christum redeat et in resurrectionis gloria corruptiuum et mortale corpus incorruptione et immortalitate commutet, non absurdae intelligentiae est..."

[171] Bíblia Vulgata, Madrid, BAC, 1946, p. 1502: "...ex quo totum corpus compactum, et connexum per omnem iuncturam subministrationis, secundum operationem in mensuram uniuscuiusque membri, augmentum corporis facit in aedificationem sui in charitate..."

[172] MIGNE, J.-P., *PL XXVI*, col. 535: ...verus medicus Christus Iesus sanaturus advenerit, unusquisque secundum mensuram fidei, et agnitionis Filii Dei, suum recipiet locum, et incipiet id esse quod fuerat: ita tamen ut non juxta aliam haeresim, omnes in una aetate sint positi, id est omnes in angelos reformentur: sed unumquodque membrum juxta mensuram et officium suum perfectum sit: verbi gratia, ut angelus refuga id esse incipiat quod creatus est: et homo, qui de paradiso fuerat ejectus, ad culturam iterum paradisi restituatur..."

Igreja, quem deve ser reintegrado, é o anjo apóstata, o diabo, que para isso foi criado desde o início; e que o outro membro, o homem, enquanto colono originário do paraíso, deve ser para lá reconduzido.[173] Jerônimo reconhece a legitimidade da interpretação origeniana do versículo, que se presta a desenvolver de muitas maneiras o pensamento original de São Paulo. Reconhecendo como heresia os pontos que Rufino acusa em sua *Apologia*, Jerônimo ataca uma interpretação, a seu ver errônea, porque Rufino lhe atribui a heresia segundo a qual as criaturas racionais recobrariam sua condição angelical e, no momento da restauração universal, elas voltariam a ser o mesmo que eram quando foram criadas, voltando o diabo, por exemplo, a ser novamente anjo. Jerônimo atribui o mal-entendido à expressão metafórica grega que constitui a fonte a que ambos se referem, e retoma a mesma expressão que havia utilizado em seu *Comentário à Epístola aos Efésios*, sobre a metáfora[174], recolhido pelo nosso autor, em Evágrio de Antioquia.[175]

Para finalizar este item, abordaremos a sexta passagem da *Epístola aos Efésios*, nos versículos 28 e 29 do quinto capítulo.[176] O comentário de Jerônimo sobre os versículos desta passagem versa sobre o amor que deve emanar do marido em relação à esposa, assemelhando-se esse amor àquele que Cristo tem à sua Igreja[177], e àquele igualmente delicado que a alma tem ao corpo, como se este fosse uma espécie de pequeno vaso a contê-la como precioso fluido.[178] Estão expressas no comentário de Jerônimo algumas intenções, como a de criar corpos ilesos a toda corrupção pelo cuidado que lhe possa dispensar a alma, e corpos que até possam mais facilmente elevar-se aos ares, pela leveza de suas asas, e que, por fim, para completar tal estado maravilhoso, as mulheres se mudem em maridos e os corpos se transformem em almas[179]; essas intenções acabam gerando em Rufino a idéia de que

---

[173] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 582: "...cujus (Christi) corporis unum membrum suo officio restituendum, ais esse angelum refugam, qui est utique diabolus, et in hoc quod ab initio creatus est, reparandum. Similiter et hominem, aliud membrum, ad cultum paradisi tanquam colonum originarium revocandum..."

[174] MIGNE, J.-P., *PL XXVI*, col 536: "...Et omnis metaphora, si de alia in aliam linguam transferatur ad verbum, quibusdam quasi sentibus, orationis sensus et germina suffocantur..."

[175] MIGNE, J.-P., *PG XXVI*, col. 834 (prólogo da Vita Antonii, de Atanásio de Alexandria, em nota da edição da Apologia de Jerônimo contra Rufino por Pierre Lardet, p. 74).

[176] Bíblia Vulgata, Madrid, BAC, 1946: "...Ita et viri debent diligere uxores suas ut corpora sua. Qui suam uxorem suam diligit, seipsum diligit. Nemo enim unquam carnem suam odio habuit: sed nutrit et fovet eam, sicut et Christus Ecclesiam..."

[177] MIGNE, J.-P., *PL XXVI*, col. 567: "...nemo enim unquam carnem suam odio habuit, sed nutrit et fovet eam, sicut et Christus Ecclesiam..."

[178] MIGNE, J.-P., *PL XXVI*, col. 567: "...sed quasi vasculum animae suae fovet corpus et nutrit, ne fracto vase, id quod continebatur, effluat et erumpat..."

[179] MIGNE, J.-P., *PL XXVI*, col. 567: "animae quoque fovent corpora sua, ut corruptivum hoc induat incorruptionem, et alarum levitate suspensum in aerem facilius elevetur. Foveamus igitur et viri uxores, et

Jerônimo negava a ressurreição da carne e até a ressurreição dos corpos, quando Jerônimo propõe a anulação das diferenças entre corpo e alma e a anulação da alteridade entre homem e mulher, sendo o estado angelical o resultado futuro a que todos tendem.[180] Em sua resposta às objeções de Rufino, Jerônimo alega ter utilizado um discurso alegórico. A incorruptibilidade é glória que se acrescenta à natureza dos corpos, as asas leves é a imortalidade que se dá ao corpo em sua elevação rumo aos céus. Quanto à anulação da diferença de sexos, Jerônimo atém-se ao fato de que, na ressurreição, os sexos serão suprimidos e todos serão anjos, realidade que se pode experimentar desde já na vivência da castidade.[181]

3.2.2. A *Apologia ad Anastasium*

Enquanto o diálogo sobre o texto de Efésios mobilizava, pelo menos três momentos, neste item trabalharemos com dois textos: a *Apologia a Anastásio*, de Rufino, e sua refutação por Jerônimo na *Apologia contra Rufino*.

Sobre os efeitos que a *Apologia a Anastásio*, de Rufino, produziu em Roma ou sobre o próprio papa Anastásio não se tem muita certeza, apesar de Jerônimo ter-se detido muito sobre esse texto e ter ocupado boa parte do segundo livro de sua *Apologia* discutindo-lhe as idéias. No ano de 401, o papa recebeu uma carta de um velho amigo de Rufino, João de Jerusalém, consultando o pontífice sobre Rufino e, provavelmente, assumindo a defesa do velho amigo e, naquele momento, partidário das mesmas idéias e do mesmo ódio à pessoa e às posições de Jerônimo. O texto da carta de João de Jerusalém ao papa Anastásio não chegou até os nossos dias, mas o texto da resposta de Anastásio a João de Jerusalém, ao contrário, chegou-nos na íntegra. Jerônimo enviou uma cópia desse texto a Rufino, no verão do ano 401, junto com sua *Apologia contra Rufino*. O papa Anastásio condena, em seu texto, a Orígenes e suas obras, não manifestando preocupação com as crenças de Rufino, deixando-o livre e entregue à própria consciência e ao julgamento divino, quanto ao que quer que

---

animae nostra corpora, ut et uxores in viros, et corpora redigantur in animas. Et nequaquam sit sexuum ulla diversitas, sed quomodo apud angelos non est vir et mulier, ita et nos, qui similes angelis futuri sumus, jam nunc incipiamus esse quod nobis in coelestibus repromissum est..."

[180] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 562: "...Si corpora in animas redigentur, ergo secundum te non solum carnis resurrectio non erit, sed nec corporum, quod confiteri istos quos tu fecisti haereticos, dicis..."

[181] São Jerônimo, *Apologia*, p. 80: "...Et reuera ubi inter uirum et feminam castitas est, nec virincipitesse,nec femina, sed adhuc in corpore positi, mutantur in angelos, in quibus non est uir et mulier..."

tivesse feito. O papa Anastásio aprová-lo-ia em sua tarefa de tradução, se buscasse evidenciar os aspectos daninhos da obra de Orígenes, mas condená-lo-ia se tivesse a intenção de pura e simplesmente divulgar a obra de Orígenes, sem ter o cuidado de evidenciar aqueles aspectos que, no entender de Anastásio, não deveriam ser ocultados.

O texto da *Apologia a Anastásio* que pudemos consultar na coletânea de Migne[182] inicia-se com a observação de que o nome de Rufino havia sido mencionado na presença do papa em relação a controvérsias, seja a respeito de fé, seja a respeito de outras questões quaisquer. Rufino rejubila-se que o papa Anastásio não tenha dado ouvidos àqueles que o caluniavam, junto àquela autoridade romana, na sua ausência. Justifica junto a Anastásio a impossibilidade de estar presente para defender-se, devido ao fato de ter feito longa viagem de volta a Aquiléia para rever os pais, depois de cerca de trinta anos de ausência, e não querer despedir-se deles tão rapidamente, por ter sido tão tardio o reencontro, e por ser incapaz de suportar o esforço de uma nova viagem.[183] Jerônimo menciona, em uma epístola de elogio a Marcela, uma intimação feita a Rufino de comparecer diante do pontífice para defender-se de uma acusação de heresia, mas que, uma vez citado, não se atreveu a comparecer; e era tal a pressão de sua consciência que preferiu ser condenado como ausente que refutado estando presente.[184]

Rufino evidencia, no texto de sua carta, sua fé submetida à provação, pelo que havia sofrido no tempo da perseguição em que vivia na Igreja de Alexandria, nos cárceres e exílios; e mostra-se pronto a manifestar sua posição quanto às doutrinas que certamente seriam o alvo de sua intimação junto ao pontífice: as doutrinas de Orígenes.

Quanto à doutrina da Trindade, Rufino sustenta sua crença em uma única natureza, uma mesma virtude e substância, asseverando que não há nenhuma diferença entre as três pessoas. Em resumo, sustenta que Deus existe em três pessoas subsistentes e que existe

---

[182] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 623-628.

[183] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 623: "...Ad me tamen quoniam appetitae existimationis meae fama pervenit, aequum putavi, ut (quoniam ipse post triginta fere annos parentibus redditus sum, et durum satis atque inhumanum erat, si tam cito desererem eos, quos tam tarde reviseram: simul et quia tam longi itineris labor fragiliorem me reddit ad iterandos labores) literis meis satisfacerem Beatitudini tuae, non ut de sancta mente tua, quae velut quoddam Dei sacrarium aliquid iniquum non recipit, maculam suspicionis abstergerem, sed ut aemulis adversum me forte oblatrantibus, baculum quemdam tibi confessionis meae, quo abigerentur, offerrem..."

[184] São Jerônimo, *Ep. 127, 10*: "...dum acciti frequentibus litteris heretici, ut se defenderent, uenire non ausi sunt tantaque uis conscientiae fuit, ut magis absentes damnari quam praesentes coargui maluerint..."

unidade em sua natureza e substância.[185] Quando Rufino se expressa no singular, referindo-se à hipótese de alguém desejar atacar sua fé, Jerônimo reage a isto, esquivando-se de ser o alvo visado por Rufino e desconstruindo o discurso de Rufino por uma substituição do singular pelo plural, sendo muitos os "latidos" que chegavam até Rufino.[186]

A respeito do Filho de Deus, Jerônimo sustenta que a confissão que sobre esse tema faz Rufino[187] nada tem de novo a acrescentar ao que é de conhecimento geral.[188] Jerônimo insiste, ao contrário, em saber qual é o ponto de vista de Rufino sobre a origem da alma de Cristo: a pré-existência da alma de Cristo, antes que Cristo nascesse de Maria; o traducianismo, que sustenta que a alma de Cristo nasceria do Espírito Santo e seria criada concomitantemente ao corpo, na concepção virginal no seio de Maria; o creacionismo, pelo qual se crê que a alma de Cristo foi enviada do céu ao corpo de Cristo que então estava sendo gerado no ventre de Maria.[189]

A respeito da ressurreição da carne, quando Rufino diz que a carne, na qual hoje vivemos, haverá de ressurgir sem amputação de absolutamente nenhum membro, ou a separação de alguma parte do corpo, contrariamente às calúnias que lhe são feitas, ele aponta, como promessa do Apóstolo Paulo, que a ressurreição tornará incorruptíveis os corpos corruptíveis, a enfermidade dará lugar ao vigor, a ignomínia, à glória, o corpo animal, ao corpo espiritual.[190] Mas Jerônimo questiona esse ponto do texto de Rufino para saber se ele inclui na ressurreição da carne também o sangue que, juntamente com a carne, constitui também o corpo; ou também importaria saber se os corpos se reduziriam aos quatro elementos que os compõem. Com uma pitada de bom humor, Jerônimo fecha com um chiste o

---

[185] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 624: "...sciat quod de Trinitate ita credimus, quod unius naturae sit, unius Deitatis, unius ejusdemque virtutis, atque substantiae, nec inter Patrem et Filium et Spiritum Sanctum sit prorsus ulla diversitas, nisi quod ille Pater est, et hic Filius, et ille Spiritus Sanctus. Trinitas in subsistentibus personis, unitas in natura atque substantia..."

[186] São Jerônimo, *Apologia*, p. 106: "...De uno dubitas, cum multorum latratus ad te usque peruenerint..."

[187] MIGNE, J.-P., *PL. XXI*, col. 625: "...Filium quoque Dei in novissimis diebus natum esse confitemur ex Virgine et Spiritu Sancto: carnem naturae humanae, atque animam suscepisse, in qua et passus est, et sepultus, et ressurrexit a mortuis: in eadem ipsa carne resurgens, quae deposita fuerat in sepulcro: cum qua carne simul, atque anima post resurrectionem ascendit in caelos: unde et venturus exspectatur ad judicium vivorum ac mortuorum..."

[188] São Jerônimo, *Apologia*, p. 106: "...Puto quod et daemones confiteantur 'Filium Dei natum esse de uirgine' et 'carnem naturae humanae atque animam suscepisse'..."

[189] São Jerônimo, *Apologia,* p. 106: "...Anima ista quam suscepit Iesus, erat antequam nasceretur ex Maria, an in origine uirginali, quae de Spiritu Sancto nascebatur, cum corpore simul creata est, uel, iam in utero corpore figurato, statim facta et missa de caelo est? De tribus unum quid sentias scire desidero..."

[190] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col 625: "...Non ut quidam calumniantur, alteram pro hac resurrecturam dicimus; sed hanc ipsam, nullo omnino ejus membro amputato, vel aliqua corporis parte desecta..."

comentário sobre o tópico, com a imagem da Jerusalém celeste repleta de eunucos, sem nariz e sem orelhas[191], ironizando a relevância que se dá ao fato de que não haverá amputação ou corte de nenhum membro.

Ao tratar do juízo que haveria de acontecer e do castigo que caberia ao diabo, Rufino lembra que o juízo é o momento da retribuição pelas boas obras ou da punição pelas más obras e que, sendo o diabo para todos a causa do pecado, mais que todos o diabo, e todos os que realizam a sua obra, aí incluídos os que incriminam seus irmãos, herdarão as chamas eternas. [192] Jerônimo não apresenta objeções que denotem discordância ou oposição doutrinária às afirmações de Rufino. Ao contrário, critica a construção estilística de Rufino, como o caso da repetição do mesmo substantivo *iudicium* na oração principal e na oração relativa a ela subordinada[193], denunciando-lhe a imperícia estilística em tom de zombaria[194], bem como a engenhosidade da fórmula "entrarão em posse da herança do fogo eterno"[195] para traduzir em latim o grego *kleronomêsousin*. Jerônimo reage mais uma vez à investida de caráter pessoal da parte de Rufino, quando este menciona "os que acusam seus irmãos", contornando sabiamente a situação em que, novamente, seria alvo da malevolência do adversário, para acentuar que o diabo se aliviaria ao partilhar o castigo das chamas reservado a cristãos; no entender de Jerônimo, com a expressão que usou, Rufino deixa transparecer que "salva o diabo", por isso Jerônimo aconselha a Rufino que ele lance uma maldição direta a seu adversário, evitando associar a maldição do adversário ao viés da condenação a que está submetido o diabo.[196]

---

[191] São Jerônimo, *Apologia*, p. 108: "...Scilicet hoc timuimus ne sine naso et auribus surgeremus, et, amputatis sectisque genitalibus, eunuchorum in caelesti Ierusalem ciuitas conderetur!"

[192] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 625-626: "...Quod si homines recepturi sunt pro operibus suis: quanto magis et diabolus, qui omnibus existit caussa peccati? De quo illud sentimus, quod scriptum est in Evangelio: quia et ipse diabolus, et omnes angeli ejus, cum his qui opera ejus faciunt, id est, qui criminantur fratres, cum ipso pariter aeterni ignis haereditate potientur(Matth.25)..."

[193] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 625: "...Dicimus quoque et judicium futurum, in quo judicio unusquisque recipiat propria corporis, prout gessit, sive bona, sive mala..."

[194] São Jerônimo, *Apologia*, p. 110: "...Dixerat 'iudicium futurum', sed, homo cautus, timuit solum dicere 'in quo' et posuit 'in quo iudicio', ne, si non secundo repetisset 'iudicium', nos, obliti superiorum, pro 'iudicio' 'asinum' putaremus!"

[195] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 626: "...cum ipso pariter *aeterni ignis haereditate potientur*..." (observar os termos em itálico).

[196] São Jerônimo, *Apologia*, p. 114: "...Magis debueras, ut suspicionem salutis diabolicae declinares, dicere: *perditio factus es et non eris in aeternum*..." (grifo do texto da edição de Lardet)

Rufino dedica um tópico especial à origem das almas em sua *Apologia a Anastásio*, cujo texto Jerônimo transcreve em sua *Apologia contra Rufino*.[197] Jerônimo critica no texto de Rufino os inúmeros defeitos de estilo como a falta de correpondência no emprego dos modos e tempos, a imprecisão que resulta da interpretação de um texto com uso freqüente de pronomes indefinidos como sujeitos como *quidam*, *alii*, o emprego dos substantivos *quaestio* e *querimonia* como equivalentes, dentre outros problemas que tornam mais penoso o trabalho de quem se dispõe a criticá-lo que aquele esforço que teve empenhar quem o escreveu.[198] Além dos defeitos de estilo, Jerônimo aponta problemas mais graves como a carência de uma posição certa e definida sobre o tópico, fazendo Jerônimo pensar na oposição que representaram Arcesilau e Carnéades ao dogmatismo estóico, pela recusa em apresentar soluções para os problemas que lhes fossem apresentados, além de tomar como testemunha a autoridade do pontífice. Jerônimo observa as referências do texto marcadas pela hesitação, pela falta de indicação bibliográfica segura, afirmações calcadas em opiniões ("*puto*"). Quanto a Orígenes, Rufino conhece perfeitamente a posição que aquele mestre tinha a respeito das almas, a de que tendo sido criadas a partir do nada, outrora, por Deus, no momento presente, o criador as distribui nos corpos[199]; entretanto, Jerônimo propõe que Rufino defina em termos éticos o que pensa Orígenes a respeito da origem das almas.

Quanto à questão da tradução da obra *Perì Archôn* de Orígenes, traduzida por Rufino a pedido de irmãos, Jerônimo lembra que o pedido era que se fizesse tradução e não correção do texto; que cabe sobretudo a um bom tradutor a fidelidade ao teor do texto original. O próximo item tratará abundantemente das adições ou supressões impostas ao texto de Orígenes, que Jerônimo já levanta neste tópico.

3.2.3. O *De adulteratione librorum Origenis*

A refutação do tratado de Rufino sobre a *Adulteração dos livros de Orígenes*, de Rufino, ocupando a segunda parte do segundo livro da obra que estudamos, constitui um

[197] A transcrição de Jerônimo corresponde ao parágrafo oitavo do segundo livro, conforme a edição de Pierre Lardet, que utilizamos como referência em nosso trabalho de tradução.
[198] São Jerônimo, *Apologia*, p. 118: "...Tam putide et confuse loquitur ut plus ego in reprehendendo laborem quam ille in scribendo..."

importante tópico na querela entre Jerônimo e Rufino, como veremos a seguir, além de ser uma interessante reflexão sobre a propriedade literária em uma época bastante recuada em relação à nossa, quando vemos tantas vezes esta questão ser colocada com muita pertinência, em razão das inúmeras ocorrências de falsa atribuição de autoria, de um lado, e falta de reconhecimento de autoria, de outro. Em outras palavras, um tema sempre atual em várias épocas.

Quanto à querela que trouxe a dissidência entre Jerônimo e Rufino com a ruptura da antiga amizade, o tratado *De adulteratione librorum Origenis* transforma-se em ocasião propícia a novos embates entre os antagonistas no que diz respeito à defesa de Orígenes (assim pensa Jerônimo sobre o tratado de Rufino), por parte de Rufino, refutação das teses apontadas no *De adulteratione librorum Origenis*, por parte de Jerônimo. Precisamente neste ponto, este tópico contribui para a construção do polêmico na obra *Apologia de Jerônimo contra Rufino*.

O tratado de Rufino em questão[200], que acompanha a *Apologia de Orígenes*[201], atribuída por Rufino ao mártir Pânfilo, oferece ampla abertura a refutações, pois em princípio nega aquilo que na prática, do ponto de vista de quem o refuta, realiza de diversos modos. A saber, a defesa de Orígenes, com a alegação de que todos os conteúdos heréticos encontrados na obra são resultantes de acréscimos, interpolações, correções feitas por hereges, em épocas diversas, sobre o texto de Orígenes. A questão consiste em determinar se Orígenes é ou não é responsável pelas heresias que sua obra veicula. Rufino isenta Orígenes desta responsabilidade; Jerônimo, ao contrário, crê que Orígenes seja autor dos textos heréticos e refuta a tese da adulteração dos livros de Orígenes. Já no prólogo à sua tradução do Perì Archôn, Rufino menciona a causa dos pontos que traziam dificuldade ao leitor latino (alguns *offendicula*) "e sua completa explicação em sua tradução da *Apologia de Orígenes,* cujo texto Rufino fazia acompanhar de um opúsculo com as provas, a seu ver evidentes, da corrupção dos escritos origenianos."[202] Aquilo que, para Rufino, é resultante da ação de terceiros e isenta a Orígenes de responsabilidade de heresia em seus textos não pode atribuir-se à estultícia ou

---

[199] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 626: "...alii quod factas jam olim, id est, tunc cum omnia Deus creavit ex nihilo, nunc eas judicio suo dispenset in corpore. Hoc sentit et Origenes, et nonnulli alii Graecorum..."
[200] MIGNE, J.-P, *PL VII*, *De adulteratione librorum Origenis*, col. 615-632.
[201] MIGNE, J.-P., *PL VII*, col. 541-616.
[202] ORÍGENES, *Traité des Principes I* (1978), p. 70: "...Cuius diuersitatis causam plenius tibi in Apologetico, quem Pamphilus pro libris ipsius Origenis scripsit, edidimus, breuissimo libello superaddito, in quo euidentibus, ut arbitror, probamentis corruptos esse in quam plurimis ab haereticis et maliuolis libros eius ostendimus..."

insanidade de Orígenes, senão ao fato de que os elementos discrepantes e de sentido contrário não são da autoria de Orígenes[203], nem revelam, como sustenta Jerônimo em sua *Apologia*, (citando palavras do tratado *De adulteratione)* mutação do pensamento de Orígenes de acordo com as épocas em que foram escritos os textos, uma vez que todos os trechos intercalados, de sentido contrário, observáveis de um capítulo a outro, não devem ser imputados a Orígenes.[204] Para Jerônimo, ao contrário, esses argumentos são como bijuterias, ou jóias de ouro falso. Retomando a Pérsio, Jerônimo compara o texto de Rufino a uma jóia de lavor grosseiro, ao qual acrescenta o dado importante de sua relação de conhecimento pessoal de quem o elaborou.[205]

A refutação do tratado *De adulteratione librorum Origenis*, como dissemos há pouco, traz-nos importante reflexão sobre a propriedade literária, uma vez que a crença na partilha indiscriminada de tudo o que se sabe e se declara, sem a devida atribuição da autoria, origem e época, acaba por gerar uma espécie de comunitarismo literário, sem distinção de autores e de referências culturais precisas, sem o devido respeito à alteridade, uma vez que são abolidas as fronteiras necessárias ao reconhecimento devido ao que é alheio e ao que é próprio. Em seu combate contra a heresia, principalmente o origenismo em nosso estudo, que constitui o motivo principal de sua polêmica, Jerônimo reconhece o caos no qual tudo acabaria se se desse atenção a teses como aquelas do tratado *De adulteratione*, visto que não se poderia mais diferenciar autores católicos de autores heréticos, uma vez que os autores heréticos não poderiam ser responsabilizados pela sua doutrina herética, sendo impossível reconhecer os agentes que agiriam em segredo e , portanto, saber a quem atribuir a heresia. Maniqueu, Eunômio, Ário, Valentino e Marcião estariam isentos do labéu de heresia, já que seus textos foram, com toda probabilidade, "falsificados" por hereges, sujeito indeterminado de quem ignoramos paradeiro, nome, época em que viveu, propósito com que alterou o texto. Tudo acaba pertencendo a todos e a ninguém simultaneamente.

Jerônimo toma como ponto e exemplo desta falta de escrúpulos quanto à apresentação dos textos o caso de uma epístola de Orígenes, citada no tratado *De adulteratione*, que se acha truncada, uma vez que Rufino inicia a citação do texto da epístola

[203] MIGNE, J.-P., *PL VII*, col. 616: "...Dubitari non puto quod hoc nullo genere fieri potuit, ut vir tam eruditus, tam prudens, et certe (quod indulgere etiam accusatores ejus possunt) vir qui neque stultus, neque insanus fuerit, ipse sibi contraria et repugnantia suis sententiis scriberet..."

[204] Ler em São Jerônimo, *Apologia*, edição de Pierre Lardet, p. 140-141, o final do parágrafo 15, que ilustra os aspectos contraditórios do texto de Orígenes, segundo o testemunho de Rufino, que J. cita.

já lá pela metade (segundo testemunho de Jerônimo), ocultando a seu leitor boa porção de texto. A ocultação da porção de texto que Jerônimo apresenta no parágrafo 18 do segundo livro ocorre em função de um propósito que Jerônimo deixa a seu leitor a vez de percebê-lo, bem como perceber o que Rufino apresentou da epístola de Orígenes em seu tratado, que Jerônimo também transcreve em sua *Apologia*.[206]

São citados também na refutação o diálogo de Orígenes e Cândido. Jerônimo denuncia a utilização mentirosa, a seu ver, do nome de Hilário de Poitiers, como autor, a exemplo de Orígenes, cuja obra sofreu adulteração por hereges, valendo esta adulteração a sua excomunhão e o abandono forçado da assembléia reunida para realizar o Concílio de Rimini. Igualmente mentirosa a atribuição do *De trinitate* a Tertuliano, o qual Rufino disse que era utilizado largamente em Constantinopla, sob o nome de Cipriano; nesse caso, nem a um nem a outro a atribuição era devida, mas a Novaciano.[207]

Para finalizar este item, Rufino atinge com maior agudeza o seu adversário pessoal quando alude a um tempo em que Jerônimo tinha sido secretário do papa Dâmaso e a ele era confiada a redação das cartas eclesiásticas. A Jerônimo fora atribuída uma correção feita em uma obra de Atanásio, mas tratava-se de uma manobra suspeita dos Apolinaristas.[208]

---

[205] Pérsio, *Sat. 3, 30*: "...Ad populum phaleras! Ego te intus et in cute noui..."
[206] São Jerônimo, *Apologia*, p. 148-155.
[207] São Jerônimo, *Apologia*, p. 154- 159.
[208] MIGNE, J.-P., *PL VII*, col. 629-630: "...Damasus episcopus, cum de recipiendis Apollinarianis deliberatio haberetur, editionem ecclesiasticae fidei, cui iidem editioni, si Ecclesiae jungi velint, subscribere deberent, conscribendam mandavit amico suo cuidam presbytero viro disertissimo, qui hoc illi ex more negotium procurabat. Necessarium visum est dictanti in ipsa editione De incarnatione Domini, hominem Dominicum dici. Offensi sunt in hoc sermone Apollinaristae: novitatem sermonis incusare coeperunt. Adesse sibi coepit qui dictaverat, et ex auctoritate veterum scriptorum catholicorum virorum confutare eos qui impugnabant. Decidit ut uni ex ipsis qui novitatem sermonis causabantur, ostenderet in libello Athanasii episcopi scriptum esse sermonem de quo quaestio habebatur. Quasi suasus jam ille cui hoc probatum fuerat, rogavit dari sibi codicem, quo et aliis ignorantibus satisfaceret. Accepto codice, inauditum excogitavit adulterationis genus. Locum ipsum in quo sermo iste scriptus erat, rasit, et ipsum sermonem rursum rescripsit quem raserat. Codex redditus simpliciter receptus est. Movetur iterum pro eodem sermone quaestio: ad probationem codex profertur; invenitur sermo de quo erat quaestio, ex litura in codice positus; fides proferenti talem codicem derogatur, eo quod litur illa corruptionis ac falsitatis videretur indicium. Sed quoniam(ut iterum eadem dicam) viventi haec facta sunt a vivente, continuo egit omnia ut fraus commissi sceleris nudaretur, et nequitiae macula non innocenti viro, qui nihil tale gesserat, adhaereret, sed in auctorem facti atque in uberiorem ejus infamiam redundaret..."

3.2.4. As traduções bíblicas de Jerônimo

Jerônimo dedica a terceira parte do segundo livro de sua *Apologia* a justificar a sua obra de tradução da Bíblia a partir dos originais hebraicos, que ficou conhecida como *Vulgata*. A Jerônimo horrorizava o estilo pouco cuidado das velhas traduções latinas, do que nos dá testemunho a sua epístola mais conhecida, em seu parágrafo mais clássico, o da narrativa do célebre sonho.[209] As traduções da Bíblia a partir do hebraico, empreendidas por nosso autor, constituem um movimento audacioso e renovador no âmbito da cultura cristã, pois os latinos careciam de um texto de boa qualidade lingüística e estilística, já que as traduções mais consistentes do Antigo Testamento eram lidas em grego, a famosa edição dos Setenta ou *Septuaginta*, e o texto original do Novo Testamento, também em grego.

O empreendimento de Jerônimo tem início com o aprendizado da língua hebraica no deserto de Cálcis com o monge judeu Baranina, chegando até o ponto do autor defender para suas traduções bíblicas, a partir dos originais hebraicos, a prerrogativa da *hebraica ueritas*, que consiste em restaurar os parâmetros culturais da sociedade judaica, a fonte dos textos bíblicos. Acreditamos que tal empreendimento representa um forte impacto cultural (pelos frutos que trouxe para os cristãos de língua latina) e uma iniciativa original e sem precedentes (pelo empenho e conhecimento que tal tarefa requeria do tradutor e pelo volume de trabalho que a extensão dos textos representava). Um trabalho verdadeiramente hercúleo que nosso autor legou ao Ocidente e que nutriu a cristandade medieval por, pelo menos, um milênio inteiro, sendo a principal fonte do texto bíblico até a época da invenção da Imprensa.

Jerônimo refuta os ataques de Rufino às suas traduções bíblicas. E os ataques começam com o apelido que Rufino impõe ao mestre judeu de língua hebraica, cujas lições Jerônimo freqüentou no deserto de Cálcis, Baranina, mudando esse nome, de modo pejorativo, com sentido de profunda rejeição a tudo que trouxesse a marca judaica, para Barrabás. O anti-semitismo passa a ser pretexto para desqualificar a empreitada das traduções bíblicas, cujo alcance avaliamos no parágrafo anterior, com acusações de que Jerônimo havia se tornado

[209] São Jerônimo, *Epistolario I* (1993), p. 242: "...Si quando in memet reuersus prophetam legere coepissem, sermo horrebat incultus et, quia lumen caecis oculis non uidebam, non oculorum putabam culpam esse, sed solis..."

refém dos judeus, já que deles partilhava o "espírito judaico".[210] Jerônimo argumenta que sua obra de tradução, a *Vulgata*, não desmerece a tradução grega dos Setenta nem resulta em uma nova obra pois, sendo tradução de uma obra, de uma cultura estrangeira, tem por obrigação manter o teor do texto de partida na língua de chegada. Além disso, Jerônimo argumenta a todo instante que suas traduções bíblicas são uma alternativa à tradução bíblica dos Setenta, mas que ele, educado na tradição da tradução dos Setenta, sustenta que a tradução grega mantém o seu lugar, não pretendendo o autor subvertê-la com a sua *Vulgata*. Jerônimo reagiria a inúmeros agravos da parte de Rufino, os quais ele imagina Rufino lhe faria quanto ao seu empreendimento de tradução: "...homicida, adúltero, sacrílego, parricida..."[211].

Citando o prefácio à tradução do livro do Gênesis[212], Jerônimo distingue o *vates* ou *propheta* do *interpres*, ao separar do trabalho de tradutor aquilo que é da alçada do profeta e da profecia. A distinção serve para rechaçar a confusão que Rufino criou em sua Apologia contra São Jerônimo, dizendo que "o Espírito Santo havia inspirado o trabalho dos setenta sábios, sob o comando de um único homem (Jerônimo!), apadrinhado por Barrabás".[213] A tradução da *Vulgata* superaria a da Septuaginta pois, no entender de Jerônimo, o que fora profetizado por profetas do Antigo Testamento torna-se história nos tempos posteriores ao advento de Cristo e, portanto, ao que era profecia somam-se as evidências da história[214].

Citando passagem do livro do Êxodo[215] e retomando o motivo bíblico da coleta dos materiais na comunidade dos filhos de Israel, por determinação de Iahweh a Moisés, Jerônimo, no prefácio ao prefácio ao livro de Samuel e dos Reis[216] dá à sua tradução da Bíblia o paralelo da oferta das peles e pêlos de cabra. Aparentemente menos valiosos que o ouro, as pedras preciosas, a púrpura, o linho fino, o escarlate e o jacinto, a oferta das peles e pêlos de cabra, por Jerônimo, têm a virtude de proteger a beleza da tenda do ardor do sol e dos danos causados pelas chuvas. Estaria Jerônimo aludindo, com a imagem do sol e das chuvas, aos

---

[210] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 615: "...Quis enim alius auderet ab Apostolis tradita Ecclesiae instrumenta temerare, nisi Judaicus spiritus? Illi te, o mi frater, antequam a Judaeis capereris, carissime, illi te in haec mala praecipitant..."

[211] São Jerônimo, *Apologia*, p. 170: "...Miror quomodo in eadem epistula homicidam et adulterum et sacrilegum ac parricidam me esse non dixerit, et quicquid potest tacita mentis cogitatio intra se turpitudinis uoluere..."

[212] MIGNE, J.-P., *PL XXVIII*, col. 179-184.

[213] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 612: "...De quo ut omittam illud dicere, quod Septuaginta duorum virorum per cellulas interpretantium unam et consonam vocem, dubitandum non est, Spiritus Sancti inspiratione prolatam, et majoris id debere esse auctoritatis, quam id quod ab uno homine, sibi Barraba aspirante, translatum est..."

[214] São Jerônimo, *Apologia*, p. 176: "...nos, post passionem et ressurrectionem eius, non tam prophetiam quam historiam scribimus..."

[215] *Exôdo 35, 20-29*.

danos que as heresias vinham causando à Igreja de Cristo, como acontecia também à tenda, sujeitas a intempéries de vários tipos?

Importante ponto no prefácio ao livro das Crônicas[217] é o retorno ao Hebreus pelo fato de eles serem a fonte das Escrituras do Antigo Testamento e a fonte viva de onde procede também boa parte dos textos do Novo Testamento. Isto justificaria o trabalho de tradução que recuperaria a *hebraica ueritas*, a fonte vital e original dos textos bíblicos.

Prefaciando o livro de Esdras[218], Jerônimo lembra que, uma vez terem os gregos adotado sua tradução, ao lado das de Áquila, Símaco e Teodocião, com muito mais razão deveriam os latinos, com entusiasmo, adotar a sua. O conhecimento da língua hebraica por Jerônimo, ainda que ele próprio o considere modesto, é sem par no mundo cristão. Esse conhecimento "modesto" autoriza-o a transportar para a língua latina o que ele compreendeu nos textos hebraicos.

A tradução do livro de Jó, afirma Jerônimo no prefácio de tal tradução[219], vem preencher uma importante lacuna que a outra tradução existente do mesmo livro tinha, em termos de reduções, mutilações, obscuridades e omissões ou, pelo menos, alterações devidas a erros dos copistas.

No prefácio da tradução ao livro de Isaías[220], as outras versões (dos Setenta) ocultam muitos mistérios da vida do Messias que a profecia de Isaías prenunciava para o Cristo e que ganhou para os cristãos pleno sentido depois da encarnação histórica do Filho de Deus no homem de Nazaré. A existência de mais de uma tradução de um mesmo texto ajudaria a melhor compreender um texto da complexidade de uma profecia, e é a este título que Jerônimo apresenta a sua tradução do texto de Isaías.

Para finalizar este item, Rufino acusa a Jerônimo de ter traduzido e introduzido no texto do profeta Daniel, do qual Jerônimo apresenta aqui seu prefácio[221], a história de Susana, o hino dos três meninos, as narrativas de Bel e do dragão que não figurariam nos volumes

---

[216] MIGNE, J.-P., *PL. XXVIII*, col. 593-604.
[217] MIGNE, J.-P., *PL XXVIII*, col. 1389-1394.
[218] MIGNE, J.-P., *PL XXVIII*, col. 1471- 1474.
[219] MIGNE, J.-P., *PL XXVIII*, col. 1137-1142.
[220] MIGNE, J.-P., *PL. XXVIII*, col. 825-828.
[221] MIGNE, J.-P., *PL. XXVIII*, col. 1357-1360.

hebraicos.[222] A este agravo, Jerônimo reage impingindo-lhe o terrível rótulo cômico de sicofanta, termo que se pode encontrar nas comédias de Plauto e Terêncio.[223]

3.3. As questões de tradução do *Perì Archôn*

Sobre esse tema, escreveu Gustave Bardy sua tese de Doutorado em Letras, apresentada à Faculdade de Letras da universidade de Paris[224]. O mesmo autor da tese que citamos publicou um artigo sobre tradução no século IV A.D.[225]

O religioso brasileiro Dom Paulo Evaristo Arns, autor do estudo *A técnica do livro segundo São Jerônimo*, fornece-nos importantes definições para termos que impregnam a obra de São Jerônimo e que testemunham o arcaico processo da concepção, produção e difusão do livro na Antigüidade tardia. No quarto parágrafo do terceiro livro da *Apologia de Jerônimo contra Rufino,* encontramos o termo *schedulae* em uma citação de uma passagem da *Apologia contra São Jerônimo*[226], na qual Rufino acusa "alguns amigos de Jerônimo de haver falsificado os papéis do Perì Archôn, que não se encontravam ainda corrigidos nem passados a limpo, para poder falsificá-los mais tranqüilamente, por serem poucos aqueles que os possuíam". *Schedula* designa o estado no qual o texto ainda está sujeito a revisão, antes de sua transcrição definitiva e sua colocação em rolo ou códice.[227] Para nós ele tem especial interesse, pois carrega em si o processo inacabado da escrita, o diálogo que preside o processo do texto com as escolhas feitas, com os cortes e acréscimos, com as correções finais que dão ao texto seu perfil, o qual é final apenas provisoriamente, até que o trabalho de leitura o

---

[222] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 613-614: "...Omnis qui putabat Susannam nuptis et innuptis exemplum pudicitiae praestitisse, erravit...Quicumque Hymnum trium puerorum in Ecclesia Domini cecinerunt, omnes erraverunt, et falsa cecinerunt..."

[223] Plauto, *Anfitrião*, 506; Plauto, *O Gorgulho*, 463; Terêncio, *A moça de Andros*, 815. O termo significa o mesmo que denunciante, pessoa mentirosa, caluniadora. Em Atenas, era quem denunciava os que transgrediam a lei, exportando figos.

[224] Recherches sur l'histoire du texte et des versions latines du *De principiis* d'Origène, publicada em 1923. Ver bibliografia.

[225] *Traducteurs et adaptateurs au IVe. siècle*, no periódico Recherches de Sciences Religieuses, 1940. Ver bibliografia.

[226] c. Hier. 2, 10, 5 s: "...Noli multo auro redimere notarium, sicut amici tui de meis Περι ΑρΧ ων schedulis nondum emendatis, nondum ad purum digestis fecerunt, ut facilius falsare possent quod aut nullus haberet, aut admodum pauci. Gratis a me missum suscipe codicem quem censu magno cuperes comparatum..."

[227] ARNS, P. E. (1993), p. 25, identifica *schedula* com uma "espécie de rascunho", embora reconheça, para o termo uma boa quantidade de variações de valor e emprego.

desmantele novamente em suas bases, a fim de refazê-lo em possibilidades sempre novas e, em alguns casos, imprevisíveis.

Em resposta às colocações de Rufino em sua *Apologia contra São Jerônimo*, citada no parágrafo anterior, Jerônimo relata o caso da epístola de Epifânio, bispo de Chipre, enviada a João, bispo de Jerusalém, traduzida para Eusébio de Cremona, que desconhecia a língua grega[228]. O texto da tradução foi vendido por um falso monge que, igualmente a troco de dinheiro, fez a tradução sair dos armários de Eusébio de Cremona para a diocese de Jerusalém, onde o texto caiu em mãos de adversários origenistas, João, Rufino, dentre outros. A epístola traduzida, que Jerônimo chama ironicamente de *epistula laudatrix tua*, é a epístola 51 e trata dos erros do origenismo.[229] Logo adiante, no quinto parágrafo do terceiro livro de sua *Apologia*, Jerônimo não aprova a acusação que Rufino faz a Eusébio de Cremona, colocando-o no rol dos amigos de Jerônimo que poderiam ter falsificado a tradução rufiniana do *Perì Archôn*, sob a alegação de que a acusação não é cabível de cristão para cristão, nem contra um homem de semelhante santidade.

Por tudo que já vimos a respeito da tradução rufiniana do *Perì Archôn*, por meio do prefácio desta tradução, que se tornou o *leitmotiv* de todos os acontecimentos da querela entre os dois ex-amigos, é bastante interessante a imagem que Jerônimo constrói do texto da tradução rufiniana, em virtude das interpolações que Rufino atribui a hereges no original e que ele corrige no texto de sua tradução: Jerônimo o compara a algo semelhante à roupa de arlequim ou colcha de retalhos.[230]

O tema da tradução tem importantes implicações para os aspectos de intertextualidade, pois o texto traduzido carrega em si o texto original, transportado para outro código e conservando, por princípio, o sentido e as relações básicas e essenciais dos diversos códigos do texto de origem.

A principal questão que motiva a recusa de Jerônimo em relação à tradução rufiniana do *Perì Archôn* é a inegável heterodoxia de Orígenes. Caberia à tarefa do tradutor,

---

[228] São Jerônimo, *Epistolario I* (1993), ep. 57, 2, p. 544

[229] São Jerônimo, *Epistolario I* (1993), ep. 51,4, p. 449: "...haec in libris Περι ΑρΧ ων scribuntur, his uerbis legimus et ita locutus est Origenes: 'sicut enim incongruum est dicere quod possit Filius uidere Patrem sic inconsequens est opinari quod Spiritus sanctus possit uidere Filium'..."

[230] São Jerônimo, *Apologia*, p. 225: "...Aut quid subtraheret uel adderet in libris Περι ΑρΧ ων , ubi sibi contexta sunt omnia et alterum pendet ex altero, ut quicquid tollere uolueris aut addere quasi pannus in uestimento statim appareat?..." A imagem do arlequim Pierre Lardet comenta na nota 434, p. 237 de seu Comentário à *Apologia de Jerônimo contra Rufino*, editado em 1993.

segundo Jerônimo, expor os bons e maus aspectos de um autor, a fim de que o leitor tenha uma visão aproximada de seu pensamento original. Tal como a percebe Jerônimo, a tradução rufiniana do *Perì Archôn* assemelha-se mais à criação própria de Rufino.[231]

A segunda parte do terceiro livro propõe um retorno sobre métodos de tradução, bem como sobre um problema de atribuição.

Evocando as afirmativas de Rufino no prefácio à tradução do *Perì Archôn*, Jerônimo distingue com nitidez tradução e comentário. No primeiro livro da *Apologia de Jerônimo contra Rufino*, estabelece nosso autor claras definições acerca do gênero do comentário na literatura sacra e profana, com abundante exemplificação.[232] Jerônimo admite que as afirmativas de Rufino quanto às traduções dos tomos do apóstolo Paulo tenham alguma pertinência apenas se Rufino estiver se referindo aos Comentários à epístola aos Efésios, de que já refutou as considerações apresentadas por Rufino.[233] O autor ressalta o descompasso entre as propostas declaradas por Rufino de apresentar os melhores aspectos de Orígenes pela supressão dos acréscimos devidos aos hereges[234], e Rufino passa a ser o alvo principal de responsabilidade já que procede a um trabalho de seleção e corte aos quais seu leitor de língua latina não pode aceder.

Poderíamos elencar a partir do prefácio da tradução rufiniana do Perì Archôn as principais questões e ambigüidades que tal texto comporta:

1. O elogio que Rufino faz a Jerônimo, nas circunstâncias de uma tradução de um texto supostamente interpolado, nada tem de lisonjeiro, uma vez que arrasta o elogiado para o mesmo círculo de hereges interpoladores do texto, em questão, de Orígenes.
2. Jerônimo, ao que nos demonstra, não desejaria ser apresentado ao leitor comum como o fora por Rufino no tal prefácio da tradução do *Perì Archôn*, uma vez que o primeiro não considera haver procedido em suas traduções como declarou Rufino que daquela forma havia procedido e que, portanto, não aceita pacificamente que Rufino declare que o está imitando.
3. A atribuição da *Apologia de Orígenes* ao mártir Pânfilo, Jerônimo a tem na conta de uma calúnia contra o mártir, pela infâmia da atribuição de uma apologia a um heresiarca

[231] São Jerônimo, *Apologia,* p. 224: "...Quod si facere uolueris, iam non libros alienosinterpretaberis, sed condes tuos..."
[232] São Jerônimo, *Apologia*, p. 44-50.
[233] São Jerônimo, *Apologia,* p. 58-80.
[234] ORÍGENES, *Tratado dos princípios* (1978), p. 70, l. 42-49.

(Orígenes) tendo por autor um herege (Eusébio de Cesaréia), e sendo atribuída ao mártir Pânfilo.

4. As correções feitas no conteúdo do texto são inaceitáveis; não são cabíveis ou compatíveis com o papel de um tradutor. Jerônimo, que, por princípio, agiria de modo diverso e não consente com o elogio pérfido de Rufino, recusa o louvor, pois Rufino põe-no no rol dos maus tradutores, como se fosse natural proceder como procedeu Rufino.

3.4. As citações de autores clássicos

A tradução da *Apologia de Jerônimo contra Rufino,* apresentada juntamente com o texto desta tese, traz grande parte das citações de autores clássicos que as edições mais antigas da obra que analisamos registram sempre da mesma forma (estamos falando das edições de Domenico Vallarsi, de 1767, a de J. Bareille, de 1878-1885, a de J.-P. Migne, de 1883 e a de Pierre Lardet, de 1983). Não cremos que esgotamos o assunto ao atribuir a cada citação sua origem, em nossa tradução; nem que as edições que consultamos o tenham feito. Acreditamos que todo texto comporta um número infinito de citações, sejam literais ou parafrásticas. Por outro lado, quando o texto não apresenta estas duas modalidades nas quais reconhecemos as citações, o aspecto da polifonia abrange várias outras espécies de citação que acabam por dar ao texto o estatuto de um lugar de um número infinito de citações.

Importa saber neste item qual função tem a citação dos autores clássicos na obra que analisamos. A citação dos clássicos reflete a formação desses cristãos do século IV que aprenderam as letras latinas nos textos consagrados que lhe chegavam nas escolas, juntamente a disciplina gramatical, oratória e moral, sob a ameaça da palmatória e do castigo de bravos mestres. No próprio livro de sua *Apologia*, Jerônimo rememora um dia em sua infância em que "deixa o colo de sua avó para ser entregue prisioneiro ao furor de um Orbílio"[235]. A própria antonomásia para nomear a figura do mestre com a utilização do nome de Orbílio remete ao nome que, com toda probabilidade Jerônimo conheceu na obra de Horácio.[236] No momento em que abordamos o tema da formação clássica dos nossos autores cristãos, entre os

[235] São Jerônimo, *Apologia*, p. 82: "...memini me puerum cursasse per cellulas seruulorum, diem feriatum duxisse lusibus et ad Orbilium saeuientem de auiae sinu tractum esse captiuum..."
[236] Horácio, *Epístolas 2, 1, 70.*

quais Jerônimo, a famosa narrativa do sonho na epístola 22[237] impõe sua pertinência ao nosso entendimento, no sentido que evidencia a formação tradicional que marca as personalidades cristãs, que não se apaga diante da confissão cristã e que não anula, entretanto, a condição cristã, mas que tem seu lugar próprio. Neste sentido, não é sem razão que o parágrafo 30 de tal epístola tenha se tornado emblemático da personalidade de nosso autor, e, muitas vezes, ser alegado como justificativa do apego de Jerônimo a Cícero. Trata-se de uma encenação de um drama de consciência diante de duas culturas que, aparentemente, seriam mutuamente inassimiláveis, a cultura clássica e a cultura cristã.

A narrativa do sonho na epístola 22 de Jerônimo tornou-se alvo da acusação de perjúrio movida por Rufino em sua *Apologia contra São Jerônimo.* O sonho que data da primeira estada de Jerônimo no Oriente (por volta do ano de 374) acaba sendo alvo da invectiva de Rufino que critica o hábito de Jerônimo de fazer constantes referências a autores pagãos.[238] Em resposta à invectiva de Rufino, Jerônimo aborda novamente o que escrevera havia muito tempo e defende para a cultura clássica o lugar pacífico de cultura assimilada e que é impossível esquecer; não afeta prejudicialmente a condição cristã, ou pelo menos, porque não consegue esquecer o que aprendeu, encara pacificamente o legado clássico e relaciona-se tranqüilamente com ele.[239]

Em nossa bibliografia, consta uma obra que trata unicamente do tema das relações entre os padres latinos e os clássicos.[240] Nessa obra, encontramos capítulos dedicados às mais diversas fases da vida e obra de Jerônimo, entre as quais aquela que nos interessa mais diretamente, a fase da controvérsia origenista. Hagendahl também assinala a existência de um estudo bastante extenso sobre citações na obra de Jerônimo, o qual data de 1872.[241] Hagendahl assinala igualmente a existência de uma obra sobre os estudos ciceronianos de São Jerônimo.[242]

---

[237] São Jerônimo, *Epístola 22, 30.*

[238] MIGNE, J.-P., *PL XXI*, col. 588: "...Relegantur nunc, quaeso, quae scribit, si una ejus operis pagina est quae non eum iterum Ciceronianum pronuntiet, ubi non dicat: 'Sed Tullius noster, sed Flaccus noster, sed Maro'..."

[239] São Jerônimo, *Apologia*, p. 84: "...Bibendum igitur mihi erit de lethaeo gurgite, iuxta fabulas poetarum, ne arguar scire quod didici..."

[240] HAGENDAHL, Harald. *Latin fathers and the classics*. A study on the Apologists, Jerome and other christian writers. Göteborg, Acta Universitatis Gothoburgensis, 1958.

[241] O autor é Lübeck e o estudo data de 1872.

[242] KUNST, C. *De S. Hieronymi studiis Ciceronianis* (Dissertationes philologae Vindobonenses, XII). Viena, 1918.

Entre os autores citados por Jerônimo, quatro compõem o *quadriuium,* elenco de autores obrigatórios na formação escolar da adolescência romana. Na época de Jerônimo, compunham o *quadriuium* Cícero e Salústio, para a prosa, e Terêncio e Virgílio, para a poesia. Certamente, encontramos eco considerável deste elenco de autores na obra que analisamos, ao lado de inúmeros outros autores dos quais podemos verificar a presença no texto que analisamos.

O parágrafo 16 do primeiro livro da *Apologia de Jerônimo contra Rufino* traz um repertório considerável de rétores gregos e latinos: Crisipo e Antípatro, Demóstenes e Ésquines, Lísias e Isócrates (gregos) e Cícero, Aspro, Vulcácio, Vitorino, Donato, Plauto, Lucrécio, Horácio, Virgílio, Pérsio, Lucano (latinos).[243] Entre esses autores, Hagendahl reconhece que "Jerônimo é um ciceroniano num sentido muito mais profundo do que tais ínfimas reminiscências poderiam implicar." "Eu não estou pensando – afirma Hagendahl – em sua dívida para com Cícero pelo vigor, movimento e elegância de seu estilo. O que eu tenho em mente é a soma de informação factual que ele deve a Cícero e que ele tem que admitir neste verdadeiro panfleto."[244] É em Cícero que encontramos a fonte de muitos *loci* que se encontram na obra que analisamos. Só na obra Tusculanae disputationes podemos verificar três *loci*:

1. *"Sed quoniam de confragosis et asperis locis enauigauit oratio"* (*Apol. c. R.* I, 30)[245]
2. *"Crassum quem semel in uita dicit risisse Lucilius"* (*Apol. c. R.* I, 30)[246]
3. *"Septem modos conclusionum dialectica me elementa docuerunt; quid significet* αξιομα*, quod nos 'pronuntiatum' possumus dicere"* (*Apol.* c. *R.* I, 30)[247]

Para ilustrar aquilo que havia afirmado, valendo-se da autoridade de Porfírio, Jerônimo cita com muita destreza uma passagem do sexto livro da Eneida, versos 748 a 751, justamente quando Virgílio fala de παλιγγενεσια (regresso à vida, depois da morte real ou aparente): " Todas essas almas, quando fizeram girar a roda durante mil anos, um deus as

[243] São Jerônimo, *Apologia*, p. 44 e 46.
[244] HAGENDAHL, H. (1958), p. 176.
[245] Corresponde a *Tusc. 4, 14, 33*: "...Ex quibus quoniam tanquam ex scruplosis cotibus enauigauit oratio..."
[246] Corresponde a *Tusc. 3, 15, 31*: "...M. Crassi illius ueteris, quem semel ait in omni uita risisse Lucilius..."
[247] Corresponde a *Tusc. 1, 7, 14*: "...Omne 'pronuntiatum' (sic enim mihi in praesentia occurrit, ut appellarem αξιωμα; utar post alio, si inuenero melius)..." As notas de fragmentos da obra *Tusculanae disputationes* foram citadas de segunda mão, da obra citada neste item de H. Hagendahl.

chama em longa fila junto ao Letes, e é a fim de que, tendo perdido toda lembrança, elas possam de novo rever a abóbada celeste e comecem a querer retornar a corpos".[248]

São, pois, vários os autores citados por Jerônimo: Dião Cássio, Homero, Horácio, Lucrécio, Pérsio, Platão, Plauto, Plínio, Porfírio, Quintiliano, Salústio, Sêneca (o Filósofo), Terêncio e Virgílio. Em grande parte dos casos, a evocação dos autores clássicos em citações no texto da *Apologia* contribui para criar um ambiente de conivência cultural entre Jerônimo, cristão educado na cultura clássica, e seu leitor, indivíduo que se coloca em condições potencialmente iguais, e, uma vez que não se pode fugir ou negar o que se aprendeu, a única atitude sensata é continuar cultivando o legado clássico pagão, de escritura e de leitura, de texto antigo redimensionado em novos textos.[249] A citação também é um instrumento a mais à disposição do polemista, de modo a contribuir para o enaltecimento da sua imagem própria, para defender-se diante do adversário e construir uma apologia em benefício próprio.

Encerramos aqui o item, com a certeza de tê-lo abordado bastante sumariamente, mas satisfeitos por termos mostrado as principais funções da citação dos clássicos na obra-objeto de nossa análise.

3.5. O texto patrístico

Como conclusão a este capítulo, nosso intuito é refletir sobre os traços do texto da *Apologia de Jerônimo contra Rufino* que a marcam como texto patrístico e, como tal, não se confundiriam com um texto clássico como as obras de Sêneca, por exemplo.

A vinculação do texto à religião cristã é um primeiro dado importante. O paganismo se encontra presente na obra. Jerônimo cita os clássicos gregos e latinos, mas a cultura clássica subordina-se à discussão de temas cristãos. Se a cultura clássica pagã é o solo sobre o qual se vai edificando o corpo da doutrina cristã, porque aquela cede a esta suas categorias filosóficas, seu imaginário estético e literário, sua índole, sua força moral é a mensagem cristã, o impulso do Evangelho que busca a sua concretização dentro dos moldes

[248] São Jerônimo, *Apologia*, p. 318: "...Has omnes, ubi mille rotam uoluere per annos/ lethaeum ad fluuium deus euocat agmine magno, / scilicet immemores supera ut conuexa reuisant/ rursus et incipiant in corpora uelle reuerti..."

[249] São Jerônimo, *Apologia*, p. 84: "...Bibendum igitur mihi erit de lethaeo gurgite, iuxta fabulas poetarum, ne arguar scire quod didici..." (O trecho citado serve a identificar que a posição mencionada no texto é de Jerônimo)

da cultura pagã, a despeito das dificuldades que esta tentativa encontra em cada termo lingüístico que se empresta à nova religião, e tudo o que cada termo – alma, ressurreição, castigo, redenção, a título de exemplos – carrega em si das antigas concepções religiosas da Antigüidade clássica. Porque o texto da *Apologia* busca discutir os temas de interesse da doutrina cristã acerca de um autor, sobre o qual se passou a ter suspeita de heresia, o texto que analisamos é também um texto polêmico, prenhe que está de procedimentos discursivos de intervenções e contra-intervenções.

O texto patrístico circunscreve-se à época da Antigüidade tardia, e sua criação e destinação estão vinculadas a um modelo social historicamente determinado que não encontraria nos dias de hoje, por exemplo, o mesmo eco que, com certeza, encontrou na época de sua publicação. A época que viu nascer a *Apologia de Jerônimo contra Rufino* foi marcada por preocupações que soam para nós, modernos, como questões vãs e despropositadas, como a questão que se colocava acerca das pessoas da Santíssima Trindade a saber se havia entre elas subordinação ou não. Na época, este tema ocupava até as conversas no mercado, tal era a força e importância que suscitavam. Também as questões teológicas ligavam-se a um modelo de sociedade que dependia fundamentalmente destas definições e deste discurso.[250]

[250] Sobre as questões apresentadas quanto à época de São Jerônimo, quanto à historiografia, consultar a tese de Doutorado de Marcus Silva da Cruz, intitulada *Da virtus romana à virtude cristã*. Um estudo acerca da conversão da aristocracia em Roma a partir das epístolas de São Jerônimo. Rio de Janeiro: UFRJ / IFCS, 1997.

CAPÍTULO QUARTO
A CONSTRUÇÃO DO ESTILO POLÊMICO NA APOLOGIA DE JERÔNIMO CONTRA RUFINO

Neste capítulo, mencionaremos, em toda a sua extensão, o título da obra que nos propusemos analisar com a menção simples de *Apologia*, pela simples razão de que apenas o texto de São Jerônimo em questão é que vai ocupar nossa atenção e análise.

Como há uma pluralidade de modelos genéricos na *Apologia*, também observamos, em termos estilísticos, uma pluralidade de recursos que procuramos descrever e exemplificar, ainda que não levemos à exaustão a análise estilística do texto que analisamos. Nosso intuito é descrever as questões que Jerônimo apresenta no trato de sua relação com a língua latina, em sua época, nos seus interesses, e descrever, igualmente, a análise de um estilo rico e variado, desenvolvendo a análise dos elementos expressivos, das figuras estilísticas, dos variados motivos; as emoções do polemista e a questão do bestiário do texto da *Apologia*.

4.1. O latim cristão em São Jerônimo

São Jerônimo, como tantos outros autores de sua época ou anteriores a si, que podemos classificar como cristãos, trazem uma diferenciação em seu latim com relação ao latim arcaico ou mesmo em relação ao latim clássico.

M. Vendryes, citado por Christine Mohrmann[251], afirma que, sendo o latim dos cristãos uma língua especial, entende-se que esta língua "só é utilizada por grupos de indivíduos postos em circunstâncias especiais". Cada língua especial, língua de um grupo especial, é, pois, o resultado da presença de um fator de diferenciação. À medida que o elemento de diferenciação desempenha um papel mais importante na vida dos indivíduos usuários da língua especial, a diferenciação lingüística será mais intensa e mais profunda. No caso do latim cristão, o agente de diferenciação é o cristianismo, a religião do livro santo, a Sagrada Escritura.

[251] Vendryes, M. Le langage. Paris: 1950, p. 293, apud Mohrmann, op. cit, vol I, p. 85.

O latim cristão nasce, pois, desse elemento de diferenciação que é o cristianismo, o *tertium genus*[252] como se dizia então, ou seja, os cristãos se distinguiam dos judeus e dos pagãos. Tendo-se difundido, a princípio, no seio do proletariado urbano, o cristianismo foi, aos poucos, ganhando um espaço cada vez maior junto às classes aristocráticas, difundindo-se cada vez mais graças à solidariedade de grupo gerada do suportar juntos os sofrimentos e as perseguições. A revolução espiritual que se operou na sociedade antiga com o advento do cristianismo desembocaria em uma revolução lingüística, ou em nascimento de uma língua de grupo. Por outro lado, esta língua de grupo evolui no quadro do latim tardio; ela é uma língua que não se poderia separar da língua comum da época. É verdade que, com a propagação do cristianismo, este grupo de cristãos se amplia, e o que era a língua de um grupo restrito tornar-se-á a língua comum. Os traços característicos que marcavam o idioma do grupo dos cristãos serão um dia a propriedade comum de uma sociedade que se dirá cristã. Mas esta evolução nos conduz para bem além dos primeiros séculos. Em sua bagagem, o latim cristão traz muitos vulgarismos e torneios de frases populares que acabam ganhando foros de legitimidade na nova ordem e na nova língua, fixando-se na mente dos fiéis, que, a princípio, são os mais simples do povo, depois é que a aristocracia irá converter-se ao cristianismo.

Na época de Jerônimo, este grande exegeta e tradutor da Bíblia, há um grupo de matronas da aristocracia que se reúne em torno de Jerônimo para dele haurir a sabedoria que procede do conhecimento das fontes hebraicas, veiculadas na mais pura tradição da herança clássica latina. Jerônimo tem cabedal para operar a alquimia que requer todo trabalho de tradução, ou seja, não apenas a manutenção da fidelidade ao texto original e expressão adequada do conteúdo original em um novo código lingüístico e cultural, mas a atenção que dirige, por exemplo, aos elementos poéticos e estilísticos, como ritmo, sons, efeitos de estruturas sintáticas e elementos morfológicos e pragmáticos. Em relação às antigas versões da Bíblia, tal fato não se dava, uma vez que as versões existentes eram resultantes de um extremo literalismo, de formas rudes e ausência quase completa de cuidado literário. Essas versões da Bíblia escandalizavam os homens de letras. Na língua vulgar, por exemplo, o uso de *quoniam* era mais freqüente que na língua clássica, e a tendência de usar esta conjunção preferencialmente a outras se conservou no uso do latim entre os cristãos.

[252] Expressão encontrada nos *Stromata* 6, 5, 41, de Clemente de Alexandria, em uma passagem em que é citado um fragmento da *Praedicatio Petri*, que data do II século (apud Mohrmann, C, op. cit. vol I, p.86)

A língua latina era por tradição uma língua de grande parcimônia no uso de vocábulos, restringindo sempre a necessidade de criação de neologismos, por índole própria e original de ser a língua arcaica dos pastores do Lácio uma língua concreta, pouco adaptada a expressões sofisticadas ou abstratas, se atentarmos às origens do povo latino, quando então se limitava a um grupo de vocábulos aos quais se restringia a necessidade básica de comunicação do primitivo povo latino. Assim, seja por exagero de nossa parte, seja porque a história da língua e da literatura latina nos dá as evidências, os romanos contavam com um vocabulário bastante limitado a um repertório quase que exclusivamente de uso imprescindível, muito característico de um povo sem sofisticação, pouco dado à expressão de raciocínios abstratos. O latim cristão, após vários séculos de experimentação, abrirá perspectivas, em parte e a seu modo, para a expressão de uma linguagem mais abstrata.

A língua dos cristãos, ao contrário, dava livre curso à criação de neologismos, a partir dos elementos morfológicos antigos, atribuindo-lhes novo significado. A partir do verbo *beare*, do qual deriva *beatus*, *beator* e *beatrix*, os cristãos criarão *beatificare*, assim como *glorificare*, *clarificare*, *honorificare, magnificare.* O latim cristão substituía termos do latim antigo por outros de origem grega, cultura na qual o cristianismo primitivo moldou muitas de suas expressões; assim temos *propheta*, em vez de *vates* ou *fatidicus*, *cathecumenus* em vez de *auditor*; *magnalia* em vez de *portenta*, *ecclesia* ou *basilica* em vez de *templum*, *mysterium* em vez de *sacramentum*. Houve ou passou a haver construções latinas cristãs, motivadas por estruturas similares na língua grega do tipo de interrogativa indireta introduzida por *si*, por exemplo.

O caráter internacional das primeiras comunidades cristãs determinou em larga escala a afluência de elementos lingüísticos estrangeiros. A consciência da novidade da religião foi o fator mais forte para operar as mudanças que se julgavam necessárias.

A obra de Henri Goelzer[253] é um importante referencial para o estudo da língua de São Jerônimo. Nela vemos um amplo estudo da gramática latina nos escritos de Jerônimo e a prodigiosa renovação que Jerônimo imprimiu na língua latina, sobretudo pelos numerosos neologismos.

[253] GOELZER, H. *Étude lexicographique et grammaticale de la latinité de Saint Jérôme*. Paris: Hachette, 1884.

4.2. Elementos expressivos na língua de Jerônimo

Este item destina-se a levantar elementos expressivos na língua de Jerônimo, a saber: os elementos fônicos, o vocabulário, os elementos morfossintáticos e os elementos pragmáticos.

4.2.1. Elementos fônicos

Na abertura do texto, encontramos o testemunho de Jerônimo acerca do procedimento ambíguo de Rufino quanto ao que se refere ao ato de escrever e o de publicar.[254] Rufino teria escrito sua *Apologia contra São Jerônimo*, feito sua leitura em voz alta para um círculo de amigos, mas não a teria publicado. Têm expressiva sonoridade as formas verbais com que Jerônimo expressa o procedimento de Rufino: "...*scribuntur* (libri), *ingeruntur* (omnibus audiendi) (et tamen) *non eduntur*..."[255]

Temos a registrar no primeiro parágrafo do primeiro livro, no apogeu do exórdio, onde a série de interrogações que ali se encontram realizam a figura da licentia[256], uma paronomásia, figura que consiste em semelhança fonética entre palavra de significados diversos, entre *dolor* e *subdolo ore laudari*[257].

4.2.2. Vocabulário

Procederemos neste item à apresentação de grupos de vocábulos, selecionados e agrupados de acordo com a proximidade ou afinidade de significado e por sua utilização no

[254] Dom Paulo Evaristo Arns (1993), p. 87 cita o início da *Apologia* para comprovar sua afirmativa de que Jerônimo exigia que se assumisse as responsabilidades quanto àquilo que se escrevia; admirava-se de que seus amigos, entre eles Rufino, escrevessem e não publicassem seus escritos.
[255] São Jerônimo, *Apologia*, p. 6
[256] São Jerônimo, *Apologia*, p. 8: "...Rogo: Quis est iste dolor? quid aestuant? quid insaniunt? Quod praeconem reppuli figuratum? quod nolui me subdolo ore laudari? ..." "A *licentia* é uma censura, valente e baseada unicamente na verdade, dirigida ao público, provocando seu amor próprio com o perigo de indispô-lo com a causa patrocinada pelo orador; este crê que o público seja capaz de enfrentar-se com uma verdade objetiva e desagradável, e esta esperança a deixa entrever o orador de uma maneira aduladora para o público, com o objetivo de ganhar sua simpatia." (Lausberg, H. (1996), p. 191).

texto da *Apologia*, bem como o sistema de oposições que Jerônimo estabelece para o emprego destes vocábulos no mesmo texto.

Em primeiro lugar, verbos para marcar acusação ou refutação: *accusare*[258], *arguere*[259], *calumniari*[260], *criminari*[261], *se excusare*[262], *indignari*[263], *obicere*[264], *quereri*[265]. Estes verbos se juntam a seus complementos com as conjunções *cur* ou *quare*.

O adjetivo *simplex* e seu substantivo correspondente *simplicitas* têm significado ambivalente de candura e, concomitantemente, de ausência de discernimento e tolice. Na *Apologia*, alguns outros vocábulos recobrem o sentido de *simplicitas*: *bruti*[266], *fatui*[267], *imperiti*[268].

O substantivo *malitia*[269] que aparece no primeiro parágrafo do primeiro livro da Apologia opõe-se a *prudentia*, do mesmo modo que *prudentia* opõe-se a *nequitia*[270]. Ora Rufino carece de *prudentia*, ora Jerônimo o parabeniza por tê-la, com ênfase[271], sendo que a maior parte das ocorrências de *prudens*, *-ter*, *-tia* acontece no terceiro livro da *Apologia* (19 das 35 totais). O par opositivo *stultitia* / *malitia* faz sua aparição no terceiro livro da *Apologia*[272].

Há numerosos vocábulos que testemunham do conflito entre Jerônimo e Rufino o lado que tal conflito tem de insidioso, de perigosas armadilhas. Assim têm esse sentido: *argutia (argutus, argute), callide, cauillari, (con)fingere, cuniculi, diuerticula, dolus (dolose), eludere, fallacia, falsitas (falsatio, falsator, falsare), figuratus, fraus (fraudulentia, fraudulenter), infidelitas, insidiae (insidiose, insidiari), lubricus, machinae, malitiae, mendacium (mentiri), praestigiae, (dis)simulator (dissimulasse), sortia, subdolus, subnectere,*

---

[257] São Jerônimo, *Apologia*, p. 8: "...Quis est iste dolor? ...quod nolui me subdolo ore laudari?..."
[258] São Jerônimo, *Apologia*, p. 134, p. 194, p. 1.
[259] idem, ibidem, p. 46.
[260] idem, ibidem (cf. p. 30).
[261] idem, ibidem, p. 48(cf. p. 162, p. 276).
[262] idem, ibidem, p. 124.
[263] idem, ibidem, p. 50.
[264] idem, ibidem, p. 6, p. 90, p. 18, p. 134.
[265] idem, ibidem, p. 126, p. 232.
[266] idem, ibidem, p. 252.
[267] idem, ibidem, p. 108.
[268] idem, ibidem, p. 284.
[269] idem, ibidem, p. 8.
[270] Ocorrência deste par opositivo em São Jerônimo, *Apologia*, p. 282.
[271] São Jerônimo, *Apologia*, p. 72: "...Miror te hominem prudentissimum non intellexisse artem expositionis meae..."
[272] São Jerônimo, *Apologia*, p. 264: "...per illius stultitiam tua in me malitia debacchata est..."

subterfugere, suffugium, tendiculae, tergiuersatio (tergiuersari), uersutiae. No segundo livro da *Apologia*, Jerônimo apresenta Rufino sustentando que o confessor Hilário de Poitiers teria sido excomungado e obrigado a deixar a assembléia reunida em um concílio, realizado em Rimini, depois que, tendo os bispos descoberto um livro repleto de heresias, Hilário teria sido surpreendido pela existência de tal livro entre seus pertences. Segundo depõe Jerônimo, a forma com a qual Rufino narra o fato acontecido a Hilário não deixa dúvida sobre o terreno movediço em que tal narrativa lança o piedoso confessor.[273] Igualmente movediça e traiçoeira a situação em que se encontrou Jerônimo diante de seu amigo Dâmaso, de quem era também o secretário encarregado da redação das cartas, quando uma correção feita no texto por apolinaristas faria Dâmaso pensar em um acréscimo proposital no texto, por parte de Jerônimo.[274] É propósito da Apologia expurgar a hipocrisia, desmascará-la em suas armadilhas. Destarte, dirige-se Jerônimo a Rufino com os seguintes termos: "...te...subdolum esse conuincam..."[275]

Um outro campo semântico importante que agrega em torno de si uma série de vocábulos: a franqueza, aqui presente no advérbio de modo *aperte*, o qual aparece algumas vezes no superlativo[276] colocado no superlativo "*satis aperte*", faz explodir aquilo que se mascarava sob aparência de elogio e era, de certa forma, contido por ele. Em compensação e em sentido contrário a considerações sutis e contidas, as faltas de Rufino são apontadas de modo flagrante e inconfundível. São elas: blasphemia[277], calumnia[278], ineptiae[279], mendacium[280], que aparecem acompanhadas do adjetivo apertus(-a,-um) ou de sua forma superlativa (ex.: *apertissimum mendacium*) ou de uma expressão verbal com advérbio (ex.: *aperte mentiaris*).

---

[273] São Jerônimo, *Apologia*, p. 156: "...Hoc familiaris meus narrat somnium, et tantae auctoritatis se putat ut nemo ei contra confessorem ista simulanti audeat contradicere..."
[274] São Jerônimo, *Apologia*, p. 158: "...sub nomine cuiusdam amici Damasi, romanae urbis episcopi, ego petar, cui ille ecclesiasticas epistulas dictandas credidit, et apollinarianorum uersutiae describantur, quod Athanasii librum, ubi 'dominicus homo' scriptus est, acceptum ad legendum, ita corruperint ut in litura id quod raserint rursus inscriberent, ut scilicet non ab illis falsatum, sed a me additum putaretur..."
[275] São Jerônimo, *Apologia*, p. 232: "...Tantum sensibus respondebo, et te in omnibus nequaquam soloecistam ac barbarum, sed mendacem, subdolum, impudentem esse conuincam (!)..."
[276] São Jerônimo, *Apologia,* p. 8: "...Frater et collega in praefatiuncula uocor et satis aperte exponuntur crimina mea, quid scripserim, quibus in caelum Origenem laudibus eleuarim..."
[277] São Jerônimo, *Apologia*, p. 126, p. 138, p. 164.
[278] São Jerônimo, *Apologia*, p. 64.
[279] São Jerônimo, *Apologia*, p. 158.
[280] São Jerônimo, *Apologia*, p. 104, p. 164, p. 240, p. 294.

Para *amicus*, encontramos a ocorrência de sinônimos que acusam sensível expressividade: é o caso de *familiaris meus*[281] , meus necessarius[282]

O vocábulo *libertas* faz par com *auctoritas* no sétimo parágrafo do primeiro livro.[283] No fragmento citado em nota, a *libertas* é negada a Rufino tanto pela negação quanto pelo verbo *retineberis*, pouco adequado a um tal complemento. A *auctoritas* pode remeter aos patrocínios invocados por Rufino: o de Jerônimo, que ele prefere aos de Hilário, Ambrósio, Vitorino[284] ou do mártir Pânfilo[285]. Rufino é colocado diante da responsabilidade de autor que ele escamoteia habilmente distinguindo *auctor* e *interpres*[286]. Ora, Orígenes autor e Rufino tradutor são solidários.[287]

4.2.3. Aspectos morfossintáticos

Praeuium *aparece no primeiro parágrafo do primeiro livro como um adjetivo substantivado*[288]. *No mesmo fragmento citado, encontramos a ocorrência do diminutivo de* opus*, "*opusculum*", que poderia, com grande probabilidade, traduzir um emprego irônico da expressão de modéstia, fato que poderíamos atestar também no terceiro livro da Apologia*[289].

A Apologia *está repleta do emprego do advérbio* idcirco*, com 23 ocorrências(+ quia: 9; + ut: 9; + ne: 1)* , ideo*, com 13 ocorrências (+ quia: 5; + ut: 3; + ne: 2). Jerônimo seria,*

---

[281] São Jerônimo, *Apologia*, p. 156, p. 198.
[282] São Jerônimo, *Apologia*, p. 14, p. 24.
[283] São Jerõnimo, *Apologia*, p. 20: "...Ex quo non interpretis libertate, sed scriptoris auctoritate retineberis, si quid, in his quae uertisti, haereticum conprobetur, et manifestissimi criminis argueris, idcirco te ueneni calicem circumlinire melle uoluisse, ut simulata dulcedo uirus pessimum tegeret..."
[284] São Jerônimo, *Apologia,* p. 10: "...Si auctoritatem suo operi praestruebat, uolens quos sequeretur ostendere, habuit in promptu Hilarium confessorem, qui quadraginta ferme millia uersuum Origenis in psalmos et Iob transtulit; habuit Ambrosium, cuius omnes paene libri huius sermonibus pleni sunt, et martyrem Victorinum, qui simplicitatem suam in eo probat dum nulli molitur insidias. De his omnibus tacet et, quasi columnis Ecclesiae praetermissis, me solum pulicem et nihili hominem per angulos consectatur..."
[285] São Jerônimo, *Apologia*, p. 26: "...Tene potuisse haeretici hominis libro martyris nomen imponere, et ignaros, sub auctoritate testis Christi, Origenis facere defensores?..."
[286] São Jerônimo, *Apologia*, p. 124: "...Si enim aliquid est quod displiceat in auctore, quare id ad interpretem detorquetur?..."
[287] São Jerônimo, *Apologia*, p. 22: "...Duplex in opere meo utilitas fuit, dum et haereticus auctor proditur, et non uerus interpres arguitur..." ; p. 130: "...Igitur unius et auctor et interpres eius criminis erunt, et implebitur illa sententia: Videbas furem et currebas cum eo, et cum adulteris portionem tuam ponebas..." ;
p. 252: "...Quod et Hilarius in transferendis homeliis eius fecit, ut et bona et mala non interpreti, sed suo imputarentur auctori..."
[288] São Jerônimo, *Apologia*, p. 8: "...Voluerat me in interpretatione quasi praeuium sequi et auctoritatem operis sui ex nostris opusculis mutuari..."

com os autores da Historia Augusta, o único pós-clássico a preferir idcirco *a* ideo*, como já fazia Cícero (196* idcirco *contra 59* ideo*)*[290]

4.2.4. Aspectos pragmáticos

O dilema é uma arma apreciada pelo dialético Jerônimo. Vejamos um exemplo disso: *Si sunt uera quae scripsit, cur publicum metuit? Si falsa, cur scripsit?*[291]

É notável o uso que Jerônimo faz de uma figura da pergunta, a *interrogatio*, no início do primeiro livro da *Apologia*[292], de modo a compor um quadro bastante detalhado de toda a situação que o motiva a empreender a sua própria defesa. O furor de invectiva pessoalista que este conjunto de interrogações evoca tem sabor de estilo de discurso de ciceroniano, especialmente os de acusação. O trecho citado é uma boa mostra de sua herança clássica, daquilo que aprendeu nas aulas de retórica, nos momentos marcados pela ansiedade, quando a presença dos professores severos e a tensão do momento o obrigavam a ter bom desempenho nas provas de oratória.[293] A veemência ressurgirá no parágrafo 11 do primeiro livro.[294] O furor pessoalista retornará no oitavo parágrafo do terceiro livro da Apologia. Aí, obrigado pelas circunstâncias (as acusações de Rufino), Jerônimo fará uso do gênero

---

[289] São Jerônimo, *Apologia*, p. 230: "...Nisi forte pro angustia temporis non potuisti ea in ordinem digerere, aut aliquem de eruditis conducturus eras, qui in opusculis meis gemmarum eloquentiae tuae ornamenta perquiret..."

[290] Lardet, P. (1993), p. 44, nota 74 a.

[291] São Jerônimo*, Apologia*, p. 8.

[292] São Jerônimo, *Apologia*, p. 8: "...Rogo: Quis est iste dolor? quid aestuant? quid insaniunt? Quod praeconem reppuli figuratum? quod nolui me subdolo ore laudari? quod sub amici nomine inimici insidias deprehendi? Frater et collega in praefatiuncula uocor et satis aperte exponuntur crimina mea, quid scripserim, quibus in caelum Origenem laudibus eleuarim. Bono animo fecisse se dicit. Et quomodo nunc eadem inimicus obicit quae tunc amicus laudauerat? Voluerat me in interpretatione quasi praeuium sequi et auctoritatem poeris sui ex nostris opusculis mutuari. Suffecerat semel dixisse quod scripseram. Quid necesse fuit eadem rursus iterare et frequenter ingerere et, quasi nemo sibi laudanti crederet, ipsa dicta replicare? Non est tam sollicita de audientium fide simplex et pura laudatio. Quid metuit ne illi, sine dictorum meorum, in meis laudibus non credatur?

[293] São Jerônimo, *Apologia* , p. 82: "...nunc cano et recaluo capite saepe mihi uideor in somnis, comatulus et sumpta toga, ante rhetorem controuersiolam declamare; cumque experrectus fuero, gratulor me dicendi periculo liberatum..."

[294] São Jerônimo*, Apologia*, p. 32: "...Tantis terrarum spatiis separatus, quid peccaui in te? quid commerui? An quia origenisten me non esse respondi? Numquid defensio mea tua est ? Et tu, si non es origenistes uel non fuisti, credo iuranti; si fuisti, suscipio paenitentem. Quid doles, si id sum quod tu esse te dicis? An quia Περι ΑρΧων Origenis libros post te transferre ausus sum, et interpretatio mea sugillatio putatur operis tui? Quid poteram facere? ..."

judiciário que repousa nesta dupla faceta de *accusatio/defensio*, e sua realização formal seria uma cascata de *interrogationes* que trabalham em defesa própria de nosso autor.[295]

4.3. As figuras de linguagem

A antítese *amicus/inimicus* aparece em vários momentos da *Apologia*.[296] A amizade entre Jerônimo e Rufino é sobretudo evocada nos parágrafos 1 a 3 do primeiro livro, no parágrafo 35 do segundo livro e nos parágrafos 37 e 41 do terceiro livro da *Apologia*.

Em se tratando de casos de antonomásia, a *Apologia* é farta em ocorrências desta figura. Já na abertura da obra[297], Jerônimo estabelece um jogo com o nome de Rufino (Tyrannius Rufinus) e o nome de um certo Tirano de que nos fala Lucas no livro dos *Atos dos Apóstolos*[298], em cuja escola o apóstolo Paulo segregara os seus ouvintes para obter melhor proveito para a sua pregação. A antonomásia é, de fato, um recurso de largo emprego na obra que analisamos. Em resposta aos rumores que lhe chegam da *Apologia contra São Jerônimo*, Jerônimo não deixa de observar a intervenção satírica desqualificadora de Rufino com relação ao mestre de língua hebraica de Jerônimo que, passando de Baranina para Barrabás, traz consigo o estigma tanto da cultura hebraica quanto da criminalidade. Indo mais adiante, Jerônimo aumenta o grau da licença de mudar os nomes que se permitiria Rufino, segundo nosso autor, ao confundir, por exemplo, hipoteticamente, Jerônimo e Sardanapalo[299], a virtude e a voluptuosidade. Temos uma antomásia irônica que parte de Jerônimo para desqualificar seu adversário Rufino: é "...*Aristarchus nostri temporis*..."[300] A antonomásia não

---

[295] São Jerônimo, *Apologia*, p. 236: "...Quid me uis facere, bone amice? Taceam? Videbor crimen agnoscere. Loquar? Terres me gladiis tuis, et accusationem non iam ecclesiasticam, sed tribunalium comminaris. Quid feci? Quid commerui? In quo te laesi? Quia me negaui haereticum? Quia tuis laudibus dixi indignum? Quia haereticorum fraudulentias et periuria aperto sermone descripsi? Quid ad te, qui et catholicum et ueracem esse te iactas, qui libentius me accusas quam te defendis? Num mea defensio accusatio tua est? Aut aliter orthodoxus esse non poteris nisi me haereticum comprobaris? Quid tibi prodest societas mea? Aut quae est ista prudentia? Accusatus ab aliis, accusas alium; ab alio appeteris, et illi tergum obuertens, quiescentem contra te prouocas..."

[296] São Jerônimo, *Apologia*, p. 8: "...quod sub amici nomine, inimici insidias deprehendi?..." Ainda aparece o mesmo par antitético nas páginas 198, 264.

[297] São Jerônimo, *Apologia*, p. 6: "...Et uestris et multorum litteris, didici obici mihi in schola Tyranni, a lingua canum meorum ex inimicis ab ipso, cur Περι Αρ Χ ων in latinum uerterim..."

[298] Atos 19, 9.

[299] Sardanapalo é um lendário rei, último rei do I Império da Assíria, símbolo do homem voluptuoso e afeminado. O texto a que nos referimos encontra-se em São Jerônimo, *Apologia*, p. 38.

[300] Aristarco da Samotrácia (morto por volta de 145 a.C.) dirigiu a Biblioteca de Alexandria. Suas recensões (sobretudo de Homero) fizeram dele o tipo do crítico exigente.

teria o sentido irônico que tem se não pusesse em oposição a alta qualificação filológica de Aristarco com a ignorância de noções elementares do conhecimento de língua latina: "...*Illud miror quod*, *Aristarchus nostri temporis, puerilia ista nescieris*..."[301] Ainda falando do ofício das letras, que constitui, em grande parte, como se pode perceber, a matéria desta querela, Jerônimo dissocia as letras e as riquezas[302]. Os personagens que vão representar a antonomásia das riquezas são Creso e Dario. Creso e Dario, respectivamente, rei da Lídia no século V a. C e rei da Pérsia morto em 485 a. C., foram modelos do soberano rico.

É um clichê freqüente a associação da idéia de heresia a veneno.[303] É a título de antídoto que o terceiro livro da *Apologia* é enviado por Jerônimo àqueles que haviam lido os textos de Rufino, para agir sobre os danos que os "venenos" de Rufino havia causado neles.[304] É para extirpar o veneno que Jerônimo lança ao final do terceiro livro da Apologia uma longa série de provérbios tirados da Sagrada Escritura.[305] Ainda no terceiro livro da *Apologia*, o clichê reaparece quando Jerônimo se refere à tradução da *Apologia de Orígenes*, segundo o autor, falsamente atribuída por Rufino ao mártir Pânfilo, que viria ratificar uma visão católica da obra *Perì Archôn* de Orígenes, a partir da tradução de Rufino.[306]

Como exemplo de comparação, temos a comparação da competência lingüística de Rufino a um grau ínfimo de mobilidade: o de uma tartaruga. Neste estágio, o adversário que nosso polemista desqualifica estaria na fase do balbucio ("...*Tu qui in latinis mussitas*..."[307]) e, em termos de velocidade e agilidade, no reino animal, a tartaruga é um dos animais menos velozes servindo, portanto, como termo de comparação à performance literária do adversário de Jerônimo: "...*testudineo gradu moueris potius quam incedis*..."[308]

---

[301] São Jerônimo, *Apologia*, p. 46.
[302] São Jerônimo, *Apologia*, p. 48: "...Quamuis Croesos quis spiret et Darios, litterae marsupium non sequuntur..."
[303] São Jerônimo, *Apologia*, p. 262: "...Tu autem, dum inter mulsum magistrorum et uenena pariter bibis, a magistro Apostolo recessisti qui docet etiam angelum et se, si in fide errauerint, non sequendos..." Também presente o mesmo clichê, p. 282: "...Tibi soli licet haereticorum uenena transferre et de calice Babylonis cunctis gentibus propinare..." Igualmente, mais adiante, p. 306: "...Consona omnes uoce poscebant ut Origenis uersutias proderem, ut uenena haereticorum romanis auribus cauenda monstrarem..."
[304] São Jerônimo, *Apologia*, p. 236: "...Misique hos ipsos apologiae meae libros ad eos quos tu uulneraueras, ut uenena tua nostra sequeretur antidotua..."
[305] São Jerônimo, *Apologia*, p. 334: "...maluique insaniam excantare furibundi et unius libri antidotum uenenato pectori infundere..."
[306] São Jerônimo, *Apologia*, p. 280: "...quod tuum operculum uenenatae patellae imponeres..."
[307] São Jerônimo, *Apologia*, p. 48.
[308] São Jerônimo, *Apologia*, p. 48.

Outro exemplo advém do Evangelho de Mateus: "...*Quotiens uolui congregare filios tuos, sicut gallina congregat pullos suos sub alas suas, et noluisti!*..."[309]

Encontramos na *Apologia* vários exemplos do que chamaríamos de expressões proverbiais ou similares, que são torneios de frase que têm elaboração semelhante à de um *prouerbium* ou de uma *sententia*, encerrando um significado profundo, completo e abrangente, e formalmente reduzido (poucas palavras, curta extensão). Daí a sua força poética e a riqueza de imagens que estas expressões proverbiais permitem vislumbrar a partir de sua parcimônia formal e verbal. Vejamos um exemplo: "...*Quando sine nomine contra uitia scribitur, qui irascitur accusator sui est*..." [310] Encontramos igualmente a expressão proverbial: "...*Bibendum igitur mihi erit de lethaeo gurgite*..."[311]

Hipérbole ou exageração expressiva da verdade acrescenta ao texto de combate o tom que carrega consigo a necessidade de uma expressão sempre maior que aquela que seria conveniente a uma exposição em um tratado filosófico, por exemplo. A função da hipérbole em textos como o da *Apologia* seria similar à da voz alta ou do brado para que alguém se faça entender por outras pessoas, quando há uma aglomeração de pessoas em espaço aberto. A hipérbole carrega nas tintas para tornar compreensível e aceito o que passaria desapercebido da maioria como apenas evidente, mas sem vez nem voz . Jerônimo precisa fazer-se ouvir: por isso usa hipérbole. Exemplo: "...*Confossus iaceo, stridet uulnus in pectore, candida prius sanguine membra turpantur*..."[312]

Passemos às metáforas. A ruptura da amizade mal reparada e os danos daí advindos, como é o caso da amizade de Jerônimo e Rufino que dá lugar a danos e uma dissidência cada vez mais irreparáveis, acharam na pena de Jerônimo a expressão que Horácio deu à desavença entre Júlio Floro e Munácio, os quais viram a ruptura de uma aliança fraterna. O texto desta metáfora é o seguinte: "...*Male sarta gratia nequicquam coit et rescinditur*..."[313]

Segundo o texto da Apologia, os modelos que Rufino poderia visar como alvo de sua invectiva, uma vez que estes haviam traduzido também grande parte da obra de Orígenes, deveriam ser aqueles que ele nomeia como "as colunas que Rufino preteriu" para atacar "uma

---

[309] São Jerônimo, *Apologia*, p. 76; Mateus 23, 37.
[310] São Jerônimo, *Apologia,* p. 36. A reação de Rufino às críticas de Jerônimo, visto que Jerônimo denuncia os vícios e as heresias, acusaria em Rufino seu comprometimento com a heresia.
[311] São Jerônimo, *Apologia*, p. 84. Significaria a obrigação de esquecer tudo o que aprendera na infância (cultura clássica pagã), para passar por um bom cristão e cumprir promessas feitas em sonho *(ep. 22*).
[312] São Jerônimo, *Apologia* , p. 34.
[313] São Jerônimo, *Apologia*, p. 10.

pulga" (Jerônimo). Esta é uma metáfora construída no fragmento que citaremos e que carrega um quê de hipérbole, uma vez que constrói dois pólos antagônicos e de paralelo incompatível.[314]

A névoa ou a bruma (*nubilum*) serve para nomear os estados sombrios ou confusos do coração ou os significados não muito definidos da alegoria. Jerônimo diz que a atitude de Rufino de reação contra a sua tradução do *Perì Archôn* revela descontrole, falta de habilidade em manter controle sobre as "brumas do coração"[315]. Igualmente para representar o sentido alegórico, a imagem da bruma serve para caracterizar a imagem do incerto e misterioso[316]

A metonímia é uma figura que consiste em um bom número de relações. Aqui encontramos três: a de instrumento e de seu uso respectivo, a de matéria e sua utilização, a de autor e obra. A férula ou palmatória aparece metonimicamente ligada aos golpes que, com ela, aplica o mestre sobre as mãos dos alunos indisciplinados e preguiçosos. Era evitando os golpes da férula, ou "subtraindo a mão à férula", isto é, sendo discípulo diligente, que Rufino aprenderia a arte de (bem) falar.[317] A metonímia que encontramos no seguinte fragmento "*...Demosthenes plus olei quam uini expendisse se dicit...*"[318] apresenta-nos a relação existente entre o material líquido e a utilização que dele se faz. A utilização do óleo servia, no contexto das culturas antigas, a produzir iluminação noturna, alimentando uma chama que clareava o ambiente e permitia o trabalho de leitura e de escrita; a utilização do vinho servia para o desfrute da embriaguez. Disso resulta para a interpretação que a declaração de Jerônimo acerca dos gastos de Demóstenes com uma quantidade maior de óleo ajuda a construir a idéia - baseada em testemunho de valor como o de Demóstenes - de quanto é importante para o cultivo das letras a dedicação, por meio de vigílias noturnas, período do dia em que, naquele tempo da Antigüidade clássica, usava-se o óleo para a iluminação noturna.

---

[314] São Jerônimo, *Apologia*, p. 10: "...De his omnibus tacet et, quasi columnis Ecclesiae praetermissis, me solum pulicem et nihili hominem per angulos consectatur..."
[315] São Jerônimo, *Apologia*, p. 36: "...Prudentis hominis fuerat, etiam si dolebas, dissimulare conscientiam, et cordis nubilum frontis serenitate discutere..."
[316] São Jerônimo, *Apologia*, p. 76: "...Quando dico 'tropicam' doceo uerum non esse quod dicitur, sed allegoriae nubilo figuratum..."
[317] São Jerônimo, *Apologia*, p. 48: "...uel graece debes scribere ut, apud homines graeci sermonis ignaros, aliena scire uidearis, uel si latina temptaueris, ante audire grammaticum, ferulae manum subtrahere et inter paruulos αθηνογερων , artem loquendi discere..."
[318] São Jerônimo, *Apologia*, p. 48.

Há ocorrência também de metonímia em que se estabelece uma relação entre autor e obra: "*...Reuolue Aristotelen...*" [319]; "*...aut ego fallor*, *aut tu Ciceronem occulte lectitas...*"[320]; "*...plautino in me sale ludere...*"[321]

O vocativo irônico de amigo, da parte de Jerônimo para Rufino, é muitas vezes reforçado por adjetivos às vezes no superlativo: *bone* [322], *carissime* [323], *dulcissime* [324], *simplicissime*[325], amicus fidissimus[326].

4.4. Uma emoção do polemista

É próprio de uma análise estilística abordar as emoções que o texto comunica. Em nosso caso, como se trata de uma obra apologética, moldada segundo parâmetros da retórica clássica, são as emoções oriundas diretamente do autor que abordaremos neste item, diferentemente do que ocorreria se houvesse, por exemplo, o viés de um narrador. A emoção de que trataremos aqui é a amargura.

Jerônimo manifesta sua amargura diante da incompreensão, por parte de seus adversários, de seus esforços na atividade de exegeta e tradutor da Bíblia. É o que podemos observar na exclamação seguinte: "... Ó labores humanos sempre incertos ! Ó gostos dos mortais que têm fins às vezes opostos !..."[327]

---

[319] São Jerônimo, *Apologia,* p. 56.
[320] São Jerônimo, *Apologia,* p. 84.
[321] São Jerônimo, *Apologia*, p. 36
[322] São Jerônimo, *Apologia*, p. 236: "...Quid me uis facere, bone amice?..."
[323] São Jerônimo, *Apologia*, p. 158: "...Quaeso te, amice carissime, ut in ecclesiasticis tractatibus, ubi de ueritate dogmatum quaeritur et de salute animarum nostrarum maiorum flagitatur auctoritas, huiuscemodi deliramenta dimittas et prandiorum cenarumque fabulas pro argumento non teneas ueritatis..."
[324] São Jerônimo, *Apologia*, p. 194: "...Quaeso te, amice dulcissime, qui tam curiosus es ut etiam somnia mea noueris..."
[325] São Jerônimo, *Apologia,* p. 26: "...Quid tibi animi fuisse dicam, amice simplicissime?"
[326] São Jerônimo, *Apologia*, p. 34: "...Esto, tu bono animo scripseris et, homo innocens et amicus fidissimus, de cuius numquam egressum est ore mendacium, me nescius uulneraris..."
[327] São Jerônimo, *Apologia*, p. 170: "...O labores hominum semper incerti! O mortalium studia contrarios interdum fines habentia!..."

4.5. Motivos clássicos

O primeiro motivo clássico importante a citar é a amizade sincera, motivo que subjaz estruturalmente a todo o texto da Apologia, uma vez que é por causa da hipocrisia, da dissimulação, do elogio falso que a amizade de longos anos se desfez. Na epístola 81, Jerônimo lembra a Rufino que "a verdadeira amizade não deve dissimular o que sente"[328]. O mesmo motivo da amizade sincera encontramo-lo em Cícero, que em seu tratado sobre a amizade, diz o mesmo com quase as mesmas palavras.[329] Efetivamente ter traído a amizade que há muito se iniciara constituiu "*grauissimum crimen*" para Jerônimo bem como o era para Cícero, segundo o que lemos no *Laelius*[330], bem como arquitetar armadilhas se afigurava para Jerônimo algo diabólico.[331]

O cálice de veneno com as bordas untadas de mel é um motivo clássico de uma imagem ambivalente que lembra a astúcia, salutar ou perniciosa, do médico ou do envenenador. A astúcia salutar do médico aparece, primeiramente, em Lucrécio.[332] Este motivo volta em Lactâncio[333] e na tradução de Basílio por Rufino[334]. O motivo do cálice de veneno untado de mel visa em Jerônimo os procedimentos do diabo ou dos hereges, sendo os procedimentos do diabo e dos hereges a identificação com o cálice de veneno e a preocupação de Rufino, denunciada por Jerônimo, de fazer passar por autor católico um autor que Jerônimo sabe que é herético; isto seria a untadura das bordas do cálice com mel.[335]

O Lete ou o rio do esquecimento encontra lugar no discurso da *Apologia*, quando Jerônimo, ironicamente, evoca o nome do rio infernal[336] para falar da necessidade que teria de beber do rio do esquecimento para fazer-se passar por autêntico cristão, cumprindo o

---

[328] São Jerônimo, *Epistolario* (1993), p. 869: "...Vera amicitia quod sentit dissimulare non debet..."
[329] Cícero, *De l'Amitié*, p. 106: "...in amicitia autem nihil fictum, nihil simulatum et, quidquid in ea est, id est verum et voluntarium..." (edição citada na bibliografia).
[330] Cícero, *De l'amitié*, p. 114: "...Nulla est (...) excusatio peccati, si amici causa peccaueris..."
[331] São Jerônimo, Apologia, p. 300: "...Venio ad grauissimum crimen in quo post reconciliatas amicitias me infidelitatis accusat..."
[332] Lucrécio 1, 935-937, op. cit, 70: "...Nam ueluti pueris absinthia taetra medentes/ cum dare conantur, prius oras pocula circum/ contingunt melli dulci flauoque liquore..."
[333] Lactâncio, *Inst. 5, 1, 14*: "...circumlinatur modo poculum caelesti melle sapientiae ut possint ab imprudentibus amara remedia sine offensione potari..." (apud Lardet, P. (1993), p. 45, nota 74b).
[334] Rufino de Aquiléia, *PG 31, 1724 B*: "...sapientes medicos qui austeriora medicamenta aegris offerre mortalibus solent...ora ac summitates poculi...melle circumliniunt..." (apud Lardet, P. (1993), p. 45, nota 74b).
[335] São Jerônimo, *Apologia*, p. 20: "...idcirco te ueneni calicem circumlinire melle uoluisse, ut simulata dulcedo uirus pessimum tegeret..."
[336] São Jerônimo, *Apologia*, p. 84: "...Bibendum igitur mihi erit de lethaeo gurgite, iuxta fabulas poetarum, ne arguar scire quod didici..."

juramento que fizera de desprezar tudo quanto aprendera quando criança na escola de Donato. Contam os poetas que aqueles justos ou injustos, cujas almas tivessem passado no inferno grande número de séculos, tivessem expiado os seus crimes e aspirassem a uma vida nova, poderiam obter o favor de voltar à terra, habitar um corpo e associar-se a seu destino. Mas antes de sair das moradas infernais, deveriam despojar-se da lembrança da vida anterior, bebendo da água do Lete, que era o rio do esquecimento. O rio Lete corria lenta e silenciosamente; era, dizem os poetas, o rio de óleo, cujo curso tranqüilo não deixava ouvir nem um murmúrio. Ele separava os infernos do mundo exterior, do lado da vida, assim como o Estige e o Aqueronte separavam-nos do lado da morte. O Lete era geralmente representado sob a figura de um velho que segura com uma das mãos uma urna, e com a outra a taça do olvido.[337]

4.6. Motivos bíblicos

A presença de motivos bíblicos no texto da *Apologia* é evidente. Um primeiro olhar no índice escriturário do texto da edição francesa Sources Chrétiennes permite-nos avaliar a importância que representa a cultura judaica e cristã que chega até nós pelo texto bíblico e a relevância de considerar a presença dos motivos advindos destas culturas, por meio do texto bíblico, bem como a sua utilização estilística por Jerônimo. Citaremos alguns motivos que colhemos no texto, depois passaremos a fragmentos de textos dos profetas conhecidos como "profetas maiores": Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel.

No segundo livro da *Apologia*, parágrafo 16[338], momento em que nosso autor tratava sobre a defesa das teses origenistas por Eusébio e Dídimo, encontramos a presença de um motivo bíblico da prisão como lugar de revelação, como o que acontece a Pedro que recebe, adormecido, na prisão, a visita de um anjo, conforme nos narra o livro dos Atos dos Apóstolos.[339]

A imagem do vinho novo que as traduções bíblicas de Jerônimo representavam, em relação às traduções gregas da edição dos Setenta, era mais um motivo da

[337] Elementos recolhidos em Commelin, P., op. cit, 1983, 171-172.
[338] São Jerônimo, *Apologia*, p. 142: "...Tibi in quo somnio alexandrini carceris reuelatum est ut, quae ille uera profitetur, falsata confingas?..."

Sagrada Escritura de que Jerônimo se utilizou no segundo livro de sua *Apologia*, parágrafo 25[340], que remete, por sua vez à narrativa das bodas de Caná, em João 2, 10.

Um fragmento[341] do terceiro parágrafo do terceiro livro da *Apologia* traz-nos o motivo da espada afiada que atinge a garganta, que podemos encontrar em Ezequiel 21, 9-22, trecho de uma profecia na qual a espada afiada, polida e reluzente de Yahweh será posta na mão do matador para executar uma matança em Israel. Este motivo também o encontramos no cântico de Moisés, em Deuteronômio 32, 41, que traz o seguinte texto: "...quando eu afiar minha espada fulgurante e minha mão agarrar o Direito, tomarei vingança do meu adversário, e retribuirei àqueles que me odeiam..."

Ao fim do quarto parágrafo do terceiro livro da *Apologia,* Jerônimo retoma o motivo do ouro ou do dinheiro como fator da corrupção das instituições e costumes, aludindo ao que venceu o recato de Dânae, ou seja, Zeus metamorfoseado em chuva de ouro, para retomar um elemento clássico, e dois elementos bíblicos: a história de Giezi[342], que nos traz a história deste personagem que correu ao encalço de Naamã para ganhar algum dinheiro, contrariando a atitude de Eliseu, que o havia curado sem que Naamã tivesse que lhe dar qualquer coisa em troca e a história muito conhecida entre os cristãos da traição de Judas, que prometeu entregar seu senhor aos chefes dos sacerdotes por trinta moedas de prata.[343]

Jeremias, um dos quatro grandes profetas de Israel, nasceu em Anatoth, na tribo de Benjamin, por volta de 650 a.C., e morreu no Egito, por volta do ano 590 a.C. Ele exerceu seu ministério sob os reinos de Josias, Joacaz, Joaquim e Jeconias. Suas advertências proféticas custaram-lhe severas perseguições. A situação em que se encontra Jerônimo, cercado de inimigos, de situações adversas como aquela que o faz escrever uma apologia em causa própria, torna-se solidária da vida e personalidade do profeta Jeremias; vejamos como isto ocorre nos dois exemplos que arrolamos a seguir.

---

[339] Atos 12, 16s.
[340] São Jerônimo, *Apologia*, p. 172: "...Periculosum opus certe, obtrectatorum latratibus patens, qui me adserunt in Septuaginta interpretum suggillationem noua pro ueteribus cudere, ita ingenium quasi uinum probantes, cum ego saepissime testatus sim me pro uirili portione in tabernaculum Dei offerre quae possim, nec opes aliorum alterius paupertate foedari..."
[341] São Jerônimo, *Apologia*, p. 220: "...et gladios quos defigas in iugulum meum tanto ante tempore exacuis!..."
[342] II Reis 5, 20-27.
[343] *Mateus 26, 14-16.*

No parágrafo 23 do terceiro livro de sua *Apologia*[344], Jerônimo utiliza a imagem que lhe fornece Jeremias, em suas admoestações a Jerusalém que não se converte, no capítulo 13, 23[345], valorizando as anotações naturalistas de Jeremias. O leopardo "com manchas que não se desfazem" aproxima-se do leão, do urso, do lobo que são figuras que encontramos para nomear os demônios no *In Ezechielem* 13, 44, 22s. O leopardo significa os hereges no *In Isaiam* 6, 15, 3[346]

No parágrafo 24 do segundo livro da *Apologia*, encontramos uma expressão de lamento de Jerônimo[347] quanto à recepção que teve sua obra de tradução, como se a mesma representasse uma anulação do valor da edição grega dos Setenta. O versículo de Jeremias citado por Jerônimo ilustra bem a emoção solidária de nosso autor com a vocação de Jeremias, pois em Roma no século IV, o combate sem trégua de Jerônimo às heresias coloca nosso autor na condição de manifestar uma impressão muito semelhante de abandono, desconcertante solidão e profundo vazio existencial, incompatíveis com a necessidade imperiosa e inadiável da luta: "...Ai de mim, minha mãe, porque tu me geraste homem de disputa e homem de discórdia para toda terra?..."[348]

Isaías, considerado o primeiro dos chamados profetas maiores, foi conselheiro do rei de Israel, Ezequias, e o primeiro dos quatro grandes profetas hebreus. Autor do Livro de Isaías, sua obra é primorosa pelo vigor do estilo palaciano e pelo brilho da poesia. É do texto de Isaías que Jerônimo se serve para agudizar sua irônica pontada em Rufino, no primeiro parágrafo da *Epístola contra Rufino* (Terceiro livro da *Apologia de Jerônimo contra Rufino*), ao nomear como sabedoria a invectiva de Rufino, e louvor da parte de Rufino, o que provoca em Jerônimo a resposta que conhecemos pelo texto de sua *Apologia*. Ali cita o capítulo 32, 6[349], numa clara utilização estilística do texto bíblico para agudizar sua intenção polêmica de desqualificar o adversário Rufino.

Ezequiel, outro grande profeta hebreu, viveu no século VII a.C. Segundo uma tradição, foi morto por ordem de um príncipe judeu, a quem censurou a sua idolatria. O livro

---

[344] São Jerônimo, *Apologia*, p. 278: "...Et postquam se intellexit casso labore sudare nec pardum mutare uarietates nec Aethiopem pellem suam..."
[345] *Jeremias 13, 23*: "...Pode um etíope mudar a sua pele? um leopardo as suas pintas?
[346] Estes dados podem ser encontrados em Lardet, P., op. cit.(1993), p. 319, nota 600b.
[347] São Jerônimo, *Apologia*, p. 170: "...Heu mihi, mater, ut quid me genuisti, uirum qui iudicer et discernar omni terrae?..."
[348] *Jeremias 15,10*.
[349] São Jerônimo, *Apologia*, p. 212: "...Fatuus, inquit, fatua loquetur et cor eius uana intelleget, ut conpleat iniquitates et loquatur contra Deum mendacium..."

de Ezequiel, coleção das suas profecias, inscrito pela Igreja no cânone dos livros inspirados, é notável pela grandeza das visões do profeta. O nosso autor faz uso estilístico do texto profético ao tomá-lo no momento exato em que o profeta aplicava aos falsos profetas a imagem de raposas no meio de ruínas.[350] O efeito é de desqualificação.

Daniel, tendo vivido no século VII a.C., foi levado cativo para a Babilônia com outros jovens israelitas. A sua viva inteligência granjeou-lhe o favor de Nabucodonosor e do seu sucessor Evilmerodach. Cheios de inveja, os magos obtiveram do rei que Daniel fosse lançado na fossa dos leões, onde foi encontrado no dia seguinte são e salvo. Explicou os sonhos de Nabucodonosor, demonstrou a inocência de Susana e decifrou a famosa inscrição do festim de Baltasar. Morreu provavelmente em Susa. No parágrafo 15 do segundo livro da *Apologia*, encontramos a citação[351] que retoma uma passagem do livro de Daniel[352]. Pierre Lardet afirma em seu comentário à *Apologia*[353] que "Jerônimo escreve para cumular de rivais este profeta que desejava conhecer os mistérios de Deus" e que "para Rufino, Macário é um desses que desejam saber o que seja verdadeiro". Diante de tudo que Jerônimo expõe a respeito da doutrina origenista, a comparação pode ter efeito de ridículo, a partir de um chiste – *desideriorum uir* – que estabelece um jogo entre o caso de Daniel (que é depositário das predileções de Deus) e o outro termo da comparação (que "deseja" saber).

A visão do mundo como lugar de exílio, como lugar de aflição, de peregrinação, de lugar estranho e até mesmo hostil é de origem bíblica. Os cristãos católicos rezam em saudação à Virgem, rainha mãe de Deus, rogando sua proteção maternal para melhor suportarem, como se pudessem habitar desse modo em um *locus refrigerii*, a vida "neste vale de lágrimas". É também assim que Jerônimo caracteriza o mundo em direção ao qual as almas são atiradas[354]

---

[350] São Jerônimo, *Apologia*, p. 234: "...Vis scire totas argutiarum tuarum strophas et uulpicularum insidias quae habitant in parietinis, de quibus et Hiezechiel loquitur: Quasi uulpes in deserto prophetae tui, Israel?..." O texto citado de Ezequiel se acha no capítulo 13, 4.

[351] São Jerônimo, *Apologia*, p. 138: "Illud est quod te, desideriorum uir, Macari, admonitum uolo, ut scias hanc quidem fidei regulam, quam de libris eius supra exposuimus, esse talem quae et amplectenda sit et tenenda..."

[352] Daniel 9, 23: "...Desde o começo da tua súplica, uma palavra foi pronunciada e eu vim para comunicá-la a ti, porque és o homem das predileções..."

[353] Lardet, P., op. cit. (1993), p. 186, nota 328.

[354] São Jerônimo, *Apologia*, p. 60: "...dicit ante uisibiles creaturas, caelum, terram, maria, et omnia quae in eis sunt, fuisse alias inuisibiles creaturas, in quibus et animas, quae ob quasdam causas soli Deo notas deiectae sint deorsum in uallem istam lacrimarum, in locum adflictionis nostrae..."

Os exemplos poderiam se multiplicar ao infinito. Nosso intuito, no entanto, é mostrar o funcionamento e a utilização estilística dos motivos bíblicos na construção literária do polêmico na obra que estamos a estudar.

4.7. A presença do bestiário

Jerônimo abre o texto de sua *Apologia* com a invocação de seus inimigos hereges e heresiarcas sob a imagem de cães com as grandes línguas que lambem o sangue derramado[355], texto que encontramos no salmo 67. Utilizando um processo de apropriação deste salmo, nosso autor chama sobre si a sanha desses cães que ele denomina meus cães, *lingua canum meorum*.

Podemos detectar a utilização do bestiário desde épocas bem remotas na tradição clássica pagã e na tradição bíblica. O termo bestiário traz em sua origem o vocábulo *bestia*, que equivale ao nosso "bicho", em sua oposição à racionalidade, à inteligência, à virtude, à fineza, a honestidade, dentre outros aspectos que aqui ressaltamos, de acordo com os exemplos de que trataremos neste item. O bestiário é um motivo que colabora com a veia satírica de nosso autor, que muitos especialistas consideram como a cara do "bom Jerônimo", aspecto em que mais sentimos a presença e o espírito do inimigo das heresias e dos hereges, e nesse sentido um instrumento formal, um elemento de seu estilo polêmico, a serviço de sua luta, de seu combate verbal contra a heresia.

Para lembrar a ocorrência da utilização polêmica do bestiário na tradição clássica e cristã, passamos a reportar o que nos diz Wilhelm Süss.[356] Cícero em sua *Oratio in L. Pisonem* chamou a este de burro, ovelha, porco e abutre. Tertuliano teve a graça de ter-se livrado do perseguidor que o perseguia, atribuindo-lhe a bela imagem de lula, que embaciava a água com a negra tinta tóxica, por ocasião de sua luta com Marcião e ter introduzido a lula como ferramenta polêmica. Do mesmo modo, Tertuliano refutou uma orientação herética gnóstica que contestava o significado do martírio, vista esta heresia sob a imagem do

[355] O salmo 67, versículo 24, onde encontramos o texto citado na abertura da obra, remete-nos à leitura da história do assassinato do rei Acab em I Reis 22, 38 que diz textualmente: "... 'O rei está morto!' Foi transportado para Samaria e lá sepultado. Lavaram o carro na piscina de Samaria, os cães lamberam o sangue e as prostitutas ali se banharam, conforme a palavra que Yahweh pronunciara..."

escorpião; Tertuliano acabou dando à refutação o título de *Scorpiace*, isto é, o remédio contra a picada do escorpião. Que os hereges são feras selvagens mostra-nos o título da obra do bispo Epifânio, *Panarion*, isto é, as classes de remédios. Na tradição bíblica podemos encontrar um rico modelo na Arca de Noé, elemento no qual podemos reconhecer e justificar as escolhas e a inspiração de Jerônimo na zoologia por assim dizer sacra da Bíblia. A fábula de Esopo e seu tradutor latino Fedro, o mito grego e a sua apropriação pelos provérbios ou expressões proverbiais, ao lado da tradição bíblica, são fontes do imaginário que podemos detectar na *Apologia*, aqui identificados em sua utilização polêmica.

Comecemos pela figura do asno. Expressões colhidas em Cícero apontam para a oposição deste animal à aquisição da leitura e à capacidade literária.[357] É no contexto de seu discurso sobre a memória e a persistência de elementos que fizeram parte da vivência quotidiana dos indivíduos, no primeiro livro de sua *Apologia*, que Jerônimo assinala que "até mesmo os asnos são capazes de reconhcer o caminho por onde passaram, em uma segunda passagem pelo mesmo caminho".[358] Já no segundo livro de sua *Apologia*, a exclamação de Jerônimo "*asino uidelicet lyra!*" realiza o amálgama de uma expressão que Jerônimo teria retirado de uma epístola de Horácio[359], que pode ser encontrada também em Zenóbio[360], com o que Jerônimo havia elaborado na epístola 27.[361] Ao final, o efeito é de desqualificação do adversário com a interposição da imagem do asno para o adversário e a sobrevalorização de si mesmo, pelo volume literário que a utilização do provérbio rendeu a nosso autor.

Quanto à figura do corvo, do qual Jerônimo toma as características de longevidade, de visão penetrante, astúcia e tagarelice, a verificar pela citação que apresentamos em pé de página[362], é possível afirmar que ela também traz um elemento desqualificador que é o aspecto vazio das palavras. *Concaua verba* é um aspecto destruidor, face a fronte austera e nariz enrugado, no caso, do adversário contra o qual luta nosso autor.

---

[356] Tópico intitulado Zoologia polemica, no artigo *Der Heilige Hieronymus und die Formen seiner Polemik,* editado em 1938 no periódico Giessener Beiträge zur Deutschen Philologie 60, p. 212-238.
[357] Cícero, *In L. Pisonem* 30, 73: "...Quid nunc te, asine, litteras doceam? Non opus est uerbis sed fustibus..."
[358] São Jerônimo, *Apologia*, p. 84: "...Etiam asini et bruta animalia, quamuis in longo itinere, nouerunt secundo diuerticula..."
[359] Horácio, *Ep. 2,1, 199*: "...Scriptores autem narrare putaret asello Fabellam surdo..."
[360] Zenóbio, 5, 42: "...ονω τισ ελεγε μυθον, ο δε τα ωτα εκιϖει..." (Zenobios viveu no II século de nossa era, foi contemporâneo do imperador Adriano, e escreveu uma coletânea de provérbios).
[361] São Jerônimo, *Epistolario* (1993), Ep. 27,1, p. 273: "...asino quippe lyra superflue canit..."
[362] São Jerônimo, *Apologia* p. 90-92: "...Quid austeritate frontis et contractis rugatisque naribus concaua uerba trutinatur, et sanctitatem apud uulgus ignobile simulato rigore mentitur?..."

A imagem do porco marca sua presença no primeiro livro da *Apologia*, ainda que não tenha uma utilização polêmica, no momento de uma alusão ao *Testamentum Grunnii Corocottae Porcelli*, que é uma farsa grosseira, na qual o porco Grúnio, deixando a seus parentes e amigos seus próprios membros como herança, desperta gargalhadas barulhentas nos tempos de Jerônimo[363]. No segundo livro da *Apologia*, à menção dos *cicures enniani*[364], podemos entender por eles a figura do porco, pois assim nos explica Sérvio Mário Honorato, contemporâneo de Jerônimo e autor de comentários das obras de Virgílio.[365] A apropriação da imagem do porco, nesse caso, serve a uma atitude irônica da parte de Jerônimo, que finge a ignorância dos herdeiros intelectuais de um povo sem uma epopéia fundadora, tal como a têm os gregos, com todos os atributos que podemos nela observar, e, por este motivo, aparentemente porcos, os porcos de Ênio. Ligados aos *simplices*, os *cicures* evocam normalmente a estupidez animal. Sendo esterco do porco Grúnio (isto é, Rufino), os origenistas, amantes do sublime, remetem seus adversários à animalidade carnal, como a imagem da "porca lavada que torna a revolver-se na lama" (II Pedro 2, 22).

Passemos agora à figura da raposa, fonte de astúcia e maligna virtude, fonte de enganos e dolos, decepções e fraudes. A raposa traz consigo sempre o perigo da sedução e do engano. Citada no terceiro livro da *Apologia*[366], a raposa serve para configurar a louvação hipócrita de Rufino e, a este propósito, a raposa serve muito bem, e com o requinte do diminutivo em *uulpicularum insidias*.

O escorpião, a exemplo da serpente, guarda dentro de si poderosa peçonha e é símbolo do poder daninho da heresia, bem como as cantáridas, inseto venenoso, citados por Jerônimo no terceiro livro de sua *Apologia*. Como a serpente, o escorpião aparece numerosas vezes no texto bíblico, como cita W. Süss.[367]

---

[363] São Jerônimo, *Apologia*, p. 50: "...Quasi non cirratorum turba Milesiarum in scholis figmenta decantent, et Testamentum Suis Bessorum cachinno membra concutiat..."

[364] São Jerônimo, *Apologia*, p. 128-130: "...sed nos, simplices homines et cicures enniani, nec illius sapientiam nec tuam, qui interpretatus es, intellegere possimus..."

[365] Sérvio, Geórgicas 3, 255: "...suem domesticum quem cicurem uocant..."

[366] São Jerônimo, *Apologia*, p. 234: "...Vis scire totas argutiarum tuarum strophas et uulpicularum insidias, quae habitant in parietinis, de quibus et Hiezechiel loquitur: *Quasi uulpes in deserto prophetae tui, Israel* (Ez. 13, 4; 33, 27)..."

[367] Süss, Wilhelm, op. cit., p. 219-220: "...Durch unermüdliche Wiederholung hat Hieronymus eigentlich dem Skorpion die gewalt seines Stachels genommen. Dieser selbst mag letzten Endes aus biblischen Stellen stammen, wie neben Ez. 2, 6 und Apoc. 9, 3 vor allen aus Luk. 10, 19 dedi vobis potestatem calcandi super serpentes et scorpiones..."

A tartaruga, cujo andar pesado deve sua lentidão ao peso dos pecados dos hereges[368], é objeto de alusão de nosso autor, em flagrante apropriação satírica da imagem deste animal de movimentos vagarosos para desqualificar a imagem de seu adversário, carregando a imagem de Rufino também do pecado da heresia. Rufino é, a exemplo da tartaruga, alguém que "murmura", e move-se apenas como uma tartaruga, em vez de avançar a passos mais rápidos. Pelo contexto próximo da citação que apresentamos, podemos inferir que o objeto do motejo satírico de nosso autor é a capacidade literária de Rufino, a qual estaria aquém do que seria desejável em sua época e contexto cultural.[369]

Por fim, vejamos a imagem da serpente que representa para Jerônimo a figura por excelência do herético, por causa do atributo de veneno que se dava a toda heresia. O animal de que falamos aqui aparece sob denominação de vários outros vocábulos tais como *anguis, aspis, coluber, excetra, serpens, uipera*. A citação que transcrevemos em pé de página, que não menciona o animal de forma explícita, presentifica-o pelo elemento da sedução que podemos detectar no fim da citação. Podemos verificar aí a imagem da surdez diante do ser que seduz, verossimilmente a imagem de uma serpente, que nos traz à memória, por um lado, a tradição homérica, com a surdez virtuosa de Ulisses ao canto das sereias, e também a da tradição bíblica, com a reminiscência do tentador que se revestiu da forma de serpente.[370]

---

[368] Antin, P., op. cit., p. 212: "...Testudo tardigrada et onerata, immo oppressa pondere suo, non tam ambulat quam mouetur, haereticorum peccata significans..." (citação de In Osee 12, 11).

[369] São Jerônimo, *Apologia,* p. 48: "...Tu qui in latinis mussitas et testudineo gradu moueris, potius quam incedis, debes scribere ut, apud homines graeci sermonis ignaros, aliena scire uidearis, uel si latina temptaueris, ante audire grammaticum, ferulae manum subtrahere et, inter paruulos αθηνογερων artem loquendi discere..."

[370] São Jerônimo, *Apologia*, p. 240: "...Illud autem quod tergiuersaris et dicis te ea transtulisse de graeco quae ego prius latino sermone transtulerim, non satis intellego quid uelis dicere, nisi forte adhuc commentarios ad Ephesios criminaris et, quasi nihil tibi super hoc responsum sit, obduras frontis impudentiam nec auribus obduratis uoces recipis incantantis..."

5. CONCLUSÃO

Nosso percurso de leitura da *Apologia de Jerônimo contra Rufino* teve como escopo evidenciar nesta obra os aspectos literários do polêmico em suas definições de gênero literário, de intertextualidade e de estilo. Os resultados a que chegamos mostram-se positivos e, com isso, podemos dizer que a Apologia de Jerônimo contra Rufino caracteriza-se como polêmica, nos termos em que apresentamos a análise da obra de Jerônimo que elegemos como objeto de estudo, nos capítulos correspondentes aos tópicos literários que acabamos de citar (gênero, intertextualidade, estilo). Outrossim, recapitulemos, pois, em seus pontos essenciais, a análise que apresentamos nesta tese.

A pluralidade de modelos genéricos que descrevemos reflete a necessidade que tem Jerônimo de um instrumental variado que possa atender à situação paradoxal e delicada em que o colocaram o prolongado diálogo com Orígenes, a situação nova da condenação de Orígenes e todos os incidentes envolvendo a sua dissidência com o ex-amigo Rufino e tudo o que se seguiu a partir daí. À semelhança de armas, os variados gêneros prestam-se a inúmeras funções. Como apologia, a obra defende e engrandece seu próprio autor. A diatribe busca a moralização, a correção de costumes corrompidos pela mescla do sério e do jocoso, dando a Jerônimo o lugar de quem corrige, lugar que o põe em posição mais favorável em relação a Rufino, dando ao texto maior leveza no ato de moralização realizado por Jerônimo. O gênero judiciário é útil a Jerônimo para construir sua defesa, a partir das acusações que lhe chegam por notícias de amigos e, depois, pelo texto finalmente publicado. Às acusações Jerônimo responde com extrema habilidade: a de perjúrio, a de blasfêmia e a de hipocrisia. O gênero demonstrativo traz à tona o desastroso elogio de Rufino que não chegou a Jerônimo como benéfico, mas tocou, com o dedo, a ferida de Jerônimo, expondo-a de forma trágica. Defender-se a si mesmo e rechaçar o elogio pérfido, a essas finalidades servem estes dois gêneros literários. A sátira mostra-se eficiente instrumento para realizar a crítica social, pelo exorcismo verbal que expõe, aos olhos de todos, a nudez e a deformidade da sociedade eclesiástica de seu tempo. A epístola revela-se um instrumento adequado à comunicação e ao contato sem intermediários com Rufino, a fim de dissipar todos os agravos que deram origem ao texto da *Apologia*.

Em se tratando do capítulo acerca das relações intertextuais, cabe-nos observar que, sendo as relações intertextuais resultantes de um processo infinito e inacabado, e, portanto, capazes de suscitar reflexões que não podemos abarcar em limites restritos de tempo e espaço, nós decidimos abordar os casos de citação e as refutações. A citação dos autores clássicos concede a Jerônimo tanto um status de autoridade e sapiência, bem como é capaz de criar um clima de conivência cultural com os seus leitores, clima propício para entregar a seu público todas as questões de extrema gravidade de que Jerônimo mostra-se depositário. A refutação dos livros de Rufino é a matéria que enfatizamos como essencial nas relações intertextuais do texto de nosso autor, a *Apologia*. O combate aí se mostra pelo tratamento direto das acusações implícitas e explícitas por parte de Rufino, em diversos textos, de várias formas. A refutação é o recurso que cabe a Jerônimo, o método de que se vale em sua situação *polêmica* (no sentido comum em que empregamos este termo hoje, século XXI), situação em que necessita empreender a sua luta, o seu combate, a sua polêmica, para se safar do terrível estigma de heresia, do conluio com Orígenes que ele rejeita.

Por fim, o texto patrístico, com o qual caracterizamos a Apologia, pelo vínculo que estabelece entre a herança clássica e as necessidades de uma nova religião que constrói, historicamente, seu corpo de doutrina. A Apologia de Jerônimo contra Rufino, obra polêmica, contribui para a construção histórica do corpo de doutrina da Igreja Católica, sob o signo da espada, no seio de polêmicas como essa, de Jerônimo e Rufino.

Em se tratando dos aspectos estilísticos, concluímos que a grande variedade de processos estilísticos contribui para criar o estilo adequado à expressão do polêmico. A língua latina que, na época de Jerônimo, já se havia adaptado aos grupos cristãos e à nova religião que crescia em importância e número de adeptos, vemo-la sob a pena de Jerônimo realizar um amálgama perfeito da herança retórica clássica, com todo o repertório de figuras, os modelos clássicos que ornam o texto, os motivos bíblicos que apontam para possibilidades futuras como vimos se desenvolver no modelo da cristandade medieval, e o bestiário que se verifica como realização formal da sátira. O estilo variado do texto da *Apologia de Jerônimo contra Rufino*, que descrevemos, é solidário com a pluralidade de gêneros, no sentido de ser instrumento eficaz nas mãos do polemista Jerônimo, dando-lhe o modelo genérico necessário e suficiente à sua defesa e apologia, dando-lhe, também, os termos, os adornos, as evocações que são cabíveis a expressar o que sente, o que o emociona, o imaginário que o obceca.

Nos termos em que descrevemos a *Apologia de Jerônimo contra Rufino* é que concluímos que este texto de São Jerônimo contém amplos aspectos de polêmico. Já sabíamos da classificação deste texto em manuais de literatura latina e de patrística. Nosso estudo teve por objetivo desenvolver uma descrição para conhecer mais sobre este texto no aspecto polêmico e da polêmica cristã, de que é um exemplar. Concluímos o trabalho com a confirmação de nossas hipóteses, com a utilização de vários instrumentos literários de análise.

6. NOTAS

Neste trabalho de tese, adotamos o sistema de notas de rodapé, inseridas no corpo do trabalho, à medida que redigíamos o texto da tese. Consideramos, porém, de utilidade fazer algumas observações importantes não apontadas no decorrer do trabalho.

a) Textos latinos da coletânea da Patrologia Latina, editados no século XIX por J.-P. Migne são por nós citados tal como se encontram nessa fonte, conservando-se as idiossincrasias ortográficas aceitas como corretas na época, mesmo que, a partir da ortografia que se baseia na pronúncia restaurada, tivéssemos tido a possibilidade de adotar outros critérios para substituir, por exemplo, os jotas e os vês. O volume sétimo contém o tratado *De adulteratione librorum Origenis*; o volume vigésimo primeiro, a *Apologia in Sanctum Hieronymum*, de Rufino; o volume vigésimo sexto, os *Commentariorum in Epistolam ad Ephesios libri tres*, de Jerônimo; o volume vigésimo terceiro, o *Contra Iohannem Hierosolymitanum*, de Jerônimo.
b) O texto da *Apologia de Jerônimo contra Rufino* por nós adotado em todas as citações neste trabalho é o da edição francesa da "Sources Chrétiennes", que foi levada a cabo por Pierre Lardet. Anexaremos fotocópia do texto desta edição no final desta tese. Demais dados desta edição podem ser vistos na bibliografia.
c) A edição do texto das epístolas que utilizamos em nosso trabalho é uma recente edição espanhola, publicada pela Biblioteca de Autores Cristianos, a cargo de Juan Bautista Valero, na última década do século XX.

7. BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

a) Fontes textuais primárias:

Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Clementinam. Madrid: BAC, 1946.

Bíblia de Jerusalém (A). São Paulo: Paulinas, 2000.

CÍCERO, M. T. *Dei doveri*. Milão: A. Mondadori, 1994.

_____. *De la vieillesse. De l'amitié. Des devoirs*. Trad. de Ch. Appuhn. Paris: Garnier Frères, s.d.

EPICURISMO (O) e DA NATUREZA. Prefácio, notas e tradução de Agostinho Silva. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

HORÁCIO. *Epistole*. A cura di Marco Beck. Milão: A. Mondadori, 1997.

JERÔNIMO. *Apologie contre Rufin*. Introduction, texte critique, traduction et index par Pierre Lardet. Paris: Cerf, 1983.

_____. *Commentaire sur Jonas*. Introduction, texte critique, traduction et commentaire par Yves-Marie Duval. Paris: Cerf, 1985.

_____. *Commentariorum in Epistolam ad Ephesios libri tres*. IN: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina 26, col. 467- 624.* Paris: Garnier Frères, 1878.

_____. *Contra Iohannem Hierosolymitanum*. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina 23, col. 371-412.* Paris: Garnier Frères, 1878.

_____. *Epistolario*. Edición preparada por Juan Bautista Valero. Madrid: BAC, 1995. 2 vol.

_____. *Obras completas*. Tomo I: Obras homiléticas. Traducción, introducción y notas de Mónica Marcos Celestino. Madrid: BAC, 1999.

_____. *Obras completas*. Tomo IIIa: Comentarios a los profetas menores Introducción, traducción y notas de Avelino Domínguez García. Madrid: BAC, 2000.

_____. *Prólogos de comentários exegéticos diversos*. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina 23 e 28.* Paris: Garnier Frères, 1878

_____. *Vivre au désert*. Vies de Paul, Malchus, Hilarion. Traduit du latin,

présenté et annoté par Jean Miniac. Grenoble: Jérôme Millon, 1992.

LUCRÉCIO. *La natura delle cose*. De rerum natura. A cura di Guido Milanese. Milão: Arnoldo Mondadori, 1992.

ORÍGENES. *Homélies sur Saint Luc*. Introduction, traduction et notes par Henri Crouzel, François Fournier et Pierre Périchon. Paris: Cerf, 1998.

_____. *Traité des principes*. Introduction, texte critique de la version de Rufin, traduction par Henri Crouzel et Manlio Simonetti. Paris: Cerf, 1978.

_____. *Traité des Principes*. Traduction de la version latine de Rufin avec un dossier annexe d'autres temoins du texte par M. Harl, G. Dorival, A. le Boulluec. Paris: Études Augustiniennes, 1976.

_____. I principi di Origene. Tradução italiana de M. Simonetti. Turim: 1968.

QUINTILIANO. *De l'institution oratoire*. Trad. de M. Nisard. Paris: Firmin-Didot, 1881.

RUFINO. *Apologia*. Introdução e tradução italiana de M. Simonetti. Alba, 1957.

_____. *Apologiae in Sanctum Hieronymum libri duo*. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina 21, col. 541-624.*

_____. *Apologia quam pro se misit Rufinus Presbyter ad Anastasium, Romanae Urbis Episcopum.* In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina 21, col 623-628*. Paris: Garnier Frères, 878.

_____. *De adulteratione librorum Origenis*. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina 7, col.615-632.* Paris: Garnier Frères, 1878.

TRILOGIA TEBANA (A). Sófocles. Tradução do grego e apresentação de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

b) Fontes secundárias: manuais de patrística e obras especializadas em São Jerônimo:

ALTANER, B.; STUIBER, A. *Patrologia*. São Paulo: Paulinas, 1972.

ANTIN, P. *Recueil sur Saint Jérôme*. Bruxelas: Société d'études latines de Bruxelles – Latomus, 1968.

_____. *Essai sur Saint Jérôme.* Paris: Letouzey & Ané, 1951.

ARNS, P. E. *A técnica do livro segundo São Jerônimo*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. *La technique du livre d'après Saint Jérôme*. Paris: Boccard, 1953.

AUVRAY, P. S. *Jérôme et Saint Augustin*. La controverse au sujet de l'incident d'Antioche. Recherche de Science Religieuse 29, 1939, pp. 594-610.

BAMMEL, C. P. H. *Der Römer Brieftext des Rufin und seine Origenes-Übersetzung*. Vetus Latina: Aus der Geschichte der Lateinischen Bibel 10. Verlag Herder, 1985.

BARBIER, É. T. *La patristique*. Paris: Centurion, 1993

BARDY, G. *Faux et fraudes littéraires dans l'Antiquité chrétienne*. Revue d'Histoire Ecclésiastique 32, 1936, pp. 5-23, pp. 275-302.

_____. *Littérature grecque chrétienne*. Paris: Bloud & Gay, 1928.

_____. *Recherches sur l'histoire du texte et des versions latines du De Principiis d'Origène*. Lille: Desclée de Brouwer, 1923.

_____. *Traducteurs et adaptateurs au IVe. siècle*. Recherche de Science Religieuse 30, 1940, pp.257-306.

BASTIDE, R. *Éléments de sociologie religieuse*. Paris: A. Colin, 1935.

BERARDINO, A.(org.). Dicionário patrístico e de antigüidades cristãs. Petrópolis: Vozes, 2002.

BODIN, Y. *Saint Jérôme et l'église*. Paris: Beauchesne et ses Fils, 1966.

BOEHNER, P; GILSON, É. *História da filosofia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1988.

BROCHET, J. *Jérôme et ses ennemis*. Étude sur la querelle de S. Jérôme avec Rufin d'Aquilée et sur l'ensemble de son oeuvre polémique. Paris: Albert Fontemoing, 1905.

CAVALLERA, F. Saint Jérôme, sa vie et son oeuvre. Paris: Honoré Champion, 1922.

CLARK, E. A. *The origenist controversy*. The cultural construction of an early christian debate. Princeton: Princeton University Press, 1992.

COURCELLE, P. *Paulin de Nole et Saint Jérôme*. Revue des Études Latines 25, 1947, pp. 250-280.

_____. *Les lettres grecques en Occident de Macrobe à Cassiodore*. Paris: Boccard, 1963.

CROUZEL, H. *A letter from Origen "to friends in Alexandria" in the heritage of the early Church*. Orientalia Christiana Analecta 195, 1973, pp. 135-150.

_____. *Qu'a voulu faire Origène en composant le Traité des Principes?* Bulletin de Littérature Ecclésiastique LE 76, 1975, p. 161-186 e pp. 241-260.

CRUZ, M. S. da. *A herança romano-helenística nas cartas de São Jerônimo*. Rio de Janeiro: UFRJ (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais), 1992. Dissertação de Mestrado em História.

_____. *Da virtus romana à virtude cristã:* um estudo acerca da conversão da aristocracia de Roma no IV século a partir das epístolas de Jerônimo. Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 1997. Tese de Doutorado.

DENZINGER, H. *Enchridion Symbolorum*. Definitionum et declarationum de rebus fidei et morum. Barcelona: Herder, 1952.

DROBNER, H. R. *Manual de patrología*. Barcelona: Herder, 1999.

DUVAL, Y.-M. *Aquilée et la Palestine entre 370 et 420*. Antichità Alto-Adriatiche - Udine 12, 1977, pp. 263-322.

_____. *Gerolamo tra Tertulliano e Origene*. Morcelliana-Brescia 1997, pp. 107-135.

_____. *Jérôme entre l'Occident et l'Orient*. XVIe. centenaire du départ de Jérôme de Rome et de son installation à Bethléem. Actes du Colloque de Chantilly (septembre, 1986). Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1988.

_____. *Jérôme et Origène avant la querelle origéniste. La cure et la guérison ultimes du monde et du diable dans l'In Nahum.* Augustinianum 24, 1984, pp. 471-494.

_____. *Les relations doctrinales entre Milan et Aquilée durant la seconde moitié du IVe. siècle.* Chromace d'Aquilée et Ambrose de Milan. Antichità Alto-Adriatiche – Udine 4, 1973, p. 171-234.

_____. *Saint Cyprien et le roi de Ninive dans l'In Ionam de Jérôme*. La conversion des lettrés à la fin du IVe. siècle. (Mélanges J. Daniélou). Paris, 1972, pp. 551-570.

_____. *Sur les insinuations de Jérôme contre Jean de Jérusalem*. De l'arianisme à l'origénisme. Revue d'Histoire Ecclésiastique 65, 1970, pp. 353-374.

_____. *Tertullien contre Origène sur la résurrection de la chair dans le Contra Iohannem hierosolymitanum, 23-36 de saint Jérôme*. Revue des Études Augustiniennes 17, 1971, p. 227- 277.

_____. *Vers l'In Malachiam d'Origène: Jérôme et Origène en 406*. Bibliotheca Ephemeridum Theologicarum Lovaniensium 137, (Origeniana Septima), 1999, 233-259.

EISWIRTH, R. *Hieronymus Stellung zu Lit und Kunst*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1955.

FAVEZ, C. *Saint Jérôme peint par lui-même*. Bruxelas: Latomus, 1958.

GASPARRO, G. S. *Aspetti della controversia origeniana: le traduzioni latine del Peri Archon.* Augustinianum 26, 1986, 191-205.

GOMES, C. F. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo: Paulinas, 1979.

GRÜTZMACHER, G. *Hieronymus*. Eine biographische Studie zur alten Kirchengeschichte. Berlin, 1901-1908.

HAMMOND, C. P. *The last ten years of Rufinus' life and date of his move south from Aquileia*. Journal of Theological Studies 28, 1977, pp. 372-429.

HINNELS, J. R. *Dicionário das religiões.* São Paulo: Cultrix, 1984

HRITZU, J. N. *The style of the letters of Saint Jerome*. Washington: The Catholic University of America Press, 1939.

_____. *Jerome's dogmatic and polemical works*. Washington: 1965 (contém a tradução inglesa da *Apologia de Jerônimo contra Rufino*).

HULLEY, K.K. *Hieronymus on palaeographic points*. Harvard Studies in Classical Philology 54, 1943, pp. 83-92.

JANNACCONE, S. *La genesi del cliché antiorigenista e il platonismo origeniano del contra Iohannem Hierosolymitanum di San Girolamo*.

Giornale Italiano di Filologia 17, 1964, pp. 14-28.

_____. *Roma 384 (struttura sociale e spirituale del gruppo geronimiano).* Giornale Italiano di Filologia 19, 1966, pp.32-48.

JAY, P. *L'exégèse de Saint Jérôme d'après son "Commentaire sur Isaïe".* Paris: Études Augustiniennes, 1985.

_____. *Jérôme, lecteur de l'Écriture*. Paris: Cerf, 1998.

_____. *Jérôme et la Septante Origénienne*. Bibliotheca Ephemeridum Theologicarum Lovaniensium 118 (Origeniana Sexta), 1995, pp. 203-214.

_____. *Saint Jérôme et "l'un et l'autre testament"*. Lectio Divina 162, pp. 361-379.

JEANJEAN, B. *Contribution à la datation des Tractactus de Psalmis (Altera series) de Saint Jérôme, à partir de la façon dont ils traitent de l'hérésie et des hérétiques*. Studia Patristica 28, 1993, pp. 49-53.

_____. *De la chronique à la Consolation à Héliodore (Ep. 60). Les mutations de la matière historique chez Jérôme*. Théologie Historique 114, 2001, 409-423.

_____. *Saint Jérôme et l'hérésie*. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1999.

_____. *Saint Jérôme polémiste et hérésiologue: l'art du portrait à charge dans l'Aduersus Heluidium, l'Aduersus Iouinianum et le Contra Vigilantium.* URL: http://www.liane.net/arobase.to/v1_n1/stjer.html.

_____. *L'utilisation antihérétique de Ps. 72,9 par saint Jérôme*. Studia Patristica 34, 2001, p. 376-387.

KELLY, J. N. D. *Jerome, his life, writings and controversies*. Londres: Duckworth, 1975.

LA BONNARDIÈRE, A. M. *Jérôme informateur d'Augustin au sujet d' Origène*. Revue des Études Augustiniennes 20, 1974, pp. 42-54.

LARDET, P. *L'Apologie de Jérôme contre Rufin*. Un commentaire. Leiden, Brill, 1993.

LE BOULLUEC, A. *La place de la polémique antignostique dans le Peri Archon.* Origeniana, 1973, pp.47-61.

_____. *La notion d'hérésie dans la littérature grecque IIe.- IIIe. siècles*. tome II: Clément d'Alexandrie et Origène. Paris: Études Augustiniennes, 1985.

LE NAIN DE TILLEMONT, L. S. *Mémoires pour servir à l'histoire ecclésiastique des six premiers siècles*. t. 12. Paris, 1707, pp. 1-356; p. 616-662.

MIEROW, C. *St. Jerome and Rufinus.* Classical Bulletin 30, 1953, pp. 1-20.

MORENO, F. *São Jerônimo*. A espiritualidade do deserto. Trad. de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, s.d.

MURPHY, F. X. *Rufino e Paulino de Nola*. Revue des Études Augustiniennes 2, 1956, pp. 79-93.

_____. *Rufinus of Aquileia, his life and works*. Washington: The Catholic University of America Press, 1945.

NAUTIN, Pierre. *Études de chronologie hiéronymienne(393-397)* Revue des Études Augustiniennes 18, 1972,pp. 209-218; 19, 1973, pp. 69-86 et 213-239; 20, 1974, pp. 251-284.

_____. *L'excommunication de Saint Jérôme*. Annuaire de l'École Pratique des Hautes Études(Ve. Section) t. 80-81, 1972-73, pp. 7-37.

_____. *La lettre de Théophile d'Alexandrie à l'Église de Jérusalem et la réponse de Jean de Jérusalem*. Revue d'Histoire Ecclésiastique 69, 1974, pp. 365-394.

_____. *Origène. Sa vie et son oeuvre*. Paris: Beauchesne, 1977.

OLLIVIER, C. *Jérôme.* Paris: Les Éditions Ouvrières, 1993.

OPELT, I. *Hieronymus Streitschriften*. Heidelberg: Carl Winter – Universitätsverlag, 1973.

ORIGÈNE ET ORIGÉNISME. In: Encyclopaedia Universalis, t. 12, Paris, 1972, pp. 230-233.

PACE, N. *Ricerche sulla traduzione di Rufino del "De principiis" di Origene.* Florença: Nuova Italia, 1990.

PADOVESE, L. *Introdução à teologia patrística*. Trad. de orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 1999.

PENNA, A. *San Gerolamo*. Torino: Marietti, 1949.

PERNOUD, R. *Saint Jérôme*. Monaco: Rocher, 1996.

PIETRI, C. *Roma christiana*. Recherches sur l'Église de Rome...de Miltiade à Sixte III (311-440), École Française de Rome (BEFAR), fasc. 224, 1976, pp. 1288-1294.

RAHNER, K. Innsbruck - *Über das Latein als Kirchensprache*. Zeitschrift für katholische Theologie 84, 1962, pp. 257-299.

ROMANIUK, K. *Une controverse entre S. Jérôme et Rufin d'Aquilée à propos de l'épître aux Éphésiens*. Aegyptus 43, 1963, pp. 84-106.

SIMONETTI, M. *La controversia origeniana: caratteri e significato*. Augustinianum 26, 1986, pp. 7-31

STEINMANN, J. *Saint Jérôme*. Paris: Cerf, 1958.

STUDER, B. *Zur Frage des westlichen Origenismus*. Studia Patristica 9 (TU 94), 1966, pp. 270-287.

SÜSS, W. *Der heilige Hieronymus und die Formen seiner Polemik*. Giessener Beiträge zur Deutschen Philologie 60, 1938, pp. 212-238.

TESTARD, M. *Saint Jérôme: l'apôtre savant et pauvre du patriciat romain*. Paris: Les Belles-Lettres, 1969.

THELAMON, F. *Païens et chrétiens au IVe. siècle*. L'apport de l' histoire ecclésiastique de Rufin d'Aquilée. Paris: Études Augustiniennes, 1981.

THIERRY, A. S. D. *S. Jérôme: la société chrétienne en Occident.* 4e. édition. Paris: Perrin, 1891.

TIBELETTI. *Cultura clássica e cristã*. Salesianum 11, 1949, pp. 97-117.

TREVIJANO, R. *Patrología*. Madrid: BAC, 1998.

VIDA DOS SANTOS DE BUTLER. Edição completa organizada, revisada e ampliada por Herbert J. Thurston, S.J. e Donald Attwater. Apresentação do cardeal Basil Hume, OSB, arcebispo de Westminster. Trad. de Attílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1992.

VILLAIN, M. *Rufin d'Aquilée. L'étudiant et le moine*. Nouvelle Revue Théologique 64, 1937, pp. 5-33 et pp. 139-161.

_____. *Rufin d'Aquilée. La querelle autour d'Origène*. Recherche de Sciences Religieuses 27, 1937, pp.5-37 e pp. 165-195.

WINKELMANN, Fr. *Einige Bemerkungen zu den Aussagen des Rufinus von Aquileia und des Hieronymus über ihre Übersetzungstheorie und - methode*. Kyriakon (Festschrift J. Quasten), t. 2, Münster, 1970, pp. 532-547.

c) Teoria literária:

ANGENOT, M. *La parole pamphlétaire*. Typologie des discours modernes. Paris: Payot, 1995.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

AUBERT, F. H. *As (in)fidelidades da tradução*. Servidões e autonomia do tradutor. Campinas: Unicamp, 1994.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BARTHES, R. *A aventura semiológica*. Lisboa: Ed. 70, 1985.

_____. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Critique et vérité*. Paris: Seuil, 1966.

_____. *Ensaios críticos*. Lisboa: Ed. 70, 1977.

_____. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Lisboa: Ed. 70, 1987.

_____. *Le grain de la voix*. Paris: Seuil, 1981.

_____. *Lição*. Lisboa: Ed. 70, 1988.

_____. *O grau zero da escrita*. Lisboa: Ed. 70, 1989.

_____. *Système de la mode*. Paris: Seuil, 1989.

_____.*S/Z.* Uma análise da novela Sarrazine de Honoré de Balzac. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BARTHES, R. et alii. *Poétique du récit*. Paris: Seuil, 1987.

BIARD, J. D. *Le style des fables de La Fontaine*. Paris: A.G. Nizet, 1969.

BRANDÃO, R. O. As figuras de linguagem. São Paulo: Ática, 1989.

CHARAUDEAU, P. *Sémiolinguistique*. Éléments de Sémiolinguistique. (Théorie et pratique). Paris: Hachette, 1994.

COURTÉS, J. *Analyse sémiotique du discours*. Paris: Hachette, 1991.

FRYE, N. *Le grand code*. La Bible et la littérature. Paris: Seuil, 1984.

GABEL, J. B., WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 1993.

GENETTE, G. *Palimpsestes*. La littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.

_____. *Figures I*. Paris: Seuil, 1966.

_____. *Figures II*. Paris: Seuil, 1969.

_____. *Figures III*. Paris: Seuil, 1972.

_____. *Figures IV*. Paris: Seuil, 1999.

_____. *Figures V*. Paris: Seuil, 2002.

GUIRAUD, P. *A estilística.* São Paulo: Mestre Jou, s.d.

HAUSER, A. *Historia social de la literatura y del arte*. Barcelona: Guadarrama/Punto Omega, 1979.

HERRON, M.C. *A study of the clausulae in the writings of St. Jerome.* Washington: Catholic University of America, 1937.

HODGART, Matthew. *La sátira*. Madrid: Guadarrama, 1969.

KAYSER, W. *Interpretación y análisis de la obra literaria*. Madrid: Gredos, 1970.

KENNEY, E. J., CAUSEN, W.V. *Historia de la literatura clásica*. tomo II Literatura latina. Madrid: Gredos, 1989.

KRISTEVA, J. *La révolution du langage poétique*. Paris: Seuil, 1974.

_____. *Le langage, cet inconnu*. Une initiation à la linguistique. Paris: Seuil, 1981.

_____. *Pouvoirs de l'horreur*. Paris: Seuil, 1980.

_____.*Semeiotikè.* Recherches pour une sémanalyse. Paris: Seuil, 1969.

KENNEDY, G.A. *A new history of classical rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

LAPA, M.R. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

_____. *Manual de retórica literaria*. Fundamentos de una ciencia de la literatura. 3 vol. Madrid: Gredos, 1991.

LIMA, L.C. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2 vol. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LUBAC, H. de. *A propos de l'allégorie chrétienne*. Recherche de Science Religieuse 47, 1959, pp. 5 – 43.

MALHERBE, A.J. *Ancient epistolary theorists*. Atlanta: Scholars Press, 1988.

MARTINS, N.S. *Introdução à estilística*. São Paulo: T.A.Queiroz, 2000.

MOSCA, L. L. S.(org.) *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 1999.

MUSSURILLO. *History and symbol: a study of form in early christian literature*. Theological Studies 18, 1957, pp. 357-386.

PÉPIN, J. *Mythe et allégorie*. Les origines grecques et les contestations judéo-chrétiennes. Paris: Montaigne, 1958.

PERELMANN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação*. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SCARPAT, G. *L'epistolografia.* In: Introduzione allo studio della cultura classica. Milão: Marzorati, s.d.

SPINA, S. *Introdução à poética clássica*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SUBERVILLE, Jean. *Théorie de l'art et des genres littéraires*. Paris: Les éditions de l'école, 1948.

VILANOVA, J.B. *Aspectos estilísticos da língua portuguesa*. Recife: Universitária, 1984.

WIESEN, D. S. *St. Jerome as a satirist*. A study in christian latin thought and letters. New York: Cornell University Press, 1964.

d) Tradutologia:

CHEVALIER, J.-C.; DELPORT, M. F. *Problèmes linguistiques de la traduction. L'horlogerie de Saint Jérôme*. Paris: L'Harmattan, 1995.

CUENDET. *Cícero e Jerônimo como tradutores*. Revue des Études Latines, fascicule II, 1933, pp. 380-400.

ESTIN, Colette. *Saint Jérôme, de la traduction inspirée à la traduction relativiste.* Revue Biblique. Paris: Librairie Lecoffre, tomo 88, 1981, pp. 199-215.

LARANJEIRA, M. *Poética da tradução*. São Paulo: Edusp, 1993.

LARBAUD, V. *Sous l'invocation de Saint Jérôme*. Paris: Gallimard, 1997.

MILTON, J. *Tradução: teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PAES, J. P. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo: Ática, 1990.

RODRIGUES, C. C. *Tradução e diferença*. São Paulo: UNESP, 2000.

e) Questões de língua e literatura latinas:

BAYET, J. *Littérature latine*. Paris: A. Colin, 1996.

BIFFI, I. *Studi sul latino dei cristiani*. Scuola cattolica 3,1966, pp. 269-276.

BOISSIER, G. *Cicéron et ses amis*. Étude sur la société romaine du temps de César. Paris: Hachette, 1870.

COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

CURTIUS, E. R. *Literatura européia e Idade Média latina*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1996.

DANIÉLOU, J. *Le latin chrétien*. Bulletin de Recherches de Sciences Religieuses 47, 1959, pp. 117-124.

ERNOUT, A. *Morphologie historique du latin*. Paris: Klincksieck, 1989.

ERNOUT, A.; THOMAS, F. *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck, 1993.

FARIA, E. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FEDELI, P. *Letteratura latina*. Napoli: Il tripode, 1995.

GOELZER, H. *Étude lexicographique et grammaticale de la latinité de Saint Jérôme*. Paris: Hachette, 1884.

Le latin, langue de l'Église. Revue Grégorienne 40, 1962, pp. 32-41.

LIPPARINI, Giuseppe. *Sintaxe latina*. Petrópolis: Vozes, 1961.

MAROUZEAU, J. *L'ordre des mots dans la phrase latine*. Paris: Honoré Champion, 1922.

_____. *L'ordre des mots dans la phrase latine*. tome III: Les articulations de l'énoncé. Paris: Les Belles-Lettres, 1949.

_____. *Traité de stylistique latine*. Paris: Les Belles-Lettres, 1946.

MARTIN, R. e GAILLARD, J. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990.

MOHRMANN, C. *Études sur le latin des chrétiens*. 2 vol. Roma: Ed. di Storia e Letteratura, 1961.

OTTO, A. *Die Sprichwörter und sprichwörtlichen Redensarten der Römer*. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1965.

PARATORE, E. *História da literatura latina*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, s/d.

POLHEIM, K. *Die Latein*. Reimprosa, 1952, pp. 210-234.

RAHNER, Karl. *Über das Latein als Kirchensprache*. Zeitschrift für

Katholische Theologie 84, 1962, pp. 257-299.

ROSTAGNI, A. *Storia della letteratura latina*. 3 vol. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1983.

ZEHNACKER, H.; FREDOUILLE, J.-C. *Littérature latine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

f) Questões culturais diversas:

DANIÉLOU, J. e MARROU, H. *Nova história da Igreja – I*. Dos primórdios a São Gregório Magno. Petrópolis: Vozes, 1984.

ENGELS, F. *O cristianismo primitivo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

FEUERBACH, L. *L'essence du christianisme*. Paris: F. Maspero, 1968.

FINLEY, M. I. *O legado da Grécia*. Brasília: Ed.Universidade de Brasília, 1998.

GILSON, É. *La philosophie au Moyen-Âge: des origines patristiques à la fin du XIVe. siècle*. Paris: Payot, 1988.

INGLEBERT, H. *Interpretatio christiana*. Les mutations des savoirs(cosmographie, géographie, ethnographie, histoire) dans l'Antiquité chrétienne – 30-630 après J.-C. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 2001.

JAEGER, W. *Paidéia.* A formação do homem grego. Trad. de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LUBAC, H. de. *Histoire et esprit*. L'intelligence de l'Écriture d'après Origène. Paris, 1978.

REICH, W. *O assassinato de Cristo*. Trad. de Carlos R. Lemos Viana. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RENAN, E. *Vida de Jesus*. Trad. de Eliana Maria de A. Martins. São Paulo: Martin Claret, s.d.

_____. *Histoire des origines du christianisme*. vol I: Vie de Jésus, Les apôtres, Saint Paul. vol II: L'antéchrist, Les Évangiles, L'Église chrétienne, Marc-Aurèle. Paris: Robert Laffont, 1995.

_____. *Études d'histoire religieuse*. Paris: Gallimard, 1992.

ANEXO DE TRADUÇÃO

Apologia de Jerônimo, presbítero estridonense, contra os livros de Rufino, enviada a Pamáquio e a Marcela

PRIMEIRO LIVRO

Primeira parte: O conflito dos tradutores[371]

1. Pela vossa carta e pelas de tantos outros, tomei conhecimento de que sou reprovado na "Escola de Tirano"[372], pela língua dos cães dos meus inimigos, sob instigação dele mesmo,[373] por ter traduzido em latim o *Perì Archôn*, e - atrevimento único![374] - eles acusam o médico de ter denunciado venenos, e fazem de modo - isso se entende - a proteger seu farmacêutico, não pela justificação da inocência, mas partilhando sua culpabilidade, como se o número dos que pecam diminuísse a culpa e como se a acusação recaísse sobre as pessoas, não sobre os fatos! Escrevem-se contra mim livros e estes são recitados aos ouvidos de todo mundo; porém, não são publicados, e assim eles tocam o coração dos simples e retiram a mim a possibilidade de me defender. Maldade de um gênero inédito: acusar aquilo que temes que seja publicado, escrever o que possas ocultar. Se é verdadeiro aquilo que ele escreve, por que temeu o público? Se é falso, por que o escreveu? Outrora, quando meninos, nós lemos: julgo ser louco aquele que escreve qualquer coisa sobre o que se queria guardar segredo

Eu vos pergunto: que ressentimento é esse? Por que se inflamam? Por que endoidecem? Foi porque repeli o simulacro de um panegirista? Foi porque eu não quis ser louvado por uma boca hipócrita? Foi porque, sob o nome de um amigo, desvendei as armadilhas de um inimigo? No prólogo, sou chamado de irmão e companheiro e muito abertamente são expostos meus crimes, o que eu teria escrito, os louvores pelos quais eu teria

---

[371] A divisão dos livros em notas reproduz, em parte, a divisão proposta pela edição do texto pela Sources Chrétiennes, por Pierre Lardet.

[372] Atos 19, 9

[373] Salmos 67, 24

[374] Cícero, Filípicas 2, 33, 83; cf Verrinas 2, 3, 60, 138

elevado às nuvens Orígenes. Ele declara tê-lo feito em uma boa intenção; mas como pode, agora que ele é meu inimigo, levar a cabo sua crítica sobre os mesmos pontos que ele tinha louvado, quando então era meu amigo? Ele tinha querido, em sua tradução, seguir-me como pioneiro e servir-se de nossos opúsculos para conceder autoridade à sua obra. Tinha bastado que dissesse uma vez o que eu tinha escrito: por que foi necessário voltar a repetir as mesmas asserções e freqüentemente recitar - como se ninguém acreditasse em seus próprios louvores - expor as próprias citações? O louvor simples e puro não se inquieta quanto à lealdade dos que ouvem.[375] Por que ele temeu que não acreditassem nele ao elogiar-me, sem recorrer ao testemunho de minhas próprias palavras? Vós nos vedes compreender sua sagacidade e que brincávamos freqüentemente nas escolas com estrofes de elogio maledicente.[376] Não pode alegar retidão aquele em quem surpreendemos as astúcias da maldade. Admitamos que ele tenha errado uma, ou quando muito, duas vezes! Por que erra com critério e amiúde? E assim encobriu um erro por inteiro, de modo que não me é lícito negar o que ele elogia!

Tinha sido sinal de sabedoria e amizade, depois da reconciliação de um desentendimento, evitar até as mais leves suspeitas, para que um ato fortuito não fosse interpretado como feito de propósito. É por isso que Cícero diz também nos comentários de defesa em favor de Gabínio: Por mim, que sempre considerei que tinha a meu cargo todas as amizades em altíssimo escrúpulo e lealdade, mas sobretudo das que surgem da reconciliação de antigas inimizades; é por esta razão que o dever negligenciado às amizades que não foram abaladas é defendido com alegação de imprudência ou – na pior das hipóteses - falta de cuidado; depois de uma reconciliação, se um erro é cometido, não é interpretado como uma negligência, mas como uma violação; não costuma ser atribuído à falta de conhecimento, mas à traição.[377] Horácio também diz, na carta que ele escreve a Floro: "Um acordo mal costurado em vão se recose, mas torna a rasgar"[378].

2. Que me vale agora que ele jure ter-se enganado com toda a franqueza? Eis que me são lançados seus louvores e que me censuram o louvor nem franco nem sincero de um amigo de uma perfeita franqueza! Se ele granjeava autoridade para a sua obra, querendo mostrar quais modelos ele seguia, teve ao seu alcance o confessor Hilário que traduziu cerca

---

[375] Cf. Cícero Pro Gabínio (Cf Quintiliano, Inst, 11, 1, 73)

[376] de diasyrticus - injurioso, que louva com ironia ; diasyrtês -detrator, maledicente; diasyrtikós - difamante.

[377] Cícero, Pro Gabínio

de quarenta mil versos de Orígenes sobre os Salmos e Jó. Ele tinha Ambrósio, de quem quase todos os livros estão cheios dos discursos de Orígenes: e o mártir Vitorino, que manifesta sua candura não preparando armadilhas a ninguém. Ele guarda silêncio a respeito de todos esses, e, tendo deixado de lado aqueles que são como as colunas da Igreja, sou eu sozinho uma pulga, um homem de nada, que ele persegue nos cantos. A menos que, por acaso, com a mesma candura que, sem saber, acusou um amigo, ele jure que ignorava estes autores. E quem acreditará nele, homem eruditíssimo que ele é, cuja ciência dos autores antigos é tamanha, especialmente dos gregos, a tal ponto que de tanto apegar-se a valores estrangeiros, ele quase perdeu os seus próprios? Será que ele desconhece autores de memória bem recente e autores latinos? A partir disso mostra-se que não tanto eu fui louvado tanto quanto eles não acusados. Em conseqüência, que se trate de um elogio - como ele tenta persuadir os tolos - ou de uma acusação - como a dor que me causa minha ferida me faz sentir - eu não teria nem a glória, em caso de elogio, nem a consolação, em caso de repreensão, de ter-me associado a meus contemporâneos.

3. Eu guardo as vossas cartas nas quais escreveis que eu fui acusado e exortais que eu responda a quem acusa; de modo que não vejam em meu silêncio uma confissão de culpa[379]. Eu respondi a vossas cartas, eu o reconheço; e ainda que lesado, eu salvaguardei os direitos da amizade a ponto de defender-me sem acusar meu acusador. "À qual respondi, confesso; e, por mais ferido que estivesse, observei as leis da amizade a ponto de defender sem acusar o acusador e a ponto de dizer apregoado por muitos inimigos em todo o mundo aquilo que um único amigo em Roma objetara, para não parecer responder a um homem, mas a acusações." Seria o cúmulo se eu tivesse que, para respeitar o direito de amizade, guardar o silêncio sob as acusações e se, tendo a face emporcalhada e, por assim dizer, borrifada de herético fedor, de modo que não possa ser lavada, a não ser com água pura, para impedir que ele fosse considerado o autor da injustiça feita a mim!

Esta atitude não pode ser a de um homem em relação a outro homem, para atacar abertamente um amigo e expor seus crimes sob a máscara de um panegirista; para não deixar-lhe sequer a liberdade de provar que ele é católico e responder que o elogio de um herege pelo que o censuramos foi provocado, não por sua adesão à heresia, mas por sua admiração pelo

---

[378] Horácio. Epístola 1, 3, 31-32

[379] Cf. Pamáquio e Oceano. Epístola 83,2

talento. Aprouvera a ele ou como ele próprio quer dar a entender, ele tinha sido obrigado a verter para a língua latina, contra a sua vontade. Que necessidade houve que me escondesse e, separado por tanta distância de mar e de terras, me metesse no inquérito? E me expusesse à hostilidade de uma multidão, a ponto de me prejudicar por seus elogios mais do que lhe pudesse ser útil meu exemplo? Agora, pois, porque eu recusei meu panegirista e que, revolvendo meu estilete, eu fiz saber que eu não era tal qual proclamou meu amigo íntimo, diz-se que ele está tomado de grande furor; e ele teria composto com uma elegância ática três livros contra mim; acusando as mesmas coisas que antes louvara, censurando na tradução de Orígenes teses sacrílegas, das quais dissera no Prólogo da sua louvação: Eu seguirei a regra de meus predecessores, e principalmente daquele homem do qual fizemos menção acima; ele traduziu em latim mais de setenta opúsculos de Orígenes, aos quais ele deu o nome de homiléticos, sem contar um certo número de seus tomos sobre o Apóstolo. Como encontramos, no texto grego, tantas pedras de escândalo, ele tão bem aplainou e apurou, em sua tradução para que o leitor latino não encontre nada que esteja em desacordo com a nossa fé. Também a este, portanto, nós seguimos, como se deve seguir, não pelas forças da eloqüência, mas pelas regras da disciplina, quanto nos seja possível.[380]

4. Sem dúvida, são de fato suas palavras, ele não pode negá-lo. A própria elegância do estilo e a ordenação do discurso e, o que mais importa, a simplicidade cristã atestam a marca de seu autor. Outra coisa seria presumir que Eusébio alterou também estas linhas e que, ao mesmo tempo, acusador de Orígenes e a mim dedicado, em uma e mesma obra testemunhou que eu e Orígenes ou errávamos ou interpretávamos corretamente. Ele não pode, agora que é meu inimigo, tratar-me como herege, eu que ele disse recentemente em seu prefácio que não estava em desacordo com a sua fé. Ao mesmo tempo, aproveito para lhe fazer também esta pergunta: Que quer dizer esta linguagem moderada e dúbia? "O leitor latino, diz ele, nada encontrará aqui que esteja em desacordo com nossa fé." O que ele chama "sua" fé? Aquela pela qual a Igreja romana exerce seu poder ou aquela que está contida nos volumes de Orígenes? Se ele responde: a fé romana, então nós somos católicos, nós que nada traduzimos do erro de Orígenes. Mas se sua fé são blasfêmias de Orígenes, ele demonstra que ele é herege, lançando-me sua acusação de inconstância. Ou a fé daquele que me louva é sã e por sua própria confissão ele me associa a si, ou então é errônea, e ele mostra que, se fez meu

---

[380] Rufino, Orígenes, Tratado do Princípios 1, prólogo 2, 29-37.

elogio, é porque acreditava que eu fosse participante de seu erro

Mas em relação àqueles livros que dizem tagarelices pelos cantos e me mordem com sua acusação furtiva, uma vez que eles tiverem sido publicados e avançarem das trevas para a luz e tiverem podido chegar até nós, ou pelo esforço de nossos irmãos ou a impudência de nossos rivais, eu tentarei responder a eles. Na verdade, não devem ser muito temidos aqueles livros que seu autor teve medo de publicar e só deu a ler a seus partidários. Desde então, ou reconhecerei meus erros, ou me desculparei, ou farei voltar contra o acusador as acusações que me lançou e mostrarei que até aqui é de modéstia e não de má consciência o silêncio que guardei.

5. Por enquanto eu quis ter-me justificado junto ao julgamento implícito do leitor e desmentir uma acusação gravíssima entre amigos de modo a não dar a impressão que eu tinha feito os primeiros estragos; eu que, embora ferido, de nenhum modo dirigi meus dardos contra meu agressor, mas voltei minha mão à minha ferida. Rogo ao leitor que faça abstração de todo preconceito em relação às pessoas e retribua a culpa sobre aquele que a provocou. Não contente de ter-me ultrajado, ele elaborou três livros contra mim, como se eu estivesse sem língua e tivesse que ficar para sempre silencioso. Ele forjou, a partir de meus opúsculos, antíteses ao modo de Marcião. Meu espírito deseja ardentemente conhecer sua ciência súbita e minha estupidez inesperada. Talvez em pouco tempo ele tenha aprendido o que ele acredita ter que ensinar-nos e, o que ninguém pensava que ele soubesse, ele vai mostrar um súbito rio de eloqüência. Assim faça o Deus pai, faça assim o grande Jesus, que ele comece a medir forças conosco[381]. Por mais que tenha vibrado as lanças de sua acusação e as tenha atirado contra nós com todas as forças, nós temos fé no Senhor Salvador, porque a sua verdade nos circundará como um escudo[382] e com o salmista poderemos cantar: As flechas das crianças tornaram-se as suas desgraças[383], e se se erguer contra mim um acampamento, meu coração não temerá. Se uma batalha for travada contra mim, ainda assim esperarei[384]. Mas trataremos estas coisas em outra ocasião. Agora voltemos ao assunto que começamos a abordar

6. Seus sectários me fazem esta censura e, "esgotados por suas provas, preparam as armas de Ceres". Por que eu traduzi para a língua latina os nefastos livros de Orígenes, o *Perì*

---

[381] Virgílio, Eneida 10, 875-876.

[382] Salmo 90, 5.

[383] Salmo 63, 8.

Archôn, incompatíveis com a fé da Igreja? A esta pergunta há uma resposta breve e concisa: são as tuas cartas, irmão Pamáquio, e as dos teus que me levaram a isso, dizendo que os livros tinham sido infielmente traduzidos por um outro e havia algumas alterações, seja acréscimos, seja modificações. E para que eu não tivesse tão pouca confiança em vossas epístolas, enviastes a mim exemplares da mesma tradução, com o prólogo que me elogiava. Uma leitura e uma confrontação com o texto grego me permitiram evidenciar imediatamente as transformações que o tradutor tinha feito as expressões sacrílegas de Orígenes, a respeito do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e as passagens insuportáveis aos ouvidos dos romanos sofrerem em um sentido favorável: mas outras teses suas sobre a queda dos anjos, sobre a evanescência das almas, as miragens da ressurreição, o mundo e os intermundos de Epicuro, a restauração de todas as criaturas em uma condição de igualdade e outras bem piores que estas que seria demorado relatar: ou então, ele as tinha traduzido tal qual as tinha encontrado no texto grego; ou então ele as tinha ampliado e reforçado a partir dos comentários de Dídimo, que era um defensor de Orígenes dos mais declarados, ainda que leitor, que o teria achado católico sobre a questão da Trindade, não se desconfiaria de um autor herético em outros pontos.

7. Talvez um outro que não fosse seu amigo diria: ou muda tudo que é mau, ou publica tudo que julgas excelente. Se, por causa das almas simples, tu cortas todas as passagens nocivas e que tu te recusas a traduzir em uma outra língua pretensas adições feitas pelos hereges, corta tudo que seja nocivo. Mas se tu salvaguardas em tua tradução a fidelidade à verdade, por que modificas algumas passagens e não tocas em outras, ainda que reconheças abertamente, no mesmo prólogo, que tu tenhas corrigido as passagens viciosas e deixado as que são excelentes? Por conseguinte, em vez de gozar da liberdade dada ao tradutor, tu serás retido pela responsabilidade de autor se algo herético se verificar em tua tradução; e tu serás preso em flagrante de ter querido untar de mel as bordas do cálice envenenado para cobrir com uma doçura enganosa a virulência do veneno. Eis as palavras e outras bem mais duras que te diria um inimigo; e ele te arrastaria diante da justiça da Igreja não como tradutor, mas como o responsável por uma obra nefasta.

Para mim, entretanto, eu me contentei de ter-me defendido unicamente a mim mesmo, e eu exprimi simplesmente aquilo que continha o texto grego nos livros do *Perì*

---

[384] Salmo 26, 3.

Archôn, não para levar o leitor a crer na versão que eu apresentava, mas para que não cresse na tradução que havias anteriormente dado. Minha obra comportou uma dupla utilidade: denunciando um autor herético, ela também acusa a imperícia de um tradutor. E para que ninguém pense que eu concorde com aquilo que eu traduzira, eu sustentei a necessidade de minha tradução com um prefácio e instruí o leitor sobre aquilo em que ele não devia crer.

A primeira tradução contém o elogio do autor, a segunda sua repreensão. Aquela convida o leitor a crer nela, esta o exorta a não crer. Lá sou recrutado também, panegirista a contragosto, aqui estou tão longe de louvar aquele que eu traduzo, que eu sou forçado a acusar aquele que o louva. É a mesma empreitada que foi realizada, mas não no mesmo espírito. Mas antes: um único caminho teve diversas saídas. Alguém retirou passagens existentes dizendo que elas haviam sido alteradas pelos hereges e acrescentou as que não existiam sustentando que Orígenes havia tratado as passagens em outros lugares; ora, a não ser que mostre os lugares precisos de onde ele diz tê-los transposto, não poderá prová-lo. Eu me esforcei para nada mudar ao texto autêntico. Minha tradução tinha, com efeito, por finalidade denunciar as passagens mal traduzidas. Vós me considerais um tradutor? Eu fui um denunciador. Eu denunciei o herege para defender a Igreja contra a heresia. As razões que me haviam feito louvar previamente a Orígenes, o livro colocado à frente desta obra as indica. No momento, eu me atenho a dizer a razão de minha tradução. Porque ela tem a intenção de respeitar a fé, não se me deve imputar o atentado à fé, eu que revelei que provocava atentado à fé uma obra que era apresentada às Igrejas como se a respeitasse.

8. Eu tinha traduzido em latim setenta de seus livros, como meu amigo me acusa, e muitos de seus tomos. Nunca meu trabalho suscitou algum problema, nunca Roma foi abalada por ele. Que necessidade havia de entregar aos ouvidos latinos aquilo que a própria Grécia detesta, o que o mundo inteiro incrimina? Eu, que por tantos anos traduzi tantos textos, nunca provoquei escândalo; tu, à primeira e única obra, primeiramente desconhecido, tua temeridade tornou-te célebre.

O próprio prefácio também nos ensina que tu traduziste o livro do mártir Pânfilo para a defesa de Orígenes. E isto fazes para que a Igreja não recuse aquele cuja fé é confirmada por um mártir. Como já disse antes, Eusébio, bispo de Cesaréia, outrora porta-bandeira da facção ariana, escreveu em favor de Orígenes seis livros, obra de grande extensão e trabalhada com esmero; e provou por muitos depoimentos que Orígenes era católico para

eles, o que para nós quer dizer ser ariano. Tu traduzes o primeiro desses livros sob o nome do mártir. E nós nos assombramos que queiras fazer de mim, homúnculo de pouco valor, um admirador de Orígenes, quando tu caluniaste o mártir. Tendo sido substituídas as poucas citações a respeito do Filho de Deus e do Espírito Santo, as quais sabias que desagradariam aos romanos, mantiveste intactas as outras até o fim, fazendo o mesmo que fizeste na Apologia, considerada obra de Pânfilo, e na tradução do *Perì Archôn* de Orígenes. Se este é o livro de Pânfilo, qual será o primeiro dos seis livros de Eusébio? Fez-se menção aos livros seguintes no mesmo volume que fazes crer que seja de Pânfilo. Igualmente no segundo e nos outros livros, Eusébio menciona o que já havia dito anteriormente no primeiro livro, e que deveria evitar as repetições. Se a obra inteira é de Pânfilo, por que não traduzes os demais livros? Se ela é de outro, por que mudas o nome do autor? Tu guardas silêncio. Os fatos falarão por si mesmos: seguramente para que tivessem fé em um mártir aqueles que estavam dispostos a abominar o chefe dos arianos.

9. Que te direi daquilo que te passa na alma, ó amigo tão cândido? Porventura pudeste dar um nome de mártir ao livro de um homem herege, e transformar em defensores de Orígenes pessoas ignorantes, sob a garantia de uma testemunha de Cristo? Dada a cultura pela qual tu tens tanto poder e o ilustre *escritor* pelo qual tu és elogiado no Ocidente, a ponto de todos de teu partido te chamarem de corifeu, não penso que tu tenhas ignorado a composição de Eusébio e que o mártir Pânfilo não tenha sido autor de absolutamente nenhuma obra. Com efeito, o próprio Eusébio que adorava Pânfilo, celebrava-o e era seu colega, escreveu três livros elegantíssimos contendo a vida de Pânfilo, nos quais ao proclamar as excelências com admiráveis louvores e levar às nuvens a sua humildade, acrescentou mais isso no terceiro livro: Quem, entre os dedicados ao estudo, não foi amigo de Pânfilo? Se aqueles que ele via carecer do necessário para viver, a eles oferecia generosamente o que podia? A Sagrada Escritura, ele a distribuía com grande diligência, não só para a leitura, mas para que fosse guardada, e não somente para homens, mas também para mulheres que ele tivesse visto aplicando-se à leitura. É por isto que ele preparava muitos códices para dar de presente àqueles que quisessem, quando a necessidade o exigisse. E ele, por sua vez, não escreveu absolutamente nada de obra própria, salvo as epístolas que ele enviava aos amigos casualmente, tanto havia-se abaixado pela humildade. Mas ele lia os tratados dos antigos autores com excessivo zelo e ocupava-se

continuamente em meditar neles[385].

10. Aquele que defende Orígenes e elogia Pânfilo diz que Pânfilo não escreveu absolutamente nada, nem compôs nenhum texto pessoal; e ele o diz estando Pânfilo já coroado pelo martírio, para que te prives da evasiva de dar a entender que Pânfilo redigiu esta obra, depois da publicação dos livros de Eusébio.

O que farás? Aquele livro que editaste sob nome de um mártir feriu a consciência de muitas pessoas. A autoridade dos bispos, quanto ao que diz respeito à condenação de Orígenes, não prevalece sobre elas as quais consideram que um mártir o exaltou. O que provocarão as epístolas do bispo Teófilo? O que provocarão as do papa Anastásio que perseguem o herético no mundo todo, quando o teu livro, publicado sob o nome de Pânfilo, luta contra as epístolas deles e um testemunho de mártir se opõe ao título de bispo? O que fizeste nos livros *do Perì Archôn*, faze-o também neste volume *falsamente intitulado*. Ouve o conselho de amigo: Não te lamentes de teu artifício. Ou dirás que o texto não é teu, ou que foi alterado pelo presbítero Eusébio. Como se poderá te convencer que tu foste o tradutor? Porventura se apanha tua mão nisto? Acaso tens tanta eloqüência que ninguém te pode imitar? Ou, por certo, se o fato se torna confirmado, e os testemunhos de muitos oprimem o atrevimento de tua fronte, canta uma *palinódia* à moda de Estesícoro. É melhor que te arrependas de teu ato do que o mártir continuar a ser caluniado e os iludidos persistirem no erro. Não te envergonhes de mudar de idéia: tu não tens tanto crédito e reputação que seja vergonhoso para ti enganar-te. Imita-me a mim que tanto amas, e sem quem não poderias viver nem morrer[386], e proclama comigo o que eu disse em minha defesa, quando por ti fui louvado.

11. Eusébio, bispo de Cesaréia, de quem fiz menção acima, no sexto livro da Apologia de Orígenes[387], acusa o bispo e mártir Metódio da mesma coisa de que tu me culpas ao fazer elogios a mim e afirma: Como Metódio ousou escrever agora contra Orígenes, depois de ter falado tais e tais coisas das opiniões de Orígenes? Não é este o lugar para se falar a favor do mártir; nem se deve discorrer sobre tudo em todos os lugares. Que baste presentemente ter percebido o que um ariano lança em rosto a um mártir de uma reputação e de uma eloqüência sem par, e isto para mim representa teus elogios como amigo e tuas

---

[385] Eusébio de Cesaréia, Vita Pamphili 3.

[386] Tertuliano. Test anim 6, 1.

acusações hostis.

A presente passagem te dá ocasião, se quiseres, de maquinar contra mim uma calúnia: por que me torno agora o detrator de Eusébio que anteriormente, em outra passagem, louvei? Outro nome, sem dúvida, mas a mesma calúnia que fizeste com o nome de Orígenes. Louvei Eusébio quanto à sua História Eclesiástica, sua Cronologia, sua descrição da Terra Santa; e traduzindo para o latim exatamente esses opúsculos, eu os pus ao alcance das pessoas que falam minha língua. E por acaso sou ariano, porque Eusébio, que compôs estes livros, é ariano?

Se tiveste a audácia de declarar-me herege, lembra-te do curto prefácio do *Perì Archôn*, no qual tu declaras que eu sou partidário da tua fé. E, ao mesmo tempo, eu suplico que ouças pacientemente a reclamação de teu velho amigo

Tu combates contra outros. Ou és o autor ou vítima da calúnia. Aqueles a quem acusas e aqueles que te acusam são tua classe. Se convenientemente ou não, cabe a vós julgar. A mim me desagrada uma acusação, ainda que justificada, contra um irmão e eu não censuro os outros, mas digo aquilo que eu mesmo não faria. Eu que estava separado de ti por tão vastos territórios, qual foi minha falta em relação a ti? Em que tornei-me culpado? Será porque respondi que não era origenista? Por acaso defender-me é acusar-te? E tu, se não és ou não foste origenista, creio no que juras; se foste origenista, eu aceito teu arrependimento.

Por que te afliges se eu sou aquilo que tu dizes que és? Será porque ousei traduzir depois de ti os livros do *Perì Archôn* de Orígenes e a minha tradução é considerada um ultraje à tua obra? O que eu podia fazer? Enviaram-me teu elogio, isto é, a acusação feita a mim. Tu me tinhas louvado com tamanha força e abundância que, se eu me tivesse comprazido em teus elogios, todos ter-me-iam considerado herege. Vê a conclusão da epístola a mim enviada de Roma: "Elimina as suspeitas dos homens, e prove que é culpado o acusador, de modo que não pareças estar de acordo com ele, caso tenhas fingido indiferença". Escuta o que escrevi constrangido por tal ultimato, no momento em que eu ia traduzir os mesmos livros: "Uns amigos meus apresentaram-me isto - não disse amigo para não parecer que te acuso - de modo que, se eu me silencio, sou considerado réu, se eu respondo, inimigo. Uma e outra situação são duras, mas das duas escolherei a que for mais fácil. Pode-se reparar uma malquerença, a

[387] O título do tratado é citado em língua grega no texto original latino (N.T.)

blasfêmia não merece perdão”[388]. Tu consideras que este fardo foi-me imposto contra minha vontade e com resistência da minha parte e que a malquerença que haveria de resultar de uma obra desta qualidade foi remediada sob pretexto da necessidade

Se tu tivesses traduzido os livros do *Perì Archôn*, sem considerar meu nome, com razão te queixarias de eu os haver traduzido em seguida para te criticar. Agora, porém, sem razão tu lamentas que eu tenha dado uma resposta naquela obra, na qual tu me acusaste, sob forma de elogios. Aquilo que tu chamas de elogio, todos entendem como acusação. Tem tu como certo que fizeste uma acusação, e não te indignarás com o fato de eu haver respondido. Admitamos que tu tenhas escrito com boa intenção e sem querer mal e como amigo muito leal, de cuja boca nunca saiu uma mentira[389], tu me tenhas ferido, sem que soubesses. E quanto a mim que fui golpeado? Por esta razão, por acaso, devo privar-me de cuidados, porque tu me feriste em uma boa intenção? Estirado estou, trespassado, grita em meu peito[390] uma ferida, meus membros, a princípio brancos se sujam de sangue; e tu vens dizer-me: Não ponhas a mão na ferida, para não parecer que eu te feri. Entretanto, a própria tradução acusa mais a Orígenes que a ti. Tu, porém, corrigiste o que julgaste que fora acrescentado pelos hereges; eu revelei aquilo que a Grécia inteira proclama que ele escreveu. Quem julgou mais corretamente, não cabe a mim nem a ti julgar. Os escritos de cada um de nós sentirão a varinha de censor do leitor.

Toda esta carta, pela qual eu me faço justiça, é dirigida contra os hereges e meus acusadores. Que te importa a ti que, ao mesmo tempo que dizes ser ortodoxo, fazes elogios a mim, se sou mais severo para os hereges e exponho ao público seus artifícios? Regozija-te com minha invectiva para que não passes por herege, caso te tenhas queixado. Quando se escreve contra os vícios sem citar nomes, aquele que se irrita acusa a si próprio. Mesmo se sofrias, teria sido atitude de precaução dissimular teu estado de espírito e dissipar pela serenidade de tua fronte as obscuridades de teu coração.

12. Aliás, o que quer que seja que é dito contra Orígenes e seus adeptos, tu julgas que é dito contra ti. Portanto, as epístolas do papa Teófilo e Epifânio e dos outros bispos, que ultimamente traduzi a pedido dos mesmos, também te atacam, te dilaceram? Os rescritos dos

---

[388] Jerônimo. Epístola 84, 12, 1.

[389] Cf. Judite 5, 5

[390] Virgílio, Eneida 4, 689

imperadores igualmente, que ordenam que os origenistas sejam expulsos de Alexandria e do Egito, foram compostos sob meu aconselhamento? Terá sido meu conselho que fez com que o pontífice da cidade de Roma com ódio tremendo os deteste? Se o mundo inteiro se inflamou, depois de tua tradução, em ódio a Orígenes, o qual anteriormente em boa fé o mundo lia e relia, isto foi obra de minha pena? Se tão grande é meu poder, admiro-me que tu não me temas! Eu sou aquele indivíduo moderado na carta pública, que cuidei escrupulosamente que tu não achasses que o que se dizia era contra ti, escrevi a ti uma breve epístola, queixando-me contra teus elogios. Porque não estavas em Roma, os meus amigos não quiseram enviar-te minha carta, porque diziam que tu com teus camaradas faziam publicamente comentários indignos do título de cristão sobre minhas relações. A este volume eu ajuntei um exemplar disto para que saibas o tamanho da minha dor e por quanta moderação de nossa amizade eu acalmei.

13. Além disso, ouço dizer que tu arrancas certas passagens da minha carta, ó filósofo, e que, sendo homem de testa enrugada, e de sobrancelha franzida, tu zombas de mim com chiste ao estilo de Plauto, sob pretexto de que eu teria dito que o judeu Barrabás era meu mestre. E não é de se admirar se em vez de Baranina, onde há alguma semelhança de palavras, tu tenhas escrito Barrabás, visto que tanta permissão tens de mudar os nomes, que de Eusébio tu fazes Pânfilo e de um herege tu fazes um mártir. Tu és pessoa com quem se deve lidar com precaução e devo esquivar-me de teus golpes, para que não aconteça de repente que, sem sabê-lo, tu chames de Sardanapalo[391] a Jerônimo. Ouve, pois, pilar de sabedoria e modelo de severidade catoniana: eu não disse que ele era um mestre, mas eu quis assegurar meu zelo pela Sagrada Escritura, de modo a mostrar que eu li Orígenes do mesmo modo que eu tinha escutado aquele. Não me foi necessário dirigir-me a ti, porém, para aprender as letras hebraicas. Ou é uma injustiça feita a ti eu ter sido discípulo de Apolinário e Dídimo em vez de ter sido teu discípulo? Acaso não teria podido citar, naquela carta, Gregório, homem de grande eloqüência, que não tem, entre os latinos, quem se iguale a ele e de quem, quanto a mim, me orgulho e me rejubilo de haver tido por mestre? Mas só mencionei aqueles que sofreram a crítica, para atestar que eu li Orígenes não por causa da pureza da fé, mas pelo valor de sua instrução. O próprio Orígenes e Eusébio e Clemente e vários outros, ao tratar de algumas passagens das Escrituras, e querem comprovar o que dizem, assim costumam

[391] Sardanapalo: último rei do I império da Assíria, homem afeminado e voluptuoso.

escrever: “Um hebreu me relatava que...”; e “Ouvi de um hebreu”; e: “Tal é a opinião dos hebreus”. Ao menos, Orígenes também cita o patriarca Hiúlo que foi seu contemporâneo; e conclui o trigésimo tomo sobre Isaías, em cujo final expõe: “Ai de ti, cidade de Ariel, que David tomou de assalto[392]”, pelo comentário daquele judeu; E porque diz que, primeiramente, tinha outro sentimento, ele reconhece ter aprendido algo que é mais verdadeiro. Igualmente, o salmo 89 que se intitula: Oração de Moisés, homem de Deus[393], e os onze restantes que não têm títulos, segundo a elucidação de Hiulo, ele os considera da autoria do mesmo Moisés[394], e se digna, interpretando a Escritura Hebraica, intercalar, entre cada uma das passagens, a visão dos hebreus.

14. Lidas recentemente as cartas do papa Teófilo, nas quais ele expõe os erros de Orígenes, diz-se que ele tapou suas orelhas e condenou, na companhia de todos, com voz nítida, o responsável de tão grande mal e declarou até aquele momento ter ignorado que ele tivesse escrito coisas tão execráveis. Não me recuso a dizer nem digo - o que um outro talvez diria - que ele não pôde ignorar, porque ele a traduziu, aquele cuja apologia escrita por um herege ele publicou sob o nome de um mártir, aquele por cuja defesa também manifestou-se alto e bom som em um livro pessoal; relativamente a isto, na seqüência, se houver tempo de redigir, discuti-lo-ei. Falo daquilo que ele não pode contestar.

Se lhe é facultativo não ter compreendido o que ele traduziu, por que não me seria permitido ter ignorado os livros do *Perì Archon* que eu não havia lido anteriormente e ter lido apenas as homilias que eu traduzi, nas quais não há nada de mau, como ele próprio testemunha? Porém, se, indo contra sua própria sentença, denuncia-me agora naqueles pontos nos quais me havia elogiado anteriormente, vai se ver apertado de todos os lados. Na verdade, ou, se por esta razão louvou em mim primeiramente um homem herético, é que ele tinha a mesma opinião que eu, ou, em vão, agora o inimigo acusa aquele de quem antes proclamou a ortodoxia. Mas, talvez, então, em nome da amizade, ele ocultou meus erros e, agora, irado, ele expõe o que, primeiramente, havia dissimulado.

15. Ainda que a inconstância não mereça crédito, e que as inimizades declaradas sejam suspeitas de mentira, passarei entretanto audaciosamente às vias de fato, querendo

---

[392] Isaías 29, 1.

[393] Salmo 89, 1

[394] Cf. Orígenes, Sel in psalm (PG.12,1056 B)

saber o que eu escrevi de herético. Assim, ou com ele pedirei perdão publicamente e jurarei que eu ignorava as más teorias de Orígenes e que agora acabo de tomar conhecimento de suas impiedades por nosso bispo Teófilo, ou, em todo caso, eu demonstrarei que tinha bom senso, pelo menos, mas é ele que, de acordo com seu hábito, não compreendeu. E não pode acontecer que, nos mesmos livros sobre a *Epístola aos Efésios* que, como me dizem, ele incrimina, o que eu disse tenha sido ao mesmo tempo bom e mau e que, da mesma fonte, proceda o doce e o amargo[395], e também que eu que, em toda a obra, tenha condenado aqueles que crêem que as almas são formadas a partir dos anjos, de repente esquecidos de mim mesmo, defendesse aquilo que condenei. Ele não pode acusar-me de estupidez, a mim que ele cultua em seus opúsculos como extremamente habilidoso e eloqüente. Aliás, deve-se atribuir a estúpida verbosidade preferencialmente a um rábula e a um tagarela do que a um homem eloqüente.

Segunda parte: A arte do comentador

Ignoro o que ele acusa ao certo nos livros em questão. A fama de seus agravos chegou até mim, mas seus escritos não chegaram. E é estupidez, segundo o que diz o Apóstolo, "dar socos no ar"[396]. Entretanto, eu responderei generalizadamente, até que chegue a dados precisos, e, velho, eu instruirei meu *rival* sobre aquilo que aprendi quando criança, que muitos são os gêneros literários e que, segundo a natureza do assunto, variam não somente as sentenças, mas também a forma das construções.

16. Crisipo e Antípatro passam seu tempo em meio a espinhosas sutilezas. Demóstenes e Ésquino desencadeiam ataques fulminantes um contra o outro. Lísias e Isócrates têm um doce fluir. Admirável diversidade, se considerados separadamente, mas todos são perfeitos, cada um em seu domínio. Lê os livros de Cícero a Herênio, lê sua *Retórica*, ou porque ele diz que estes trabalhos lhe caíram das mãos no estágio de esboço grosseiro[397], percorre os três volumes do *De oratore*, nos quais ele introduz uma discussão entre os oradores mais eloqüentes daquele tempo, Crasso e Antônio; e seu quarto tratado, o *Orator*, que, já em sua velhice, escreve para Brutus. Então entenderás que há um modo de

---

[395] Cf. Tiago 3, 11

[396] Coríntios 9, 26

[397] Cícero. De oratore 1, 2, 5.

compor a história, um outro para os discursos, um outro para os diálogos, um outro para as cartas, um outro para os comentários

Quanto a mim, em meus comentários sobre a *Epístola aos Efésios*, eu segui Orígenes, Dídimo e Apolinário, que certamente têm entre si teses contraditórias, sem abandonar a pureza da minha fé. Qual é o papel dos comentários? Eles desenvolvem o que foi dito por um outro. Os textos que comportam obscuridades, eles os explicitam em uma linguagem clara. Eles reproduzem pontos de vista múltiplos e dizem: alguns desenvolveram esta passagem assim, outros assim a interpretam, alguns se esforçam por apoiar seu sentimento e seu modo de ver sobre tais citações e tal argumentação, de modo que o leitor avisado, depois de ter lido as diversas explicações e ter aprendido quais são as múltiplas opiniões suscetíveis de serem aprovadas ou rejeitadas, poderá julgar o que é mais exato e, como bom cambista, recusar o dinheiro de cunho falsificado.

Vai-se por acaso manter sob acusação de interpretação flutuante e apreciações contraditórias aquele que terá exposto, nas extensões de uma só obra, as explicações de vários comentadores? Penso que tu leste em tua infância os comentários de Asper sobre Virgílio e Salústio, de Vulcácio sobre os discursos de Cícero, de Victorino sobre seus diálogos, sobre as comédias de Terêncio os de Donato, meu professor, assim como sobre Virgílio e outros sobre outros autores, a saber Plauto, Lucrécio, Horácio, Pérsio e Lucano. Denuncia seus comentadores por não ter adotado uma linha de interpretação única e por recapitular, sobre o mesmo assunto, seu próprio ponto de vista e os de outros autores.

17. Eu deixo de lado os gregos que tu te gabas de conhecer - e a freqüentação das obras estrangeiras quase te fez esquecer tua própria língua! - para que eu não pareça, segundo o velho provérbio, um porco a instruir Minerva, e levar madeira à floresta.[398]

O que me espanta é que tu, o Aristarco de nosso tempo, tenhas ignorado estes infantilismos, ainda que tu tenhas podido desprezar os preceitos dos gramáticos e dos oradores, absorvido como estás pelas questões de fundo e inclinado a arquitetar contra mim a calúnia, cuidando pouco de resolver os hipérbatos depois das circunlocuções, de evitar a aspereza das cacofonias, de fugir aos hiatos. É ridículo mostrar algumas feridas de um corpo todo quebrado e fraco. Eu não ressalto tal ponto para criticar; que ele próprio escolha o defeito de que carece. Pelo menos ele não deveria conhecer este adágio socrático: "Sei que nada

---

[398] Horácio, Sátiras 1,10,34.

sei"?[399]

> "Tem medo de conduzir um navio aquele que não entende de navios. Só ousa administrar o abrótono ao doente aquele que aprendeu a fazê-lo. Os médicos se comprometem com aquilo que lhes é próprio. Os operários se ocupam de sua obra. Mas ignorantes e sábios, indistintamente, nós escrevemos poemas!"[400]

A menos que, por acaso, ele jure que não aprendeu as letras! Nós acreditaremos nele muito facilmente, ainda que não jure, ou se refugie na declaração do Apóstolo: "Apesar de ser inábil em matéria de discurso, mas não o sou em ciência".[401] Paulo, instruído nas letras hebraicas e aos pés de Gamaliel[402] que ele não se envergonha de chamar seu mestre, já revestido da dignidade apostólica, ele desprezava sua facilidade de falar o grego, ou, em sua humildade, dissimulava o que sabia, para que sua pregação não repousasse na persuasão da palavra, mas sobre a força dos signos[403], desdenhando os recursos alheios, pois era rico de recursos próprios. Aliás, a um incompetente como tu, precipitando-se a cada frase, nunca Festo diria do alto de seu tribunal: "Tu deliras, Paulo, tu deliras! Tua vasta cultura te torna louco".[404]

Tu que, nas letras latinas, murmuras e te moves a passo de tartaruga[405] mais do que avanças, ou deves escrever em grego para que pareças saber as letras estrangeiras, junto aos homens que desconhecem a língua grega, ou então se queres exercitar-te nas letras latinas, ouvir primeiramente o professor de gramática, poupar a mão da palmatória, e em meio aos garotos, *discípulo senil de Atená*[406], aprender a arte de falar.

Pode-se representar Creso ou Dario, as letras não seguem a bolsa. As letras são companheiras do suor e do esforço, dos jejuns, não da saciedade; da continência, não da luxúria. Demóstenes diz que gastou mais óleo que vinho, e que superou todos os artesãos em

---

[399] Cícero, Acadêmica 2,23,74.

[400] Horácio, Epístola 2,1, 114-117

[401] II Coríntios 11,6

[402] Cf. Atos 22,3

[403] I Coríntios 2,4-5

[404] Atos 26,24

[405] Plauto, Aulurária, 49.

[406] A expressão assinalada se encontra na língua grega no original. (N.T.)

vigílias noturnas. O que ele fez para articular uma só letra - ele aprendeu o *rho* de um cão - tu te queixas disto a mim que, sendo homem, aprendi de um homem as letras hebraicas. Daí vem que alguns permanecem em um grosseiro bom senso enquanto não quiserem aprender o que ignoram e não ouvem a Horácio com sua admoestação: "Por que, por falsa vergonha, eu prefiro ignorar a aprender?"[407] A sabedoria que nós lemos sob o nome de Salomão diz também: "Em uma alma malévola, a sabedoria não entrará nem habitará em um corpo submetido aos pecados; porque o espírito santo que nos instrui fugirá à fraude e se distanciará dos pensamentos tolos"[408]. É bem outra coisa se, contentando-se de ser lido pelo vulgo, desdenham os ouvidos das pessoas instruídas e desprezam aquela ordem pela qual se estigmatiza a incompetência atrevida: "Não és tu, nas encruzilhadas, ignorante, que tinhas o hábito de arruinar um mísero poema com uma charamela estridente?"[409] Como se não fosse uma tropa de cabeças encaracoladas que repetem cantando, nas escolas, as *fábulas milésias*[410]; e o *Testamento do Porco*[411] que sacode os membros dos Bessos com um riso incontido, e nos banquetes dos histriões abundam frivolidades desta espécie. Cada dia, nas praças públicas, um falso adivinho bate nas nádegas dos imbecis e, virando rapidamente seu bastão, sacode os dentes daqueles que mordem nele. E nos admiramos que os livros dos incompetentes encontrem leitor?

18. Ele fica indignado que eu tenha escrito que os origenistas se ligam pelo culto que eles rendem a mentiras. Eu citei o livro em que eu li isto escrito com todas as letras, isto é, o sexto livro dos *Stromates*[412] de Orígenes, no qual este último, combinando nosso dogma

---

[407] Horácio, Ars 88

[408] Sabedoria 1, 4-5.

[409] Virgílio. Écloga 3, 26-27.

[410] O fundador deste gênero é o escritor grego Aristides (100 A.c,) autor de uma coletânea de Fábulas milésias, que contém aspectos eróticos e licenciosos. Como exemplo podemos citar a passagem da Matrona de Éfeso, na obra Satyricon, de Petrônio, que tem por modelo as fábulas milésias traduzidas para o latim por Sisena.

[411] É este *Testamentum Suis* (Porcelli) um breve escrito em prosa, no qual estão contidas as últimas vontades do assim chamado leitãozinho *Grunnius Corocotta*, com evidente paródia das complicadas disposições e fórmulas testamentárias, às quais a jurisprudência romana tinha dedicado e dedicava cuidados assíduos. O *Testamentum Suis* é anônimo (ROSTAGNI,A., vol III, p.377).

[412] *Stromates* ("bordados ou tapeçaria") pretende, com esse nome, evocar a variedade do conteúdo, tal como os *Kestoí* ("Bordados"), de Júlio Africano, obra que consta, no total, de 24 livros, dos quais se conservam fragmentos maiores. "É uma espécie de enciclopédia, dedicada ao imperador Alexandre Severo com epítomes sobre questões das ciências naturais, da medicina, magia, agricultura e arte militar. O cristianismo do autor que acredita na magia e teurgia, apresenta-se a sob luz um tanto curiosa (sincretismo)" (ALTANER, B e STUIBER, A., op. cit., p. 215).

com o pensamento de Platão, assim se exprime:

Platão, no terceiro livro da República:

> "É preciso ter também um grande apego à verdade. Se, com efeito, como dizíamos há pouco com muita propriedade, a mentira não é conveniente para Deus e lhe é inútil, e aos homens é útil, para que dela façam uso como uma espécie de tempero e remédio, não há dúvida para ninguém que se deva dar aos médicos e retirar a pessoas imprudentes uma autorização deste gênero.
>
> Tua posição é justa.
>
> Se, pois, há aqueles a quem concedemos esta faculdade é sobretudo aos governadores das cidades, convém mentir algumas vezes, seja para lutar contra o inimigo, seja no interesse de sua pátria e de seus concidadãos. Mas dos outros, que não sabem servir-se da mentira, é preciso descartar toda mentira".[413]

Orígenes:

> "E nós, por conseguinte, lembrando-nos deste preceito: "Dizei a verdade cada um a seu próximo"[414], não devemos dizer: "Quem é meu próximo?"[415], mas considerar com que prudência o filósofo disse a mentira não era conveniente a Deus e lhe era inútil, sendo algumas vezes "útil aos homens", e que não se deve crer que Deus minta às vezes, nem mesmo para realizar seus desígnios. Se, entretanto, o interesse de quem ouve o exige, Deus fala por palavras ambíguas e revela o que quer através de enigmas, para que seja salvaguardada junto de si a dignidade da verdade e, que tenha avançado sob a cobertura de certo véu o que poderia ser nefasto, se isto fosse divulgado publicamente com total nudez. O homem, porém, a quem se aplica a necessidade de mentir deve estar atento para servir-se na ocasião da mentira "por modo de condimento e remédio" e guardar-lhe a medida. Que ele não ultrapasse os limites dos quais fez uso Judith contra Holofernes[416] e o venceu pelo sábio disfarce das palavras. Que ele imite Ester que reformou o parecer de Artaxerxes guardando

---

[413] Platão, República 3, 8 (598 B)

[414] Efésios 4, 25 (= Zacarias 8,16)

[415] Lucas 10, 29

[416] Cf. Judite 11

silêncio por muito tempo sobre a verdade de sua nação; e sobretudo o patriarca Jacó, de quem nós lemos que ele obteve as bênçãos de seu pai por uma habilidosa mentira[417]. Disto torna-se evidente que, a menos que tenhamos mentido para conseguir algum grande bem para nós, nós deveríamos ser julgados como inimigos daquele que disse: "Eu sou a verdade".[418]

Eis o que Orígenes escreveu, não podemos negá-lo, e ele o escreveu nos livros que ele enviava a cristãos amadurecidos e a discípulos; ele ensina aos mestres que se deve mentir, mas que os discípulos não devem mentir. Quem, pois, sabe mentir e inventa sem nenhuma vergonha tudo o que lhe vem à boca contra seus irmãos, demonstra ser um excelente mestre.

19. Dizem que ele me dilacera igualmente neste ponto: em minha tradução do segundo salmo, onde lemos em latim: *Apprehendite disciplinam*[419]e onde está escrito *nescu bar* no rolo hebraico, eu diria: "Adorai o filho" nos comentários. Mas refazendo todo o saltério em uma versão com tonalidade romana, eu teria posto, como se tivesse esquecido a antiga interpretação: "Adorai de modo irrepreensível". Haveria aí, em todo caso, uma contradição evidente para todo mundo. A bem da verdade, é necessário perdoá-lo se ele ignora a verdade da língua hebraica, quando hesita às vezes, mesmo nas palavras latinas. *Nescu*, traduzindo palavra por palavra quer dizer *kataphilesate*, isto é, "beijai"; não querendo traduzir com afetação, eu segui o sentido preferencialmente de modo a traduzir por: "adorai". É que efetivamente aqueles que adoram costumam beijar a mão e curvar a cabeça, coisa que o bem-aventurado Jó diz ter-se recusado a fazer em relação a elementos e ídolos, dizendo: "Se, vendo o sol em seu esplendor e a lua em sua marcha brilhante, seduziram-me o coração secretamente e com minha boca beijei minha mão o que é uma falta suprema e uma renegação contra o altíssimo Deus"[420], e como os Hebreus, conforme a propriedade da língua, substituem "veneração" por "beijo", adotei o sentido que eles mesmos atribuem a esta palavra que lhes pertence. Quanto a *bar*, esta palavra tem diversas significações entre eles. Quer dizer ao mesmo tempo "filho", como por exemplo: "Bariona", filho de pomba; "Bartolomeu", filho de "Tolomeu", e "Bartimeu", "Bariesu", "Barabbas"... E também "trigo" e "feixinho de

---

[417] Gênesis 27, 18-30

[418] João 14, 6

[419] Salmo 2, 12

[420] Jó 31, 26-28

espigas”, “excelente” e “irrepreensível”. Onde está minha falta, se eu dei traduções divergentes de uma palavra ambígua e que depois de haver dito nos comentários onde se tem a liberdade de explicar-se: “Adorai o filho” eu tenha dito no corpo do texto para não parecer propor uma tradução forçada e dar lugar à calúnia judaica: “Adorai de maneira irrepreensível” ou “excelente”, tradução que é também a de Áquila e Símaco. Em que isto prejudica a fé da Igreja, se se instrui o leitor dos diversos modos pelos quais um só versículo é explicado entre os hebreus.

20. A teu Orígenes é permitido tratar de metempsicose, de pôr em cena mundos inumeráveis, revestir as criaturas racionais de corpos sempre diferentes, dizer que Cristo amiúde sofreu e haverá de sofrer com maior freqüência ainda, para que seja permanente o benefício que nos valeu uma vez a condição que ele assumiu. Tu assumes para ti uma autoridade tal que tu fazes, por mentiras, de um herege um mártir e dos livros de Orígenes alterações atribuídas aos hereges. Mas a mim, não me será permitido discutir sobre palavras e ensinar aos Latinos, em obra de comentários, o que eu aprendi dos Hebreus? Se isto não fosse estender-se demais e não cheirasse a vanglória, já te mostraria agora a utilidade que há em gastar o limiar de seus mestres e em aprender a gramática daqueles que são especialistas; e tu verias quão grande é o emaranhado entre os Hebreus de nomes e de verbos ambíguos! É o que fornece matéria à diversidade das traduções, enquanto que cada um, entre sentidos incertos, escolhe aquele que lhe parece mais coerente. Mas por que te mando ler as obras estrangeiras? Percorre Aristóteles e as discussões de Alexandre sobre os volumes de Aristóteles: a leitura deles te fará conhecer a quantidade de passagens ambíguas que eles contêm. Assim tu cessarás de criticar teu amigo sobre aquilo que tu nunca aprendeste, nem sequer em sonho.

21. Mas porque meu irmão Pauliniano falou-me de certas críticas que o outro me faz sobre os meus comentários sobre a *Epístola aos Efésios*, ele confiou algumas delas à sua memória e indicou as passagens precisas, eu não devo esquivar-me e peço ao leitor que perdoe a necessidade que me toca, se eu me estendo um pouco mais longamente para expor estes agravos e deles lavar-me. Na verdade, não acuso outra pessoa destes agravos, mas eu tento deles defender-me e refutar a imputação caluniosa de heresia. Sobre a Epístola de Paulo *aos Efésios*, Orígenes escreveu três volumes. Dídimo também e Apolinário compuseram obras próprias. Quanto a mim, eu os traduzi ou imitei e vou lembrar o que escrevi no prólogo da mesma obra (sobre este assunto): “eu dou também este aviso em meu prefácio: sabei que

Orígenes redigiu três volumes sobre esta epístola e que nós também o seguimos em parte. Há ainda breves comentários publicados por Apolinário e por Dídimo: e fizemos empréstimos, ainda que poucos. E fizemos alguns acréscimos ou alguns cortes, como nos pareceu bom. Assim o leitor aplicado reconhecerá desde o início que esses comentários são tanto a obra de outrem como a nossa."[421] Portanto, o que quer que seja de vicioso que se terá podido demonstrar na explanação desta epístola, se eu não posso fornecer as referências às obras gregas que eu indiquei como fontes da minha tradução, eu me reconhecerei culpado, e será meu o que não for de outro. Entretanto, para não parecer ainda sofisticar e pelo viés de um pretexto, não ousar chegar às vias de fato, citarei os próprios textos que a acusação invoca.

22. Desde o primeiro volume, nossa interpretação do texto de Paulo em que declara: "Como ele nos elegeu nele antes da formação do mundo, para que sejamos santos e imaculados em sua presença..."[422] interpretamos de maneira a nos referirmos não à eleição dos que existiram antes, conforme Orígenes, mas a relacionava à presciência de Deus. Com efeito nós dissemos: "A afirmação de Paulo, declarando que nós fomos eleitos para sermos santos e imaculados em sua presença, isto é, em presença de Deus, antes da criação do mundo, concerne a presciência de Deus, para quem tudo o que há de ser feito já foi feito, e conhece todas as coisas antes que elas aconteçam. Da mesma forma que o próprio Paulo[423] é predestinado nas entranhas de sua mãe, e Jeremias[424] encontra-se santificado no seio de sua mãe, eleito, fortificado, enviado, figura do Cristo, como profeta às nações."[425] Esta exposição não contém seguramente nada de repreensível e, porque Orígenes dizia o contrário, nós adotamos o sentimento da Igreja. Mas como é papel de um comentador expor múltiplos pontos de vista e que tinha prometido fazê-lo em meu prefácio, eu expus também a explicação de Orígenes, sem nenhuma malquerença a seu nome: "Um outro, disse eu, que tenta mostrar que Deus é justo, pelo fato de que ele elege cada um, não por um julgamento prévio de seu conhecimento, mas pelo mérito dos eleitos, diz que antes das criaturas visíveis, o céu, a terra, os mares e tudo que eles contêm, existiram outras criaturas, invisíveis, entre outras; almas, que, por certas razões somente por Deus conhecidas, foram precipitadas aqui embaixo, neste

---

[421] Jerônimo, In Ephes 1, prol (PL 26, Val. 543-544)

[422] Efésios 1, 4

[423] Gálatas 1, 15

[424] Jeremias 1, 5

vale de lágrimas,[426] no lugar de nossa aflição e peregrinação[427]. Um santo que se achava aí fixado pedia nestes termos que voltasse à sua morada primitiva: Ai de mim, meu exílio prolongou-se. Eu morei com aqueles que moram em Cedar. Minha alma teve longa estada em terra estrangeira[428]. E em outro lugar: "Infeliz homem que eu sou! Quem me libertará do corpo desta morte?"[429] E: "Vale mais voltar e estar com Cristo";[430] E em outra parte: "Antes de ser humilhado, eu pequei"[431]. E outras passagens semelhantes a estas[432] que seria demorado citar.

Observa bem minhas palavras: "Um outro, todavia, que tenta mostrar que Deus é justo..." Eu digo que ele "tenta mostrar" e não "ele mostra". Se entretanto isso te escandaliza que eu tenha resumido em algumas palavras uma extensíssima discussão de Orígenes e que eu tenha demonstrado seu sentimento ao leitor, e se tu vês em mim um adepto secreto deste autor, por não ter omitido nada do que ele disse, tem cuidado, para que não seja para refutar vossa calúnia que eu o fiz, para que vós não vades dizer que eu guardei silêncio sobre o que há de forte naquilo que ele disse e que ele argumenta com mais vigor em grego. Eu fiz uma exposição completa, ainda que mais breve, do que eu encontrei em grego, para que discípulos dele nada tenham de novo para lançar aos ouvidos dos latinos. É mais fácil, com efeito, desprezar ataques quando se está informado do que quando se é tomado de súbito. Escuta bem minha conclusão sobre este capítulo, depois da exposição da interpretação deste: Paulo não diz: "Ele nos elegeu antes da formação do mundo, quando então éramos santos e imaculados", mas "Ele nos elegeu para que sejamos santos e imaculados". Isto é, nós que anteriormente não éramos santos e imaculados, para que o sejamos em seguida; o que se pode dizer também dos pecadores convertidos a uma vida melhor. Então aquela sentença subsistirá: "Nenhum vivente será justificado a teus olhos"[433], a saber: ao longo de toda sua vida, passado todo

---

[425] Jerônimo, In Ephes 1, 1, 4 (PL 26, Val. 548)

[426] Salmo 83, 7

[427] Salmo 43, 20; 118, 54

[428] Salmo 119, 5

[429] Rom. 7, 24

[430] Filipenses 1, 23

[431] Salmo 118, 67

[432] Jerônimo, In Ephes 1, 1, 4 (PL 26, Val 548)

[433] Salmo 142, 2

tempo neste mundo. Assim compreendido, em todo caso, esta passagem vai de encontro àquele que diz que antes da existência do mundo, houve almas eleitas por sua santidade e ausência de toda corrupção devida aos pecados. Com efeito, dissemos anteriormente, Paulo e os que lhe são semelhantes não são eleitos e predestinados porque eram santos e imaculados, mas são eleitos e predestinados para que suas obras e virtudes os tornem santos e imaculados na vida que se seguirá"[434]. E alguém ousa acusar-nos de heresia de Orígenes, após tal opinião? Há quase dezoito anos que eu ditei esses livros, naquele tempo em que o nome de Orígenes florescia no mundo, em que o *Perì Archôn*, sua obra, os ouvidos latinos ignoravam. Entretanto eu declarei explicitamente minha fé e indiquei o que me desagradava. Por conseguinte, mesmo se meu inimigo tinha podido designar em todo o resto de minha obra algo de herético, eu estaria convencido, não tanto por ter sustentado teses viciosas, que tantas vezes condenei, aqui como em outros livros, mas por ter deixado escapar um erro.

23. A segunda passagem, da qual meu irmão me deu a conhecer as críticas do adversário, exporei brevemente, porque se trata de uma verdadeira futilidade e ele mostra francamente a calúnia relacionada à passagem. É naquele testemunho em que Paulo fala: "Fazendo-o assentar-se à sua direita nos céus, acima de todo principado, potestade, virtude e dominação e acima de todo nome que é pronunciado, não só neste século, mas também no que há de vir"[435]. Depois de explicações variadas, quando eu cheguei aos papéis dos ministros de Deus, eu tinha falado dos principados e potestades, das virtudes e dominações, eu acrescentei mais isto: "É necessário que tenham subordinados e também seres que os temam e que os sirvam e aqueles que sejam fortificados por sua força. Essa distribuição dos papéis existirá tanto atualmente quanto no século vindouro. Assim, pelos progressos e honras, ascensões e descensos, ou então elevar-se-á ou se decrescerá, ou se fará submeter a tal e tal potestade, virtude, principado e dominação."[436] E depois de ter evocado o exemplo de um rei da terra e toda a organização de uma corte, por meio da qual eu dei a conhecer os diversos papéis dos servidores de Deus, eu acrescentei: "E nós pensamos que Deus, senhor dos senhores e rei dos reis, se contenta apenas com um tipo de servidores?"[437]Da mesma forma que "arcanjo" não significa outra coisa senão "aquele que tem a primazia sobre os anjos", assim o título de

---

[434] Jerônimo, In Ephes 1,1,4 (PL 26, Val. 556)

[435] Efésios 1,20-21

[436] Jerônimo, In Ephes 1,1,20-21 (PL 26, Val. 566)

“principado”, “potestade” e “dominação’ não recebem esse nome senão na condição de ter outros graus que lhe sejam subordinados ou inferiores. Porém, se, por esta razão, ele acredita que eu me guio por Orígenes, por ter colocado em minha exposição progressos, honras, ascensões e descensos, crescimentos e enfraquecimentos, que ele saiba que há uma grande diferença entre a afirmação que demônios e homens provêm dos anjos, serafins e querubins, - o que afirma Orígenes - e a afirmação que entre os próprios anjos foram distribuídas funções de diversos tipos, o que a Igreja não deixa de admitir. Do mesmo modo que, entre os homens, a classificação das dignidades é relativa à diversidade das tarefas e que o bispo, o presbítero e todo grau da hierarquia da Igreja ocupam seus postos respectivos, tratando-se, porém, de homens, da mesma forma, entre os anjos, as tarefas são diversas e entretanto todos conservam sua dignidade de anjos, nem podem os homens restabelecer novamente a condição de anjos.

24. Há uma terceira passagem, objeto de críticas, quando o apóstolo diz: “Para manifestar nos séculos vindouros as riquezas transbordantes de sua graça, na bondade, para conosco no Cristo Jesus.” [438]Nós propusemos um tríplice comentário: a princípio nosso ponto de vista; em segundo lugar, a objeção levantada por Orígenes; em terceiro lugar, a explicação fornecida singelamente por Apolinário. Se não indiquei os nomes destes, perdoa a minha discrição: eu não devia censurar aqueles que eu imitava em parte e dos quais eu traduzia para o latim as idéias. “Mas, disse eu, o leitor circunspecto imediatamente se informará e dirá”[439]; e novamente no fim: “Um outro todavia relatará o que Paulo diz: ‘Para manifestar nos séculos vindouros as riquezas transbordantes da sua graça’, para a interpretação seguinte”.[440] Eis, tu dirás, sob a máscara de um leitor circunspecto, tu desenvolveste as idéias de Orígenes! Confesso meu erro: não deveria ter dito “circunspecto”, mas “blasfemador”. Se eu o tivesse feito e soubesse por algum presságio que tu estarias à cata de semelhantes frivolidades, eu teria evitado também tuas palavras caluniosas. Grande motivo de acusação ter dito que Orígenes era um leitor “circunspecto”, de quem eu traduzi 70 livros, que eu, por meus elogios, elevei às nuvens e em favor de quem eu fui forçado, há dois anos, a responder em um breve libelo aos elogios que tu dirigias contra mim! Tu me acusas de haver dito que Orígenes era o

---

[437] Jerônimo, Ibid. (Val. 567)

[438] Efésios 2,7

[439] Jerônimo, In Ephes 1,2,7 (PL. 26, Val. 576)

[440] Jerônimo, Ibid.

"mestre das Igrejas"[441] e imaginas que eu deva ter grande medo se, como meu inimigo, tu me acusas de ter falado de um "leitor circunspecto"? Nós temos o hábito de qualificar de "circunspectos" também os homens de negócio mais econômicos, os escravos honestos, os preceptores enfadonhos, os ladrões mais astuciosos. E no Evangelho, diz-se que o caseiro desonesto tenha feito com cuidado alguns de seus atos:[442] "Os filhos deste mundo são mais avisados entre seus contemporâneos que os filhos da luz";[443] e: "A serpente era a mais inteligente de todos os animais que Deus criou sobre a terra".[444]

25. A Quarta passagem criticada ocupa o começo do segundo livro, onde expusemos este texto de Paulo: "É porque eu, Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo para vós, pagãos...[445] E como a passagem em questão está muito clara por si mesma, eu apenas citarei aquela parte do comentário que se refere à calúnia: "Que Paulo seja prisioneiro de Jesus Cristo para os pagãos, isto pode-se compreender também de seu martírio, porque é de Roma, onde tinha sido posto em grilhões, que ele enviou esta epístola, no tempo em que – nós o mostramos em outra passagem – foram escritas as epístolas *a Filêmon, aos Colossenses* e *aos Filipenses*. Ou em todo caso, porque se leu em várias passagens que este corpo chama-se "liame da alma", pelo qual a alma é mantida como que encerrada em uma prisão, nós dizemos por esta razão que, se Paulo está encerrado pelos liames do corpo, que ele não retorna para estar com Cristo[446], é para que a pregação dirigida aos pagãos encontre por meio dele sua plena realização[447]. Posto que alguns introduzam um outro sentido nesta passagem: Paulo, "predestinado e santificado desde o seio de sua mãe para a pregação aos pagãos"[448] antes de seu nascimento ele teria recebido em seguida os liames da carne"[449]. E eu propus para esta passagem, como acima, um triplo comentário, apresentando em primeiro lugar meu ponto de vista, em segundo lugar as afirmações de Orígenes, em terceiro lugar o sentimento de

---

[441] Rufino, Orígenes. princ.1, prol 1, 19-21 (= Jeônimo. epist. 80,1,2)

[442] Lucas 16,8

[443] Lucas 16,8

[444] Gênesis 3,1

[445] Efésios 3,1

[446] Filêmon 1,23

[447] Cf II. Timóteo 4,17

[448] Cf. Gálatas 1,15-16; I Timóteo 2, 7; II Tim 1, 11.

[449] Jerônimo, In Ephes. 2, 3, 1-4 (PL 26, Val. 587)

Apolinário que vai de encontro à teoria daquele. Lê os comentários gregos e, se não achares que a coisa assim se apresenta, confessar-me-ei culpado.

Que pecado eu cometi nesta passagem? Aquele sem dúvida ao qual eu respondi acima: por que não ter nomeado aqueles por quem estas coisas foram ditas? Era supérfluo citar, cada vez que ocorressem textos do Apóstolo, os nomes daqueles cujas obras eu havia assinalado em meu prefácio que eu haveria de traduzir. E, entretanto, dizer que a alma está atrelada ao corpo, até que retorne ao Cristo e transforme pela incorruptibilidade e imortalidade este corpo corruptível e mortal na glória da ressurreição[450], é uma interpretação que nada tem de absurdo. Donde também o apóstolo diz: "Coitado do homem que sou, quem me livrará deste corpo mortal?" A[451] expressão corpo mortal ressalta a submissão do corpo aos vícios, às doenças, às paixões e enfim à morte, até que ressuscite com o Cristo na glória e que o fogo ardente do Espírito Santo cozinhe o que antes era barro frágil, para se ter um vaso de uma grande resistência. É sobre a glória, não sobre a natureza que se deve passar esta mudança.

26. A quinta passagem, na qual expusemos este texto do Apóstolo, é incontestável. "É por ele que todo o corpo - coordenado e unido por conexões que estão ao seu dispor, trabalhando cada um conforme a atividade que lhe é própria - efetua esse crescimento, visando sua plena edificação na caridade." [452] Nós resumimos com breve discurso o abundantíssimo comentário de Orígenes que desenvolve as mesmas interpretações sob diversas formas, sem nada suprimir dos exemplos e das afirmações do autor; chegando ao fim, nós acrescentamos isto: "Portanto quando da restauração universal, quando o verdadeiro médico, Cristo Jesus, vier curar o corpo de toda a Igreja, atualmente disperso e dilacerado, cada um receberá seu lugar segundo a medida de sua fé e o reconhecimento do filho de Deus[453] - se se diz que ele o reconhece é porque conheceu e cessou em seguida de conhecer - e começará a ser o que havia sido. Entretanto, não que, segundo uma outra heresia, todos sejam estabelecidos em uma só idade, isto é, no sentido de que todos recuperem a condição angélica; mas então será realizada a perfeição de cada membro, em função de seu tamanho e de seu papel. Assim, por exemplo, o anjo apóstata começará a ser tal qual foi criado e o

---

[450] Cf. I Coríntios 15,53

[451] Romanos 7,24

[452] Efésios 4,16

homem que tinha sido expulso do paraíso será restabelecido lá para cultivá-lo"[454] etc.

27. Admira-me que tu, homem de grande perspicácia, não tenhas entendido minha técnica de explicação. Quando, porém, digo: "Não é, porém, deste modo que, segundo uma outra heresia, todos recuperariam a condição angélica", eu mostro que as teorias que eu discuto são heréticas, e que estão em desacordo com uma outra heresia. Quais são, portanto, estas duas heresias? Uma é aquela que diz que todas as criaturas racionais recuperam a condição angélica; a outra, aquela que afirma que cada coisa será, no momento da restauração universal, tal qual foi criada. Por exemplo: porque os demônios provêm dos anjos, os demônios se tornam anjos novamente; e as almas dos homens, dependendo do estado no qual elas foram criadas, elas recuperam não a natureza angelical, mas a natureza na qual foram criadas por Deus, de modo que tanto os justos quanto pecadores se tornam iguais. Enfim, para que saibas que não é meu ponto de vista que eu desenvolvi, mas que eu comparei heresias que eu tinha lido, que eu havia lido uma e outra no texto grego, eu terminei minha discussão com esta conclusão: Se estas teorias, como dissemos acima, são-nos um tanto mais obscuras, é porque são expressas *metaforicamente* em grego. Ora toda metáfora, se a transpomos palavra por palavra de uma língua a outra, os sentidos e os germes do discurso são sufocados como se estivessem sob certos tojos[455]. Se não descobres estas mesmas teorias no texto grego, o que quer que seja dito, atribui-o a mim.

28. Dizem que ele me faz uma sexta crítica e é também a última - se todavia meu irmão nada esqueceu nesse meio tempo - em minha interpretação daquela passagem em que o Apóstolo diz: "Aquele que ama sua esposa ama a si mesmo. Ninguém, com efeito, nunca teve ódio à própria carne; mas a mantém e a acaricia como o Cristo o faz à Igreja"[456], porque, depois de uma explicação literal, ter colocado o problema levantado por Orígenes, de cuja pessoa eu tomaria as afirmações sem o nomear: Podem nos fazer objeção de que não é verdadeira a idéia expressa pelo Apóstolo: "Ninguém nunca odiou sua própria carne, uma vez que aqueles que sofrem de icterícia, tísica, câncer e catarreira preferem a morte a viver e têm ódio aos próprios corpos ?" Mas logo eu acrescentei o que eu próprio sentia: assim, pois, esta

---

[453] Efésios 4,7-13

[454] Jerônimo. In Ephes 2, 4, 16 (PL 26, Val. 619-620)

[455] Cf. Evagrio de Antioquia. Athan, Vita Antonii, prol (PL 26, 834) Jerônimo, In Ephes 2,4,16 (PL 26, Val. 620)

[456] Efésios 5, 28-29

linguagem deve ser prefencialmente apresentada à compreensão figurada.[457] Quando eu digo "figurada", eu ensino que aquilo que é dito não é real, mas representado sob a obscuridade da alegoria. Citemos, porém, as próprias palavras que figuram no terceiro livro de Orígenes: Digamos que esta carne destinada a ver a salvação de Deus, a alma deve amá-la, mantê-la e protegê-la, instruindo-a pelos princípios, fartando-a com o pão celeste e banhando-a no sangue de Cristo, para que, reconfortada e resplandecente, ela possa seguir seu esposo com livre curso, e não ser acabrunhada por nenhuma fraqueza ou peso. Ainda mais, na semelhança do Cristo que nutre e afaga a Igreja e diz a Jerusalém: "Quantas vezes eu quis congregar teus filhos, como a galinha reúne seus pintainhos sob suas asas, e não quiseste!"[458], as almas também afagam os seus corpos, para que "este ser corruptível revista a incorruptibilidade"[459] e, sustentado pela leveza das asas, ele seja elevado com mais facilidade nos ares. Maridos, afaguemos, pois, nossas mulheres, como também as almas afagam nossos corpos, para que as mulheres sejam assimiladas a seus maridos e os corpos, às almas, e que não haja de modo algum nenhuma diferença de sexos; mas, como entre os anjos, não há homem ou mulher, assim nós também que haveremos de ser semelhantes aos anjos[460], comecemos desde já a ser aquilo que nos foi prometido para nossa vida celestial."[461]

29. Nós expressamos acima nestes termos a explicação literal que nos parecia estar neste texto: "No que diz respeito à compreensão literal, tendo sido recomendado o santo amor entre marido e mulher, agora é-nos ordenado que mantenhamos e afaguemos nossas esposas, seguramente para que lhes forneçamos os víveres, as vestes e tudo o que é necessário.[462] Tal é o nosso ponto de vista. Portanto, tudo que se segue, dizendo: "Podem nos objetar...", nós mostramos que deve ser entendido não a partir da nossa responsabilidade, mas a partir da de nossos contraditores. Ainda que haja uma resposta breve e perfeita, e que, assim como o dissemos acima, a resposta tenha sido, além disso, deformada pelas sombras da alegoria, a partir daquilo que é para o sentido daquilo que não era, eu vou abordar o problema mais de perto e interrogar, nesta discussão o que te desagrada. É seguramente porque eu disse que as

---

[457] Jerônimo. In Ephes 3, 5, 28-29 (PL, 26, Val 658)

[458] Mateus 23, 37

[459] I Coríntios 15, 53

[460] Mateus 22, 30

[461] Orígenes, In Ephes 3,5, 28-29

[462] Jerônimo. In Ephes. 3,5, 28-29 (PL. 26, Val. 658)

almas afagavam seus corpos como os maridos afagavam suas mulheres, "para que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que, sustentado pela leveza das asas, ele seja elevado com mais facilidade nos ares". Quando digo: "Que este ser corruptível revista a incorruptibilidade", não modifico a natureza dos corpos, mas eu aumento sua glória. Assim também o que se segue: "sustentado pela leveza das asas, ele seja elevado com mais facilidade nos ares", aquele que recebe asas, isto é, a imortalidade, para voar com mais leveza para o céu, não perde sua natureza anterior. Mas, tu dizes que o que se segue me perturba: "Maridos, afaguemos, pois, nossas esposas e almas, afaguemos nossos corpos, para que as mulheres sejam assimiladas a seus maridos, e os corpos às almas e para que também não haja mais nenhuma diferença de sexos; mas, como entre os anjos não há homem e mulher, assim entre nós, que haveremos de ser semelhantes aos anjos, comecemos desde já a ser o que nos foi prometido para nossa vida celestial."[463] Quando eu digo: Comecemos a ser aqui na terra..., eu não suprimo a natureza dos sexos, eu suprimo a sensualidade e a união carnal de marido e mulher, enquanto o Apóstolo diz: O tempo é breve. Resta que aqueles que têm mulher devem se comportar como se não tivessem"[464]. E o senhor, a quem se perguntava, no Evangelho, de qual dos sete irmãos a mulher devia ser esposa,[465] respondeu: "Vocês estão errados, desconhecendo as Escrituras e o poder de Deus. Na Ressurreição, com efeito, não se tomará marido nem mulher, mas serão como anjos de Deus no céu"[466]. E na verdade, quando a castidade existe entre um homem e uma mulher, eles não começam a ser nem homem nem mulher, mas - ainda que retidos até o momento presente no corpo - eles se transformam em anjos, nos quais não há homem nem mulher. É o que diz igualmente o Apóstolo em mais uma outra passagem: "Todos vós que fostes batizados no Cristo, vós revestistes o Cristo. Não há judeu nem grego. Não há escravo nem homem livre. Não há homem nem mulher. Com efeito, sois todos vós um em Cristo Jesus."[467]

---

[463] Orígenes. In Ephes 3,5, 28-29

[464] I Coríntios 7, 29

[465] Mateus 22, 23-28

[466] Mateus 22, 29-30

[467] Gálatas 3, 27-28

Peroração: Resposta a dois agravos: os excessos do polemista e o perjúrio do letrado

30. Mas visto que nosso discurso atravessou tranqüilamente lugares pedregosos e ásperos[468] e que nós desprezamos o agravo de heresia que nos fora impingido com liberdade plena e firme, passemos às outras partes de sua acusação pelas quais ele tenta nos morder. Dentre estas partes, a primeira é que eu, homem maledicente, detrator de todos, dilacero com os dentes meus predecessores. Que ele cite um predecessor cujo nome eu terei escorchado segundo seus procedimentos por um elogio hipócrita! Mas se eu falo contra invejosos e a ponta de meu estilo fere fatalmente a um Lúscio de Lanúvio ou um Asínio Polião da família dos Cornélios, se eu afasto de mim um indivíduo de espírito ouriçado e invejoso e dirijo todos os meus dardos para uma única estaca, porque ele redistribui largamente os golpes que ele recebeu, ele que, pela impaciência a responder, mostra que ele é aquele que visamos.

Ele me censura também de perjúrio combinado com um sacrilégio. No livro em que eu trato da formação de uma virgem de Cristo, eu teria prometido, diante do tribunal do juiz, durante meu sono, que nunca daria atenção à literatura profana[469] e não teria, todavia, lembrado algumas vezes da cultura que eu tinha reprovado. Sem dúvida, este é o Calpúrnio de Salústio[470] que nos tinha posto, por meio do orador Magno, um problema não muito difícil e ao qual nós demos explicações em um curto tratado[471]. Agora - porque está iminente - deve-se responder por um sacrilégio e um perjúrio devidos a um sonho.

Eu disse que não leria literatura profana: há compromisso para o futuro e não aniquilamento da memória do passado. Mas, tu dirás: como podes guardar na memória aquilo que não relês por tanto tempo? Se, de novo, eu tirar uma resposta dos meus velhos livros, eu terei dito: "É tão importante acostumar-se desde sua tenra idade"[472]; enquanto eu o recuso, exponho-me a esta falta e, quando eu cito a meu favor um testemunho, o próprio argumento que me defende serve para me acusar. Sem dúvida agora faz-se necessário compor em uma longa exposição aquilo que as consciências individuais experimentam? Quem de nós não se lembra da sua infância? Eu, em todo caso - isto para te fazer rir a ti, a austeridade em pessoa e

---

[468] Cícero, Tusculanas 4,14,33

[469] Jerônimo. Epístola 22, 30

[470] Salústio. Hist. frag. 1, 95

[471] Jerônimo. Epístola 70, 6, 2

para que imites enfim Crasso, "do qual Lucílio disse que riu uma só vez em sua vida"[473] - eu me lembro ter, quando criança, percorrido pelos quartinhos dos pequenos escravos, ter passado meu feriado brincando, e ter sido tirado do regaço da minha avó para tornar-me cativo da crueldade de um Orbílio![474] E para que tu te espantes mais ainda, agora com a cabeça branca e a testa calva, eu apareço muitas vezes nos sonhos, com longos cabelos anelados e vestido com a toga, declamando diante do rétor meu exercício de controvérsia. E quando eu estiver acordado, eu me parabenizo de estar liberado da prova de oratória. Crê em mim, a infância guarda na memória o frescor de muitas lembranças. Se tu tivesses aprendido as letras, o vaso de teu pequeno talento exalaria o odor de que ele tivesse sido impregnado[475]. Nenhuma água pode descolorir as lãs tingidas de púrpura[476]. Mesmo os asnos e os animais brutos, ainda que em longo percurso, souberam reconhecer pela segunda vez as hospedarias. Tu te admiras que eu não tenha esquecido as letras latinas, ao passo que tu tenhas aprendido as letras gregas sem mestre? Os princípios dialéticos ensinaram-me sete tipos de conclusões; a significação de axioma que podemos traduzir por "enunciado"[477]; a impossibilidade de compor uma sentença na ausência de verbo e de nome; as gradações dos sorites, as sutilezas do *pseudomenos*, as ciladas dos sofismas. Eu posso jurar que, depois que da escola saí, nunca li absolutamente estas coisas. Ser-me-á necessário, segundo os mitos dos poetas, beber das águas do Letes, para que não me acusem de saber o que eu aprendi!

Eia, tu que me acusas de pouca ciência e que tens a imagem para ti mesmo de um pequeno letrado e de um rabino, responde: por que ousaste escrever alguma coisa e dar da magnífica eloqüência de Gregório uma tradução que a iguale em esplendor? Onde tomaste em tua mocidade uma tal riqueza vocabular, tais figuras de pensamento, uma tal variedade de metáforas, tu que apenas tocaste de leve a arte oratória? Ou estou enganado ou tu freqüentas Cícero às escondidas e assim és tão eloqüente. E se tu lanças contra mim a acusação de lê-lo, é para ser o único entre os autores da Igreja a poder gabar-te do rio de eloqüência. Entretanto parece que tu te guias antes pelos filósofos, pelas sutilezas de Cleanto e pelas expressões

---

[472] Virgílio, Geórgicas 2, 272

[473] Cícero, Tusculanas 3, 15, 31. De Finibus 5, 30, 92

[474] Horácio, Epístolas 2, 1, 70

[475] Horácio, Epístolas 1, 2, 69-70. Quintiliano Inst 1,1,5

[476] Lucrécio 6, 1074 -77 Quintiliano. Inst. 1,1,5

[477] Cícero 1, 7, 14

intrincadas de Crisipo, não aplicando uma disciplina que desconheces, mas partindo da grandeza de teu espírito. E como os estóicos reivindicam para si a lógica e tu desprezas os desvarios desta ciência, neste ponto tu és um epicurista, e tu buscas saber, não como dizer, mas o quê dizer. Que te importa, com efeito, se um outro não entende o que queres dizer, porque não é a todos, mas aos teus que tu te diriges? Finalmente, eu também, relendo teus escritos, posto que às vezes eu não entenda o que tu falas e creia estar lendo Heráclito, eu não me aflijo nem deploro minha lentidão: o que eu sofro lendo, tu sofres escrevendo.

31. Assim falaria se, em estado de vigília, eu tivesse feito alguma promessa. Agora, porém, - espécie inédita de descaramento - ele me censura meu sonho! Oxalá a afluência própria ao lugar e a reunião dos fiéis que vêm do mundo inteiro me permitissem ler as divinas Escrituras! Não tenho tanto tempo de dedicar-me a matérias profanas. Entretanto, aquele que me censura um sonho ouça as vozes dos profetas dizendo que não se deve acreditar nos sonhos[478], porque em sonho, o adultério não me conduz ao Tártaro, nem a coroa do martírio não me eleva ao céu[479]. Quantas vezes eu me vi morto[480] e posto em um sepulcro! Quantas vezes eu me vi voar sobre as terras e atravessar mares e montanhas nadando nos ares![481] Que ele me obrigue, pois, a não estar vivo ou a ter asas dos lados, porque meu espírito foi iludido por imagens quiméricas! Nos sonhos, quantos que são ricos, de repente abrem os olhos e são mendigos. Quantos que com sede bebem dos rios, mas ao acordar, eles ardem com a goela seca.[482]

Tu me pedes conta do compromisso feito em sonho, mas eu, eu te citarei em juízo com mais severidade e rigor. Observaste tudo que prometeste no batismo? Nós satisfizemos, eu e você, todas as exigências do nome de monge? Toma cuidado, eu te peço, que não seja a trave do teu olho que te faça ver a palha no meu![483] Eu falo a contra-gosto, e é a dor que me força a falar apesar de suas aversões.

As mentiras que tu forjas a respeito de um homem desperto não te são bastantes, a menos que tu incrimines seus sonhos. Tens tanta curiosidade a respeito dos meus atos que

---

478 Jeremias 23, 25-28

479 Tertuliano. Anim. 45,4

480 Cf. Lucrécio 4,1020; Cícero. Ac. 2,96,51

481 Lucrécio 4,1020-22

482 Isaías 29,8 (LXX), Lucrécio 4,1022-25. 1097-1100

483 Mateus 7,3

examinas com atenção o que eu tenha feito ou dito durante meu sono. Deixo de lado as palavras que pronunciaste contra mim e com as quais enodoaste teu projeto de vida e o opróbrio que fizeste a todos os cristãos, seja com palavras, seja por obra. Há apenas uma coisa que eu assinalo e, "reiterando mais e mais eu darei meu aviso"[484]: É uma fera chifruda que atacas![485] E se eu não prestasse atenção à palavra do Apóstolo: "Os maledicentes não possuirão o reino de Deus"[486] e "Mordendo-vos uns aos outros[487], vós vos destruístes uns aos outros", tu já sentirias que, a partir de uma mesquinha e enganadora concórdia, grande é a discórdia que surgiu no mundo! Que utilidade tem para ti acumular ultrajes contra nós, tanto diante dos que me conhecem e dos que não me conhecem? Será que é por não ser origenistas e por não saber que pecamos no céu que somos acusados na terra como pecadores? E assim voltamos à concórdia para que não me seja permitido falar contra os hereges sem que, se eu os descrever, tu não te consideres atacado. Durante todo tempo que não recusava teu elogio, tu me seguias como mestre, tu me chamavas irmão e colega, e me declaravas integralmente católico. Uma vez que não admiti mais teus elogios e que me julguei indigno de um panegírico feito por tão grande homem, logo tu revolves teu estilete e tudo que tinhas primeiramente louvado, tu o censuras, proferindo com a mesma boca doçura e amargura. [488]Tu sentes que eu me calo, que eu não conformo as palavras ao peito borbulhante, e que digo com o salmista: "Põe, Senhor, uma guarda à minha boca e uma porta fortificada a meus lábios. Não inclines meu coração a palavras de maldade"[489]; e em outra parte: Porque o pecador estava erguido diante de mim, eu fiquei mudo, eu fui humilhado e me calei quanto ao que eu podia avançar de bom"[490]. E mais: "Tornei-me como um homem que não ouve e que não tem invectivas em sua boca"[491]. Mas o Senhor te responderá, por mim, como vingador[492],

---

[484] Virgílio. Eneida 3, 436. Lactâncio Opif. 1,6

[485] Horácio. Epodos 6,12 - Sátiras 1,4, 34. Lactâncio. Mort pers 32, 3-4

[486] I Coríntios 6-10

[487] Gálatas 5,15

[488] Tiago 3,11

[489] Salmo 140, 3-4

[490] Salmo 38, 2-3

[491] Salmo 37, 15

[492] Jeremias 51, 56

aquele que diz pelo profeta: "Para mim a vingança sou eu que retribuirei, diz o Senhor"[493]. E em outra passagem: "Tu estavas assentado e falavas contra teu irmão; contra o filho da tua mãe, tu suscitavas o escândalo. Eis o que fizeste e eu me calei. Tu creste, ímpio, que eu te seria semelhante. Eu te denunciarei e deporei contra tua face!"[494] Assim verás condenados em ti os pontos que censuraste injustamente em outros como falsos

32. Ouço dizer além disso que seu adepto Crisógono me censura por ter declarado que, no batismo, todos os pecados eram remidos e, tendo morrido após dois casamentos, o indivíduo ressuscitava homem novo no Cristo e que se achavam na Igreja alguns sacerdotes desta espécie[495]. Eu lhe respondo em poucas palavras: ele tem em mãos o livro que ele incrimina; que ele responda ao livro, que ele o destrua pela sua argumentação e denuncie os escritos por escritos. Para que uma fronte severa, as narinas contraídas e franzidas examinam palavras ocas[496], imitam a santidade diante de uma multidão grosseira, afetando austeridade? Que ele nos ouça proclamá-lo de novo: o velho Adão morre inteiro neste banho e o batismo o faz reerguer-se novo com Cristo[497]; morre o que é terrestre e nasce o que é supra-celeste[498]. Eis o que dizemos, não porque, graças ao Cristo, nós nos tenhamos preocupado com este problema, mas que, interpelados por irmãos a respeito de nosso ponto de vista, nós lhe respondemos, sem impedir a quem quer que seja de seguir o que quisesse e sem subverter por nossa opinião o decreto de outrem. Porque não ambicionamos o sacerdócio, nós que estamos escondidos em nossas celas; e não temos pressa, reprovando a humildade, de comprar a preço de ouro o episcopado. Também não temos, em um espírito de revolta, o desejo de degolar o pontífice escolhido por Deus, nem damos a entender que somos hereges, mostrando-nos favoráveis aos hereges. Não temos dinheiro nem queremos ter: "Nós temos os víveres e as roupas, e isto nos basta"[499]. E cantamos sem cessar estas palavras daquele que sobe a montanha do Senhor:[500] "O homem que não deu seu dinheiro a juro e não recebeu presentes

---

[493] Romanos 12, 19; Deuteronômio 32, 35

[494] Salmo 49, 20-21

[495] Jerônimo. Epístola 69, 2

[496] Pérsio. Prol 9-10. Sat. 3, 82.87

[497] Romanos 6, 3-4

[498] I Coríntios 15, 48-49

[499] I Timóteo 6, 8.

[500] Salmo 23, 3; Salmo 14, 1.

às custas dos inocentes, aquele que age assim não será abalado para a eternidade”[501]. Se, pois, há alguém que não age assim, este já se arruinou para sempre.

[501] Salmo 14, 5.

SEGUNDO LIVRO

Primeira parte: Refutação da Apologia de Rufino a Anastásio

1.Até aqui, é a propósito dos meus crimes, ou antes a favor dos meus crimes, aqueles que um panegirista enganador atirou contra mim e que seus discípulos denunciam com grande assiduidade, que, contendo meu sofrimento, não como eu devia, mas como eu podia, eu respondi. Minha intenção, com efeito, não é tanto acusar a outrem quanto defender-me. Eu voltarei também à sua apologia na qual ele se esforça em satisfazer a Anastásio, bispo da cidade de Roma, e, para defender-se, é contra mim novamente que ele trama uma calúnia; ele me ama tanto que, arrastado por um turbilhão e mergulhado no abismo, ele me agarra o pé acima de tudo, com a finalidade de salvar-se ou perder-se comigo.

2. Ele diz que responde primeiramente aos rumores que dilaceram, em Roma, sua fé, de que tanto deu provas tanto na fé quanto na caridade de Deus; a não ser que, tendo sido restituído a seus pais, depois de trinta anos, ele não quisesse separar-se daqueles que ele tinha revisto tão tardiamente, para não ser considerado desumano ou cruel; e que, fragilizado pelo cansaço de tão longa viagem, não pudesse, por sua fraqueza, redobrar suas fadigas, ele teria querido vir pessoalmente. Que, por não tê-lo feito, ele enviou contra os seus ladradores o cajado das suas cartas que o outro pudesse segurar com a mão direita e enxotar os cães que se enraivecem contra ele.[502]

Se sua fé e seu amor de Deus foram provados perante todos e, ainda mais, para aquele bispo a quem escreve, de que modo em Roma, aflige-se-lhe e dilacera-se-lhe e propaga-se o rumor de sua reputação atingida. Então que humildade há em dizer que sua fé e amor de Deus foram experimentados, quando os apóstolos pedem: Senhor, aumenta em nós a fé[503], e eles têm como resposta: Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda...[504] , e que ao próprio Pedro se diz: Homem de pouca fé, por que duvidaste?[505] Que dizer da caridade,

---

[502] Rufino, Apol. ad Anast. 1

[503] Lucas, 17,5

[504] Lucas, 17,6

[505] Mateus, 14,31

que é maior que a esperança e a fé[506] e que Paulo almeja mais do que disto se prevalece[507], sem a qual o sangue derramado no martírio e o corpo entregue às chamas não obtêm a coroa dos prêmios?[508] Ele reivindica para si uma e outra a ponto de ter, ainda assim, ladradores em seu encalço, que, se o cajado de um pontífice ilustre não os repele, não cessam de ladrar.

O que é, de fato, ridículo é que ele se gaba de ter retornado à casa de seus pais após trinta anos, este homem que não tem mais pai nem mãe, e, em sua velhice, sente falta dos que morreram e que ele deixou quando jovem. A não ser que, por acaso, ele chame de "parentes" aos que, segundo a linguagem militar ou vulgar, têm com ele parentesco consangüíneo e de afinidade, os quais não deseja deixar, de modo que não o considerem desumano ou cruel; por esta razão, tendo deixado sua pátria, mora em Aquiléia. Em Roma, sua fé, que tantas provações sofreu, está exposta a riscos e este, derrubado e cansado depois de trinta anos, não pode de carro vir pelo itinerário suavíssimo da Estrada Flamínia; e ele alega a lassidão que uma longa viagem lhe teria causado, como se ele tivesse corrido sem cessar desde trinta anos atrás, ou que, apesar de sua permanência de dois anos em Aquiléia, o cansaço de sua viagem passada o tenha esgotado.

3. Passemos ao que resta e citemos as próprias palavras de sua epístola: "Ainda que nossa fé tenha sido, em conseqüência disto, colocada à prova, no tempo da perseguição aos hereges, quando vivíamos na santa Igreja de Alexandria, nas prisões e exílios que eram suportados pela fé..."[509] Eu me admiro que ele não tenha acrescentado: "acorrentado por causa de Jesus Cristo"[510] e "Fui libertado da fauce do leão"[511], e "Em Alexandria lutei contra as feras"[512], e "Terminei minha carreira, guardei a fé, resta para mim a coroa da justiça"[513]. Que diabo de exílios, quais são estas prisões de que ele fala? Escandalizo-me com mentira tão manifesta. Como se as prisões e os exílios fossem decretados sem as sentenças dos juízes. Quero, porém, certificar-me destas prisões e de quais províncias ele diz ter sofrido o exílio. E

---

[506] I Coríntios, 13,13

[507] Filipenses 3, 12 e Colossenses 3, 14

[508] I Coríntios 13,3

[509] Rufino, Apologia ad Anastasium 2, 1-3

[510] Efésios, 3-1 (= Filemon, 1,9)

[511] II Timóteo 4, 17

[512] I Coríntios 15,32

[513] II Timóteo 4, 7-8

certamente ele tem a possibilidade, entre inúmeras prisões e exílios infinitos, de citar algum nome. Que ele manifeste a nós os atos de sua confissão de fé, de que, até o momento presente, não tomamos conhecimento, de modo que, entre outros mártires de Alexandria, nós possamos fazer leitura de suas façanhas também e que, contra seus ladradores, ele possa responder: "De resto, que ninguém me seja importuno; pois eu trago em meu corpo os estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo"[514].

4. "Se, pois, há alguém que, ainda agora deseja experimentar nossa fé ou ouvir ou aprender o que ela é, que ele saiba que assim acreditamos a respeito da Trindade"[515], etc. Acima de tudo estendes ao bispo um cajado contra os cães que te atacam, com o qual o bispo armado possa avançar em teu lugar. Agora, como se duvidando, dizes: "Se há alguém que deseja experimentar nossa fé". Tua dúvida repousa em um só, quando até ti chegam os latidos de muitos. Não deslindo no momento as tuas expressões, que até tu desprezas e desdenhas; minha resposta se orientará apenas pelo sentido.

Algo é indagado a ti e tu te justificas por outra coisa. Combateras já contra as doutrinas de Ário nas prisões e exílios de Alexandria, não com a voz, mas com o sangue. Agora a calúnia se desencadeia contra ti a respeito da heresia de Orígenes. Não quero que tu cuides das partes sadias, mas que tu trates as que estiverem feridas. Tu dizes que a Trindade constitui uma única divindade[516], e isto o mundo todo já o crê. Eu penso que até os demônios confessam[517] que o Filho de Deus nasceu de uma virgem e assumiu a carne e a alma da natureza humana[518].

Se meu interrogatório se faz mais rigoroso, tu chamarás o rábula. Tu dizes que o "Filho de Deus assumiu a carne e a alma da natureza humana". A ti rogo que respondas sem indignação. Esta alma que Jesus assumiu existia antes que ele nascesse de Maria? Ou então a alma que nascia do Espírito Santo, ela foi criada ao mesmo tempo com o corpo, quando da concepção virginal? Ou ainda, desde que o corpo foi formado no ventre, ela foi criada e enviada do céu? Das três opiniões eu desejo saber qual é a tua. Se ela existiu antes que ele nascesse de Maria, ela não era ainda a alma de Jesus e tinha alguma atividade e é por causa

---

[514] Gálatas 6,17

[515] Rufino, Apologia ad Anastasium 2, 4-5

[516] Rufino, ibidem 2, 5-6

[517] Tiago 2, 19

dos méritos das suas virtudes que essa alma tornou-se depois a sua alma. Se ela começou a existir por transmissão, só há uma única condição para as almas humanas, cuja eternidade reconhecemos, e os seres estúpidos que se dissolvem com seu corpo. Se, pelo contrário, a alma é criada e enviada desde que o corpo é formado, reconhece-o com simplicidade e livra-nos da inquietação.

5. Nada destas coisas falas, mas ocupado com outras coisas, tu abusas de nossa simplicidade e não permites que nos detenhamos na questão pela impostura e pompa das palavras. Pois quê, dirás, a questão não tem por objeto a ressurreição da carne e os castigos do diabo? Com isso estou de acordo. Responde, pois, breve e claramente. Não coloco em questão o que escreves: "que a mesma carne, na qual vivemos, ressurge sem amputação de nenhum membro nem supressão de qualquer parte do corpo"[519]. (Estas são, na verdade, tuas próprias palavras). Mas eu pergunto, e Orígenes o nega, se os corpos ressuscitam com o mesmo sexo com o qual morreram e, se Maria ressuscita como Maria e João como João, ou como a mistura e a confusão dos sexos, não haja nem homem nem mulher, mas que haja um e outro ou nenhum dos dois. E se os corpos justamente permanecem incorruptíveis e imortais ou permanecem espirituais[520], como astuciosamente nos advertes, conforme o Apóstolo? E não somente os corpos, mas a carne e o sangue em movimento nas veias e circulando nos ossos, o que Tomé tocou[521]. Ou, pelo menos, pergunto se estes corpos se reduzem paulatinamente a nada e são reconduzidos aos quatro elementos de cuja reunião eles foram formados. Eis o que deverias ter afirmado ou negado, e não dizer aquilo que Orígenes perfidamente declara – de modo que parecesses brincar com tolos e crianças, "com nenhuma amputação de membros nem da supressão de qualquer parte do corpo..."[522] Naturalmente, tivemos medo de ressuscitar sem nariz e ouvidos e, com os genitais amputados e separados, construir uma cidade de eunucos na Jerusalém celeste!

6. Em seguida, ele modera suas palavras a respeito do diabo: "Nós declaramos também que haverá igualmente um julgamento, e que, quando deste julgamento, cada um

---

[518] Rufino, Apologia ad Anastasium 3, 1-3

[519] Rufino, Apologia ad Anastasium 4, 1-2.4-5

[520] Rufino, ibidem 4, 6-10 (cf I Cor. 15,44)

[521] João 20, 25-27

receberá segundo o que fez em sua vida corporal, seja as boas, seja as más obras[523]. Porque, se os homens hão de ser retribuídos segundo suas obras, quanto mais o diabo que a todos manifestou-se como causa do pecado! O que sentimos a respeito dele é conforme aquilo que está escrito no Evangelho, ou seja, também o diabo e todos os seus anjos com aqueles que fazem as suas obras, isto é, aqueles que incriminam seus irmãos[524], entrarão em posse com ele da herança do fogo eterno[525]. Se, pois, alguém nega que o diabo seja adjudicatário das chamas eternas, que receba com ele sua parte do fogo eterno, a fim de que experimente o que negou.[526]"

Retomemos cada ponto: "Nós declaramos, ele diz, que haverá um julgamento e que, quando deste julgamento,..." Eu havia decidido calar-me sobre os defeitos verbais, mas como seus discípulos admiram a eloqüência do mestre, tocarei algumas palavras. Ele dissera "julgamento futuro", mas, como homem precavido, temeu dizer somente "quando" e colocou "quando deste julgamento", de modo que nós, esquecidos das palavras anteriores, não pensássemos em "asno", como poderia acontecer, caso não tivesse repetido "julgamento" pela segunda vez. O que ele introduz também em seguida: "Aqueles que incriminam seus irmãos, com o diabo entrarão em posse da herança do fogo eterno", contém a mesma graça. Quem alguma vez ouviu "tomar posse das chamas" e "usufruir dos suplícios"? Mas, como homem grego que ele é, parece-me que ele quis traduzir a si próprio e, em vez da expressão "*kleronomesousin*" que é usada entre os gregos, e que entre nós pode ser usada com um único vocábulo "eles herdarão", ele empregou uma expressão mais trabalhada e mais ornamentada "entrarão em posse da herança". Todo o seu discurso está cheio de frivolidades e impropriedades deste gênero. Mas voltemos ao conteúdo.

7. O diabo é ferido com terrível lançada, "aquele que a todos manifestou-se como causa do pecado", se, como os homens, deve prestar contas de suas obras e "tomar posse da herança do fogo eterno"! Só faltava, pois, essa: que ele, uma vez estando os homens submetidos ao suplício, ele não tomasse posse das chamas pelas quais, por tanto tempo, havia

---

[522] A edição da Apologia de Rufino a Anastásio, editada por Migne, tomo XXI, coluna 625, traz em nota de rodapé a declaração de que o texto de Rufino acrescenta o pronome possessivo *nostrae* ao termo *ressurrectionis,* dando a entender que assim o fez para afastar a suspeita de adotar uma máxima de Orígenes.

[523] II Coríntios 5,10

[524] Apocalipse 12, 10

[525] Mateus 25,41

suspirado! E parece-me que tu calunias o diabo nesta passagem e que tu acusas o acusador de todos de falsos crimes. Tu dizes, pois: "aquele que se manifestou a todos como causa do pecado" e enquanto imputas sobre ele os crimes, tu libertas os homens da sua culpabilidade e retiras-lhes o poder do livre arbítrio, quando o Salvador diz que de nosso coração saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicações, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias[527]; e nós lemos de novo sobre Judas em seu Evangelho: depois do bocadinho, entrou nele Satanás [528], porque, antes do bocadinho, ele havia pecado voluntariamente e não se inclinou ao arrependimento nem pela humildade nem pela clemência do Salvador. E por esta razão, diz o Apóstolo: Eu os entreguei a Satanás para que aprendam a não blasfemar[529]; e em outra passagem: Eu entreguei a Satanás para a ruína da carne desta espécie de homens, para que o espírito seja salvo[530]. Entregou-os a Satanás, como a um carrasco para puni-los, aqueles que, antes que fossem entregues, haviam blasfemado por vontade própria. E Davi disse: Purifica-me, Senhor, das minhas faltas ocultas e poupa teu servo das alheias[531], designando brevemente tanto o desvio de sua vontade e os aguilhões dos vícios. Nós lemos também no *Eclesiastes:* Se o espírito daquele que tem o poder subir até o teu coração, não abandones teu lugar[532]. De onde mostra-se claramente que, se dermos lugar àquele que sobe, nós teremos pecado por ter dado lugar ao que escala nossos muros e não ter empurrado aquele que cai de cabeça para baixo.

Quanto a desejar a teus irmãos, isto é, àqueles que te acusam, as chamas eternas com o diabo, não me pareces tanto esmagar teus irmãos quanto pareces aliviar o diabo, visto que o diabo há de ser punido com as mesmas chamas com as quais serão punidos os homens cristãos. Quanto ao que se refere às chamas eternas, penso que o que Orígenes costuma entender por isto não te escapa, a saber, a consciência que se tem de seus pecados, e o arrependimento que queima o íntimo do coração, segundo o que diz Isaías: o verme deles não

---

[526] Rufino, Apologia ad Anastasium 5

[527] Mateus 15, 19

[528] João 13, 27

[529] I Timóteo 1, 20

[530] I Coríntios 5, 5

[531] Salmo 18, 13-14

[532] Eclesiastes 10,4

morrerá e o fogo deles não será apagado[533]; e contra Babilônia foi escrito: tu tens carvões ardentes, e sentar-te-ás sobre eles e eles serão para ti úteis[534]; e que se ouça o penitente dizer em um salmo o que se deve dar a ti ou acrescentar-te contra a língua astuciosa? As flechas agudas do poderoso com as brasas devastadoras[535], a fim de que as flechas dos preceitos divinos firam a língua astuciosa, das quais diz o profeta em outra passagem: Eu vivi na infelicidade, enquanto crava-se-me um espinho[536] e que estas brasas firam e traspassem e privem-no de pecados. Também aquela passagem em que o Senhor diz: Eu vim pôr fogo sobre a terra e como eu desejo que ela queime![537], assim é interpretado: Desejo que todos façam penitência e que se consumam pelo fogo do Espírito Santo os vícios e os pecados. Eu sou, pois, aquele de quem se escreve: Deus é um fogo devorador[538]. Não é, pois, terrível afirmar a respeito do diabo aquilo que também foi preparado para os homens. Tu deverias ter antes dito, para afastar a suspeita de salvar o diabo: Tu tornaste perdição, tu te acabarás para sempre[539], e tomando por exemplo o Senhor falando a Jó a respeito do diabo: eis que sua esperança o iludirá e, à vista de todos, será precipitado nos infernos. Não o suscitarei por sua crueldade. Quem pode, pois, manter-se diante de minha face? Quem me deu primeiramente que eu lhe deva devolver? Tudo o que existe sob o céu é meu. Eu não o pouparei, ainda que suas palavras sejam poderosas e dispostas para a súplica[540]. Na verdade, estas idéias podem ser justificadas como de um homem ingênuo e, se não se esquivam às pessoas instruídas, podem, junto às pessoas ignorantes, apresentar, em primeiro lugar, aparência de inocência.

8. O que se segue a respeito da condição das almas não pode ser absolutamente justificado. Com efeito, ele diz: "Ouço dizerem que se levantaram problemas a respeito da alma. A propósito disto, cabe a vós considerar se se deve acolher ou rejeitar a queixa. Se, pois, se me perguntam a minha opinião, eu confesso que, sobre este problema, li diversas posições, no maior número possível de autores. Li alguns autores que diziam que, juntamente com o

---

[533] Isaías 66,24.

[534] Isaías 47, 14-15

[535] Salmo 119, 4

[536] Salmo 31, 4

[537] Lucas 12, 49

[538] Deuteronômio 4, 24

[539] Ezequiel 28, 19

[540] Jó 40, 28 – 41, 3

corpo, a alma também é espalhada por intermédio da semente humana e isto, com os argumentos com que eles podiam, eles o confirmavam. Entre os latinos, eu penso que esta seja a opinião de Tertuliano ou Lactâncio, e talvez também de alguns outros. Uns afirmam que Deus, uma vez formados os corpos no útero, faz cada dia as almas e as infunde nos corpos. Outros afirmam terem elas sido feitas já desde muito tempo, isto é, quando então Deus criou tudo a partir do nada e a partir de então Deus regula o nascimento das almas no corpo segundo o seu próprio julgamento. Tal é a opinião de Orígenes e de alguns outros gregos. De minha parte, embora tenha lido cada uma destas teorias, sendo Deus testemunha disto, eu afirmo que, até o presente, não detenho nada de seguro ou preciso sobre este problema, mas eu deixo a Deus o conhecer o que este problema seja na verdade e para aquele a quem ele se dignar revelá-lo. Por mim, não nego, porém, ter lido também cada uma destas teorias e confesso que até aqui continuo ignorando-as, salvo este ponto que a Igreja transmite claramente, o qual diz que Deus é o criador das almas e dos corpos"[541].

9. Antes que discuta sobre o conteúdo, admirarei as palavras de nosso Teofrasto: "Ouço dizerem que se levantaram problemas a respeito da alma. A propósito disto, cabe a vós considerar se se deve acolher ou rejeitar a queixa." Se foram levantadas questões a respeito da condição da alma em Roma, que pesar ou queixa é esta que deixa ao julgamento dos bispos determinar se deve ser admitido? A menos que, por acaso, "problema" ou "queixa" venham a significar, em seu julgamento, a mesma coisa e que ele tenha descoberto uma figura deste gênero nos comentários de Capro! Ele continua: "Li alguns autores que diziam que, juntamente com o corpo, a alma também é espalhada por intermédio da semente humana e isto, com os argumentos que eles podiam, eles o confirmavam." Eu te pergunto: que atrevimento é este no uso das figuras? e esta desordem no emprego dos modos e tempos? "Li alguns autores que dizem...eles o confirmavam com os argumentos que eles podiam." E no que segue: "Outros sustentam que Deus, uma vez os corpos formados no útero, cria as almas e aí as infunde. Segundo outros, elas teriam sido feitas, há muito tempo, isto é, no tempo em que Deus tudo criou a partir do nada, e seu nascimento nos corpos seria a partir daí regido pelas disposições de seu julgamento. Eis então a magnífica ordem: "Outros, diz ele, sustentam isso ou aquilo. Outros sustentam que elas foram feitas há muito tempo, isto é, no tempo em que..., e seu nascimento nos corpos seria, a partir daí, regido pelas disposições de seu

[541] Rufino, Apologia ad Anastasium 6

julgamento." Sua linguagem é tão afetada e confusa que eu tenho mais trabalho em ler do que ele ao escrever. No final, ele acrescentou: "De minha parte, ainda que eu tenha lido cada uma destas teorias..." e enquanto seu pensamento ficava em suspense, ele acrescentou, como se adiantasse algo de novo; eu não nego ter lido cada uma destas teorias e eu confesso a ignorância em que eu permaneço.

10. Ó almas desventuradas que por tão grandes golpes de lança de imperfeições são feridas. Eu não penso – segundo o erro de Orígenes – que as almas, tendo precipitado do céu sobre a terra e revestido corpos grosseiros, tenham sofrido tanto quanto agora que, de ambas as partes, estão golpeadas por palavras e idéias, sem mencionar a expressão malsoante que diz que a alma é propagada por intermédio da semente humana. Sei que não é costumeiro repreender entre os cristãos os defeitos de estilo, mas eu quis, com poucos exemplos, mostrar de qual irreflexão é ensinar o que desconheças, escrever o que ignores, de modo que nos ponhamos em busca de uma tal sagacidade também sobre o fundo.

Ele envia uma carta, isto é, um bastão vigorosíssimo do qual pode armar-se o bispo da cidade de Roma. E na questão mesma, pela qual os cães ladram, diz que não sabe aquilo que se investiga. Se ele ignora a qual propósito uma calúnia é desencadeada contra si, que necessidade há de enviar uma apologia que não contenha a sua defesa, mas a confissão de sua ignorância? Isto é semear as suspeitas entre os homens, não adormentá-las. Ele cita três pontos de vista sobre a condição das almas e conclui no final: "Eu não nego, diz, ter lido cada uma destas teorias e eu confesso que eu continuo ignorando". Talvez tu o julgarias um Arcesilau ou Carneades que afirma que tudo é incerto, embora ele os ultrapasse em precaução. Eles que não suportavam a hostilidade de todos os filósofos porque estes privavam de vida a vida, descobriram o verossímil para temperar pelo provável sua ignorância da realidade das coisas. Este se diz estar na incerteza, e dos três pontos de vista, ele não sabe absolutamente qual seja o verdadeiro. Se havia de responder isto, que razão o impeliu que fizesse testemunha de sua ignorância tão iminente pontífice? Seguramente é esta lassidão que tornou impossível sua vinda a Roma, ele que estava esgotado por uma viagem de trinta anos. Quantas e outras questões desconhecemos e não procuramos, porém, testemunhas de nossa incompetência! A propósito do Pai, do Filho e do Espírito Santo, do nascimento do Senhor Salvador, sobre o qual exclama Isaías: Quem narrará sua geração?[542] ele fala com audácia e

[542] Isaías 53, 8

reivindica o conhecimento de um mistério ignorado de todos os séculos passados[543]. E isto apenas ignora: aquilo que, se ignorado aos olhos de todos, provoca escândalo. Ele sabe como uma virgem gerou a Deus e não sabe como ele próprio tenha nascido. Ele reconhece que Deus seja o criador das almas e dos corpos: "Seja que as almas tenham existido antes dos corpos, seja que elas nasçam com o começo dos corpos, seja que elas sejam enviadas uma vez que os corpos tenham tomado forma e figura no ventre, em todas as coisas nós reconhecemos que Deus é-lhes autor". Nem vem ao caso, no momento, saber se Deus ou um outro as tenha feito, mas qual das três posições que ele propôs é a verdadeira: ele diz que não sabe.

Toma cuidado para que não te acusem logo de confessar tua ignorância dos três por não seres obrigado a condenar um deles, e assim poupar a Tertuliano e Lactâncio para não degolar Orígenes com eles. Tanto quanto minha memória me vale, e salvo engano de minha parte, ignoro ter lido que Lactâncio diz que a alma seria semeada com o corpo. Pelo menos tu que escreves tê-lo lido, diz em qual livro tens lido para que não pareça que tu calunias a Lactâncio depois da sua morte, como fizeste a mim durante meu sono. Mas nisto avanças ainda cambaleante e precavido. Tu dizes com efeito: "Eu considero que, entre os latinos tal é a posição de Tertuliano e Lactâncio, e talvez também de alguns outros." Tu não te contentas em ter dúvidas sobre o estado das almas, mas mesmo no que diz respeito às opiniões dos autores, tu "achas". Entretanto, isto tem sua importância! De fato, com relação às almas, ignoras abertamente e confessas a falta de conhecimento. Sobre os autores, porém, assim tu dizes saber ao ponto de "achar", preferencialmente a afirmar algo sobre eles. É só a respeito de Orígenes que não cais em embaraço. Efetivamente, tu dizes: "Assim pensa Orígenes". E eu te indagarei: pensa bem ou mal? Tu dizes que não sabes. Por que tentas instruir-me, despachando-me correspondências e numerosíssimos emissários para que eu saiba o que ignoras? E, para que, por acaso, eu não vá crer em tua incompetência, e que não estime que tu fazes sabiamente silêncio sobre o que sabes, tu juras "tomando Deus por testemunha" que, até o presente, "algo de certo e preciso sobre esta questão não tens" e tu "deixas a Deus o conhecimento do que ele é na verdade, assim como aquele a quem ele se dignar revelá-lo". No decorrer de tantos séculos, ninguém te pareceu ter sido digno de ter recebido as revelações do Senhor sobre esta questão? Nem um patriarca, nem um profeta, nem um apóstolo, nem um mártir? Nem a ti, também, quando tu te detinhas nas prisões e exílios, os mistérios desta

[543] Colossenses 1, 26

espécie não se descobriram? O Senhor disse nos Evangelhos: Pai, revelei o teu nome aos homens[544]. Aquele que revelou o Pai, calou-se sobre o estado das almas? E te admiras que contra ti se arrojem os escândalos dos irmãos, quando então juras ignorar o que as Igrejas de Cristo reconhecem que sabem.

11. Depois da exposição da sua fé, ou antes a confissão da sua ignorância, ele passa a um outro ponto e esforça-se por justificar por que traduziu para o latim os livros *Peri Archôn*. E eis textualmente o que ele escreve: Em verdade, porque ouço também que mesmo a tradução latina de certos textos de Orígenes do grego para o latim a pedido dos irmãos deu lugar a discussão, eu penso que todos entendem que só o ciúme provocou-a. Se, com efeito, existe algo que desagrade no autor, por que virá-lo contra o tradutor? Assim, o teor do texto grego pediram-me que, em latim, o apresentasse tal qual. Aos sentidos gregos eu me contentei em dar as palavras latinas. Portanto, se há nessas idéias algum mérito, este não é meu; se há alguma culpa, igualmente não é minha[545]. Ele diz: "Eu ouço também que isso deu lugar a uma discussão". Com quanta prudência ele chama de "discussão" a acusação feita a ele! "A tradução latina de certos textos de Orígenes que eu fiz a partir do grego a pedido dos irmãos..." Quais são aqueles "certos" textos? Não têm nome? Tu guardas silêncio. Os livros dos acusadores vão falar. "Eu creio, ele diz, que todos entendem que só o ciúme provocou estas acusações". Qual ciúme? Por acaso invejam a tua eloqüência, ou então fizeste aquilo de que nenhum homem nunca foi capaz? Eia, pois, eu também traduzi muita coisa de Orígenes, e exceto tu, não há ninguém que me inveje ou calunie. "Se, com efeito, ele diz, se há algo que desagrade no autor, por que dirigir seu desagrado ao tradutor? Pediram-me que apresentasse tal qual em latim o teor do texto grego. Eu me contentei em dar aos sentidos gregos palavras latinas. Portanto, se há nessas idéias algum mérito, este não é meu; se há alguma culpa, igualmente não é minha." E tu te admiras que os homens tenham má impressão de ti, quando fazes declarações de blasfêmias manifestas. "Se há algo que desagrade no autor..." A todos desagradam aquelas coisas que foram ditas naqueles livros e tu és o único a duvidar e te lamentas que isto que louvaste no prefácio da tua tradução se dirija contra o tradutor. Pediram-te que traduzisses para o latim tal como era expresso em grego. Oxalá tivesses feito aquilo que finges ter-te sido pedido! Tu não te sujeitarias a nenhuma inveja. Se tu tivesses

---

[544] João 17, 6

[545] Rufino, Apologia ad Anastasium 7, 1-8

observado a fidelidade da tradução, eu não teria tido a obrigação de arruinar uma falsa tradução pela verdadeira. Tu tens consciência das adições, das supressões, das modificações que introduziste a teu modo em um e outro sentido e, depois disto, tu ousas dizer que não é a ti, mas ao autor que se devem imputar as boas e más coisas. E oprimido pela hostilidade, tu moderas ainda tuas palavras e falas como se andasses com passos contados sobre pontas de espigas: Que haja nestas idéias algum mérito... ou que haja alguma culpa... Tu não ousas defendê-los, entretanto, tu não queres condená-los. Escolhe das duas opções a que queres, a escolha te é dada: se é boa a tua tradução é boa, louva; se é má, condena.

Mas ele se esquiva e acrescenta um outro artifício. Ele diz, com efeito: "Ainda mais, acrescentei mais isso, como eu o assinalei em meu prefaciozinho, que, na medida do possível, eu cortei um bom número de passagens, aquelas que, porém, caíam sob minha suspeita, porque elas não pareciam ter sido ditas pelo próprio Orígenes, mas interpoladas por outros, e isto porque eu tinha lido uma formulação católica dos mesmos assuntos em outras passagens do mesmo autor[546]. Admirável eloqüência e com variação de flores áticas: "Ainda mais, acrescentei mais... que caíam sob minha suspeita"! E ele ter ousado transmitir a Roma estas monstruosidades verbais! Talvez acredites que sua língua, travada e atada com nós inextricáveis com muito custo possa fazer sair um som humano. Mas voltemos ao nosso assunto.

Quem te deu esta licença para cortar muitas passagens da tradução? Haviam-te pedido que traduzisses o grego para o latim, não que o corrigisses; apresentasses os pareceres de um outro, não que redigisses os teus próprios. Tu reconheces que não fizeste o que te pediram, cortando várias passagens. E oxalá tivesses cortado as passagens viciosas e não tivesses colocado tuas inúmeras passagens na defesa das más passagens. Destes exemplos, eu tomarei um, de modo que deste também conheçamos os demais. No primeiro livro do *Perì Archôn* em que Orígenes, com língua sacrílega, proferiu a blasfêmia que o Filho não vê o Pai[547], tu também expões as razões, como se o próprio escritor em pessoa as expusesse; e tu traduzes *scholia* de Dídimo, em que ele tenta por vãos esforços defender o erro de outrem, sustentando que Orígenes, na verdade, teria falado bem. Mas nós, homens simples e domesticados de Ênio, não podemos compreender nem a sabedoria de Orígenes, nem a tua,

---

[546] Rufino, Apologia ad Anastasium 7, 8-13

[547] Orígenes, Tratado dos Princípios 1, 1, 8

que o traduziste.

O teu prefácio, ao qual fazes menção e no qual me cobres de admiráveis elogios, te acusa de péssima tradução. Tu dizes, com efeito, que do grego cortaste muitas passagens, ainda que guardes silêncio sobre o que acrescentaste. As passagens que cortaste eram boas ou más? Más, com certeza. As passagens que conservaste eram boas ou más? Boas, com certeza, e, com efeito, não podias traduzir as más. Portanto, cortaste as más e deixaste as boas? Ninguém tem dúvida disso. Ora, as passagens traduzidas revelam-se quase todas más. Por conseguinte, o que quer que eu mostre de ruim na tradução a ti será imputado que o traduziste como bom. É como se fosse um censor iníquo diante dos culpados de um mesmo crime, despedirias a uns do Senado, e a outros manterias na cúria. Mas tu dizes: "eu não podia mudar tudo. Eu acreditei que eu devia me contentar de suprimir o que eu julgava ser acréscimos dos hereges. Muito bem. Se tu suprimiste aquilo que acreditavas ter sido acrescentado pelos hereges, então aquilo que deixaste é, pois, daquele que traduzias. Se é daquele que traduziste, responde se é bom ou mau. Tu não podias traduzir o que é ruim, pois suprimiste uma vez por todas os acréscimos dos hereges. A menos que, por acaso, tenha-te sido necessário suprimir as más passagens dos hereges e traduzir para o latim os erros integrais de Orígenes. Diz, pois, por que traduziste as más passagens de Orígenes para o latim: foi para denunciar o fautor do mal, ou foi para louvá-lo? Se o denuncias, por que o louvas no prefácio? Se o louvas, tu és reconhecido herege. Resta que avançaste estes textos como bons. Mas estes bons textos revelam-se maus. Por conseguinte, tanto o autor quanto o tradutor cairão sob a única e mesma acusação, e este adágio se cumprirá: Tu vias um ladrão e corrias com ele e punhas teu quinhão com os adúlteros.[548] Não é necessário que, por meio de arrazoado, um assunto evidente se faça duvidoso. Dando seqüência, que ele diga de onde lhe veio a suspeita que tais passagens tinham sido acrescentadas pelos hereges: É que ele diz: "eu tinha lido uma formulação católica dos mesmos assuntos em outras passagens do mesmo autor."

12. Vejamos o primeiro ponto e a maneira pela qual chegou ao segundo. Eu constato, entre os múltiplos erros de Orígenes, estas principais heresias: que o Filho de Deus seria uma criatura, o Espírito Santo um ministro de Deus. Mundos inumeráveis se sucederiam na eternidade dos séculos, os anjos se transformariam em almas humanas. A alma do Salvador teria existido antes que nascesse de Maria e seria ela que, "ainda que fosse de condição divina,

[548] Salmo 49, 18

não julgou que era igual em condição a Deus, mas se aniquilou tomando a condição de escravo[549]; a ressurreição de nossos corpos haveria de acontecer sem que tivessem os mesmos membros, visto que, cessando as funções dos membros, para nada estes nos seriam dados. Os próprios corpos, tênues e espirituais, esvaecer-se-iam e dissipar-se-iam em um sopro sutil para reduzir-se a nada. E quando da restauração universal, quando o perdão soberano tiver vindo, então os querubins e os serafins, tronos, principados, dominações, virtudes, potestades, arcanjos, anjos, diabo, demônios, as almas de todos os homens, tanto de cristãos, como de judeus e gentios, teriam uma única situação e estatura. E quando tiverem alcançado a igualdade de condição e de nível, e que o exército novo do povo de retorno do exílio do mundo tiver apresentado criaturas racionais libertadas de todas as impurezas dos corpos, então de novo, com um novo começo, um outro mundo e outros corpos que revestiriam as almas caídas do céu surgiriam, de modo que nos seria necessário temer que nós agora, que somos homens, nasçamos mulheres depois, e aquela que hoje é virgem, então talvez seja uma prostituta. Estas heresias nos livros de Orígenes eu exponho; indica tu em qual das suas obras tu tenhas lido o contrário.

13. Não quero que digas: "Aquilo de que tinha lido sobre os mesmos assuntos uma formulação católica em outras passagens do mesmo autor." Para que não me remetas aos seis mil livros de Orígenes que tu acusas ao venerável pai Epifânio de ter lido. Mas designa as passagens precisas. Não me basta isto ainda, a não ser que tenhas citado textualmente as afirmativas em questão. Orígenes não é um imbecil e eu sei disso. Ele não pode contradizer-se. Desde então, deste cálculo chega-se ao resultado seguinte: que não é dos hereges aquilo que suprimiste, mas de Orígenes, do qual traduziste as más passagens que julgaste boas, a ti devem ser imputadas tanto as boas quanto as más passagens dele, cujos escritos em teu prólogo tiveram tua aprovação.

14. Na mesma apologia segue: "Quanto a mim, eu não sou nem o defensor, nem o advogado, nem o primeiro tradutor de Orígenes. Outros antes de mim tinham realizado esta mesma tarefa. Eu também realizei por último, a pedido dos irmãos. Se se ordena que não se faça, a ordem costuma ser cumprida no futuro. Se aqueles que realizaram antes da ordem recebem culpa, que a culpabilidade seja atribuída àqueles que começaram.[550]" Enfim, ele

---

[549] Filipenses 2, 6-7

[550] Rufino, Apologia ad Anastasium 7, 17-22

vomitou o que queria, e o abscesso de toda a sua alma arrojou o ódio que o leva a nos acusar. Quando ele traduz os livros do *Perì Archôn*, ele diz que me segue; quando ele é acusado de tê-lo feito, ele cita meu exemplo. Tanto em segurança quanto em perigo, ele não pode viver sem mim. Que ele ouça, pois, o que ele finge ignorar. Ninguém te censura por haver traduzido Orígenes- de outro modo Hilário e Ambrósio cairão sob esta acusação – mas por haver apoiado com o elogio de teu prefácio as heresias que traduziste. Eu próprio que tu incriminas, eu traduzi setenta homilias de Orígenes e alguns de seus tomos, de sorte que, traduzindo as boas passagens, eu retirava as más e que, para refutar tua tradução, eu mostrava abertamente, no *Perì Archôn*, o que o leitor devia evitar. Tu queres traduzir Orígenes para o latim? Tu tens muitas homilias de Orígenes e tomos nos quais o sentido moral é tratado e são explicadas as passagens obscuras das Escrituras. Traduz aquelas, dá-as àqueles que te pedem. Por que teu primeiro trabalho começa pela má reputação? Por que, no momento de traduzir as heresias, tu as fazes preceder, para defendê-las, do pretenso livro de um mártir e repisas aos ouvidos romanos aquilo que, traduzido, aterrorizou o mundo todo? Ou, em todo caso, se é para acusá-lo de heresia que traduzes Orígenes, nada mudes ao texto grego, e atesta no prefácio aquilo mesmo que o nosso papa Anastásio exprimiu muito sabiamente na epístola que ele escreve contra ti ao bispo João, absolvendo-me por havê-lo feito e culpando a ti que não quiseste fazê-lo. E para que não negues talvez também, eu anexei um exemplar da carta, de modo que, se não queres ouvir o irmão que te adverte, tu ouças um bispo que te condena.

Segunda parte: Refutação do tratado de Rufino sobre a adulteração dos livros de Orígenes

15. Tu dizes que não és o defensor, nem o advogado de Orígenes. Já vou citar-te agora o teu livro, do qual falas naquele famoso prefaciozinho de tua notável obra; com os termos seguintes: A razão desta divergência, nós te fizemos conhecê-la mais completamente na apologia escrita por Pânfilo em seus livros, acrescentando um breve libreto em que, por provas a meu ver evidentes, nós mostramos que hereges e pessoas mal-intencionadas tinham falsificado os livros de Orígenes em numerosas passagens e principalmente nestas que me

exiges agora que eu traduza, isto é, o *Perì Archôn*[551]. A defesa de Orígenes por Eusébio não te havia bastado ou, pelo menos, como tu queres, a de Pânfilo, a não ser que tu acrescentasses, como se fosses mais inteligente e mais sábio, aquilo que consideravas que eles tinham tratado insuficientemente. Eu levaria muito tempo se eu quisesse introduzir teu livro todo na obra que aí está e, tendo sido apresentados os parágrafos, responder ponto por ponto, assinalando as incorreções, as afirmações mentirosas, a própria falta de encadeamento de palavras no texto. É por isso que, fugindo ao tédio da discussão filandrosa e compactando as palavras em articulações, responderei apenas com relação ao conteúdo. Logo que saía do porto deu com o navio a pique[552]. Tratando, com efeito, da Apologia do mártir Pânfilo – que demonstramos ser de Eusébio, chefe dos arianos – da qual ele havia dito: "Na medida de nossas possibilidades, ou das exigências do empreendimento, nós a organizamos pela língua latina[553], ele avançou isso: "Eis aquilo que quero de que sejas avisado, Macário, homem de desejos[554]: que saibas que esta regra de fé, em todo caso, exposta por nós acima segundo seus livros, é tal que se deve abraçar e guardar. Porque mostra-se evidente que em todos estes pontos há um sentido católico"[555].

Embora ele tenha feito muitas supressões no livro de Eusébio e tenha-se esforçado a modificar no bom sentido aquilo que diz respeito ao Filho e ao Espírito Santo, encontramos aí muitas pedras de escândalo e blasfêmias absolutamente manifestas que ele não poderá renegar, visto que ele as proclama católicas. Eusébio, ou como queres, Pânfilo diz no mesmo volume que o Filho é ministro do Pai, que o Espírito Santo não é da mesma substância do Pai e do Filho; que as almas humanas caíram do céu e se transformaram, de anjos, nisto que nós somos; que na restauração universal, anjos, demônios e homens serão iguais; e muitas outras impiedades e abominações que seria até um crime reproduzir.

O que fará o advogado de Orígenes e o tradutor de Pânfilo? Se há tanta blasfêmia naquilo que ele corrigiu, quantos sacrilégios estão contidos naquilo que ele pretende ter sido falsificado pelos hereges! Para justificar sua opinião, ele constrói a hipótese que "um homem

---

[551] Rufino, prólogo ao Tratado dos Princípios 3, 40-45; Jerônimo, epístola 80, 2-4.

[552] Quintiliano, Instituições oratórias 4, 1, 61

[553] Rufino, De adulteratione librorum Origenis 1, 3-4.

[554] Daniel, 9, 23(=10, 11.19)

[555] Rufino, De adulteratione librorum Origenis

que não é nem um idiota nem um louco" não pôde fazer afirmações contraditórias[556] entre si. E para que não pensemos talvez que Orígenes tenha escrito variadas coisas em tempos diversos e que ele tenha publicado posições contrárias segundo as épocas, ele acrescentou: Que fazemos quando, às vezes, nas mesmas passagens e, por assim dizer, de um capítulo a outro, um ponto de vista contraditório acha-se intercalado? Por acaso, na mesma obra do mesmo livro e, às vezes, como dissemos, justamente de um capítulo a outro, pôde Orígenes estar esquecido de si, por exemplo, ele que dissera acima que não se acha em nenhuma parte em toda a Escritura em que se dissesse que o Espírito Santo tenha sido feito ou criado, ele acrescentaria que o Espírito Santo foi feito entre as outras criaturas? Ou então novamente aquele que apontou o Pai e o Filho como de uma só substância, que em grego se diz *homoousios*, desde os capítulos seguintes ele poderia dizer que ele é de uma outra substância e que ele foi criado, aquele de quem ele havia proclamado pouco antes que ele havia nascido da mesma natureza de Deus Pai[557]?

16. São suas próprias palavras, ele não pode negá-lo. Não quero que tu digas: "por exemplo, ele que tinha dito mais acima...", mas cita precisamente o livro em que escrevendo que o Espírito Santo e o Filho são consubstanciais ao Pai, logo a seguir ele teria sustentado que eles são criaturas. Não sabes tu que eu tenho tudo de Orígenes, que eu o li em sua maior parte?

"Ao povo os falsos enfeites! Eu, de minha parte, conheço-te por dentro e até sob a pele."[558]

O sapientíssimo Eusébio – eu disse sapientíssimo, não católico, para que não trames para mim uma calúnia com tua maneira habitual e, também nisso – ele não faz no decorrer dos seis volumes nada mais que manifestar que Orígenes partilha sua fé, isto é, a perfídia ariana. Ele dá muitos exemplos e o verifica constantemente. Em qual sonho do cárcere alexandrino foi-te revelado que inventasses a falsificação das passagens que ele, Eusébio, declara autênticas? Mas talvez este, enquanto ariano, forçou em um sentido favorável a seus erros os acréscimos dos hereges, para que não o considerassem o único a contrapor à Igreja seu sentimento errôneo. O que responderás tu por Dídimo que, pelo menos

---

[556] Rufino, De adulteratione librorum Origenis 1, 19-20

[557] Rufino, ibidem, 1, 24-36

[558] Pérsio, Sátiras 3, 30

no que diz respeito à Trindade, é católico, e cujo livro sobre o Espírito Santo nós também traduzimos para a língua latina? Certamente ele não pode concordar com aquilo que os hereges acrescentaram nas obras de Orígenes. E nos próprios livros do *Peri Archon*, que tu traduziste, ele compôs breves comentários, não para negar que o que aí se acha escrito tenha sido escrito por Orígenes, mas que nós, homens simples, não podemos entender as coisas que aí são ditas, e ele tenta persuadir-nos em qual sentido estas devem ser tomadas em boa parte – pelo menos no que diz respeito ao Filho e ao Espírito Santo. Aliás, quanto às outras teses, tanto Eusébio quanto Dídimo muito abertamente partilham as posições de Orígenes e aquilo que todas as Igrejas reprovam, eles defendem que foi formulado pia e catolicamente.

17. Vejamos, porém, por quais argumentos ele se esforça para provar que os escritos de Orígenes foram alterados pelos hereges. Clemente, ele disse, discípulo dos apóstolos, que foi, depois dos apóstolos, bispo e mártir da Igreja romana, publicou livros que têm por título *Anagnorismós*, isto é, Reconhecimento, nos quais, enquanto bom número dentre eles expõem em nome do apóstolo Pedro uma doutrina tida por verdadeiramente apostólica, insere-se em alguns a crença de Eunômio, de modo que nada mais aí encontramos que as discussões do próprio Eunômio, assegurando que o Filho de Deus foi criado a partir de nenhum ser existente[559]. Depois de outras considerações que seria prolongado descrever: O que, pergunto eu, ele diz, deve-se pensar disso? Que um homem apostólico tenha escrito heresias? Ou que se devesse acreditar antes que homens perversos, para defender suas opiniões, inseriram, sob o nome de santos varões, para impor mais facilmente a crença, idéias que não se deve acreditar que eles tenham pensado ou escrito?[560] Ele escreve também em seus livros que Clemente, presbítero da Igreja de Alexandria, homem católico, diz que o filho de Deus foi criado[561], e Dionísio, bispo da cidade de Alexandria, homem cultíssimo, que discute nos quatro volumes contra Sabélio, cai na crença ariana[562]. E sob estes exemplos, ele age de modo a atestar que os membros da Igreja e os católicos não tiveram sentimento errôneo[563], mas que os hereges corromperam seus escritos, e concluir ao fim, dizendo: A propósito de Orígenes também, no qual igualmente encontramos, como naqueles dos quais falamos acima,

---

[559] Rufino, De adulteratione librorum Origenis 3, 1-7

[560] Rufino, ibidem 3, 14-15.18-22

[561] Rufino, ibidem 4, 1-5

[562] Rufino, ibidem 5, 1-7

certa divergência, poderia ser insuficiente ater-se à apreciação e à compreensão que se tem dos católicos previamente submetidos a exame e que não baste semelhante justificação de semelhante causa[564].

Se se admite que tudo que se encontra nos livros de todos tenha sido corrompido por outros, nada será daqueles a quem se atribui a autoria por nomes, mas será atribuído àqueles por quem se diz ter sido falsificado, ainda que isto não lhes caiba, visto que seus nomes são incertos, e disso resultará que, enquanto tudo é de todos, nada é de ninguém. Graças à confusão que este sistema de defesa mantém, nem Marcião, nem Maniqueu, nem Ário, nem Eunômio poderão ser acusados, porque tudo o que nós censurarmos que por eles tenha sido sacrilegamente dito, os discípulos responderão que assim não foi publicado por seus mestres, mas que foi violado por seus inimigos. Desta maneira, mesmo este livro do qual tu és o próprio autor não será teu, mas talvez meu, e o meu livro no qual eu respondo a ti, sob acusação, não será meu, se tu criticas nele alguma coisa, mas será teu, por quem ele é criticado. Enquanto tudo reportas aos hereges, o que atribuirás aos homens da Igreja aos quais nada deixas de próprio? E como, dirás tu, em seus livros, existem algumas passagens corrompidas? Se eu responder que desconheço as razões das alterações, eu não vou logo julgar os autores heréticos. Pode acontecer ou que se tenham simplesmente enganado, ou que tenham escrito com outro sentido, ou, com copistas incompetentes, seus escritos tenham-se paulatinamente corrompido, ou, pelo menos, antes que Àrio não nascesse em Alexandria, como o demônio do meio-dia[565], que se tenha falado certas coisas inocentemente e com menos prudência, e que não podem esquivar a calúnia de indivíduos pervertidos.

Contra Orígenes são lançadas acusações e tu não o defendes, tu acusas outros e não refutas a acusação, mas buscas uma multidão de culpados. Se te fosse dito: Quais companheiros Orígenes tem na heresia?, tu terias razão de adiantar estes fatos. Agora perguntam a ti se estas coisas que se encontram escritas nos livros de Orígenes são boas ou más. Tu manténs o silêncio e, em vez destas, falas outras coisas: Clemente diz isso, Dionísio é repreendido neste erro, o bispo Atanásio assim defende o erro de Dionísio, os escritos dos

---

[563] Rufino, ibidem 6, 1-4

[564] Rufino, De adulteratione librorum Origenis 6, 4-8

[565] Salmo 90,6

apóstolos foram semelhantemente alterados[566]. Do mesmo modo, outros te impingem a acusação de heresia, e tu calas por ti e confessas por mim. Eu não acuso a ninguém, estando contente por haver respondido apenas por mim. Não sou o que denuncias, se tu és aquilo de que te acusam, tu mesmo deves vê-lo. Nem a minha absolvição nem minha acusação te trará a prova de tua inocência ou de tua culpabilidade.

18. Depois de haver tratado primeiramente a falsificação infligida aos apóstolos pelos hereges, aos dois Clemente e a Dionísio, ele chega a Orígenes e fala nestes termos: "Nós provamos esta falsificação pelos escritos e pelas vozes daquele que disso se queixa e deplora-a. O que o mesmo aturou, na verdade, então quando estava vivendo na carne, em plena consciência e lucidez, quanto às alterações de seus livros e discursos ou de suas versões falsificadas, é-nos ensinado evidentemente pela epístola que o mesmo escreveu a alguns de seus caros amigos de Alexandria."[567] Ele acrescenta logo um exemplar da carta e aquele que imputa aos hereges a falsidade dos escritos de Orígenes, esse começa ele próprio com a falsidade, não traduzindo assim tal qual o texto grego, nem deixa ouvir em latim o que Orígenes declara em sua carta. Ora, ao longo de toda a carta, Orígenes dilacera Demétrio, pontífice da cidade de Alexandria, e ataca os bispos e clérigos do mundo inteiro, e ele diz ter sido em vão excomungado da Igreja, e não querer replicar as maledicências, de modo que não pareça evidentemente maledicente o homem que levou a prudência nesta matéria a tal ponto a não ousar falar mal mesmo do diabo, o que deu ocasião a Cândido, adepto da tese valentiniana, de lhe imputar caluniosamente que o diabo tem uma natureza tal que ela deve ser salva. Ora, tendo sido dissimulado o argumento da epístola, este inventa em favor de Orígenes aquilo que ele não diz. É por esta razão que eu traduzi uma parte da carta em questão, tomando um pouquinho das considerações acima, e a estas juntei aquelas que foram traduzidas fraudulenta e abreviadamente para que o leitor reconheça em qual deliberação ele guardou silêncio sobre o que precedia.

Orígenes, pois, contra os sacerdotes da Igreja que geralmente discutiam, pelos quais tinha sido julgado indigno da comunhão da Igreja, avançou as seguintes palavras: Que necessidade há de citar a partir dos discursos dos profetas as ameaças e as denúncias de que se servem com bastante freqüência de encontro a pastores, anciãos, sacerdotes e príncipes do

---

[566] Rufino, De adulteratione librorum Origenis 3-4; 5; 9, 4-6.12

[567] Rufino, De adulteratione librorum Origenis 6, 8-14.

povo? Vós podeis sem nós escolhê-las da Sagrada Escritura e ver com muita clareza que talvez seja o nosso tempo de que se fala: Não queirais crer nos amigos nem espereis em vossos chefes[568]; e agora se cumpre o oráculo: "Os dirigentes de meu povo não me conheceram. São filhos estúpidos e sem inteligência. A inteligência, eles a têm para fazer o mal; mas não souberam agir bem.[569] Deles devemos nos compadecer mais do que odiá-los e orar por eles do que maldizê-los[570]. Nós fomos criados para bendizer e não para maldizer[571]. Daí que também Miguel quando se debatia contra o diabo pelo corpo de Moisés, não ousou lançar uma sentença blasfematória nem mesmo contra um ser tão perverso, mas disse: Que o Senhor te domine[572]. Nós lemos igualmente em Zacarias algo de semelhante: Que o Senhor te repreenda, Satanás, que o Senhor te repreenda, ele que elegeu Jerusalém[573]. Nós também desejamos que sejam repreendidos pelo Senhor aqueles que não querem com humildade ser repreendidos pelo próximo. Quando Miguel diz: Que o Senhor te repreenda, Satanás! e Zacarias de modo semelhante, se o Senhor repreende ou não repreende o diabo, a ele cabe decidir; e se repreende, ele saberá como ele repreenderá. E depois de muitas considerações que seria muito longo transcrever, ele acrescenta: "De nossa parte, nós sentimos que serão rejeitados do Reino dos Céus não só aqueles que cometeram pecados graves, por exemplo, os fornicadores, os adúlteros, aqueles que se deitam com homens e os ladrões[574], mas também aqueles que cometeram faltas menores, segundo o que está escrito: Nem os bêbados, nem os maledicentes possuirão o reino de Deus[575], e tanto na bondade quanto na severidade de Deus, há uma medida[576]. Assim nós nos esforçamos em tudo agir com discernimento, no ato de beber do vinho[577] e na moderação das palavras[578], para que a ninguém ousemos maldizer. Assim, embora nos guardemos, por temor de Deus, de proferir maledicências contra quem

---

[568] Miquéias 7, 5

[569] Jeremias 4, 22

[570] Lucas 6, 27-28

[571] I Pedro 3, 9

[572] Judas 9

[573] Zacarias 3, 2

[574] I Coríntios 6, 9-10

[575] I Coríntios 6, 10

[576] Romanos 11, 22

[577] Provérbios 31, 4

quer que seja, lembrando-nos daquela sentença: Ele não ousou trazer uma sentença blasfematória[579], que se diz de Miguel contra o diabo em outra passagem: As dominações, certamente, eles rejeitam, as glórias, eles as blasfemam[580], alguns daqueles que se comprazem a inventar assuntos de conflito imputam a blasfêmia a nós e a nosso ensinamento. Sobre esse assunto, cabe a eles ver como eles ouvem aquele versículo: Nem os bêbados nem os maledicentes possuirão o reino de deus[581], ainda que eles digam que o pai da maldade e da perdição daqueles que são rejeitados do reino de Deus possa ser salvo, o que, nem mesmo alguém tomado de loucura poderia dizer"[582] e o restante que ele traduziu da mesma epístola.

Em lugar da passagem sobre a qual nós traduzimos ao fim palavras de Orígenes: "Assim, apesar de evitarmos, por temor de Deus, proferir maledicências contra alguém, etc." ele, de sua parte, tendo astuciosamente suprimido a primeira parte da qual depende a seqüência, assim se pôs a traduzir a carta como se esse fosse o começo do pensamento. E ele disse: "Alguns daqueles que se comprazem em incriminar seus próximos imputam a nós e à nossa doutrina o crime de blasfêmia que de nós nunca ouviram nada semelhante. A este respeito, cabe a eles ver, eles que não querem observar aquele mandamento segundo o qual os maledicentes não possuirão o reino de Deus[583], e que dizem que eu defendo que o pai da maldade e da perdição daqueles que são rejeitados do reino de Deus, isto é, o diabo, deve ser salvo, o que, mesmo com a mente atrapalhada e em delírio manifesto, ninguém poderia declarar"[584].

19. Confrontai as palavras de Orígenes que eu traduzi literalmente acima com aquelas que por ele não foram vertidas, mas invertidas, e vós percebereis quanta dissonância têm entre si de sentido, e não apenas quanto à forma. Não vos moleste, eu vos suplico, uma tradução mais longa. Se traduzimos tudo, é para estabelecer em qual intuito ele guardou silêncio sobre o que precedia.

Os gregos possuem um diálogo de Orígenes e de Cândido, defensor da heresia

---

[578] Provérbios 17, 27

[579] Judas 9

[580] Judas 8

[581] I Coríntios 6, 10

[582] Orígenes, Epístolas(livro 4)

[583] I Coríntios 6, 10

[584] Orígenes, Epístolas(livro 4), citado em Rufino, De adulteratione librorum Origenis 7, 4-11

valentiniana, no qual confesso que assisti ao espetáculo de dois gladiadores lutando com olhos vendados. Cândido diz que o Filho é oriundo da substância do Pai, errando pelo fato de defender que é uma "emissão" (*probolén*). Ao contrário, Orígenes concorda com Ário e Eunômio, para negar que ele tenha sido emitido ou que tenha nascido, para que Deus não seja dividido em partes, mas diz que ele é uma criatura elevada e eminentíssima que provém da vontade do Pai, como outras criaturas também. Eles retornam novamente à segunda questão. Cândido defende que o diabo é de péssima natureza e que nunca esta pode ser salva. Contra isso, Orígenes responde com acerto que o diabo não é de natureza perecível, mas que se arruinou por vontade própria e pode ser salvo. Isto Cândido distorce caluniosamente, como se Orígenes tivesse afirmado que a natureza do diabo devesse ser salva. A crítica injustificada do primeiro, o outro a refuta. E entendemos que é apenas neste diálogo que Orígenes denuncia a falsidade herética, e não em outros livros a respeito dos quais nunca houve questionamento. Aliás, se tudo o que há de herético não é de Orígenes, mas dos hereges – quase todos os seus tomos, porém, estão cheios destes erros – nada será de Orígenes, mas daqueles de quem ignoramos os nomes.

Não lhe basta caluniar os gregos e antigos a respeito dos quais o recuo dos tempos e o distanciamento das regiões lhe dão permissão de dizer todas as mentiras que quiser. Ele vem aos latinos[585] e cita primeiro o confessor Hilário sob a alegação de que, após o sínodo de Rimini, seu livro teria sido falsificado pelos hereges e que, por esta razão, como lhe punham uma dificuldade na assembléia dos bispos, ele teria ordenado que trouxessem de sua casa um livro que, encerrado em seus cofres, continha heresia. Como o livro tinha sido produzido e por todos julgado herético, o autor do livro, excomungado, teria deixado a assembléia reunida[586]. Eis o sonho que este caro amigo narra, e se considera ser dono de tal autoridade que ninguém ousa contradizer a ele que inventa essas coisas contra o confessor. Responde, eu peço: O sínodo pelo qual foi excomungado, em qual cidade aconteceu? Diga o nome dos bispos, diga os sufrágios expressos, os votos contrários e favoráveis. Faz-nos saber quais foram os cônsules naquele ano, qual imperador mandou congregar este sínodo, se só havia bispos da Gália, ou também da Itália e da Espanha, e, pelo menos, por qual razão o Sínodo foi reunido. Nada disso tu mencionas, mas para defender Orígenes tu acusas um homem de uma

---

[585] Rufino, De adulteratione librorum Origenis 10

[586] Rufino, De adulteratione librorum Origenis 11, 1-14

eloqüência insigne, que foi a trombeta da língua latina contra os arianos, de ter sido excomungados por um sínodo. Mas é preciso tolerar de qualquer modo a calúnia contra um confessor. Ele passa ao ilustre mártir Cipriano e declara que o livro de Tertuliano intitulado "Da trindade" é lido e relido sob o nome de Cipriano em Constantinopla, pelos hereges do partido macedoniano. Neste agravo, há duas mentiras, porque o livro não é de Tertuliano, ele também não é atribuído a Cipriano, mas é de Novaciano, está posto em seu nome, e demonstra a elocução do autor pela particularidade do estilo.

20. Eu penso que é também supérfluo refutar sandices manifestas, enquanto me é recitada minha historieta – evidentemente uma lira para um asno! – que eu sou visado sob o nome de um certo amigo de Dâmaso, bispo de Roma, a quem este teria confiado a redação das cartas eclesiásticas, e que se descrevem as maquinações dos apolinaristas que, tendo recebido para lê-lo o livro de Atanásio em que se encontra a expressão "dominicus homo", tê-la-iam alterado, restabelecendo sobre uma borradura o que eles teriam raspado, para dar a crer, claro, que não tinha sido falsificado por eles, mas que tinha sido acrescentado por mim.[587] Eu te peço, amigo caríssimo, que, nos tratados eclesiásticos, onde se põe em questão a verdade dos dogmas, e onde se pede com insistência a autoridade dos antigos a respeito da salvação das nossas almas, abandona este gênero de divagações e não tomes histórias de almoços e jantares por prova da verdade. Pode acontecer que, mesmo que tenhas ouvido de mim algo verdadeiro, alguém que não esteja a par da coisa diga que é uma invenção de tua parte e, ao modo do mimo de Filistião, de um Lêntulo ou de um Marulo, um artifício forjado em uma linguagem refinada.

21. Até onde não chegaria a temeridade, uma vez desenfreada![588] Depois da excomunhão de Hilário, depois do livro herético falsamente atribuído a Cipriano, depois da borradura acompanhada de uma correção por cima por parte de Atanásio, enquanto eu cochilava, ele estoura finalmente contra o papa Epifânio, exala o sofrimento de seu peito em sua Apologia por Orígenes, porque Epifânio, na carta que ele tinha escrito ao bispo João, o denuncia como herege[589] e se consola com as seguintes palavras: "É bem necessário descobrir neste lugar a verdade escondida. Porque é impossível a qualquer um dos homens fazer uso de

---

[587] Rufino, De adulteratione librorum Origenis 13, 3-26

[588] Cícero, Catilinárias 1,1,1

[589] Jerônimo, Epístola 51, 6,4.

tão iníquo juízo que não aprecie identicamente uma causa idêntica. Mas os instigadores da difamação de Orígenes, sendo aqueles que têm costume de manter discussões prolongadas na Igreja, ou mesmo escrever livros, que se inspiram em Orígenes, ou para falar ou para escrever, temendo que muitos deles não se dêem conta de seus plágios, os quais, em todo caso não pareceriam de nenhum modo condenáveis, se estas pessoas não fossem ingratas em relação a seu mestre, eles dissuadem da leitura de Orígenes todas as pessoas mais simples. Finalmente um dentre eles que imagina ter a necessidade, seja de evangelizar, seja de falar mal de Orígenes através de todas as nações e através de todas as línguas, confessou diante de uma multidão considerável de irmãos que ele tinha lido seis mil livros de Orígenes. Se, de todo modo, como ele diz geralmente, ele os lia com o objetivo de conhecer as teorias viciosas de Orígenes, ele teria podido contentar-se com dez livros para conhecê-las, ou em todo caso vinte, ou no máximo trinta. Mas ler seis mil livros não é querer conhecê-los, mas é consagrar quase toda sua existência a seus ensinamentos e a seu estudo. Como então o dever de escutá-lo se justificaria, quando ele culpa aqueles que, em vista de documentar-se, fizeram algumas raras leituras em Orígenes salvaguardando a regra de fé em toda fidelidade?[590]

22. Quem são estes "que costumam manter prolongadas discussões na Igreja"? e "escrever livros, aqueles que se inspiram em Orígenes para falar e para escrever", que, enquanto não querem que "sejam reconhecidos os plágios" como seus e "são ingratos em relação ao mestre", assim "aterrorizam os mais simples com a leitura de Orígenes". Tu deverias falar por nomes e assinalar precisamente as pessoas. Assim os veneráveis bispos Anastásio, Teófilo, Venério, Cromácio e todo o sínodo dos católicos tanto do Oriente quanto do Ocidente que, por uma sentença unânime testemunhando sua unanimidade de espírito, denunciam-no aos povos como herege devem ser condenados como plagiários de seus livros, e, quando nas Igrejas pregam, não são os mistérios das Escrituras, mas os plágios de Orígenes que eles evocam? Não te basta a detração passiva contra todos, a não ser que apontes a lança de teu estilo contra o venerável e insigne sacerdote da Igreja? Quem é aquele "que imagina que tem a necessidade, ou de evangelizar, através de todas as nações e através de todas as línguas, ou de falar mal de Orígenes", que confessou ter lido seis mil livros de Orígenes, diante de uma multidão considerável de irmãos? Tu também, tu te achavas lá, no meio desta multidão de irmãos, visto que ele se queixa em sua carta que tu avançaste teses sacrílegas em

[590] Rufino, De adulteratione librorum Origenis 14, 7 – 15, 12.

favor da heresia de Orígenes[591]. Deve-se fazer-lhe o agravo de saber o grego, o sírio, o hebraico, o copta e em parte o latim? Portanto, os apóstolos também e os homens apostólicos, que falavam línguas, caem sob este agravo; e tu bilíngüe, tu vais rir de mim que sou trilíngüe? Dos seis mil livros, porém, que dizes que por ele foram lidos, quem crerá que tu dizes a verdade, ou que ele tenha podido mentir? Se, pois, Orígenes tivesse escrito seis mil livros, podia acontecer que, homem erudito e formado desde a infância nas letras sagradas, por curiosidade e ciência, ele fizesse leituras em outros domínios. Mas o que o primeiro não escreveu, como este pôde lê-lo? Conta a lista de seus livros que, no terceiro volume de Eusébio, no qual escreve a vida de Pânfilo, estão contidas – não digo seis mil, mas não acharás a terça parte. Nós temos a epístola do supra-citado pontífice, na qual ele responde a esta tua calúnia, enquanto estavas no Oriente e ele refuta uma mentira flagrante com a fronte soberana da verdade.

23.Depois destas e de tantas coisas, ousas dizer em tua apologia que tu "não és o defensor de Orígenes nem seu advogado"[592], por cuja defesa Pânfilo e Eusébio te pareceram ter dito pouco. Tentarei, em outra ocasião, responder, se o mestre desta vida me dá o tempo, a seus volumes. No momento, que me baste ter apenas ido ao encontro das afirmações tuas e ter instruído este leitor prudente de que eu vi este livro, que circulava sob o nome de Pânfilo, primeiramente escrito em tua obra, e eu não me preocupava com o que se dissesse de um herege, eu tinha sempre considerado que Pânfilo e Eusébio tinham feito obra diferente; em seguida, porém, levantada a questão, eu quis responder a seus escritos e, por este motivo, eu li o que cada um pensava de Orígenes e compreendi claramente que o primeiro dos seis volumes de Eusébio era aquele mesmo que tu publicaste sob o nome de Pânfilo, tanto em grego quanto em latim, limitando a modificar as idéias relativas ao Filho e ao Espírito Santo que traziam exposta uma blasfêmia flagrante. Assim, também, há dez anos, como Destro, meu amigo, que administrou a prefeitura do pretório, me pedira que lhe compusesse um catálogo dos autores da nossa religião, eu citei, entre outros que disso trataram, este livro publicado por Pânfilo, crendo-o tal qual o havíeis apresentado, tu e teus discípulos. Mas como o próprio Eusébio diz que Pânfilo nada escreveu senão curtas cartas a seus amigos, e que o primeiro livro dos seis volumes de Eusébio encerra o mesmo conteúdo e nos mesmos termos que o que inventaste de

---

[591] Jerônimo, Epístola 51, 6, 4

[592] Rufino, De adulteratione librorum Origenis 7, 17-18

colocar sob o nome de Pânfilo, é claro que, se quiseste espalhar este livro, era para introduzir uma heresia sob o patrocínio de um mártir. E como, precisamente também neste livro que fazes crer que seja de Pânfilo, tu desfiguraste muitas passagens que se encontram de uma forma em grego e de outra em latim, tu não deves imputar uma fraude tua a um erro meu. Eu acreditei, com efeito, que o livro tinha por autor aquele que o seu título ostentava.

Tal como o *Perì Archôn*, também muitas outras obras de Orígenes e vários autores gregos: ou não os li antes ou então eis-me agora forçado a lê-los, desde que foi suscitada a questão da heresia, para saber o que eu devo evitar e o que eu devo aprovar. É porque eu traduzi, em minha juventude, para aqueles que me pediam, as únicas homilias que ele dirigia ao povo e que não continham tão grandes escândalos, sem impedir a ninguém de partir do que recebe aprovação para fazer boa acolhida ao que é manifestamente herético. Em todo caso – para abreviar uma longa exposição – como eu mostro que eu recebi o livro que transcreveram do teu códice, assim faz-nos tu saber de quem tu deténs o exemplar, para que aquele que não tiver podido apresentar um outro autor do livro, é este que tomaremos como culpado de impostura. "O homem bom, do bom tesouro de seu coração tira o que é bom"[593] e é da doçura dos frutos que se conhece a árvore de generosa semente[594].

Terceira parte: Justificação das traduções bíblicas de Jerônimo

24. Meu irmão Eusébio escreve-me que ele encontrou, junto aos bispos da África que tinham vindo à corte para tratar de assuntos das Igrejas, uma carta escrita como se fosse em meu nome, e na qual eu fazia penitência e atestava que eu tinha sido em minha juventude induzido por hebreus a traduzir em latim os volumes hebraicos e, nisso, não há nenhuma verdade. Esta novidade me deixou estupefato. E visto que toda palavra é estabelecida na boca de duas e três testemunhas[94], e que não há credito para uma única testemunha, nem que a testemunha fosse Catão, os escritos de muitos irmãos enviados de Roma me informaram este fato, indagando se era mesmo isso e indicando com lágrimas aquele por quem a mesma carta foi propagada publicamente. Quem ousou fazer isto, que outra coisa não ousaria fazer?

---

[593] Mateus 12, 35

[594] Quintiliano, Instituições Oratórias 8, 3, 76

[94] Mateus 18, 16(II Cor. 13, 1)

Felizmente a maldade não tem forças proporcionais às suas tentativas ! Pereceria a inocência, se a sagacidade estivesse sempre ligada à perversidade e que tudo que a calúnia deseja prevalecesse. Por mais hábil que ele seja para falar, ele não pôde reproduzir meu estilo, qualquer que ele seja, nem meus torneios de frase, mas, através de seus próprios artifícios e da máscara de um outro de que ele hipocritamente se revestira, ele mostrou quem ele era .

Assim, pois, ele, que tinha forjado uma carta em meu nome em que eu exprimia meu pesar de ter cometido o erro de traduzir os volumes hebraicos, diz-se que ele me reprova de ter traduzido as Santas Escrituras para condenar os Setenta : desde então, quer sejam falsos quer verdadeiros os textos que eu traduzi, eu permaneceria alvo de acusação, enquanto eu confesso que me enganei na publicação de uma nova obra, ou então a versão moderna é uma condenação da velha.

Eu me admiro que ele tenha tratado de homicida e adúltero e sacrílego e parricida e todo tipo de torpezas que o pensamento secreto de uma mente pode revolver em seu interior. Eu devo agradecer-lhe que, sendo tão grande a floresta dos agravos, ele tenha lançado em meu rosto o único agravo de erro ou falsidade. Por acaso, eu falei algo contra a edição dos Setenta, que, há vários anos, com o maior cuidado corrigida, eu ofereci aos estudiosos de minha língua, a qual todos os dias na assembléia dos irmãos eu explico, sobre cujos salmos eu medito assiduamente pela recitação cantada. Eu seria tão estúpido de querer esquecer na velhice o que aprendi na infância ? Todos os meus tratados foram entrelaçados de citações dos Setenta. Os comentários sobre os doze profetas explicaram ao mesmo tempo minha própria versão e a dos Setenta. Ó labores humanos sempre incertos ! Ó gostos dos mortais que têm fins às vezes opostos ! Justamente quando eu acreditava ser reconhecido por meus compatriotas latinos e encorajar os ânimos dos nossos a aprender a versão que os gregos, mesmo depois de tão grandes tradutores, não repudiam a tradução latina, é aí que denunciam minha culpa e que eu engulo a comida com o estômago em náuseas ! Porventura há algo que seja seguro no homem, se a inocência é criminosa ? Durante o sono do *paterfamilias,* o homem inimigo semeou o joio sobre o trigo.[95] O javali que veio da floresta aniquilou a vinha e a fera solitária devorou-a.[96] Quanto a mim, eu me calo e a carta que não é minha fala contra mim. Eu ignoro minha falta e eu confesso esta falta no mundo inteiro ! Ai de mim, minha mãe, para que me geraste,

---

[95] Mateus 13, 25.27

[96] Salmo 79, 14

para ser um homem submetido ao julgamento e à critica de toda a terra ?[97]

25. Todos os meus curtos prefácios aos livros do Antigo Testamento, dos quais eu acrescentei adiante exemplares, são testemunhas deste fato, e é supérfluo dar outra redação àquilo que neles foi dito.

Eu começarei, pois, pelo Gênesis, cujo prólogo é este : « Do meu caro Desidério recebi a tão desejada carta, ele que obteve por sorte[98], como por certo presságio de coisas futuras, o mesmo nome que Daniel, ele me solicita que eu dê aos ouvidos dos nossos compatriotas o *Pentateuco* traduzido para a língua latina a partir do idioma hebraico. Obra certamente perigosa, sujeita aos latidos de meus detratores, que afirmam que eu forjo, para enodoar a tradução dos Setenta, textos novos em lugar dos antigos ; eles apreciam o talento como o vinho, quando então, eu não cessei pessoalmente de atestar que eu oferecia o que eu podia para a tenda de Deus[99] , segundo os meus meios, e que a pobreza de um não estragava os recursos dos outros.

O que me levou a ter ousadia foi o zelo de Orígenes que integrou à versão antiga a tradução de Teodocião, pontuando toda a sua obra com asterisco e obelo, isto é, uma estrela e uma flecha, ou enquanto ele esclarece as passagens que antes faltavam, ou corta e trespassa todas aquelas que eram supérfluas ; e é sobretudo a autoridade dos evangelistas e apóstolos, nos quais lemos muitas citações do Velho Testamento que nossos manuscritos não contêm, como estes versículos : Do Egito eu chamei meu filho[100] ; Por que será chamado Nazareno[101], e : Eles verão aquele que eles transpassaram[102] ; Rios de água viva manarão de seu interior[103], e : O que o olho não viu, o que o ouvido não ouviu e que não subiu ao coração do homem, eis o que Deus preparou para aqueles que o amam[104], e muitas outras passagens que buscam a obra a que pertencem.

Interroguemos, pois, nossos manuscritos onde esses versículos se acham escritos e

---

[97] Jeremias 15, 10

[98] Daniel 9,23 (= 10, 11.19)

[99] Êxodo 35, 20-29

[100] Mateus 2, 15

[101] Mateus 2, 23

[102] João 19, 37

[103] João 7, 38

[104] I Cor 2, 9

quando eles não tiverem podido nô-lo dizer, citemos a partir dos livros hebraicos. A primeira citação se acha em Oséias[105], a segunda em Isaías[106], a terceira em Zacarias[107], a quarta nos Provérbios[108] , a quinta igualmente em Isaías[109]. Muitos são aqueles que, ignorando isso, vão atrás das extravagâncias dos apócrifos e preferem aos livros autênticos as ninharias ibéricas. Não cabe a mim expor as causas deste erro.

Os judeus dizem que se agiu por medida de prudência, de modo que Ptolomeu, que cultuava a um só deus, não surpreendesse mesmo junto aos hebreus uma dupla divindade, os quais ele tinha em muito alta estima porque pareciam cair no dogma de Platão. Com efeito, onde quer que a Escritura ateste algo sagrado sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ou eles traduziram diferentemente ou então eles guardaram um silêncio absoluto, de modo a satisfazer ao rei e não divulgar o segredo da fé. E não sei qual foi o primeiro autor que, com sua mentira, ergueu as setenta celas de Alexandria, nas quais eles redigiram separadamente textos idênticos, quando Aristeu, guarda-costas do mesmo Ptolomeu e, depois de muito tempo, José, nada disso eles relataram, mas escrevem que, reunidos em uma mesma residência real, eles conferenciaram, mas não profetizaram. Uma coisa é ser profeta, outra coisa é ser tradutor : em um caso, o Espírito prediz o que há de vir e, no outro caso, a erudição e a riqueza do vocabulário traduz aquilo que se entende. A menos que, por acaso, se deva considerar que Cícero tenha traduzido o Econômico de Xenofonte, o Protágoras de Platão e o Pro- Ctesifonte de Demóstenes ao sopro retórico da inspiração ; ou então o Espírito Santo compôs para os mesmos livros atestações diferentes por intermédio dos Setenta e dos apóstolos, de modo que o que aqueles mantiveram em silêncio, estes mentiram dizendo que estava escrito. Então o que dizer ? Nós condenamos os antigos ? De modo algum ; mas nosso trabalho sucede aos estudos de nossos predecessores na casa do Senhor, segundo nossas possibilidades. Eles fizeram uma tradução anterior ao advento de Cristo; e o que eles ignoravam eles exprimiram com sentenças indecisas. O que nós escrevemos depois de sua paixão e ressurreição não é tanto profecia quanto é historia. As coisas ouvidas são narradas de um modo, e as coisas vistas, de outro. Aquilo que melhor entendemos também exprimimos melhor. Escuta, pois,

---

[105] Oséias 11, 1

[106] Isaias 11, 1

[107] Zacarias 12, 10

[108] Provérbios 18, 4

rival, dá-me ouvidos, maledicente ; eu não condeno, eu não critico os Setenta, mas a eles todos eu prefiro resolutamente os apóstolos. E o Cristo que retine os meus ouvidos pela boca daqueles que eu leio que se acham situados antes dos profetas, entre os carismas espirituais, dentre os quais os tradutores ocupam quase o último lugar.[110] Por que te torturas de ciúme ? Por que suscitas contra mim os corações dos ignorantes? Em toda parte em que eu pareço errar na tradução, interroga os hebreus, consulta os mestres de diversas cidades : o que eles têm sobre o Cristo, teus manuscritos não o têm . A menos que eles tenham estabelecido as atestações contra eles e que os exemplares latinos sejam mais corretos que os gregos e que os gregos o sejam mais que os hebreus.[111]

26. Do mesmo modo, nos livros de Samuel e dos Reis, que denominamos os quatro livros dos Reinos, depois do catálogo da divina Escritura, eis as observações que eu fiz : Visto que assim elas se apresentam, eu suplico a ti, leitor, que não penses que o meu trabalho seja uma crítica aos antigos. Para o tabernáculo de Deus, cada um oferece o que pode : uns oferecem ouro e prata e pedras preciosas, outros linho puro, púrpura, escarlate e jacinto. Para nos está muito bom se pudermos oferecer peles e pêlos de cabras.[112] Porém, o apóstolo julga mais necessários nossos presentes mais desprezíveis.[113] Por esta razão toda essa beleza do tabernáculo cujos diversos aspectos distinguem a Igreja presente e futura é recoberto de peles e pêlos de cabra. São os materiais mais vis que detêm o ardor do sol e os danos das chuvas.[114] Vê o orgulho de que estou cheio junto aos Setenta, ao ponto de proclamar que eles ofereceram na tenda de Cristo ouro, pedras preciosas e púrpura, e eu, peles e pêlos de cabras

27. Eu citarei mais um testemunho, para que tu não vás dizer que é sob a pressão das circunstâncias que eu fui obrigado a mudar de opinião. Na ocasião do Livro das Crônicas, isto é, os *Paralipômenos* que se chamam em hebraico os « Dabre Iamim », eis o prefácio de que me vali, para o santo pai Cromácio :

Se a edição dos Setenta tradutores permanecesse inalterada e tal qual foi por eles traduzida para o grego, é inutilmente que tu, meu caro Cromácio, o mais santo e o mais sábio

---

[109] Isaias 64, 4

[110] I Cor 12, 28

[111] Jerônimo, Vulg. Gênesis, prol. Weber 1, 3-4, 1-46.

[112] Êxodo 35, 20-29.

[113] I Cor 12, 22-23

[114] Jerônimo, Vulgata I-IV reg ., prol., Weber 1, 365, 58-65.

dos bispos, tu me levarias a traduzir os volumes hebraicos para a língua latina. Com efeito, este texto que havia sido assimilado pelos ouvidos dos homens e fortalecera a fé da Igreja nascente, era justo que fosse aprovado também com o nosso silêncio. Mas agora que circulam diversos modelos de tradução que variam por regiões, e que esta versão autêntica e primitiva tenha sido corrompida e maculada, tu pensas que nossa decisão seja, ou julgar a partir dos vários textos qual é o verdadeiro, ou fazer uma obra nova a partir da antiga e, apesar da zombaria dos judeus, furar o olho à gralha.[115] Alexandria e o Egito recomendam a autoridade de Hesíquio para a sua edição dos Setenta. De Constantinopla até Antioquia têm vigência os modelos estabelecidos pelo mártir Luciano . As províncias intermediárias lêem os manuscritos palestinos, os quais têm sido objeto de trabalho cuidadoso de Orígenes e foram divulgados por Eusébio e Pânfilo. E o mundo inteiro disputa entre si por esta divergência em três partes. Em todo caso, Orígenes não se contentou em associar os exemplares das quatro versões, transcrevendo palavra por palavra, uma diante da outra, para que um texto apenas em desacordo fosse logo denunciado por outras que entre si estivessem em acordo ; mas - o que é mais audacioso - ele integrou a versão de Teodocião à dos Setenta, apontando com asteriscos as que faltavam e com vírgulas as que pareciam ter sido introduzidas a titulo de glosas. Se, pois, foi permitido a outros o não se aterem ao texto que tinham uma vez recebido e, se, depois das setenta celas, - histórias que são lançadas ao público sem fundamento - eles abriram cada um a sua cela, e lê-se nas Igrejas o que os Setenta ignoraram, porque os meus compatriotas latinos não me receberiam, eu que, sem atingir a antiga versão, estabeleci uma nova versão de modo a que eu garantisse por meu trabalho a autoridade dos Hebreus e - o que é maior que isso - a dos apóstolos ?

Eu escrevi há pouco tempo um livro « Sobre a melhor maneira de traduzir », mostrando aí as seguintes passagens do Evangelho : « Do Egito chamei meu filho »[116] e « Porque ele será chamado Nazareno »[117] ; « Eles verão aquele que eles traspassaram »[118] e este texto do apóstolo : « O que o olho não viu, o que o ouvido não ouviu e que não subiu até

[115] Cicero, Pro Murena, 11, 25.

[116] Mateus 2, 15.

[117] Mateus 2, 23.

[118] João 19, 37.

o coração do homem, eis o que o Senhor preparou para aqueles que o amam »[119], e outras passagens semelhantes a estas nos livros dos hebreus.[120] Certamente, os apóstolos e os evangelistas conheciam a edição dos Setenta ? O Cristo, nosso Deus, autor de dois testamentos, declara no Evangelho segundo São João : « Aquele que crê em mim ele diz, conforme diz a Escritura, de seu interior fluirão rios de água viva »[121] Com toda a certeza está escrito aquilo que o Salvador testemunha que está escrito. Onde está escrito ? A edição dos Setenta não tem este texto, e a Igreja ignora os apócrifos. Deve-se, pois, voltar aos hebreus, segundo os quais fala o Senhor e os discípulos antecipam os exemplos.

Eu o digo, salvo o respeito devido aos velhos e apenas respondo aos meus detratores que, com dente canino, me roem, em público dizem mal de mim, pelos cantos me lêem, ao mesmo tempo acusadores e defensores, porque eles em outros reprovam o que em mim aprovam, como se a virtude e o vício não tivessem nada de objetivo, mas que mudasse com o autor. De resto, eu me lembro de ter outrora comunicado aos nossos a versão dos Setenta corrigida a partir do grego e não se deve tomar-me por inimigo daqueles que eu não cesso de explicar na assembléia de meus irmãos. E se eu traduzi agora os « *Dabre iamim* », isto é, as « palavras dos dias », é para pôr em ordem o emaranhado das cesuras e a selva dos nomes, confundidos pelo erro dos copistas, e os barbarismos cometidos na interpretação, pela clareza que podem trazer os membros de frase. É para mim mesmo e para os meus, ao modo de Ismênio, que eu canto, se os outros fazem ouvidos surdos.[122]

28. No volume de Esdras também eu sustentei palavras semelhantes em meu prefácio e depois de múltiplas considerações, eu acrescentei isto : A conclusão que eu vou tirar é perfeitamente justificada. Eu publiquei um texto que o grego não comporta, ou que ele comporta sob uma forma que é diferente daquela que eu traduzi. Por que dilacera-se o tradutor ? Que se interrogue os hebreus e, tomando-os a eles próprios por autores, que se conceda ou que se tire todo crédito à minha tradução. De resto, é outra coisa, como se diz, se, com olhos fechados querem falar mal de mim, e que eles não imitam o zelo e a boa disposição dos gregos que, depois dos Setenta tradutores, e que, já estando a resplandecer o Evangelho de Cristo, lêem atentamente os judeus e os ebionitas, tradutores da antiga Lei, a saber Áquila,

---

[119] I Cor 2, 9.

[120] Jerônimo Epistola 57, 7, 6.7.4

[121] João 7, 38.

Símaco e Teodocião e que, através do trabalho de Orígenes, fizeram, nas *Hexaplas*, homenagem às Igrejas. Quanto mais os latinos deveriam ser gratos ao ver a Grécia exultante tomar-lhe emprestado alguma coisa ! Primeiramente, com efeito, é de grandes despesas e de infinita dificuldade poder ter todos os exemplares. Em seguida aqueles que as tiverem tido, mas que ignoram o hebraico, se perderão muito, ignorando qual entre tantos autores terá tido a expressão mais verídica. E o que aconteceu a um homem de grande inteligência, ao ponto de ter, às vezes, abandonado o sentido da Escritura para seguir o erro de um certo tradutor. Nós, porém, que temos, pelo menos, um modesto conhecimento do hebraico - e o latim de toda maneira não nos falta, nós podemos, ao mesmo tempo, fazer sobre os outros um julgamento e expor na nossa língua o que nós compreendemos.[123]

29. Eu passarei ao livro de Jó, o qual depois da edição dos Setenta tradutores, a qual Orígenes pontuou com asteriscos e obelos, há vários anos vertido para o latim, retraduzi-o diretamente do hebraico, eis o que eu disse :

« Sou forçado a responder, por cada livro da divina Escritura, às calúnias dos meus adversários, que acusam a minha tradução de ser uma crítica dos Setenta, como se, entre os gregos Áquila, Símaco e Teodocião não tivessem igualmente adotado um método de tradução, seja literal, seja buscando reproduzir o sentido ou ainda construindo uma síntese equilibrada dos dois procedimentos e que Orígenes não tivesse pontuado todos os volumes do Velho Testamento com obelos e asteriscos, sinais que ele introduziu na antiga versão, seja que ele os acrescentou, seja que ele os tenha tomado de Teodocião, provando que o que foi acrescentado preenchia uma lacuna. Que meus detratores aprendam a receber em totalidade aquilo que por partes tomaram, e a limpar a minha tradução com seus asteriscos. Não pode acontecer que, com efeito, eles não reconheçam que aqueles que eles constatam que omitiram várias coisas não sejam os mesmos a ter errado em certos pontos, especialmente em Jó, ao qual, se subtrairdes o que foi acrescentado sob os asteriscos, uma parte muito grande será cortada, e isto pelo menos entre os gregos. Além do mais, entre os latinos, antes dessa tradução que ultimamente traduzimos sob asteriscos e obelos, o texto conta com setecentos ou oitocentos versos, se bem que o livro encurtado, mutilado e corroído exponha a sua fealdade

---

[122] Cicero, Brut. 49, 187 (Jerônimo, Vulgata I-III par., prol., Weber 1, 546-547, 1-41.

[123] Jerônimo Vulgata, Esdras, prol. Weber 1, 638-639, 29-44

àqueles que o lêem em público.[124] E depois de muitos pontos que eu salto em meu esforço para ser breve, aqui está o que eu acrescentei no fim : Por isso ouçam meus cães que, se penei neste volume, não foi para repreender a antiga tradução, mas para manifestar mais claramente, pela nossa tradução, aqueles pontos que, nela ou são obscuros ou omissos, ou ainda alterações devido à falta dos copistas, nós que, em parte, aprendemos o hebraico e, na língua latina, fomos exercitados desde o berço, entre gramáticos e rétores e filósofos. Pois, se entre os gregos, depois da edição dos Setenta, estando já resplandescente o Evangelho de Cristo, o judeu Áquila, os heréticos judaizantes Símaco e Teodocião foram adotados, os quais ocultaram por uma tradução enganadora muitos mistérios do Salvador, e entretanto as versões estão contidas nas *Hexaplas* junto às Igrejas e lá são explicadas por homens de Igreja - quanto mais eu, cristão de pais cristãos e carregando à minha fronte o estandarte da cruz, que me esforcei por restituir as omissões, corrigir as alterações e revelar os mistérios da Igreja em uma linguagem pura e ortodoxa, não devo ser reprovado por leitores desdenhosos ou mal-intencionados ![125]

30. Quanto ao Saltério que Roma adotou há pouco, pelo menos na versão muito correta estabelecida por nossos cuidados segundo os Setenta, eu os muni de um prefácio, retraduzindo-o do hebraico, e eis o que eu disse em uma parte do prólogo : « Assim, pois, discutindo com um hebreu, tu avançaste certas citações dos Salmos em favor do Senhor Salvador, e ele, querendo brincar contigo, quase a cada frase afirmava que não havia no hebraico o que tu tiravas da edição dos Setenta para objetar-lhe, com muito zelo, solicitaste que eu traduzisse uma nova edição em língua latina, depois de Áquila, Símaco e Teodocião. Tu dizias, com efeito, que a variedade dos tradutores te perturbava muito e, pelo amor que tu me tens, tu te contentavas com a minha tradução e o meu julgamento. E por isso que, impelido por ti, a quem não posso recusar o impossível, eu me entreguei novamente aos latidos de meus detratores, eu preferi que tu pusesses em questão antes as minhas capacidades que a minha boa vontade na amizade. Certamente direi resolutamente, e citarei muitas testemunhas em favor de minha obra, que, pelo menos conscientemente, não mudei nada à verdade hebraica. Se, pois, a minha edição estiver em desacordo com as antigas, interroga qualquer hebreu, e verás com evidência que sou dilacerado em vão pelos rivais, os quais

---

[124] Jerônimo, Vulgata, Iob, prol., Weber 1, 731, 1-14.

[125] Jerônimo, ibid., Weber 1, 732, 37-18.

preferem parecer desprezar as obras eminentes que aprendê-las[126] : pessoas profundamente perversas ! De fato, eles que sempre buscam prazeres novos e à sua gula os mares vizinhos não bastam , por que não se contentam com um sabor antigo senão pelo estudo das Escrituras ? Eu não digo isto para dilacerar os meus predecessores ou porque eu penso que devem ser malditos aqueles cuja versão, com todo cuidado corrigida, eu entreguei outrora às pessoas que falam minha língua, mas uma coisa é ler os salmos nas assembléias daqueles que crêem em Cristo, outra coisa responder aos judeus que nos atacam em cada palavra.[127]

31. Quando eu traduzia também os livros de Salomão, dos quais eu tinha dado outrora em latim uma versão conforme os Setenta e que eu os dedicava aos santos bispos Cromácio e Heliodoro, com um acréscimo de obelos e asteriscos, a partir do hebraico, eis o que acrescentei no fim do meu prefácio : Se há alguém a quem agrade mais a versão dos Setenta tradutores, ele a tem corrigida outrora por nós. Na verdade, nós não fabricamos coisas novas para destruir as antigas.[128]

32. Passarei igualmente a Isaías e introduzirei a parte de seu prólogo que fala da tradução dos Setenta. Aquele de quem eu dizia que era mais evangelista que profeta, visto que ele tinha desenvolvido de um modo límpido a totalidade dos mistérios do Cristo e da Igreja que se acreditaria que em vez de profetizar sobre o futuro, ele compunha a história do passado[129], eu acrescentei também isto :

Donde eu suponho que naquele momento os Setenta não quiseram revelar aos pagãos os mistérios de sua fé, para não dar aos cães o que é santo, nem pérolas aos porcos[130]. Estes mistérios, vos constatareis pela leitura desta versão que eles as dissimularam. E eu não ignoro quanto trabalho seja necessário para compreender os profetas, nem que alguém possa julgar sua tradução à condição de compreender antes o que leu, e que nós estamos expostos às mordidas de vários que, sob o estímulo da inveja, desprezam o que não são capazes de conseguir. E, pois, com consciência e com prudência que eu meto a mão no fogo ; entretanto, eu dirijo esta súplica aos leitores desdenhosos : do mesmo modo que os gregos lêem Áquila, Símaco e Teodocião, depois dos Setenta tradutores, seja para melhor compreendê-los

---

[126] Plinio (?) locus incertus.

[127] Jerônimo, Psalt. sec. Hebr. prol. Weber 1, 768-769, 18-35.

[128] Jerônimo, Vulg. Lib. Salom, prol. Weber 2, 957, 22-23.

[129] Jerônimo, Vulg. Is. prol. Weber 2, 1096, 9-11.

confrontando com os Setenta, seja pelo interesse por sua doutrina, do mesmo modo que eles querem também consentir em ter, pelo menos, um tradutor a mais que os anteriores. Que eles leiam antes para desprezar depois, para não dar a crer que não é o discernimento, mas o *parti-pris* do ódio que lhes faz condenar o que eles ignoram.[131]

33. A respeito de Daniel, porém, não responderei brevemente : eu não neguei que ele fosse profeta, o qual reconheci logo no começo de meu prólogo como profeta,[132] mas eu quis mostrar o que diziam os hebreus e por quais argumentos eles se esforçavam por justificar seu ponto de vista, e eu informei ao leitor que as Igrejas de Cristo lêem este profeta segundo Teodocião e não segundo os Setenta tradutores.[133] Se eu disse neste livro que sua versão deles é bastante distanciada da verdade e reprovada por justa causa pelas Igrejas de Cristo[134], não sou eu que o disse que tenho culpa, mas aqueles que lêem. Temos à disposição quatro edições, Áquila, Símaco, Septuaginta e Teodocião. As Igrejas lêem Daniel segundo Teodocião. Quanto a mim, em que eu pequei, se eu segui o julgamento das Igrejas ? Quanto a reportar o que os Hebreus costumam dizer[135] para opor à historia de Susana e o hino dos três meninos e as histórias de Bel e do dragão[136] que não se encontram no volume hebraico, aquele que me acusa disso prova que é um estúpido sicofanta.[137] Não é, com efeito, o que eu próprio senti, mas aquilo que eles têm costume de nos dizer que eu desenvolvi. E se eu não refutei o ponto de vista deles no prólogo, para que eu não parecesse escrever um prefácio, mas um livro, eu penso que logo expus o motivo. Eu disse, com efeito : « disto não é o momento de discutir.[138] Aliás, também pelo fato de eu ter sustentado que Porfirio disse muitas coisas contra esse profeta e invocado a « Metódio, Eusébio e Apolinário como testemunhas deste fato, os quais com muitos milhares de versos responderam à extravagância dele »,[139] ele

---

[130] Mateus 7, 6.

[131] Jerônimo, Vulg. Is. prol., Weber 2, 1096, 11-23.

[132] Jerônimo, Vulg. Dal. prol., Weber 2, 1341, 1.

[133] Jerônimo, ibid, Weber 2, 1341, 1-2.

[134] Jerônimo, ibid, Weber 2, 1341, 6-7.

[135] Jerônimo, Vulg. Dan. , prol. , Weber 2, 1341-1342, 20-44.

[136] Dan., 3, 24-90 ; 13-14.

[137] o que acusa um ladrão de figos, em atenas. Velhaco, embusteiro, impostor, mentiroso, lisonjeiro, adulador, hipocrita.

[138] Jerônimo, Daniel, Weber 2, 1342, 48-49.

[139] Jerônimo, ibid, Weber 2, 1342, 49-51.

poderá acusar-me de não ter escrito, no meu prefaciozinho, contra os livros de Porfírio. Aquele que se apega a ninharias deste tipo e não quer acolher a verdade da Escritura hebraica, que ele me ouça proclamá-lo com toda franqueza : Ninguém o força a ler o que ele não quer. Eu, eu escrevi para aqueles que mo pediam, não para os desdenhosos ; para aqueles que têm reconhecimento, não para os invejosos ; para os aplicados, não para os que bocejam. Entretanto, eu me admiro que ele leia Teodocião, um herege e um judaizante, e que ele despreze a versão de um cristão, qualquer pecador que ele seja.

34. Eu te rogo, amigo caríssimo, que a tal ponto és curioso que até meus sonhos conheces, e pões em acusação tudo o que eu escrevi durante tantos anos sem medo da calúnia a vir, como pode, responde-me, acontecer que tu ignoras os prefácios dos livros que tu acusas ? Os prefácios têm, por uma espécie de adivinhação, refutado a calúnia futura, cumprindo o provérbio : Primeiramente o antídoto, depois o veneno.

Em que prejudica às Igrejas nossa tradução ? E com grandes despesas, pelo que sei, que compraste as de Áquila, Símaco e Teodocião e os tradutores judeus da quinta e sexta edição. Teu Orígenes e - para que não te queixes que, por acaso, te tenham ferido com um elogio hipócrita - Orígenes nosso - eu digo « nosso » por causa da erudição do gênio, não por causa da verdade de suas opiniões - ele expõe e discute em todos os seus livros, depois dos Setenta, as traduções dos judeus. Eusébio e também Dídimo fazem o mesmo. Eu excetuo Apolinário que, com uma aplicação louvável, sem dúvida, mas não segundo a ciência[140], tentou coser em uma só roupa peças retiradas das traduções de todos, e compor um texto coerente da Escritura, não conforme uma regra de verdade, mas conforme o seu próprio julgamento. Os discípulos dos apóstolos se utilizam das Escrituras hebraicas. É claro que os evangelistas e os apóstolos fizeram eles próprios o mesmo. O senhor e Salvador, todas as vezes que ele faz menção ao Velho Testamento, ele cita exemplos dos volumes hebraicos, como esta passagem : « Aquele que crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva fluirão de seu ventre »,[141] e na própria cruz : *Eli, Eli, lema sabachtani*, o que se traduz : « Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste ?[142] não como o Setenta o traduziram : Ö

[140] Romanos 10, 2.

[141] João 7, 38.

[142] Mateus 27, 46.

Deus, meu Deus, olha-me, por que me abandonaste ?[143] e muitas passagens a estas similares. E se dizemos isto, não é que estigmatizamos os Setenta, mas é o Cristo e os apóstolos que têm mais autoridade, onde quer que os Setenta não estejam em desacordo com o hebraico, aí os apóstolos tomaram exemplos de sua tradução ; onde há divergência de fato, eles puseram em grego o que haviam aprendido junto aos hebreus. Da mesma forma, pois, quanto a mim, eu mostro numerosos textos do Novo Testamento citados segundo os livros do Antigo Testamento que não se acham nos Setenta, e eu mostro que eles se acham escritos em hebraico, assim que o meu acusador mostre alguma coisa que esteja escrita no Novo Testamento segundo a tradução dos Setenta que o hebraico não contém, e a contenda então chega ao fim.

35. De tudo isso, resulta que tanto a versão dos Setenta tradutores, que deve a solidez de sua posição ao fato de que desde uma época muito antiga ela vem sendo lida, é util às Igrejas, porque as nações ouvem que o Cristo haverá de vir antes de sua vinda real ; por outro lado, os tradutores não devem ser rejeitados, pois não traduziram seus próprios volumes, mas os volumes divinos, e que meu amigo deve acolher de um cristão amigo seu aquilo que com grande custo ele apressou-se a copiar segundo os judeus.

Eu ultrapassarei os limites de uma carta e eu, que contra uma abominável heresia acabava de pegar o estilo, fui forçado a justificar-me, esperando os três volumes de meu amigo e, entretido com toda a mente pelo monte de seus agravos, salvo se é mais leve proteger-se de um inimigo declarado que enfrentar um inimigo escondido sob o nome de um amigo.

Termina aqui o livro segundo

[143] Salmos 21, 2.

TERCEIRO LIVRO

Primeira parte: procedimentos respectivos dos dois adversários e de seus aliados.

1. Lidas as cartas de tua sabedoria pelas quais tu te arremessas contra mim, e aquele outrora elogiado e que dizias teu verdadeiro colega e irmão, agora é por teus livros que o provocas a responder e tu o aterrorizas com as tuas acusações - , eu compreendi que em ti havia-se cumprido a palavra de Salomão : « Na boca do tolo está o bastão do insulto »[595], e : « O louco não admite as palavras sensatas, a não ser que digas o que ocupa seu coração »[596]. Isaías diz também : "O louco dirá loucuras e seu coração meditará tolices, e assim levará a cabo as iniqüidades e dirá mentira na presença de Deus"[597]. Que necessidade houve, pois, de enviar os volumes de acusação e proferir insultos em público, se tu, no fim de tua carta, tu me dissuades, com a notificação de minha morte, que eu ouse responder a tuas acusações, ou antes a teus elogios ? São os mesmos pontos, com efeito, que tu proclamas e que tu acusas, e de uma só fonte procede o doce e o amargo.[598] É por isso que te rogo que a discrição e o recato que de mim exiges tu os exibas antes que eu, e tu que acusas a outrem de mentira, cesses tu de mentir.

Quanto a mim, eu não crio escândalo a ninguém e, no momento, eu não sou o acusador de ti. Com efeito, eu não considero o que tu mereces, mas o que me convém,[599] e temo muito a palavra do Salvador quando diz : « Aquele que tenha escandalizado a um só destes pequeninos que crêem em mim, é melhor para ele que se pendure uma mó de asno em seu pescoço e que seja precipitado no fundo do mar »[600], e « Ai do mundo por causa dos escândalos. É necessário que apareçam os escândalos, mas ai daquele homem por quem um escândalo vem. Eu podia, pelo menos contra ti, acumular falsidades, e dizer que ou ouvi ou vi aquilo que ninguém ignora, de modo que, junto àqueles que o ignoram, o atrevimento fosse

---

[595] Provérbios 14, 3.

[596] Provérbios 18, 2.

[597] Isaías 32, 6.

[598] Tiago 3, 11.

[599] Cícero, Verrinas 2, 1, 12, 32.

[600] Mateus 18, 6.

ignorado como verdade e o frenesi, firmeza.[601] Mas longe de mim ser teu imitador e eu próprio fazer o que eu critico em ti ! Aquele que pode cometer torpezas é que mantém conversas torpes : O homem mau tira do mau tesouro de seu coração o que é mau. A boca fala do que abunda no coração.[602] Tem por lucro, para o momento, o fato de que teu antigo amigo não quer, mesmo acusado, objetar coisas torpes. E digo isso não pelo fato de temer as espadas de tua acusação, mas porque prefiro ser acusado do que acusar, e sofrer a injustiça do que fazê-la, sabendo que o Apóstolo prescreveu : Não vos vingueis vós mesmos, ó caríssimos, mas deixai agir a ira de Deus. Na verdade está escrito : A mim a vingança e eu a retribuirei[603], diz o Senhor. Mas se teu inimigo tem fome, alimenta-o ; se tem sede, dá-lhe de beber. Fazendo, pois, isso, tu reunirá carvões ardentes sobre sua cabeça. »[604] Aquele que, com efeito, se vinga por si mesmo não merece ser vingado pelo Senhor.

2. Entretanto, antes de responder à tua carta, eu acho bom perguntar-te a razão, ó mais velho dos monges, excelente presbítero, imitador de Cristo : tu podes matar teu irmão, se, só de odiá-lo, és um homicida ?[605] Tu aprendeste do Salvador que àquele que te bate em uma face tu deves oferecer a outra ?[606] Deste modo, ele respondeu a quem lhe batia : Se falei mal, dá testemunho do que eu disse de mau ; se eu falei bem, por que me bates ?[607] Tu me ameaças de morte : as serpentes também podem infligi-la. A morte é de todos, o homicídio é dos celerados. Pois quê ? Se tu não me matas, eu serei imortal ? Por que não ser-te-ei grato por fazer da necessidade uma virtude ? Mesmo os apóstolos, sem prejuízo de suas amizades mútuas, não estiveram em desacordo, quando Paulo e Barnabé brigaram por causa de João, com sobrenome de Marcos, e a viagem marítima separou aqueles que o Evangelho de Cristo unia ?[608] O próprio Paulo não bateu de frente contra Pedro, declarando que ele não caminhava

---

[601] Tertuliano, Adu. Hermogenem 1, 2.

[602] Lucas 6, 45.

[603] Deuteronômio 32, 35.

[604] Romanos 12, 19-20.

[605] I João 3, 15.

[606] Mateus 5, 39 (Lucas 6, 29).

[607] João 18, 23.

[608] Atos 15, 37-39.

com passo acertado no Evangelho ?[609] E entretanto, ele o chama seu predecessor, a coluna da Igreja[610], e ele expõe a sua pregação, para não correr ou ter corrido em vão.[611] Em se tratando de religião, os filhos também não discordam dos pais e as mulheres, dos maridos, sem ferir a sua afeição ? Mas vós, se vós vos achais assim como nós nos achamos, por que nos odiais ? Se vossa crença é outra, por que quereis matar ? Acaso aquele que de vós discordar deve ser morto ? Eu invoco a Jesus, testemunha da minha consciência, o qual há de julgar tanto esta carta quanto a tua epístola : à advertência do nosso santo pai Cromacio, eu queria calar-me, pôr fim às mal-querenças e vencer o mal pelo bem[612] ; Mas, visto que ameaças de morte se eu não me tiver calado, sou forçado a responder, para que não pareça o meu silêncio uma confissão de culpabilidade, e que não interpretes a minha doçura como o sinal de uma má consciência.

3. Este é verdadeiramente teu dilema - e ele não passou pela prova da dialética que tu ignoras, mas pela sala de tortura e pelo ofício dos carrascos : se eu me tiver calado, serei culpado ; se eu respondo, maledicente. Tu, pois, tanto me proíbes quanto me obrigas a responder. Nisso agirei ponderadamente num e noutro sentido, de modo que eu lave o que foi acusado ao mesmo tempo que eu me abstenha de injustiça. Quem, pois, não teme aquele que está preparado para matar ? Eu seguirei os passos de tua exposição, reservando o resto àqueles livros eruditíssimos, os quais, antes de lê-los, eu refutei.

Tu dizes « que tu enviaste tua acusação contra mim apenas àqueles que minhas palavras tinham ferido, e não a muitas pessoas, porque não se deve falar aos cristãos para a ostentação, mas para a edificação ». E de onde, eu te pergunto, chegou até mim a fama de teus livros ? Quem os difundiu na Itália, quem em Roma, quem através das ilhas dalmatas ? Se em teus cofres e nos de teus amigos estavam escondidos, como chegaram até mim os agravos feitos a mim ? E ousas dizer que falas, como se fosses cristão, não para ostentação, mas para a edificação, tu que, em tua velhice, inventas a respeito do velho tanto quanto não diria um assassino de um assaltante, de uma cortesã uma meretriz, de um palhaço um bobo ; tu que me

---

[609] Gálatas 2, 11.14

[610] Gálatas 1, 17 ; 2, 9.

[611] Gálatas 2, 2.

[612] Romanos 12, 21.

pares montanhas de acusações[613] e, desde muito tempo, tu afias as espadas para cravá-las em meu pescoço ! Se teus « Cereales » e teus « Anabásios » percorreram diversas províncias, era para ler aí meus elogios ? para recitar o teu panegírico nas esquinas e nas praças ou nas fábricas de tecido onde trabalham mulherzinhas ? Esta é aquela tua santa discrição, esta, a edificação cristã ! Tu és tão modesto, tão reservado que aqueles que vêm em multidão do Ocidente narraram-me teus insultos com tal fidelidade à memória e com tal conformidade com a verdade que eu era forçado a responder, não a teus escritos, que não havia ainda lido, mas às opiniões dos escritos, aparar com o escudo da verdade os dardos de falsidade que voavam pelo mundo todo.

4. Segue em tua epístola : « Não vá comprar meu secretário a peso de ouro, como teus amigos o fizeram para os meus papéis do Perì Archôn ainda não corrigidos, ainda não passados a limpo, para que mais facilmente pudessem falsificar aquilo que ninguém tinha ou muito poucas pessoas. Recebe gratuitamente, enviado por mim, a obra que desejarias adquirir a grandes custos. » Não te envergonha este preâmbulo ? Eu compraria a preço de ouro o teu secretário ? E quem é tão grande e forte que ousa rivalizar com os Cresos e os Darios quanto a riquezas, que não tenha grande medo de se deparar improvisadamente com Demarato ou Crasso ? Até que ponto endureceste a fronte, para que ponhas a esperança tua na mentira e imagines que tu possas ser protegido por uma mentira[614] e penses que se deva acreditar em qualquer coisa que tenhas inventado ? Quem roubou em Belém, no quarto do irmão de Eusébio, a carta que fazia teu elogio ? Por astúcia de quem e com servos de quem foi encontrada, na pousada de Santa Fabíola e desse cristão prudente que é Oceano, a obra que eles nunca tinham visto ? Tu colocas tua inocência no fato de que tudo que é teu tu transferes a outros ? Quem te tiver ofendido, ainda que ele seja simples e irrepreensível, ele se tornará, sem demora, um criminoso ? Tu possuis, com efeito, aquilo pelo qual o pudor de Dânae foi vencido, o que Giezi preferiu à santidade[615] de seu mestre, aquilo por causa de que Judas entregou o seu Senhor.[616]

5. Vejamos, todavia, quais falsificações meu amigo trouxe a teus papéis « que nem

---

[613] Horácio, Arte Poética 139.

[614] Isaías 28, 15.

[615] IV Reis 5, 20-27.

[616] Mateus 26, 14-16.

mesmo corrigidos estavam, nem ainda passados a limpo » e, por isso a falsificação foi mais fácil para ele, ou porque ninguém as tinha, ou muito poucos ». Eu o escrevi antes e agora eu protesto, tomando Deus por árbitro, que eu não aprovei sua acusação, nem de qualquer cristão para cristão. Que necessidade há que se exponha à luz do dia para o escândalo e ruína de muitos aquilo que se pode em segredo censurar ou corrigir ? Mas porque cada um vive com seu humor e como um amigo não tem domínio da vontade do outro, como eu repreendo uma acusação, mesmo justificada, eu não admito que seja imputada a um homem santo a falsificação dos papéis. O que um latino pôde transformar a partir de uma tradução grega ? Ou então o que suprimiria ou acrescentaria nos livros Perì Archôn onde tudo está tão compactado e uma coisa depende da outra, de modo que, se quiseres tirar ou acrescentar, isto aparecerá como um remendo em uma roupa ? O que, pois, me aconselhas, faze-o tu mesmo. Um pouquinho de modéstia pratica, pelo menos a humana, senão a cristã; nem penses que, depois de desprezar e pisar a tua consciência, tu hás de ser purificado pelas palavras, que sofres o peso dos fatos. Se Eusébio resgatou a preço de ouro os papéis não corrigidos para falsificá-los, produz tu os que não foram falsificados ; e se eles nada têm de herético, então é ele que será sujeito ao crime de falsidade. Por mais que mudes, por mais que corrijas, não provarás que são católicos. Se, pois, houvesse um erro em palavras ou em algumas idéias, poder-se-ia cortar o ruim, e no lugar dele recolocar o bom. Mas quando toda a discussão é nivelada, e todas as criaturas racionais que, por vontade própria, decaíram, devem retornar depois a um único estado, de modo que de um outro começo haja novas quedas, que tens a corrigir a não ser que mudes tudo ? Por que, se quiseres fazê-lo, já não traduzirás os livros alheios, mas comporás os teus.

Eu não compreendo de qual espécie é este argumento : « E, disse ele, porque meus papéis não estavam corrigidos e ainda não passados a limpo, que Eusébio falsificou-os mais facilmente. » Ou eu sou mais lento, ou para mim parece-me um argumento bastante tolo e estúpido. Se os teus papéis não estavam corrigidos nem passados a limpo, o erro destes papéis não será imputado a Eusébio, mas a teu atraso e à tua lentidão que demoraste a corrigir ; e apenas por este motivo será ele culpado : porque difundiu teus escritos junto ao povo, os quais tu decidiras corrigir paulatinamente. Se, porém, como tu queres, é Eusébio que os falsificou, por que tu discutes alegando que é sem terem sido corrigidos nem passados a limpo que eles surgiram em público ? Quer tenham sido corrigidos, com efeito, quer não tenham sido

corrigidos, eles sofrem falsificação similar.

« Ninguém, diz ele, tinha esses livros, ou bem poucos. » Em uma só sentença, quanta contradição ! Se ninguém os tinha, como existiam em casa de poucos ? Se poucos os tinham, por que mentes dizendo que ninguém os teve ? Porém, porque dizes que eles estiveram em mãos de poucos, e, segundo tua própria confissão, seja derrubada a afirmação de que ninguém os tenha detido, de onde vem a tua queixa acerca de teu secretário comprado a preço de ouro ? Diz o nome do secretário, a quantidade de ouro dada, o lugar, o intermediário ou o destinatário. Com certeza, tu te livraste daquele que te traiu, e rompeste relações com um culpado de tão grande crime. Cuida para que não haja uma outra versão mais exata : esses poucos amigos teus teriam dado a Eusébio e a outros uns exemplares que entre si se assemelham e concordam que nem por um ponto sequer eles diferem um do outro. Então, que prudência há em dar a outros um exemplar que tu não corrigiste ainda ? Teus papéis não estavam passados a limpo, e os teus erros que era necessário corrigir já estavam em poder de outros ! Tu sentes que tua mentira não tem consistência própria, e que aquilo que em dado momento foi útil a ti para esquivar-te das sentenças dos bispos está aberto a discussão, e que tu és refutado por tuas próprias palavras ? Donde aparece que, segundo uma nota de um célebre orador, tu tens a vontade de mentir, mas não tens a arte de fingir.[617]

6. Eu seguirei a ordem da carta e acrescentarei tuas próprias palavras, como as empregaste : « A tua eloqüência, como tu dizes, eu reconheço ter louvado, mas que também agora eu louvaria, se tu não a tivesses tornado, contra o parecer de teu Cicero, odiosa por muita presunção ».[618] Onde é que gabei a minha eloqüência, eu que nem mesmo por ti admiti de bom grado que ela fosse louvada? Por acaso dizes isso porque não queres ser lisonjeado por uma pregação hipócrita ? Tu serás abertamente acusado, de modo que tu que escarras sobre aquele que te louva, tu sentirás quem te ataca. Tua incompetência, porém, eu não seria tão tolo de repreender, a qual ninguém pode acusar com mais força senão tu próprio quando escreves ; mas eu quis mostrar a teus condiscípulos, que contigo não aprenderam as letras,[619] os progressos que fizeste por trinta anos no Oriente, a ti que, letrado sem letras, tomas a

---

[617] Cícero, locus incertus.

[618] Cícero, Diu. in Caec. 11, 36.

[619] Cícero, Pro Q. Gallio(citado em Jerônimo, epistola 52, 8, 5.

insolência por eloqüência e o maldizer a todos como sinal de boa consciência.[620] Eu não aplico a palmatória em ti, como dizes, nem esforço-me a ensinar as letras a meu discípulo senil de Athenas, com o açoite e as chagas ; mas como não podemos, nós todos os escritores, suportar o raio de tua eloqüência e de tua ciência, e, como feres os nossos olhos pela agudeza de teu talento, a tal ponto que consideras que todos têm inveja de ti , nós nos rivalizamos no desejo de te arrebentar, para que não ocorra que, se porventura tu obtiveres a primazia escrevendo e te instalares no pináculo da eloqüência,[621] não nos seja permitido murmurar a todos nós que presumimos saber alguma coisa. Eu sou filósofo, retor, gramático, dialético, hebreu, grego, latino, trilingüe ? Nestes termos, tu serás, quanto a mim bilingüe, por que é tamanho o teu conhecimento que tens do grego e do latim que, ao mesmo tempo, os gregos te consideram um latino e os latinos, um grego ; e nosso pai Epifânio será pentaglota, porque ele fala em cinco línguas contra ti e teu favorito.

E ao mesmo tempo, eu me admiro do atrevimento com que ousas dizer contra um homem de tantas qualificações : « Tu que vigias com olhos armados de tantas disciplinas, como devemos agraciar-te com o perdão se cometeres engano, e não seres encoberto com o eterno silêncio da vergonha ? » Assim que li esta frase, achei que, em alguma parte em meu estilo, tivesse falhado - Quem, com efeito, não peca em palavra, este é perfeito[622] - e suspeitava que ele fosse denunciar algum de meus defeitos, subitamente ele introduziu estas palavras : « Há dois dias antes que partisse o portador desta, a minhas mãos chegaram estas invectivas que lançaste contra mim » . Onde está, pois, o que ameaças e dizes : « como devemos agraciar-te com o perdão se cometeres engano, e não seres encoberto com o eterno silêncio da vergonha ? » A menos que, por acaso, não pudeste, premido pelo tempo, colocar em ordem estas frases, ou havias de incumbir a alguém entre as pessoas instruídas que fosse procurar em meus opúsculos os adornos das pérolas para a tua eloqüência. Mais acima, tu escreves : « Recebe gratuitamente de minha parte a obra que desejarias comprar a grandes custos », e agora fala sob os embustes da humildade : « Não quis te imitar ; mas como aquele que voltava para ti retornava apressadamente, eu achei melhor escrever a ti em poucas palavras que aos outros responder mais desenvolvidamente a teus insultos. » E durante este

---

[620] Tertuliano, Adu. Hermogenem 1, 2.

[621] Cícero, Orator 17, 56 ; Quintiliano, Inst. 12, 11, 28.

[622] Tiago 3, 2.

tempo, aproveita da tua incompetência. Uma vez, com efeito, confessaste dizendo : « Foi-te supérflua a repreensão em poucos pontos, porque reconhecemos que ela abrange tudo. » Assim não criticarei que tenhas empregado *comparatum* a respeito da obra, em vez de *emptum* , ainda que *comparatio* se refira a termos equivalentes, *emptio* seja o cálculo de um preço ; e nem cometido um pleonasmo de elocução sordidíssima como « aquele que voltava para ti retornava apressadamente ». Vou responder apenas pelo conteúdo, e eu te convencerei em todas as coisas, de nenhum modo, ser o autor de solecismos e barbarismos, mas um mentiroso, um astuto, um desavergonhado.

7. Se só para mim escreves uma carta, para me chamar a atenção, e queres corrigir-me, para que não faças escândalo aos outros e que uns não sejam degolados por outros desvairados, por que diriges para outras pessoas livros redigidos contra mim e espalhas ao mundo todo por tua escolta para serem lidos ? Onde está teu silogismo, pelo qual tentas enredar-me e falas : « Quem nisso, ó mestre excelente, desejavas corrigir ? Se aqueles aos quais escreves, em nada cometeram falta ; se a mim que acusas, não foi a mim que tinhas escrito ? Eu responderei a ti então com tuas próprias palavras : A quem querias corrigir, ó mestre ignorante ? Aqueles que não tinham pecado ; ou a mim a quem não tinhas escrito ? Tu pensas que teus leitores são broncos e que nenhum deles entende tua penetração, ou antes tua malícia, pela qual também a serpente foi o mais compenetrado de todos os animais no paraíso[623], apesar de tu me pedires uma advertência secreta, a mim que persegues com uma acusação pública ? Não te envergonhas de chamar « apologia » tua acusação ? Tu te queixas também que eu oponha um escudo a teu punhal e te metes, religioso e santinho, a máscara da humildade, e dizes : « Se eu tivesse errado, por que escreves a outros e não te diriges a mim próprio a tua refutação ? É isso precisamente que eu vou retornar contra ti. Com efeito, tudo o que me censuras por não ter feito, por que tu próprio não fizeste ? E como se alguém, batendo em outro com socos e pontapés e, se este quisesse resistir, ele diz : « Não te foi prescrito : « Aquele que te tiver batido numa face, apresenta-lhe também a outra ?[624] O que, com efeito, ó bom homem, foi-te prescrito que me batas, que me vases o olho ? E se me remexo um pouco, tu me cantaras os preceitos do Evangelho ?

Queres saber todos os ardis das tuas argúcias e as armadilhas das raposinhas que

---

[623] Gênesis 3, 1.

[624] Mateus 5, 39.

habitam nos escombros[625], das quais também fala Ezequiel : Como raposas no deserto são teus profetas, Israel ?[626] Escuta o que fizeste : Tu me louvaste em teu prefácio a tal ponto que me censuram por teus elogios e, se eu me dissesse alheio a tão grande panegirista, eu seria julgado herético. Depois que eu repeli os teus agravos, isto é, teus louvores e, sem ódio a teu nome, eu respondi a estes agravos, não àquele que os formulava, e para provar minha ortodoxia, eu que tu havias desacreditado, eu me lancei contra os hereges, e tu te enraiveces, tu deliras e forjas contra mim livros elegantissimos. E como tu os tinhas dado a todos para serem lidos e cantados, chegaram até mim, da Itália, da cidade de Roma e da Dalmácia os escritos, com os quais tu me terias ornado com elogios, meu panegirista de antanho.

8. Eu o confesso, eu respondi logo às censuras e eu tentei provar com todas as forças que eu não era herege. E eu enviei estes livros de minha apologia àqueles que tinhas ferido para que, aos venenos teus, seguisse o nosso antídoto. Por causa desta falta, tu me envias ao mesmo tempo teus livros anteriores e a recente carta cheia de injúrias e agravos. Que queres que eu faça, ó bom amigo ? Calar-me ? Darei a entender que eu reconheço minha culpabilidade. Falar ? Tu me aterrorizas com tuas espadas, e me ameaças com a acusação não mais eclesiástica, mas diante dos tribunais. O que eu fiz ? Em que me tornei culpado ? Em que te causei dano ? É por que eu disse que não era herege ? Porque disse que era indigno de teus elogios ? Porque descrevi abertamente as fraudulências e os perjúrios dos hereges ? E quanto a ti que te gabas de ser ao mesmo tempo católico e sincero, que, com melhor disposição, me acusas do que te defendes ? Por acaso, minha defesa é a tua acusação ? Ou então, não poderias ser ortodoxo de outra forma senão a de provar que sou herege ? Em que minha companhia te é util ? Ou então o que é esta sagacidade ? Acusado por uns, tu acusas um outro. Tu és atacado por um, e dando as costas a ele, tu provocas contra ti um outro que está tranqüilo.

9. Eu tomo Jesus como mediador : é contra minha vontade e a contragosto que eu desço a essas palavras e, se tu não me provocasses, sempre teria guardado o silêncio. Em suma, não queiras acusar, e eu, por minha parte, cessarei de defender-me. Qual é, na verdade, a edificação daqueles que ouvem se dois velhos se digladiam entre si por causa de hereges, sobretudo quando ambos querem passar-se por católicos? Abandonemos o patrocínio dos

---

[625] Ezequiel 13, 4 ; 33, 27.

[626] Ezequiel 13, 4.

hereges e não haverá entre nós nenhum conflito. Com o mesmo fervor com o qual anteriormente louvamos, condenemos Orígenes, que agora está condenado pelo mundo todo. Apertemos as mãos, unamos os corações e sigamos, com passo alegre, os dois porta-troféus do Oriente e do Ocidente. Quando jovens, nós erramos : corrijamos, quando velhos. Se tu és um irmão, alegra-te de me ver corrigido. Se eu sou um amigo, pela tua conversão devo parabenizar-te. Enquanto houver entre nós desavença, nós enunciaremos aparentemente a verdadeira fé por obrigação, e não espontaneamente. As nossas inimizades nos tiram um ao outro o testemunho de um verdadeiro arrependimento. Se temos uma só fé, se queremos e recusamos ao mesmo tempo a mesma coisa - que daí nascem as amizades sólidas até Catilina atesta[627] - se nós igualmente odiamos os hereges, e condenamos indistintamente nosso antigo erro, por que nós nos erguemos um contra o outro, visto que são as mesmas idéias que atacamos, as mesmas que defendemos ? Perdoa-me que eu tenha louvado, em minha idade juvenil, a erudição de Orígenes e o zelo pelas Escrituras, antes que eu conhecesse mais plenamente a sua heresia, e eu te darei o perdão por teres escrito a apologia de seus livros no tempo de teus cabelos brancos.

10. Tu atestas que meus opúsculos chegaram a tuas mãos dois dias antes que nos escrevesses tua carta, e que, por esta razão, não tiveste tempo livre para responder. Ao contrário, se nos tivesses falado contra nós depois de preparação e meditação, pareceria que tu lançavas raios, não agravos. E quem, pois, acredita em ti, o homem sinceríssimo, quando um negociante de víveres orientais que, ao mesmo tempo, tinha a obrigação de vender o estoque levado daqui e lá comprar o que ele traria de volta para cá, teria estado dois dias apenas na Aquiléia, de tal modo que, às pressas e de improviso, tu serias forçado a compor uma epístola contra nós. Teus livros, com efeito, que poliste por três anos, estão mais eloqüentes ? A não ser que não houve atualmente quem corrigisse tuas bagatelas e, por esta razão, todo o percurso de tua elocução à qual falta a arte de Palas[628], se acha entrecortado pelas asperezas e voragens de teus defeitos. Tão manifesta é tua mentira acerca do tempo que, não direi quanto a responder, mas que não sejas capaz de lê-los em dois dias. O que vem mostrar que, ou tu levaste vários dias para escrever aquela carta, como prova a elegância de seu estilo, ou que, se tua elocução é caótica, tu és bastante negligente, porque tal como tu és na improvisação, tu

[627] Salústio, Catilina 20, 4.

[628] Virgílio, Eneida 2, 15.

foste mais medíocre ainda, depois de reflexão.

Segunda parte: retorno sobre os métodos de tradução e de comentário, bem como sobre um problema de atribuição

11. Aquilo, porém, para o qual buscas escapatória e dizes que tu traduziste do grego aquilo que eu traduzira primeiramente para a língua latina, não entendo muito o que queiras dizer, a menos que, talvez, tu não incrimines ainda os Comentários aos Efésios e, como se nada, sobre este assunto, te tivesse sido respondido, tu endureces a fronte desavergonhadamente e, com os ouvidos tapados, tu não recebes as palavras do encantador.[629] Nós, em nossos comentários, tanto esses quanto aqueles, nós desenvolvemos o nosso ponto de vista e o dos outros, abertamente reconhecendo o que é herético e o que é católico. Isto é, com efeito, o usual em termos de comentários e a regra dos exegetas : eles buscam as opiniões divergentes quanto à explicação, e expõem o seu próprio ponto de vista e o dos outros. É isto o que fazem não apenas os exegetas das santas Escrituras, mas também os comentadores das literaturas profanas, tanto latina quanto grega. Tu não podes alegar o mesmo para os livros do Perì Archôn. Condenar-te-á, com efeito, o teu prefácio no qual prometes que, cortadas as más passagens e as que tinham sido acrescentadas por hereges, ficaram as passagens excelentes, de modo que tudo o que aí disseres de bom ou de mau ja não seja imputável àquele que traduzes, mas a ti que o traduziste. A menos que, por acaso, tu devas ter que corrigir os erros dos hereges e divulgar aos olhos de todos os maus aspectos de Orígenes ! Mas a este respeito, visto que nos remetes à tua obra, nós te respondemos antes que lêssemos teus escritos.

12. Quanto ao livro de Pânfilo, por acaso aconteceu-me uma aventura não ridícula, como escreves, mas risível, que, depois que afirmei que aquele livro era de Eusébio, e não de Pânfilo, eu disse finalmente que também eu acreditava há vários anos que era de Pânfilo e que tinha tomado emprestado de ti um exemplar deste volume. Vê quanto eu temo as tuas gargalhadas, a tal ponto que até agora eu apresento as mesmas afirmativas. Sobre a base de tua obra, nós recebemos um exemplar como se fosse de Pânfilo. Eu acreditei em um cristão, eu acreditei em um monge : não pensei que pudesses imaginar tamanho crime. Mas, em

[629] Salmo 57, 5-6.

seguida, como, por meio da tua tradução, elevou-se no mundo inteiro a questão contra Orígenes, eu diligenciei-me em buscar exemplares e descobri na biblioteca de Cesaréia os seis volumes de Eusébio da *Apologia* de Orígenes. Tendo-os lido, eu encontrei como primeiro livro aquele que tu publicaste isoladamente sob o nome do mártir, tendo sido comutadas, em boa parte, várias blasfêmias em relação ao Filho e ao Espírito Santo. Eu não sei quem é que fez isto, se foi Dídimo, ou tu ou um outro, isto que declaradamente estás convencido de ter feito nos livros do Perì Archôn, tanto mais que o próprio Eusébio - como já em dois livros eu mostrei - escreve que Pânfilo não publicou nenhuma obra própria.

Dize, pois, tu também a quem tomaste teu exemplar, não me cites, para esquivar-te à acusação, nomes de mortos, de modo que, quando não puderes mostrar o autor, tu apontes alguém que não pode responder. Mas se este riachozinho tem sua fonte em teus escrínios, o que se segue, mesmo que eu me cale, não representa nenhuma dúvida para ti. Porém, supõe que um outro admirador qualquer de Orígenes seja o responsável pela mudança do título deste livro e do nome do autor : por que traduzes isso para o latim ? Evidentemente para que, pelo testemunho de um mártir, todos cressem nos escritos de Orígenes, com a muralha erguida de tão grande autoridade e testemunha. Não te basta a apologia de um homem muito sábio, a não ser que escrevas também um volume próprio em sua defesa. Uma vez estes escritos largamente difundidos, doravante com segurança tu traduzes os livros Perì Archôn do grego e recomendas estes livros com um prefácio, dizendo que alguns pontos nestes livros foram adulterados por hereges, os quais corrigiste pela leitura de outros livros de Orígenes. Tu fazes meu elogio para que algum dos meus amigos não contradiga a ti. Tu celebras o *arauto* de Orígenes ; tu elevas aos céus a minha eloqüência para afundar minha fé na lama, tu me chamas de irmão e colega e declaras-te o imitador de minha obra. Enquanto tu gabas as Setenta homilias de Orígenes traduzidas por mim e alguns dos tomos sobre o Apóstolo, nos quais eu teria polido tudo « de modo que nada neles que destoe da fé católica o leitor latino encontre »[630], agora tu acusas os mesmos livros de heréticos e, com o estilete virado, aquele que tinhas celebrado porque consideravas teu associado, tu o acusas, porque enxergas nele um inimigo de tua perfídia. Qual de nós dois é o caluniador do mártir ? Eu que digo que ele não foi herege e nem escreveu um livro que é censurado por todos ou tu que publicaste um volume de um ariano sob o nome de um mártir com título mudado ? Não te basta o escândalo

[630] Rufino, Orig. Princ. 1, prol. 2, 32-35 (= Hier. epist. 80, 2, 2)

da Grécia a não ser também aquele que trazes aos ouvidos dos Latinos e deformas com tua tradução um ilustre mártir, com tudo que tens. Tu, certamente, agiste com outra intenção, não a de denunciar um mártir, não a de acusar-me, mas a de defender, por nosso intermédio, os escritos de Orígenes. Saiba, porém, que a fé romana, louvada pela voz do Apóstolo,[631] não admite artifícios desta natureza, e que, mesmo se um anjo anunciasse diferentemente do que foi pregado uma vez por todas, esta fé sustentada pela autoridade de Paulo[632] não poderia mudar.

Portanto, irmão, que o livro tenha sido falsificado por ti, como muitos pensam, ou então por outros, como tu talvez tentas convencer-nos - e levianamente acreditaste que a obra composta de um herege fosse de um mártir ! - muda o título e livra a simplicidade romana de tão grande perigo. Não te é util que por ti um mártir de grande fama seja tido como um herege, de modo que aquele que verteu seu sangue pelo Cristo fosse considerado um adversário da fé do Cristo. Dize tu antes : eu achei um livro, eu presumo que seja de um mártir. Não temas a penitência. Já não te pressionarei, não direi de quem o recebeste. Cita alguém dos mortos, ou então dize que o compraste de um desconhecido na praça pública. Não é a tua condenação, com efeito, que procuramos, mas tua conversão. É melhor que tenhas cometido um erro que um mártir tenha sido herege. Enquanto isso, tira o teu pé como quer que seja do grilhão presente. Tu é que tens que ver, quando do julgamento por vir, o que responder às queixas do mártir contra ti.

13. Tu apresentas para ti também as objeções que ninguém fez e dissolves as acusações que ninguém dirige a ninguém. Tu declaras com efeito que leste em minhas cartas : Dize-me quem te permitiu que, na tua tradução, tu tirasses, acrescentasses ou modificasses certas coisas ? Logo tu te dás a resposta e falas contra mim : « E eu te digo : eu te suplico, o que te permitiu que, em teus comentários tu escrevesses alguma coisa de Orígenes, ou de Apolinário ou de ti mesmo e não totalmente a partir de Orígenes, ou de ti ou de outro ? Durante este tempo, é contra ti mesmo que, enquanto fazes outra coisa, tu produziste um agravo extremamente forte, e esqueceste o velho provérbio, de que os mentirosos têm que ter memória. Tu dizes, com efeito, que eu pus em meus comentários textos de Orígenes, de Apolinário, e de mim próprio. Se, pois, os textos são de Apolinário e de Orígenes, aqueles que

---

[631] Romanos 1, 8-12.

[632] Gálatas 1, 8.

sob o nome de outros eu mencionei, como em teus livros a mim diriges o agravo que, quando eu escrevo : Um outro diz isso..., alguém assim conjectura..., que o « outro » seja ele e o « alguém » seja eu ? Entre Apolinário e Dídimo, tanto o estilo de exegese quanto a divergência de doutrinas é grande. Quando em um único capítulo, eu cito diversos pontos de vista, deve-se acreditar que eu adoto sentidos contraditórios ? Mas estas questões veremos em outra ocasião.

14. Neste momento, eu te pergunto quem te censurou por ter, na obra de Orígenes, suprimido alguns pontos, ou ter acrescentado, ou ter modificado, e ter-te interrogado como se estivesse colocado em um cavalete : são bons ou maus os textos que traduziste ? Em vão finges inocência, para enfraquecer por uma pergunta boba a verdadeira questão. Eu não te acusei de ter traduzido Orígenes por tua vontade : eu mesmo, com efeito, o fiz e, antes de mim, Victorino, Hilário e Ambrósio o fizeram ; mas porque reforçaste com o testemunho de teu prefácio uma tradução herética. Tu me obrigas a repetir mais uma vez as mesmas coisas e fazer o meu caminho. Tu dizes, com efeito, no mesmo prólogo que tu cortaste as coisas que tinham sido acrescentadas pelos heréticos e que puseste em seu lugar boas coisas. Se tiraste os maus textos dos hereges, então os que deixaste e os que acrescentaste ou serão de Orígenes ou teus, os quais seguramente puseste como bons. Mas muitas passagens más nestes textos não poderás negar que as há. Tu me dirás : o que eu tenho a ver com isso ? Atribui a Orígenes ; quanto a mim, com efeito, eu apenas modifiquei as passagens que tinham sido acrescentadas pelos hereges. Expõe as causas por que tu suprimiste as coisas más dos hereges e deixaste intactas as coisas más de Orígenes? Não é evidente que condenaste os maus textos de Orígenes, em parte sob a atribuição dos mesmos aos hereges, e em parte aceitaste, porque julgavas que não eram maus, mas bons e de acordo com a tua fé? Esses textos são aqueles dos quais eu inquiri se eram bons ou maus, aqueles que no teu prefácio louvaste, dos quais, cortadas as piores partes, tu confessaste que ficaram como excelentes. E é assim que eu te dependurei ao cavalete do raciocínio verdadeiro, de modo que, se disseres que são bons, tu te mostras herético, e se maus, tu ouças logo : Por que, pois, tu louvaste em teu prefácio os que são maus ? E não acrescentei aquela frase que tu imitas com esperteza : Por que traduziste os maus textos para dá-los a conhecer aos Latinos ? Mostrar os maus textos, com efeito, às vezes, cabe não a quem ensina, mas a quem procura evitá-lo ; para deixar o leitor precavido, não para que siga os erros ; para que ele despreze as coisas conhecidas que, por vezes

desconhecidas, são objeto de admiração. E ousas dizer, depois disto, naquilo que pudeste corrigir alguma coisa, fizeste mais do que um tradutor ; e nos trechos em que não pudeste corrigir, apenas traduziste. Com razão isto dirias se os teus livros Perì Archôn não tivessem prefácio. « É o que fez também Hilário, ao traduzir suas homilias para que os bons e os maus textos não fossem atribuídos ao tradutor, mas a seu autor. » Se não tivesses dito que cortaste as piores passagens e que ficaram as melhores, de um modo ou de outro tu sairias da lama. Isto é o que destrói os artifícios de teu parco talento, e não te permite sair daí, tu que estás encerrado nele. Não abuses também da simplicidade do leitor e, assim, consideres rudes todos que lerão teus escritos, a tal ponto que não riam ao te verem aplicar emplastros a um corpo são enquanto deixas as feridas apodrecerem.

15. A tua posição quanto a ressurreição da carne, ja a aprendemos na tua Apologia : « sem amputação de nenhum membro nem corte de nenhuma parte do corpo »[633]. Esta é a confissão declarada e pura de tua simplicidade que afirmas que foi aceita por todos os bispos da Itália. Eu creria em tua palavra se este livro, que não é de Pânfilo, não me fizesse duvidar de ti. Entretanto eu me admiro que a Itália aprove o que Roma desprezou, que os bispos tenham aceitado o que a Sé Apostólica condenou.

Terceira parte: diversas personalidades no Oriente e no Ocidente

16. Tu escreves igualmente que, em minha carta, eu indiquei que o nosso pai Teófilo publicou recentemente uma exposição da fé que até vós ainda não chegou. E tu prometes que segues tudo o que ele escreveu. Eu não sei se escrevi isso nem se alguma vez despachei carta deste tipo. Mas se tu concordas com o que é incerto e com aquilo do qual ignoras o que há de ser, é para afastar o que é certo e para não ser tido por apoiá-los. Eu traduzi mais ou menos, no decorrer dos dois últimos anos, duas de suas epístolas, uma sinódica e outra pascal, contra Orígenes e seus discípulos, e outra contra Apolinário e o próprio Orígenes, e dei-as a ler aos homens de nossa língua para a edificação da Igreja. Uma outra obra dele eu ignoro tê-la traduzido. E entretanto, tu que dizes seguir em todos os pontos o parecer de nosso pai Teófilo, toma cuidado para que os teus mestres e condiscípulos não

[633] Rufino, Apol . ad Anastas. 4, 4-5.

ouçam isto, e para que não ofendas o maior número possível que nos chamam, a mim, de bandido e a ti, de mártir ; toma cuidado para que não se enfade contra ti aquele que, despachando cartas para ti contra o papa Epifânio, exortava-te a que permanecesses na verdade da fé, para que não mudasses de opinião sob terror nenhum. Esta carta autógrafa está em poder daqueles aos quais ela foi remetida. E depois disto, tu falas por teu costume e, a respeito daquilo que acima disseras : « Por mim, eu te darei satisfação mesmo se estás em desvario », agora dizes : « O que te parece ? Tu tens além disso algum ponto ao qual possas mandar as forças de tua loquacidade ? »[634] E tu te indignas se eu te condeno quando falas afetadamente, quando tu, escritor eclesiástico, tu assumes as obscenidades das comédias e as brincadeiras das prostitutas e dos devassos !

17 . Em seguida vem a tua pergunta sobre o momento em que eu comecei a seguir o parecer de nosso pai Teófilo e associar-me a ele pela comunhão da fé e tu te respondes a ti mesmo : « Eu creio, que seja então quando, com todos os esforços e com todos os zelos, tu defendias Paulo, a quem ele condenara ; quando a este induzias a recuperar o sacerdócio, que ele perdera por sentença episcopal, graças a um escrito imperial. » Não responderei para defender-me antes de ter falado dos danos causados aos outros. Que humanidade, que piedade é essa de insultar as calamidades dos outros e as feridas alheias a todos mostrar ? Assim te ensinou também aquele samaritano a levar à estalagem o homem semimorto, a derramar óleo nas feridas, prometer ao estalajadeiro seu salário ?[635] Assim tu lês que a ovelha foi trazida de volta, a dracma achada, o filho pródigo acolhido ? [636] Convenhamos que eu te tenha prejudicado e, com certas pontadas, te tenha levado à loucura de teus insultos. O que cometeu um homem que se escondia para desnudar-lhe as cicatrizes e reabrir a pele fechada, com um sofrimento inesperado ? Não é verdade que, mesmo se ele fosse digno de opróbrios, tu não deverias fazê-lo ? Salvo engano de minha parte, é verdadeiro o comentário que muitos proferem: que tu persegues os inimigos dos origenistas em sua pessoa e tu aproveitas da ocasião para ser cruel com um e com outro de uma só vez. Se tu te agradas das sentenças de nosso pai Teófilo e consideras sacrilégio que as sentenças pontificais sejam abolidas, o que dizes de todos os outros que ele condenou ? O que dizer do pai Anastásio a respeito de quem,

---

[634] Terêncio, Eunuco, 312.

[635] Lucas 10, 30-35.

[636] Lucas 15, 3-32.

como dizes, « a ninguém parece verdade que o bispo de tão importante cidade pudesse causar prejuízo a ti que eras inocente ou ausente » ? Nem digo isto porque eu faço julgamento das sentenças dos bispos, ou desejo rasgar seus decretos, mas porque cada um deve fazer com seu próprio risco o que bem lhe parecer, e que este mesmo saiba como devem ser julgadas as coisas a partir de seu próprio julgamento.

É do nosso agrado a hospitalidade no mosteiro, e todos que até nós chegam recebemos com semblante alegre de humanidade. Nós tememos, com efeito, que Maria acompanhada de José, não encontre lugar na hospedaria,[637] e que Jesus nos diga, tendo sido repelido : Eu era um estrangeiro e vós não me recebestes.[638] Os hereges são os únicos que não recebemos, os únicos que vós recebeis. Nós temos, com efeito, por vocação de lavar os pés dos que vêm, e não discutir os méritos. Lembra-te da sua confissão e do seu peito que os açoites lavraram ; recorda-te do cárcere, das trevas, do exílio, das minas ; e tu não te indignarás que ao passageiro tenha sido dada a hospitalidade. Por acaso a ti parecemos rebeldes, porque estendemos, aos que têm sede, um copo de água fresca, em nome de Cristo ?[639]

18. Tu buscas as razões que temos de amá-lo mais e tu de odiá-lo mais ? Uma facção de hereges, há pouco tempo rechaçada do Egito e de Alexandria, dirigiu-se a Jerusalém e quis aliar-se a ele, de modo que, tendo eles a mesma dor, que uma só acusação se fizesse. Mas a estes ele repeliu, desprezou, rejeitou, dizendo que ele não era o inimigo da fé nem que empreendia guerra contra a Igreja ; que suas empresas anteriores deviam ser tidas como de dor, não de traição ; nem que ele tenha atacado a inocência de outrem, mas que ele tenha querido a sua própria. Tu consideras ímpio o rescrito imperial depois das sentenças sacerdotais ? O que quer que seja, sabe-o aquele que o mereceu. Que impressão tens daqueles que, quando condenados, vêm sitiar o palácio e, formando o grupo uma cunha, perseguem a fé do Cristo na pessoa de um só homem?

Da comunhão que nos unia, a mim e ao nosso pai Teófilo, eu não invocarei nenhum outro testemunho senão aquele que presumes que eu tenha prejudicado, e não ignoras as cartas sempre dirigidas a mim, mesmo naquele tempo em que tu impedias que elas me fossem

---

[637] Lucas 2, 7.

[638] Mateus 25, 43.

[639] Mateus 10, 42.

remetidas e, pelos mensageiros enviados cotidianamente, tu repetias que seu inimigo era um amigo nosso e dos mais íntimos, e tu pregavas as mentiras que agora desavergonhadamente escreves, para atiçar contra nós o seu ódio e fazer com que o sofrimento causado pela afronta se transformasse em violência para a minha fé. Mas como homem circunspecto e de sabedoria apostólica, ele demonstrou, com o tempo e as circunstâncias, ao mesmo tempo, o nosso estado de espírito com relação a si e às vossas armadilhas contra nós. Se os meus discípulos, como escreves, em Roma atiçaram a hostilidade e roubaram, enquanto dormias, os papéis que não haviam sido ainda corrigidos, quem fez o nosso pai Teófilo se levantar contra rebeldes no Egito ? Quem fez os decretos dos reis ? Quem fez o consenso nesta parte do mundo ? E tu te glorias de ter sido, desde tua adolescência, ouvinte e discípulo de Teófilo, quando também ele, antes de tornar-se bispo, por uma modéstia inata em si, nunca ensinou, e tu, depois que ele se tornou bispo, não estavas em Alexandria. E ousas dizer para estigmatizar-me : « A meus mestres não acuso nem modifico. » Porque se é verdade, tu fazes suspeita para mim tua freqüentação. Não, eu não condeno, como me acusas, os que me formaram, mas temo aquilo que disse Isaías : *Ai daqueles que declaram mau o que é bom, e bom o que é mau, que mudam as trevas em luz e a luz em trevas, que declaram amargo o que é doce, e doce o que é amargo.*[640] Tu, porém, enquanto bebes igualmente os venenos e os vinhos melados dos mestres, tu te afastaste do mestre Apóstolo que ensina que não se deve seguir nem mesmo um anjo nem a ele mesmo, se eles tiverem cometido algum erro em matéria de fé.[641]

19. Em nome de Vigilâncio, eu não sei o que tu sonhas. Onde, com efeito, eu escrevi que ele se maculou pela comunhão com os hereges, em Alexandria ? Apresenta o livro, produz a carta : não encontrarás em nenhuma parte, de nenhum modo, isso. Com a mesma ousadia, ou antes o descaramento com que mentes, com o qual achavas que todos haveriam de acreditar em teus discursos, tu acrescentas : « quando tu citaste contra ele um testemunho das Escrituras de uma forma tão ofensiva que eu não ouso repeti-lo com minha própria boca. » Tu não ousas repeti-lo e, calando-te, tu aumentas ainda mais o agravo, e como não tens nada a lançar-me na cara, tu finges discrição, para que o leitor ache que tu poupas a mim, quando, mentindo, tu não poupaste nem à tua alma. Qual testemunho da Escritura é aquele que não pode sair dessa tua boca discretíssima ? Ou que de escandaloso pode ser relatado nos Livros

---

[640] Isaías 5, 20.

[641] Gálatas 1, 8.

Santos ? Se tu coras de falar, escreve pelo menos, para que nos convença o próprio discurso da insolência. Para não falar do resto, é apenas neste único capítulo que eu comprovarei que tu possuis a fronte férrea da trapaça. Vê quanto eu temo tua acusação : Se tu inventas aquilo de que me ameaças, recairá sobre mim tudo que é teu.

Para mim, na pessoa de Vigilâncio, é a ti que respondi. Ele me acusava, com efeito, com os mesmos termos com que tu, depois, tu louvas, como amigo, e acusas, como inimigo. Eu sei quem atiçou sua raiva contra mim, eu conheço os teus túneis subterrâneos, não ignoro a tua candura que todos proclamam : por causa da tolice dele, a tua maldade arrebatou-se contra mim. Se eu o repeli com a minha carta, para que não pareças ser o único a ter o cajado das letras, tu não deves dissimular a torpeza dos termos, a qual não leste absolutamente em parte alguma ; mas deves compreender e reconhecer que é por sua estupidez que houve resposta a tuas calúnias.

20. Na epístola de nosso santo pai Atanásio, tu te mostraste inconstante ; e na tua agitação, tu não encontras nada em que possas fincar o pé. Com efeito dizes ora que eu a compus, ora que ela devia ter sido entregue a ti por aquele a quem ela foi enviada. De novo denuncias a injustiça daquele que escreve. Aliás, que a epístola tenha sido escrita por ele ou que ela não tenha sido, tu atestas que não te cabe em nada, porque tens o testemunho de seu predecessor e que, por amor de tua cidadezinha fortificada, tu desprezaste o pedido de Roma que tu a honrasses pelo brilho de tua presença. Se tu suspeitas que esta carta tenha sido forjada por mim, por que não a procuras no arquivo da Igreja romana ? Assim que descobrires que ela não foi enviada pelo bispo, com toda evidência tens o culpado do crime ; de nenhum modo tu me oporias teiazinhas de aranhas, mas me encerrarias em uma rede de enorme força e solidez. Se entretanto ela é do bispo romano, é tolice o que fazes, de pedir dele um exemplar a quem ela foi enviada, e não de quem a enviou, esperar do Oriente o testemunho do qual tens, na tua proximidade, o garante e a testemunha.

Vá antes a Roma e pessoalmente junto dele pede satisfação do motivo pelo qual a ti, ausente e inocente, ele tenha feito esta afronta : primeiro, porque não admitiu a exposição da tua fé, que, como escreves, toda a Itália ratificou, e não quis servir-se do cajado da tua carta contra os cães lançados após ti ; em seguida, para enviar-te epístolas ao Oriente contra ti, para queimar-te, enquanto não sabes, como cautério da heresia, e dizer que, se os livros de Orígenes Perì Archôn foram por ti traduzidos e entregues à plebe simples da Igreja romana,

era para que perdessem a verdade da fé que eles aprenderam do Apóstolo, e depois, tendo a maior audácia para suscitar contra ti uma hostilidade maior, de incriminar este mesmo livro reforçado pelo testemunho de teu prefácio. Não é leve a acusação que te lança o pontífice de tão grandiosa cidade, ou então ele levou em consideração levianamente a acusação que outro introduziu. Vocifera e proclama nas encruzilhadas e nas praças : Não é meu livro ! E se são meus os papéis não corrigidos, Eusébio retirou-os às escondidas. E de outro modo que eu os publiquei ou antes não os publiquei. A uma só pessoa os dei, ou pelo menos a muito poucas pessoas ; foi tão celerado o inimigo e os amigos, tão negligentes, que os códices de todos foram igualmente falsificados. Eis o que deverias ter feito em vez de lhe virar as costas e dirigir-me, além dos mares, as flechas de teus insultos. Que bem pode fazer a tuas feridas se eu for ferido ? É um consolo ter sido ferido, e ver um amigo consigo morrendo ?

21. Tu levas adiante a epístola de Sirício que já dorme no Senhor, e tu desprezas o que diz Anastásio que está vivo. O que pode, com efeito, causar-te estorvo, como dizes, que sem que saibas, ele tenha escrito ou não tenha escrito ? Mesmo se ele escreveu, o testemunho do mundo inteiro te basta que « a ninguém parece verdade que o sacerdote de tão grande cidade tenha podido causar prejuízo a um inocente ou a um ausente ». Tu te declaras inocente, a ti cuja tradução fez Roma tremer ; ausente, quando acusado, não ousas responder. E tu foges a tal ponto ao julgamento da cidade de Roma que preferes enfrentar o assédio bárbaro do que a sentença de uma cidade em paz. Admitamos que eu tenha forjado a carta do ano passado. Quem enviou ao Oriente os escritos recentes, nos quais o papa Anastásio te adorna com tantas flores que, quando os tiveres lido, tu começarás a querer defender-te que acusar-nos ?

E considera, ao mesmo tempo, aquela tua inimitável sagacidade e os sais áticos, e a graça de uma linguagem santa. Tu és atacado por uns, és trespassado pela acusação de outros e contra mim tu te inchas furioso e falas : « Porventura também eu não posso contar como tu deixaste Roma, que julgamento foi feito de ti naquele momento, o que foi escrito em seguida, o que juraste, aonde embarcaste, quão escrupulosamente tu evitaste o perjúrio ? Eu podia revelá-lo, mas eu decidi guardar mais do que relatar. » Estes são os adornos de tuas palavras. E depois disto, se eu disser contra ti algo de áspero, logo ameaças a mim a citação na justiça e as espadas. E durante aquele tempo, como homem de grande eloqüência, tu brincas com a arte retórica, tu finges passar em silêncio o que dizes, de modo que tu tornes criminoso aquilo que, como se esquecido, censuras a mim sem poder dar provas. Esta é toda tua simplicidade, assim

poupas a um amigo ; e tu te reservas aos tribunais dos juízes, de modo que enquanto a mim poupas, tu me lanças um montão de acusações contra mim.

22. Queres saber com detalhes a ordem da minha partida da cidade ? Eu os contarei sucintamente. Era o mês de agosto, quando sopravam os ventos etésios. Eu embarquei tranqüilamente no porto de Roma com o santo presbítero Vicente, meu jovem irmão e outros monges que agora residem em Jerusalém, com uma enorme multidão de fiéis acompanhando-nos. Cheguei a Régio, eu parei um momento em Scylla, onde eu me instruí a respeito das fábulas antigas, e o périplo perigoso do traiçoeiro Ulisses[642] e os cantos das sereias e a voragem insaciável de Caribdes. E como os habitantes daquele lugar narravam muitas coisas e davam-me conselho de navegar, não para as colunas de Proteu[643], mas ao porto de Jonas - aquele caminho, com efeito, era o dos que fugiam e dos que estavam em dificuldade, este era o do homem tranqüilo - eu preferi ganhar Chipre por Málea e as Ilhas Cíclades. Eu fui recebido aí pelo Venerável bispo Epifânio, de cujo testemunho tu te prevaleces. Cheguei a Antioquia, onde desfrutei da comunhão com o pontífice e confessor Paulino. Ele me reconduziu sobre a estrada de Jerusalém, onde entrei em pleno inverno e com um frio muito rigoroso. Vi muitas maravilhas e o que até então me havia sido contado pelo rumor público, eu pude comprovar, julgando com os olhos. Daí tomei rumo do Egito, contornei os mosteiros de Nítria e avistei as áspides se escondendo entre os coros dos santos. Eu retornei logo com passo rápido à minha cara Belém, onde adorei o presépio e o berço do Salvador. Eu vi também o formosíssimo lago, e eu não me entreguei a uma mole ociosidade, mas aprendi muitas coisas que antes não sabia.

Quanto ao julgamento feito sobre mim em Roma e ao que foi, em seguida, escrito, não quero que o cales, sobretudo porque tens testemunho escrito, e que, de minha parte, não é por tuas palavras - tu as podes disfarçar e jactar-se de uma mentira impune - mas por escritos eclesiásticos que eu devo ser censurado. Vê quanto eu te temo : se produzes uma pequena página do bispo de Roma ou de uma outra Igreja contra mim, tudo que contra ti foi escrito eu reconhecerei como minha culpa. Por acaso eu não poderia pôr em questão tua partida, que idade tinhas, de onde partiste, por quanto tempo navegaste, onde viveste, as pessoas com quem conviveste ? Mas longe de mim fazer o que em ti eu censuro e forjar elucubrações

---

[642] Virgílio, Eneida 2, 90.

[643] Virgílio, Eneida 11, 262.

semelhantes à discussão de mulheres velhas quando se trata de uma questão eclesiástica. Que baste ter dito à tua prudência apenas isto : que tu cuides em não dizer a outrem tudo o que pode logo retornar contra ti.

23. Admirável a tua escapatória em nome de santo Epifânio, de modo que, depois do beijo, depois das palavras rituais, tu negas que ele teria podido escrever contra ti ! Como se afirmasse que não teria podido morrer aquele que, pouco antes, estava em vida, ou que a censura de que foste o objeto seja mais certa que tua excomunhão depois da paz concluída ! « Saíram de nós, ele diz, mas não foram dos nossos ; se fossem, com efeito, dos nossos, eles teriam seguramente permanecido conosco. »[644] O apóstolo preceitua que se deve evitar o herético após uma e outra advertência[645], que, seguramente, antes que seja evitado e condenado, ele fazia parte do rebanho da Igreja.

E ao mesmo tempo eu não posso conter o rir, porque avisado por alguém prudente, tu retumbas em louvores de Epifânio : Este é aquele velho tresloucado, este antropomorfita[646], este que cantou, em tua presença os seis mil livros de Orígenes, que, nas línguas de todas as nações, ele crê que a pregação contra Orígenes lhe seja obrigatória, que, por causa disto, proíbe que ele seja lido para que os outros não percebam seus furtos ![647] Lê os teus escritos e a epístola dele, ou antes, as epístolas, das quais eu vou citar uma passagem que testemunhe sua fé, para que não pareça agora que por ti foi louvado sem merecimento : « A ti, irmão, que Deus te livre - assim como o santo povo do Cristo que te foi confiado e todos os irmãos que estão contigo e sobretudo o presbítero Rufino, da heresia de Orígenes e de outras heresias e da perdição delas. Se, com efeito, por uma palavras ou duas que são contrarias à fé, muitas heresias foram rejeitadas pela Igreja, quanto mais será tido entre os hereges aquele que tantas perversidades e tão mas doutrinas inventou contra a fé, ele se mostrou o inimigo de Deus e da igreja ![648] Tal é o testemunho que o santo homem dá de ti. Assim, adornado por ele, eis por quais elogios tu te apresentas ! Esta é a epístola que do quarto do irmão Eusébio fizeste sair a preço de ouro, para caluniar seu tradutor, por me pegar em flagrante delito de ter colocado em

---

[644] I João 2, 19.

[645] Tito 3, 10.

[646] Jerônimo, Contra Ioh., Val 417-418.

[647] Rufino, Adult. 14,13 a 15,5 (Jerônimo, Apol 2, 21, 13-21 e 22, 3-5, 15-19).

[648] Epifânio, Hier. epist. 51, 6,4.

minha tradução « caríssimo » em vez de « venerável ».[649]

Mas que importa para ti que conduzes todas as coisas com circunspecção e guardas tão bem o caminho médio que, se tu encontras pessoas que em ti acreditem, nem Anastásio nem Epifânio contra ti teriam escrito. Se suas cartas não reclamassem e quebrassem a audácia da tua fronte, tu terias logo desprezado o julgamento de um e de outro e tu não te importarias que eles tivessem escrito ou que eles não tivessem escrito, porque não teriam podido escrever sobre um inocente ou um ausente. Não devem ser atribuídas a um homem santo estas maldades de modo que ele seja apresentado como « tendo dado a paz, pelo menos pela boca e pelo beijo, e ter guardado, porém, em seu coração as maldades e a falsidade ». Assim, pois, argumentas e estas são as palavras de tua defesa. Que a carta dirigida contra ti seja dele, não apenas o mundo inteiro o reconhece, mas nós nos convencemos de que a epístola original chegou às tuas mãos. Eu me espanto de te ver negar com que pudor, ou melhor, com que impudicícia, aquilo que não duvidas que seja verdadeiro. Epifânio será, portanto, sujo, ele que te deu a paz e conservou as maldades no coração ? Por que não seria mais verdadeiro que a ti primeiro tenha advertido, que tenha querido corrigir e colocar-te no reto caminho e não rejeitar o ósculo de Judas, para que, pela paciência ele quebrasse a obstinação de um traidor de sua fé? E depois de ter percebido que ele suava por um vão esforço e que o leopardo não muda de manchas nem o Etíope a sua pele,[650] ele mostrou pela carta aquilo que na mente concebera.

24. Tu te entregas também ao mesmo gênero de discussão contra o nosso pai Anastásio, de sorte que, porque deténs uma epístola do bispo Sirício, este não pôde escrever contra ti. Tu suspeitas, eu o temo, que algum dano te tenha sido feito. Eu não sei como um homem tão penetrante e sensato como tu possas entregar-te a essas insanidades, a ponto de, tomando teus leitores como tolos, é tua própria tolice que tu manifestas. Depois de uma argumentação notável, eis tua conclusão : « Longe esteja dos homens santos este comportamento. Da vossa escola costumam estas coisas provir. Vós nos destes a paz quando de nossa partida, e lançastes nas nossas costas dardos armados com venenos. » Ainda nisso, a mesma sabedoria, ou antes, a declamação, porque quiseste ser eloqüente. Nós te demos a paz, não admitimos a heresia ; nós nos apertamos as mãos, nós vos acompanhamos quando de

[649] Jerônimo, Epist. 57, 2,3.

[650] Jeremias 13, 23

vossa partida para que vós fôsseis católicos e não para que nós não fôssemos hereges. Quero, entretanto, saber quais são aqueles dardos envenenados que tu te queixas que nós teríamos lançado em vossas costas : seriam os presbíteros Vincêncio, Pauliniano, Eusébio, Rufino ? Destes, Vincêncio chegou a Roma muito tempo antes de vós, Pauliniano e Eusébio partiram um ano depois de nossa viagem marítima, Rufino foi enviado dois anos após, na ocasião do processo de Cláudio, todos foram a Roma ou por questões familiares ou para acudir a outrem cuja cabeça corria perigo. Nós podíamos, porventura, quando de tua entrada em Roma, saber que um nobre personagem estava sonhando que um navio cheio de mercadorias entrava com velas enfunadas ? Que uma explicação não tola pudesse resolver todos os problemas em relação ao « Fatum » ? Que traduzirias o livro de Eusébio como se fosse de Pânfilo ? que tu colocarias o teu como se fosse uma tampa sobre um prato envenenado ? que tu traduzirias a famosíssima obra Perì Archôn com o acréscimo da majestade de teu estilo ? Um novo gênero de calúnia : nós teríamos mandado os acusadores antes que cometesses as ações a serem acusadas ! Não foi, não foi, eu digo, deliberação nossa, mas da Providência de Deus, que, enviados a outra missão, eles lutavam contra uma heresia nascente e, ao modo de José[651] , aliviavam, pelo ardor de sua fé, uma fome que haveria de vir.

Quarta parte: retorno a diversos agravos

25. Para onde não leva a audácia uma vez desenfreada ?[652] Ele lançou contra si a acusação feita aos outros de modo a dar a entender que nós a tenhamos inventado. Aquilo que foi dito sem nomear ninguém, ele menciona ter sido dito para ele, e, lavando-se de pecados que lhe são estranhos, ele está seguro apenas de sua inocência. Ele jura, com efeito, que não escreveu uma epístola aos Africanos sob meu nome, na qual eu confessaria ter sido induzido pelos judeus, a traduzir mentiras, e ele envia os livros que contêm tudo isto de que ele jura que nada sabia. E eu me surpreendo como sua sagacidade tenha concordado com a perversidade do outro a ponto de afirmar como verdade em Concórdia as mentiras que um outro disse na África ; e a elegância de seu estilo eu ignoro qual é o incompetente que possa

[651] Gênesis 41.

[652] Cícero, Catilinárias 1, 1, 1.

imitá-la.

A ti apenas cabe traduzir os venenos dos hereges e dar a beber a todas as nações do cálice de Babilônia.[653] Tu corrigirás os textos latinos a partir do grego e tu entregas às Igrejas para ler outra coisa que aquilo que elas receberam uma vez dos apóstolos ; quanto a mim, eu não tenho o direito, depois da versão dos Setenta, que eu dei, há varios anos, às pessoas da minha língua, uma versão muito cuidadosamente corrigida, de corrigir também, para confundir os judeus os mesmos exemplares que eles declaram absolutamente autênticos, a fim de que, se alguma vez os cristãos têm contra eles algo a discutir, eles não tenham desvios para se esquivarem, mas que sejam golpeados com sua própria espada ? Eu me lembro ter escrito mais extensamente sobre isto e em muitos outros lugares e no fim do segundo livro onde respondi à tua acusação, e embarguei a tua demagogia, pela qual tu te esforças para suscitar contra mim a hostilidade junto aos simples e ignorantes, eu penso que é para aí que é preciso transportar o leitor.

26. Este ponto não deixarei passar ileso : não te queixes de que o falsificador dos teus papéis usufrui junto a mim da gloria de um confessor, quando tu, que és culpado do mesmo crime, após o exílio alexandrino e as prisões obscuras, és chamado de mártir e apóstolo por todos os seguidores de Orígenes !

Quanto ao que se refere à tua incapacidade já te respondi. Mas visto que repetes os mesmos pontos e, como que esquecido da tua apologia anterior, tu nos fazes lembrar para que saibamos que tu, tendo devorado por trinta anos as obras gregas, não conheces as obras latinas, presta atenção um instante que eu não critico em ti poucas palavras - sem o que todo o teu texto há de ser destruído - mas que eu quis mostrar a teus discípulos, os quais instruíste com grande cuidado a nada saber,[654] para que entendessem a modéstia necessária a ensinar o que não sabes, escrever o que ignoras, e buscassem igualmente no conteúdo a mesma sabedoria do mestre.

Em seguida, acrescentas : « o que cheira mal são os pecados, não as palavras mentira, calúnia, difamação, falso testemunho e todas as invectivas, e a boca que mente mata a alma. »[655] E tu me advertes que este fedor pode me penetrar as narinas. Eu acreditaria em ti

---

[653] Jeremias 51, 7.

[654] Cícero, Filípicas 2, 4, 8 ; 2, 17, 43.

[655] Sabedoria 1, 11.

que dizes, se eu não constatasse fatos contrários : como se o pisoeiro e o curtidor de peles avisassem ao perfumista que passe pelas suas lojas com narizes tapados ! Eu farei, pois, o que recomendas : taparei minhas narinas para que não sejam torturadas pelo suavíssimo odor das tuas bênçãos e franqueza.

27. Em meu louvor e em minha difamação, porque tu te mostras inconstante, tu argumentaste com admirável penetração que assim tinhas o direito de dizer ao mesmo tempo bem e mal de mim, como eu tinha o direito de censurar Orígenes e Dídimo que eu havia louvado antes. Escuta, pois, ó varão sapientíssimo e chefe dos dialéticos romanos, que não há erro em louvar um homem em alguns pontos e acusá-lo em outros pontos, mas aprovar e reprovar ao mesmo tempo a mesma coisa. Darei um exemplo para que o que não compreendes o leitor atento entenda contigo. Em Tertuliano louvamos o talento, mas condenamos a heresia. Em Orígenes admiramos a ciência das Escrituras e entretanto não aceitamos a falsidade das doutrinas. Quanto a Dídimo, nós celebramos ao mesmo tempo a memória e a pureza da fé a respeito da Trindade, mas em outros pontos que ele, sem razão, acreditou em Orígenes, nós nos afastamos dele. Dos mestres, é preciso que se imitem não os vícios, mas as virtudes. Alguém teve em Roma um mestre de gramática africano, homem de grande saber, e considerava-se um rival do professor só pelo fato de reproduzir sua voz estridente e os defeitos de pronúncia.

No prefácio do *Perì Archôn*, chamas-me irmão e colega, tu me declaras eloqüentíssimo e celebras a autenticidade da minha fé. A estes três pontos não poderás subtrair-te. Quanto ao resto, rasga como te agradar, para que não pareça que tu resistes ao teu testemunho a meu respeito. Quando tu me declaras irmão e colega, tu me reconheces digno de tua amizade ; quando celebras minha eloqüência, não denuncias mais minha incapacidade ; quando professas que sou católico em todos os aspectos, tu não poderás impingir-me o agravo de heresia. Fora destes três pontos, se há algo que em mim censures, não parecerá que tu te contradizes.

O resultado que nasce daquela suputação, por um lado, é que tu erras ao censurar em mim aquilo que primeiramente louvaras e, por outro lado, eu não estou em falta se, nas mesmas pessoas, ao mesmo tempo eu celebre o que é preciso louvar e censure o que é preciso repreender.

28. Tu passas à condição das almas e exprobas abundantemente as fumaças que me

circundam ; e para que te seja permitido ignorar o que expressamente tu dissimulas que sabes, tu perguntas a mim primeiramente sobre as realidades celestes, como são os anjos, como são os arcanjos ? qual é a habitação deles e de que espécie ? que diferença há entre eles, ou se não há nenhuma absolutamente ? qual é o andamento regular do sol ? donde vem a alternância das fases da lua ? qual é o curso dos astros e de que natureza ? Eu me admiro como tenhas esquecido de citar os famosos versos :

> De onde vem o tremor de terra, por qual força os mares profundos se enfurecem,
> uma vez rompidos os diques, novamente eles se detêm em si mesmos ;
> os eclipses variados do sol e as fases da lua.[656]
> De onde vem a raça dos homens e dos gados, de onde vêm a chuva e relâmpagos,
> o Arcturo e as pluviosas Híadas e as duas Ursas
> Por que os sóis de inverno tanto se apressam em molhar-se no Oceano,
> e que demora obsta que as noites lentas venham ?[657]

Depois, deixando as alturas celestes e descendo às coisas terrestres, eis que filosofas sobre assuntos de menor importância. Tu me perguntas com efeito : « Diga-nos qual o regime das fontes e qual o dos ventos ; para que servem o granizo, para quê a chuva, por que o mar é salgado, por que os rios são doces ; por que as nuvens ou as chuvas, relâmpagos e trovões ou raios ». E depois que eu tiver respondido que estas coisas não sei, com segurança ser-te-á lícito ser desconhecedor das questões da alma, e pões em paralelo a ignorância de tantos assuntos com a ciência de uma única coisa. Tu que, a cada página, dispersas as fumaças que me rodeiam, não entendes que nós vemos tuas cerrações e tempestades ? Na verdade para que pareças ser para ti mesmo um semi-sábio, e para gozar da glória ligada à doutrina junto aos discípulos calpurnianos, tu me pões como pretexto a física, de modo que em vão Sócrates teria dito passando à Ética : « O que está acima de nós nada nos diz respeito ». Eis que, portanto, a ti darei razão pelos fatos seguintes : Por que a formiga, pequeno animal e punctiforme, por assim dizer, tem seis patas, quando o elefante, de grande porte, anda com quatro patas ; por que as serpentes e as cobras se escorregam com o ventre e o peito, quando o

---

[656] Virgílio, Geórgicas 2, 479-480.478.

[657] Virgílio, Eneida 1, 743-744. 745-746 (=Georg. 2, 481-482).

vermezinho que vulgarmente é conhecido como centopéia pulula com um batalhão de pés ? Da condição das almas não poderei saber ?

Tu me perguntas qual é a minha posição a respeito das almas, para que, quando eu tiver pronunciado, tu me ataques logo e, se eu tiver dito esta resposta da Igreja : « A cada dia Deus cria almas e as envia aos corpos dos que nascem, « tu me estenderás logo uma armadilha de professor : « E onde está a justiça de Deus, que prodigaliza almas aos que nascem do adultério e do incesto ? Assim ele coopera com os maus homens e, enquanto os adúlteros geram os corpos, ele forjará as almas ? Como se o defeito da semeadura esteja no grão que por furto se diz ter sido retirado e não naquele que roubou o trigo, e que a terra não deva aquecer em seu seio as sementes porque o semeador as teria lançado com uma mão sórdida ! Daí vem aquela tua misteriosa questão sobre a morte dos recém-nascidos, quando é por causa dos pecados que eles tomaram corpos. Existe um livro de Dídimo a ti dedicado, pelo qual ele responde à tua indagação que eles cometeram muitos pecados e, por isso, a eles basta apenas ter tocado em suas prisões corporais. Meu mestre e o teu, naquele tempo em que tu indagavas dele estas coisas, ele ditou para mim três livros de comentários para o profeta Oséias, a meu pedido. Eis o que faz daí aparecer o que ele ensinou a mim e a ti.

29. Tu me pressionas a que eu responda a respeito da natureza das coisas. Se fosse esse o lugar, eu poderia dizer-te as opiniões de Lucrécio conforme Epicuro, ou de Aristóteles conforme os peripatéticos, ou de Platão e de Zenão segundo os acadêmicos e os estóicos. E para passar à Igreja, onde há o critério da verdade, muitos dados nos sugerem, sobre problemas deste tipo, tanto o Gênesis e os livros dos Profetas e o Eclesiastes. Ou se ignoramos como estas coisas se dão e o que diz respeito à condição das almas, tu deverias ter confessado em tua apologia tua ignorância de todas as coisas e perguntar a teus caluniadores por que reivindicavam desavergonhadamente de ti uma só resposta, quando estes tantas coisas ignoravam. Ó riquíssima trirreme, que tinha vindo enriquecer a pobreza da cidade romana com produtos do Oriente e do Egito!

..Tu és aquele famoso Máximo, o único que, escrevendo, nos restabeleces nossos *negócios*[658]

Assim, se não tivesses vindo do oriente, um personagem muito culto estaria detido ainda entre os astrólogos, e todos os cristãos não saberiam o que dizer sobre o Fatum ? Com

[658] Virgílio, Eneida 6, 845-846.

razão fazes-me perguntas sobre astrologia e a marcha do céu e dos astros, tu que trouxeste um navio cheio de tantas mercadorias ! Eu confesso minha pobreza, não me enriqueci assim como tu no Oriente. Faros, por muito tempo, instruiu-te daquilo que Roma não sabia, o Egito forneceu aquilo que a Itália não teve.

30. Tu escreves que há entre os autores eclesiásticos três pontos de vista a respeito das almas : um, seguido por Orígenes ; outro, por Tertuliano e Lactâncio, conquanto que a respeito de Lactâncio tu mentes descaradamente ; o terceiro que nós, homens simples e limitados, que não entendemos que, neste caso, nós acusamos a Deus de injustiça. E depois disto, juras ignorar o que é verdadeiro. Diga, eu te suplico : tu crês que fora destes três pontos de vista há algo em que se encontre a verdade, e nesses três, uma mentira, ou dos três pontos de vista um que seja verdadeiro ? Se há um outro, por que encerras em limites estreitos a liberdade de discussão e, alegando mentiras, por que te calas sobre a verdade ? Se, pelo contrário, dos três um é verdadeiro e os dois restantes, falsos, por que com igual ignorância tu prestas honra aos falsos junto com os verdadeiros ? Ou então dissimulas o verdadeiro, para que a ti seja seguro, quando quiseres, defender os falsos pontos de vista ? Estas são as fumaças, estas são as cerrações com as quais tu tentas tirar a luz aos olhos dos homens. Aristipo de nosso tempo, que um navio cheio de todas as mercadorias trazes ao porto romano e, tua cátedra publicamente colocada, tu representas o Hermágoras e o Górgias de Leôncio, em tua pressa em te lançar ao mar - um único probleminha - esqueceste no Oriente uma mercadoria. E novamente vociferas e te gabas de ter aprendido em Aquiléia e Alexandria que Deus é o criador tanto das almas quanto dos corpos. A questão que se discute a este respeito é, sem duvida, se é Deus ou o diabo que fez as almas, e não se as almas preexistiram aos corpos, como quer Orígenes, e tenham feito algo em razão de que elas foram ligadas a corpos grosseiros, ou, ao modo de arganazes, elas dormiam entorpecidas e caídas em sono profundo ! Tu calas sobre o que todos solicitam, e respondes àquelas questões que ninguém levanta.

31. Tu escarneces igualmente com insistência as fumaças que me cercam pela razão de que eu finja saber o que não sei e seduza a multidão inculta pela enumeração de homens doutos. Tu, certamente, és todo chama, ou antes raio, que quando falas tu fulminas e as chamas que se formam em tua boca tu não as podes segurar ; e como aquele Bar-Kokhba, instigador de uma sublevação dos judeus, ele avivava com seu hálito uma palha acesa na boca para que pensassem que ele vomitava chamas, assim tu és para nós outro Salmoneu, tu

iluminas para nós todos os lugares por onde passas, e tu nos acusas de ser fazedores de fumaça, de quem talvez se diga : « Tu que tocas as montanhas e elas fumegam[659] ; e tu não compreendes o que significa no profeta a fumaça dos gafanhotos[660], nem que a beleza de teus olhos não possa suportar o amargo de nossa fumaça.

32. Sobre o crime de perjúrio, porém, visto que me remetes a tua obra e, em larga medida eu te respondi em outros livros, a ti e a Calpúrnio, que baste dizer agora que tu exiges de um homem que dorme o que nunca realizaste em estado de vigília. Sou culpado de um grande crime, se eu disse a uma jovem e a uma virgem de Cristo que as obras profanas não fossem lidas, e se em seguida a uma advertência recebida em sonho eu prometera que não leria.[661]

Teu navio apresentado por revelação à cidade romana promete uma coisa e cumpre outra. Ela tinha vindo resolver o problema dos astrólogos e dissolveu a fé dos cristãos. Aquela que tinha corrido de velas enfunadas pelo Jônio e Egeu, Adriático e Tirreno, no porto romano naufragou. Não tens vergonha de buscar divagações deste tipo e a mim impor a necessidade de censurar-te semelhantes coisas ? Que seja então ! Um outro tinha visto em sonho a teu respeito uma visão gloriosa ; teria sido prova de tua modéstia e sabedoria ser discreto quanto ao que ouviras, e não vangloriar-te do sonho do outro como se fosse um grande testemunho. Vê a diferença que há entre o teu e o meu sonho : eu relato humildemente que fui repreendido, tu, com jactância redobrada, ter sido louvado. Não podes dizer : A visão que outro teve é-me indiferente, porque dizes em teus livros elegantíssimos que a razão que te levou a traduzir é o medo que um varão ilustre a teu respeito tivesse um sonho de ruína. Estes são todos os teus esforços : se me convences de perjúrio, tu não serás herege.

33. Eu chego ao agravo mais grave, no qual, depois do restabelecimento de nossas amizades, ele me acusa de deslealdade. Eu o confesso, entre todos os insultos que ele me lança ou de que me ameaça, nada há que por mim se deva repelir tanto quanto a fraude, a astúcia , a infidelidade. Pecar, com efeito, é humano, oferecer armadilhas é diabólico.

Se, pois, apertamos as mãos na Igreja da Ressurreição, na imolação do cordeiro, era para que roubássemos teus papéis em Roma, para que os cães mandados roessem teus

---

[659] Salmo 103, 32.

[660] Oséias 13, 3 ; Apocalipse 9, 2-3.

[661] Jerônimo, Epístola 22, 30.

papeizinhos não corrigidos ? Pode-se acreditar que nós nos tenhamos preparado como acusadores antes que cometesses o crime ? Sem dúvida, sabíamos o que revolvias em tua cabeça, o que um outro havia de sonhar a teu respeito, para que se cumprisse em ti o provérbio grego e que um porco instruísse Minerva !

Se eu mandei a ladrar Eusébio, quem provocou a ira de outros e a de Atárbio contra ti ? Não é este que também a mim julgava herético, pelo fato de tuas amizades ? Ora enquanto eu lhe dava satisfação condenando as teses de Orígenes, tu, trancado em casa, nunca ousaste vê-lo, com receio ou de condenar o que não querias, ou, abertamente resistindo-lhe, não suportares o odio à heresia. Ou então ele não poderá ser uma testemunha contra ti, porque é teu acusador ? Antes que santo Epifânio viesse a Jerusalém e « te desse a paz, pelo menos oralmente e com um beijo, porém guardava em seu coração maldades e falsidade » ; antes que compuséssemos cartas para ele para estigmatizar-te, a fim de que, por escrito, ele designasse o herege de quem garantira por beijos a ortodoxia, Atárbio ladrava contra ti em Jerusalém, e se ele não tivesse se retirado, ele teria sentido o cajado, não da tua carta, mas o da tua mão direita, com a qual te acostumaste a afugentar os cães.

Quinta parte: justificação da réplica de Jerônimo à tradução rufiniana do Perì Archôn

34. «Por que, ele diz, aceitaste meus papéis falsificados ? Por que, depois da minha tradução, ousaste meter a tua pena nos livros do *Perì Archôn ?* Ou, se eu tinha errado como homem, tu devias chamar-me a atenção com cartas particulares e assim ter comigo a mesma delicadeza que eu tenho para ti em minhas cartas. » Toda esta minha culpa se deve ao fato de, uma vez acusado com elogios pérfidos, eu quis lavar-me deles e isto sem rancor a teu nome, quando, as acusações que só tu fazias, eu as atribuía a muitos, não te exprobando a heresia, mas repelindo-a de mim. Sabia eu porventura que tu te enfadarias se eu escrevesse contra os hereges ? Tu tinhas declarado que tinhas retirado dos livros de Orígenes as passagens heréticas. Eu não acreditava que tu fosses um fautor dos hereges, e, por isso, não foi contra ti, mas contra os hereges que eu lancei ataque. Se eu fui nessa empresa mais contundente do que deveria, perdoa-me ; eu pensei que a ti também eu agradava.

Tu dizes que teus papéis tornaram-se públicos por furto e armadilhas de meus ajudantes, papéis que estavam guardados em teu quarto, ou se encontravam em casa da única

pessoa que te havia incumbido de executar para ele o serviço. E como confessas acima que « ou ninguém as tinha, ou bem poucos ? » Se estavam guardados em teu quarto, por qual motivo foram encontrados junto a quem incumbira que o serviço lhe fosse feito ? Se, ao contrário, a única pessoa para a qual foram escritos os havia recebido para ocultá-los, não estavam guardados, pois, em teu quarto somente, nem os possuíam poucas pessoas que tu atestaste que os tinham. Tu acusas terem sido roubados, e denuncias que foram novamente comprados com muito dinheiro e com uma infinidade de bens. Sobre um só ponto e em uma pequena carta, quanta variedade e incoerência na mentira ! A ti cabe acusar, a mim não cabe defender-me ? Quando me acusas, tu não pensas no amigo ; quando eu respondo, então te vem à mente o direito da amizade. Diz, eu te peço : tu tinhas escrito os papéis para guardá-los ou para publicá-los ? Se era para guardar, por que escreveste ? Se era para publicar, por que os guardavas ?

35. Mas neste ponto é que sou alvo de censuras : por que eu não detive os teus acusadores, meus amigos. Queres que eu te apresente a carta deles nas quais acusam-me de hipocrisia porque, sabendo-te herege, eu me calei, porque, enquanto ofereço incautamente a paz, eu introduzi as guerras intestinas da Igreja. Tu chamas de discípulos aqueles que suspeitam que sou teu condiscípulo. E porque fui mais moderado ao repelir teus elogios, sou tido como *teu companheiro de iniciação.* O prólogo serviu-me para isto : que tu, como amigo, tu me prejudicavas mais que como inimigo. Eles se convenceram uma vez por todas - com razão ou erradamente, que eles o vejam - que és um herege. Se eu quiser te defender, a única utilidade que isto terá é que eu e tu partilharemos a mesma acusação. Finalmente eles me objetam o teu panegírico e não consideram que tu escreveste perfidamente, mas com sinceridade ; e incriminam com veemência aquilo que tu antes elogiavas em mim. Que queres que eu faça ? Que eu tenha a teu favor meus discípulos como acusadores ? Que eu receba em meu peito os dardos lançados contra o amigo ?

36. Quanto aos livros do Perì Archôn, porém, tu deves também a mim agradecer. Tu, pois, como dizes, cortando tudo o que era danoso, tu citaste um texto melhor. Quanto a mim, eu expressei exatamente o que o texto grego continha. Eis o que faz aparecer qual é a tua fé, e a heresia daquele que traduziste. De Roma, pessoas eminentes em Cristo escreviam-me : Responde a quem te acusa, para que não pareças consentir se calares.[662] Com voz

[662] Pamáquio e Oceano, Hier. Epist. 83, 2.

unânime, todos exigiam que eu revelasse as malícias de Orígenes, que eu mostrasse que os venenos dos hereges deviam ser evitados pelos ouvidos romanos. O que isto pode trazer-te de ofensivo ? Acaso foste o único a traduzir estes livros e não tens outro que partilhe desta obra ? Acaso fazes parte do grupo dos Setenta tradutores que, depois da tua edição, a outros não seja lícito traduzir ? Eis que eu também traduzi muitos, como dizes, livretos do grego para o latim : tu tens a possibilidade novamente como desejares. Com efeito, os bons e os maus textos ao seu autor é que são imputados. E o que aconteceria com relação a ti, se não dissesses que cortaste as passagens heréticas e traduziste as passagens excelentes. Este é teu no que não pode ser desfeito. Ou se erraste como homem, condena tua posição anterior.

37. Mas o que farás da apologia tua que escreveste em favor das obras de Orígenes ? O que farás da obra de Eusébio em que, apesar de teres mudado muitos aspectos e teres traduzido os escritos de um herege sob o nome de um mártir, tu acrescentaste, porém, varios aspectos que não estão de acordo com a fé da Igreja ? Tu até traduzes livros latinos para o grego, tu nos proibirás a dar a nossos compatriotas textos estrangeiros ?

Se eu te tivesse respondido, em outra obra na qual tu não me tivesses prejudicado, poderia parecer que, para causar-te dano é que eu traduzia o que já havias traduzido, para manifestar tua incompetência e perfídia. Agora, na verdade, - nova espécie de queixa ! -[663] tu te queixas que te tenham respondido no próprio assunto em que tu me acusaste. Dizia-se que Roma estava revirada com tua tradução, todos solicitavam-me um remédio para esta situação - não pelo fato de que eu tivesse alguma importância, mas aqueles que o pediam julgavam que eu era esse alguém. Tu eras um amigo, que traduziras estes textos. Que queres que eu faça ? Deve-se obedecer antes a Deus ou aos homens ?[664] proteger os bens de seu senhor ou ocultar o furto de um colega de serviço ?[665] De outra maneira, não te acalmarei senão se eu tiver, juntamente contigo, também cometido ações condenáveis? Se não tivesses feito nenhuma menção de meu nome, se não me tivesses adornado com elogios miríficos, eu teria podido ter uma aprovação e alegar diversas razões, para não traduzir novamente o já traduzido. Tu, amigo, tu me obrigaste a que eu perdesse neste trabalho alguns dias, para expor publicamente o que Caribdes teria devido devorar. E, embora prejudicado, eu salvaguardei os direitos da

---

[663] Cícero, Verrinas 2, 1, 9, 24.

[664] Atos 5, 29.

[665] Cipriano, Epístolas 27, 1.

amizade e, no que dependeu de mim, defendi-me sem te acusar. Tu és por demais desconfiado e dado a se queixar, por tomares para ti a afronta endereçada aos hereges. E se não posso ser teu amigo de outro modo que não seja o de ser amigo dos hereges, eu suportarei mais suavemente tuas inimizades que as amizades daquelas pessoas.

38. Tu crês que eu também inventei uma nova mentira, ao compor uma epístola destinada a ti com meu nome como se tivesse sido escrita há muito tempo, pela qual eu passo por bom e moderado, que tu absolutamente nunca recebeste. A coisa pode muito facilmente ser provada. Muitos em Roma têm exemplares dela há cerca de três anos, a qual eles não quiseram enviar-te, sabendo o que tu proferias a respeito do meu nome, e como era indigno da vocação cristã e abominável o que forjavas. Eu escrevi sem estar a par, como a um amigo. Eles não responderam à carta daquele que eles sabiam que era inimigo, tendo consideração com o meu erro e com a tua consciência.

E ao mesmo tempo tu argumentas que se eu te tinha escrito tal epístola, não deveria escrever contra ti uma infinidade de maldades em um outro livro. Este é todo o teu erro e esta é tua justa queixa : que aquilo que dizemos contra os hereges, tu imaginas que contra ti foi dito, e, se a eles não poupamos, tu te crês ultrajado. Ou não te damos um pão porque atiramos uma pedra no cérebro dos hereges ?[666]

E para que não verifiques a nossa epístola, tu dizes que a epístola do nosso pai Anastásio sofreu acréscimo com fraude semelhante. Com relação a este assunto, eu já te respondi. Se tu suspeitares que esta carta não é dele, tu tens a ocasião de denunciar-nos de falsidade. Mas se ela é dele, como as epístolas deste ano contra ti provam isto, é em vão que te esforças por denunciar o falso por meio de um falso, quando, a partir de sua epístola verdadeira, nós indicamos que a nossa é verdadeira

39. Ao te justificar da tua mentira, quão elegante quiseste ser ! E para que tu não produzas os seis mil livros de Orígenes, tu exiges de mim os monumentos deixados por Pitágoras. Onde está aquela confiança pela qual proclamavas com tanta freqüência, com as bochechas enfunadas, que corrigiste nos livros do *Perì Archôn* aquilo que tinhas lido em outros livros de Orígenes, e que devolvias a cada um o que era seu, e não as coisas alheias ?[667] Da floresta tão densa de livros, tu não podes apresentar nem um rebento, nem um broto. Estas

---

[666] Mateus 7, 9 ; Lucas 11, 11 ; Plauto, Aulularia 195.
[667] Rufino, Orig. princ. 1, prol. 3, 58-61 (Hier. epist. 80, 2, 6)

são as verdadeiras fumaças, as brumas, as quais, enquanto tu em mim as culpas, verificas que em ti elas foram eliminadas e dissipadas. Não abaixas tua nuca, mesmo quebrada, mas, com maior descaramento que a incompetência, tu dizes que eu nego o que é evidente, a ponto de, tendo prometido montanhas de ouro, nem sequer tirar um tostão de couro de teu tesouro. Eu reconheço o ódio justificado contra mim, e tu te lanças contra nós com verdadeiro frenesi. Se eu não exigia audaciosamente aquilo que não é, tu parecias ter aquilo que não tens.

Tu solicitas de mim os livros de Pitágoras. Quem te disse, pois, que existiam livros daquele ? Por acaso não há em minha carta, que condenas, estas palavras : « Mas admitamos que eu tivesse errado em minha adolescência e que, formado para os estudos dos filósofos, isto é, dos pagãos, eu tenha, no começo da minha fé, ignorado as doutrinas cristãs e ter pensado que era dos apóstolos aquilo que eu tinha lido em Pitágoras, e Platão e Empédocles ?[668] Eu falei das doutrinas deles, não dos seus livros, doutrinas que pude aprender em Cícero, Bruto e Sêneca. Lê o pequeno discurso *Pro Vatinio* e outro onde se faz menção às confrarias, percorre os discursos de Cícero, volta teu olhar para toda a costa da Itália que era conhecida como a Magna Grécia, e reconhecerás aí as doutrinas pitagóricas gravadas sob placas de bronze por ordem oficial. De quem, com efeito, aqueles famosos *preceitos de ouro* ? Não são de Pitágoras ? Todas as doutrinas se acham aí em breve resumo, e o filósofo Jâmblico para elas teceu um comentário em obra extensíssima, imitando em parte a Moderato, homem de grande eloqüência, e Arquipo e Lísis, discípulos de Pitágoras. Dentre eles, Lísis e Arquipo tiveram escolas na Grécia, ou mais precisamente, em Tebas. E estes que guardavam de cor os preceitos do mestre, eles se serviam de seu talento, em lugar dos livros.[669] Dentre os preceitos, eis aqui um :

> Φυγαδευτεον παση μηχανη και περικοπτεον πυρι και σιδηρω
> και μηχαναισ παντοιαισ απο μεν σωματοσ νοσον, απο δε
> ψυχησ αμαθιαν, κοιλιασ δε πολυτελειαν, πολεωσ δε στασιν,
> οικου δε δικοφροσυνην, ομου δε παντων αμετριαν.[670]

que podemos traduzir para o latim :

[668] Jerônimo, Epistolas 84, 6, 2.

[669] Porfírio, Vita Pyth. 48.55.57-58.

[670] Porfírio, ibid 22.

Devem ser afastados por todos os meios e cortados a fogo e a ferro e, por todos os procedimentos, distanciados do corpo a enfermidade, a ignorância da mente, os excessos do ventre, a revolta da cidade, a discórdia do lar e, no geral, de todas as coisas a desmedida.

De Pitágoras também são os preceitos seguintes : « Entre amigos tudo é comum » e « um amigo é um outro si mesmo »[671] ; « de dois momentos deve-se particularmente se preocupar : a manhã e a noite, das coisas que vamos fazer e das coisas que fizemos[672], depois de Deus é preciso cultivar a verdade, a qual é a única que nos faz próximos a Deus ; e estes enigmas que Aristóteles muito atentamente em seus livros trata :[673] Não salte sobre uma balança, isto é, não transgridas a justiça ; não fures o fogo com uma espada, isto é, não exasperes com palavras insultuosas um espírito irritado e cheio de raiva ; « não se deve em nenhum caso desfolhar uma coroa », isto é, deve-se conservar as leis das cidades ; « não se deve comer-se o coração », deve-se banir de seu espírito a tristeza ; « uma vez tendo partido, não voltes », isto é, depois da morte, não lamentes esta vida ; « não andes pela via pública », isto é, não sigas os erros de muitos ; « não se deve ter sob o mesmo teto homens tagarelas e prolixos ; « aos que estão carregados deve-se pôr mais peso, aos que depõem o peso, não se deve partilhar », isto é, aos que marcham para a virtude, devem ser aumentados os preceitos, e os que se entregam ao ócio devem ser abandonados[674]. E porque eu dissera que eu lia as doutrinas pitagóricas, ouve o que, entre os gregos, Pitágoras foi o primeiro a descobrir : que as almas são imortais e passam de uns corpos a outros[675] - o que, aliás, também Virgílio, no sexto volume da Eneida, nestes termos diz :

«Todas estas almas, quando elas fizeram girar a roda por mil anos, um deus as chama em longa fila junto ao rio Letes, e é, a saber, sem nenhuma lembrança, para rever a abóbada celeste e começar a querer retornar aos corpos.”[676]

40. Que Pitágoras foi primeiramente *Euforbo*, em segundo lugar *Aetalides*, em terceiro, *Hermotimos*, em quarto, *Pirro* e, finalmente *Pitágoras*[677] ; e depois de períodos cíclicos

[671] Porfírio, ibidem 33.

[672] Porfírio, ibid 40.

[673] Porfírio, ibid 41.

[674] Porfírio, ibid 42.

[675] Porfírio, ibid 19.

[676] Virgílio, Eneida 6, 748-751.

[677] Porfírio, Vita Pyth 45.

determinados, o que existiu novamente se fez, e nada há , no mundo, de novo a ser visto ; [678] a filosofia é a preparação para a morte, em seu esforço quotidiano a tirar da prisão corporal a liberdade da alma ;[679] *mathêseis anamnêseis,* isto é, os conhecimentos são reminiscências ;[680] e muitos outros pontos que Platão trata em seus livros e, em particular, no Fédon e no Timeu. Com efeito, depois da Academia e de seus inumeráveis discípulos, sentindo que, à sua doutrina faltava muito, veio à Magna Grécia e, aí, instruído pelo tarentino Archita e Timeu de Locres para a doutrina de Pitágoras, mesclou às disciplinas de Pitágoras a elegância e o charme de Sócrates, [681] todas as coisas que, sob nome mudado, Orígenes em seus livros do *Perì Archôn* está convencido de ter traduzido.

Em que, pois, eu errei, se, em minha juventude, eu disse ter atribuído aos apóstolos aquilo que eu tinha lido em Pitágoras e Platão e Empédocles ? Não como calúnias e inventas, nos livros de Pitágoras e Platão e Empédocles mas : o que neles havia eu lera, e os escritos de outros me informaram que eram eles que tinham isso. Esta maneira de se expressar é muito comum, como se eu dissesse : As doutrinas que eu li em Sócrates, eu as achei verdadeiras. Não que Sócrates tenha escrito algum livro, mas : « Aquelas doutrinas que eu li em Platão e outros socráticos, que as tinham... E mais : Eu quis imitar as façanhas que eu tinha lido em Alexandre e Cipião. Não que eles tenham descrito suas façanhas, mas porque em outros autores eu li o que eu admirava que eles tivessem feito. Com efeito, mesmo se eu não pudesse mostrar que existem monumentos do próprio Pitágoras, nem se pelo filho dele nem pela filha nem por outros discípulos comprovados eu pudesse convencer, tu não me convencerias de mentira, porque eu não disse que li livros, mas doutrinas, e é em vão que quiseste cobrir tua mentira com a minha falta, de modo que, se eu não tiver apresentado um só livro de Pitágoras, tu terás perdido os seis mil livros de Orígenes.

---

[678] Porfírio, ibid 19.

[679] Porfírio, ibid 46.

[680] Tertuliano, Anim. 23,6.

[681] Cícero, Rep. 1, 10, 16 ; Fin. 5, 29, 87.

Sexta parte: apreciação cristã do fim do conflito enfim ponderado por Rufino

41. Eu chego à peroração, isto é, a teus insultos, em cujo momento tu exortas-me à penitência. E se eu não me tiver convertido, isto é, se não me tiver calado às tuas acusações, tu me ameaças de morte. E tu denuncias que este escândalo há de recair sobre a minha cabeça por ter-te provocado, a ti, homem dulcíssimo e de mansidão mosaica[682], por minha resposta, à loucura de uma citação na justiça ; tu saberias, com efeito, de crimes que a ti apenas, como amigo caríssimo, eu confessei; e estes tu haverias de expor publicamente ; e eu deveria pintar-me com minhas próprias cores e deveria lembrar-me que eu me atirei a teus pés, para que não amputasses a minha cabeça com a espada da tua boca. E depois de muitos assaltos furiosos teres lançado, tu voltas atrás e dizes que desejas a paz, com o aviso tão-somente de que eu me cale doravante, isto é, que eu não escreva contra os hereges e que não ouse responder à tua acusação. Se isso eu fizer, eu serei irmão e colega, e varão eloqüentíssimo, e amigo e camarada e, o que supera tudo isso, tudo o que traduzi de Orígenes, tu julgarás católico. Se eu resmungo e me movo, serei imediatamente corrompido, herético e indigno da tua amizade. Estes são os teus elogios, assim tu me exortas à paz e não concedes nem mesmo à minha dor que seu gemido e suas lágrimas se expressem livremente.

42. Eu poderia, também eu, pintar-te com tuas cores, e responder ensandecido à sandice, e dizer tudo o que sei ou não sei e, com a mesma ousadia, ou antes frenesi e demência, acumular falsidades ou verdades, de modo a nos envergonhar disso, tu de ouvir e eu de falar ; e censurar-te coisas que condenariam ou o acusador ou o acusado, de modo a ganhar a confiança do leitor pela severidade da fronte e, porque escreveria impudentemente, julgar-me-iam escrever verdadeiramente. Mas que vá longe dos costumes cristãos que, enquanto pedem o sangue de outro, eles põem o seu a risco e, mesmo sem espada, eles são homicidas pelo desejo de sê-lo. Isto convém à tua bondade, tua mansidão e simplicidade que, com o peito de um esterco só, tu exalas o odor das rosas e o fedor dos cadáveres, e contra a sentença do profeta, tu dizes que o amargo é aquilo que louvaras como se fosse doce.[683] Nem há necessidade que tratemos, em obras eclesiásticas, de um assunto de tribunais ; assim, não ouvirás nada mais sobre isto, que não seja aquele ditado das ruas : Quando disseres o que

[682] Números 12, 3.

[683] Isaías 5, 20.

queres, ouvirás o que não queres[684]. Ou se a ti parece vil ou vulgar provérbio e, como homem sapientíssimo, tu te deleitas com as sentenças dos poetas e filósofos, lê aquele verso de Homero :

Qualquer palavra que tu digas, é uma palavra muito semelhante que ouvirás dizer.[685]

Eu requeiro apenas isto de tua exímia censura e santidade, de quem é tanta a pureza que até os demônios rugem ao aspecto de teus lenços e cintos :[686] de quem segues o exemplo ao escrever? E quem, dentre os católicos, alguma vez em debate de seitas, fez uma acusação infamante para aquele contra quem ele debatia? Foi assim que teus mestres te instruíram ? Tu recebeste tais ensinamentos que aquele a quem não puderes responder, tu lhe cortas a cabeça, e a língua que não pode calar-se, tu a cortas ? Não há muita coisa de que possas vangloriar-te, se fazes o que podem fazer os escorpiões e as cantáridas.[687] Isto tanto fizeram Fúlvia contra Cícero quanto Herodíades contra João[688], porque não podia ouvir a verdade ; e a língua que dizia a verdade elas perfuravam com alfinete de cabelo.[689] Os cães ladram para seus senhores, e tu não queres que eu ladre pelo Cristo ? Muitos escreveram contra Marcião, Ário e Eunômio ; por quem foi acusada sua infâmia ? Não ter-se-ão todos aplicado a confundir a heresia ? Estes são os expedientes dos hereges, isto é, de teus mestres : que, convencidos de que traíram sua fé, recorrem a insultos. Assim Eustácio, bispo de Antioquia, descobre um filho do qual nada sabia ; assim Atanásio, pontífice da cidade de Alexandria, cortou uma terceira mão de Arsênio : ele que, primeiramente foi dado como morto, depois vivo, mostrou-se ter as duas mãos. Teus condiscípulos também, ou ainda teus mestres, inventam agora coisas sobre o sacerdote da mesma Igreja, e se servem do ouro, isto é, do que faz a tua força e a dos teus , para atacar a verdade da fé. Por que falar dos hereges que, mesmo que estejam do lado de fora, se denominam, porém, como cristãos? Contra os mais ímpios, Celso e Porfírio, quantos dos nossos escreveram ? Quem, tendo sido perdida a causa, tomou parte na reprovação inútil dos crimes, que não os escritos eclesiásticos, mas os dossiês judiciários devem contê-los?

---

[684] Terêncio, Andria 920.

[685] Homero, Ilíada 20, 250.

[686] Atos 19, 12.

[687] Cícero, Tusculanas 5, 40, 117.

[688] Marcos 6, 19.25.

[689] Dion Cassius, Hist. 47, 8, 4.

Ou o que importa que percas tua causa ? E, pelo crime, tu vais além. Não é necessário que acuses, pondo em risco tua cabeça : com um único espadachim pago podes satisfazer a teu desejo. E fazes de conta que tens medo do escândalo, tu que estás pronto para matar o irmão de há pouco tempo, agora acusado, o inimigo de sempre. Entretanto eu me admiro como, homem sagaz que és, surpreendido pela loucura, queres atribuir-me um benefício e tirar da prisão a minha alma e não suportas que eu more contigo nas trevas deste século.[690]

43. Queres, pois, que eu me cale ? Não acuses. Depõe tua espada que deitarei fora meu escudo. Em apenas um ponto não poderei concordar contigo : que poupe a hereges a fim de que eu não mostre minha catolicidade. Se esta é a causa da discórdia, não posso morrer, não posso calar-me. Eu deveria ter respondido, com certeza, à tua loucura, com toda a Escritura, e com as palavras divinas, tocando cítara ao modo de Davi, acalmar o frenesi de teu peito[691] ; mas contentar-me-ei com poucas citações de um único livro e oporei à tolice a sabedoria, de modo que, se desprezas as coisas humanas, pelo menos não negligencies as coisas divinas. Ouve, pois, o que diz Salomão de ti e de todos os malevolentes, maledicentes e insultadores : « Os insensatos, quando estão ávidos de injustiça, tornaram-se ímpios e odiaram a inteligência. »[692] « Não trames maldades contra teu amigo e não alimentes hostilidade contra alguém sem motivo. »[693] « Os ímpios salientam o opróbrio. »[694] « Rompe com a boca má e repele para longe de ti os lábios iníquos. »[695] « O olho do insultador, a língua do injusto, as mãos que derramam o sangue do justo, o coração que trama maus desígnios e os pés que se apressam a fazer o mal. »[696] « Quem se apóia em mentiras, apascenta ventos e segue pássaros que voam, porque ele abandonou, na verdade, os caminhos da sua vinha e ele deixou perderem-se os eixos de sua cultura. Ele percorre um lugar árido e deserto e recolhe com as suas mãos a esterilidade. »[697] « A boca do insolente se aproxima da ruína[698], e aquele que profere insultos

[690] Salmo 141, 8.

[691] I Sam. 16, 23.

[692] Prov. 1, 22.

[693] Ibid. 3, 29-30.

[694] Ibid 3, 35.

[695] Ibid 4, 24.

[696] Ibid. 6, 17-18.

[697] Ibid. 9, 12.

é o pior dos tolos. »[699] « Alma bendita, toda alma simples. O homem violento é um ser abjeto. »[700] « É pelo defeito dos lábios que o pecador cai na rede. »[701] « Os caminhos dos tolos são retos a seus olhos. O tolo no mesmo dia mostra a sua ira. »[702] « É uma abominação para o Senhor os lábios mentirosos. »[703] « Aquele que guarda a sua boca conserva sua alma e aquele que abre sua boca inconsideradamente aterrorizará a si mesmo. »[704] « O malvado com o ultraje comete maldades[705] e o insensato desenvolve sua malícia. »[706] « Tu procurarás junto aos malvados a sabedoria e não encontrarás. »[707] « O presunçoso saturar-se-á com seus caminhos. »[708] « O sábio que tem temor se afasta do malvado ; o tolo, que confia, se imiscui com ele. »[709] « O homem paciente se mostra bem avisado, o pusilânime é bastante imprudente. »[710] « Quem calunia o pobre irrita quem o criou. »[711] « A língua dos sábios sabe o que é bom e a boca dos tolos profere o mal. »[712] « O homem violento suscita querelas[713] ; e imundo é, diante de Deus, todo aquele que exalta seu próprio coração ; aquele que leva injustamente a sua mão até a mão do outro não ficará impune. »[714] « Quem ama a vida poupa a sua boca. O ultraje precede a ruína, e o mau pensamento, a queda. »[715] « Quem fixa os olhos seus medita projetos perversos e provoca com seus lábios todos os males. »[716] « Os

---

[698] Ibid. 10, 14.

[699] Ibid. 10, 18.

[700] Ibid. 11, 25.

[701] Ibid. 12, 13.

[702] Ibid 12, 15-16.

[703] Ibid 12, 22.

[704] Ibid. 13, 3.

[705] Ibid. 13, 10.

[706] Ibid. 13, 16.

[707] Ibid. Ibid. 14, 6.

[708] Ibid 14, 14.

[709] Ibid. 14, 16.

[710] Ibid. 14, 29.

[711] Ibid. 14, 31.

[712] Ibid. 15, 2.

[713] Ibid. 15, 18.

[714] Ibid. 16, 5.

[715] Ibid. 16, 17-18.

[716] Ibid. 16, 30.

lábios do tolo o levam a males e sua boca audaz chama a morte. »[717] « O homem perverso sofrerá muitos danos.[718] « É melhor um pobre justo que um rico mentiroso. »[719] « Honra ao homem que se desvia dos insultos ; mas aquele que é tolo se deixa pegar por tais coisas. »[720] « Não te comprazas a denegrir, para não seres aniquilado. »[721] « Suave é para o homem o pão da mentira ; depois sua boca se encherá de seixos. »[722] « Quem constitui tesouros com uma língua mentirosa corre atrás de coisas vãs e cairá nas redes da morte. »[723] « No ouvido do tolo, não queiras dizer alguma coisa, para que ele não ria de teus sábios assuntos. »[724] « A maça e a espada e a flecha são perigosas ; assim também o homem que contra seu amigo diz falso testemunho. »[725] « Assim como voam as aves e os pássaros, assim o vão insulto não atingirá ninguém. »[726] « Não respondas ao homem estúpido, na medida da sua estupidez, para que a ele não te faças semelhante ; mas responde ao tolo na medida de sua tolice, para que ele não se creia sábio. »[727] « Aqueles que preparam armadilhas a seus amigos, quando tiverem sido vistos, dizem : Eu o fiz para rir. »[728] « O que a grelha é para os carvões e a madeira é para o fogo, o insultador é para o tumulto da querela. »[729] « Se teu inimigo vem te solicitar, abstendo-se de todo brilho da voz, não lhe cedas, pois há sete maldades em sua alma. »[730] « Pesada é a pedra e difícil de transportar a areia, mas a ira de um tolo é mais pesada que um e outro. A irritação é cruel, aguda a ira e o ciúme impaciente. »[731] « O ímpio calunia os

[717] Ibid. 18, 6.

[718] Ibid. 19, 19.

[719] Ibid. 19, 22.

[720] Ibid. 20, 3.

[721] Ibid. 20, 13.

[722] Prov. 20, 17

[723] Prov. (LXX) 21, 6.

[724] Ibid. 23, 9.

[725] Ibid. 25, 18.

[726] Ibid. 26, 2.

[727] Ibid. 26, 4-5.

[728] Ibid. 26, 19.

[729] Ibid. 26, 21.

[730] Ibid. 26, 25.

[731] Ibid. 27, 3-4.

pobres[732] ; e aquele que confia na ousadia de seu coração é assaz tolo. »[733] « O insensato exala toda a sua cólera, o sábio a dispensa pouco a pouco. »[734] « Um mau filho tem espadas como dentes e facas como queixadas, a fim de consumir os fracos de cima da terra e os pobres dentre os homens. »[735] Assim, pois, instruído por estes exemplos, eu não quis morder em quem me morde nem infligir a represália de Talião ; e eu preferi dissipar por meus encantamentos a sandice de um louco furibundo e o antídoto de um só livro derramar no peito envenenado.

Mas eu temo, se nada adiantar, que eu seja obrigado a cantar aquele salmo de Davi e consolar-me com estas palavras : Desviaram-se os pecadores desde o ventre, perderam-se desde o ventre materno, eles disseram falsidades. O frenesi para eles é conforme a semelhança da serpente, como a da áspide surda e que tampa seus ouvidos, que não ouvirá as vozes dos encantadores e do mágico que encanta sabiamente. Deus triturará os seus dentes na boca deles, as mandíbulas do leão Deus quebrará. Eles serão reduzidos a nada, como água corrente. Ele entesa seu arco até que estejam sem força. Como a cera que derrete eles serão retirados.[736] E ainda: o justo se rejubilará quando ele tiver visto sua vingança dos ímpios, ele lavará suas mãos no sangue do pecador. E dirá o homem : « Se há um fruto para o justo, verdadeiramente é que há um Deus que julga os homens sobre a terra. »[737]

44. No fim da tua carta, tu escreves com tua mão : « Desejo que tu ames a paz. » Ao que responderei brevemente : Se desejas a paz, depõe as armas.[738] Eu posso aquiescer à tua doçura, não temo as tuas ameaças. Que haja entre nós uma só fé, e sem demora a paz se seguirá.

FIM DA CARTA CONTRA RUFINO

---

[732] Ibid. 28, 3.

[733] Ibid. 28, 26.

[734] Ibid. 29, 11.

[735] Ibid. 24, 37.

[736] Salmo 57, 4-9.

[737] Salmo 57,11-12.

[738] Cícero, Filípicas 5, 1, 3. (Cipriano, Epist. 59, 18)